

Estrada para Assunção

Imagens e memórias da Guerra do Paraguai/Tríplice Aliança, 160 anos depois

Helton Costa

Brasil e Paraguai, 2023



Idealização:

Helton Costa

Redação e pesquisa:

Helton Costa

Revisão:

Josiane Aparecida Franzo

Capa e projeto Gráfico:

Helton Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estrada para Assunção: imagens e memórias da Guerra do Paraguai/Tríplice Aliança, 160 anos depois – Curitiba: Matilda Produções, 2023.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-86392-11-1

1. História Militar. 2. Guerra do Paraguai; 3. Tríplice Aliança; 4. Jornalismo; 5. Fotografia.

CDD: 070

Sobre o autor: Helton é Doutor em Comunicação e Linguagens, mestre em Comunicação, especialista em Estudos da Linguagem e em Arqueologia e Patrimônio; bacharel em Jornalismo e licenciado em História. Pós-doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Autor de “Confissões do Front: soldados do Mato Grosso do Sul na II Guerra Mundial”, de “Crônicas de sangue: jornalistas brasileiros na II Guerra Mundial”, de “Dias de Quartel e guerra: diário do Pracinha Mário Novelli”, de “Camarada pracinha, amigo partigiani: anotações brasileiras sobre a resistência italiana na II Guerra Mundial”, de “Ao alcance da morte: ensaio sobre o estado psicológico dos soldados da FEB na Segunda Guerra Mundial”, de “Soldado 4.600: vida e luta do pracinha Manoel Castro Siqueira” e de “Soldado Justino: um sobrevivente da FEB”.

Este livro é gratuito em sua versão digital. Se você quiser fazer uma doação de qualquer valor para incentivar outras pesquisas minhas sobre esta temática e outras, basta fazer um uma transferência bancária para:

Helton Costa

Agência 0001

Conta 60580983-8

Banco 0260

Nu Pagamentos S.A.

PIX: heltoncostas@gmail.com

Sumário

Parte 1 - Um breve resumo da guerra

O começo, meio e fim.....	07
---------------------------	----

Parte 2 – Minhas impressões

Percepções pessoais: meu capítulo particular.....	55
---	----

De Assunção à Humaitá.....	60
----------------------------	----

Parte 3 - Respostas oficiais e posicionamentos

Dos incômodos que foram respondidos.....	98
--	----

A Cultura se explica.....	100
---------------------------	-----

O Turismo expõe suas respostas.....	102
-------------------------------------	-----

O Ministério da Defesa mandou minhas perguntas para o Museu.....	103
--	-----

Exército e Marinha do Brasil se declaram.....	105
---	-----

A educação como ponto de análise.....	108
---------------------------------------	-----

O Itamaraty não interfere.....	118
--------------------------------	-----

Nos jornais mais acessados dos quatro países.....	119
---	-----

Relatório culpa Aliados pela destruição do Paraguai.....	126
--	-----

Grupo de paraguaios pediu US\$ 150 bilhões de indenização pela guerra.....	139
--	-----

Trineto do Conde d’Eu vê mortes no Paraguai como baixas colaterais.....	144
---	-----

Associação defende que detectoristas não são vilões.....	149
--	-----

Pesquisador comenta sobre o El Cristiano, o canhão da discórdia.....	151
--	-----

Presidente descarta revisionismo, mas, quer entender o que aconteceu no Paraguai.....	156
---	-----

Parte 4 - Entrevistas

Mário Maestri: um apaixonado pela história da guerra.....	159
---	-----

Rubiani: um pesquisador paraguaio de larga data.....	166
--	-----

Percepções sobre a Marinha brasileira no conflito.....	174
--	-----

Sobre a Infantaria brasileira em combate no Paraguai.....	183
---	-----

Como eram recrutados os soldados para a guerra?.....	190
--	-----

Um fechamento necessário.....	195
-------------------------------	-----

Álbum fotográfico – 160 anos.....	198
-----------------------------------	-----

Parte 1

Um breve resumo da guerra

O começo, meio e fim

Em 19 de março de 1863, saíram com destino ao Uruguai, do porto de Buenos Aires, Venâncio Flores e membros do Partido Colorado. Com o apoio do presidente argentino, Bartolomé Mitre, o grupo partia para o país vizinho com o objetivo único de enfrentar e derrubar as Forças do presidente Bernardo Berro, do Partido Blanco.

Os fatos se aceleraram, e com a prevalência do lado de Mitre, alguns blancos uruguaios foram buscar auxílio, em junho de 1863, por meio de Octávio Lapido, em Assunção, junto a Francisco Solano López, presidente paraguaio. A denúncia era de que o Brasil estava envolvido em golpe em andamento, e com o apoio indireto da Argentina, estava favorecendo um lado do conflito, aquele que lhe era mais cômodo, o dos Colorados. Até hoje, as versões se havia verdade na afirmação ou não ainda se chocam no meio acadêmico dos países envolvidos no conflito.

Os brasileiros, tendo como pano de fundo a questão dos assuntos de interesses dos seus súditos, que na fronteira com o Uruguai estariam sendo desrespeitados constantemente por uruguaios, acusavam o governo de Berro de estar fazendo vista grossa, sob a tese de que o líder blanco daquele país não lhe dava ouvidos, que fingia que nada estava acontecendo, nem mesmo depois de vários protestos formais. Os uruguaios estavam em guerra civil e usavam tal argumento para debaterem com os brasileiros depois, em outro momento.

A Argentina estaria envolvida na questão, segundo Lapido, porque permitiu que revoltosos se organizassem em seu território e fossem depor o governo contrário e legítimo em exercício no país, o que era visto como um apoio indireto. Oficialmente, os argentinos se declararam neutros e não aceitavam as acusações que lhes imputavam os blancos e, mais tarde, os paraguaios.

Porém, ainda havia vias diplomáticas abertas e os países tentaram usá-las para, quem sabe, evitar um conflito. Solano López recebeu o enviado uruaio dos blancos, não se comprometeu, mas também não disse que não estaria ao lado da causa do governo de Berro, a quem era mais simpático ideologicamente.

Como forma de oficializar o protesto contra o conflito no Uruguai, que vinha tendo colaboração dos brasileiros e também dos argentinos, os paraguaios enviaram em setembro de 1863, uma nota ao governo Mitre, na qual alertavam para as consequências desastrosas que um governo chefiado por Venâncio Flores, no Uruguai, causaria para região, dando a entender que poderiam ocorrer possíveis conflitos bélicos em pouco tempo.

No mês seguinte, outubro de 1863, os argentinos se pronunciaram por meios diplomáticos, em que negavam a participação direta do país na guerra civil, que já se desenrolava em solo

uruguaio, e ainda defendiam que era um assunto interno da outra nação e que, portanto, a Argentina não tinha interesse em participar.

Não satisfeito com a resposta recebida, Solano López escreveu diretamente para o presidente argentino, Bartolomé Mitre, lembrando que o Paraguai não tinha por tradição participar de guerras entre outros povos, mas que não abriria mão de modificar tal circunstância, que mudaria as regras, se preciso fosse, caso o jogo não fosse aquele esperado por nações civilizadas.

Dando demonstração de que não estava para brincadeira, em fevereiro de 1864, o governo paraguaio começou uma mobilização militar jamais vista no país até então, convocando a população em idade militar para o serviço de defesa da nação, ainda que não houvesse um inimigo real para tal, pelo menos não oficialmente.

Contudo, no campo das hipóteses, Brasil e Argentina, por sua intervenção em território uruguaio, se tornariam alvos daquelas políticas militaristas. Sairiam daquela leva de recrutas paraguaios, os soldados que, no final do mesmo ano, dariam o início à Guerra Guasu, Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança (Triple Alianza), como o conflito é mais conhecido. Os melhores soldados dos quais López disporia foram oriundos daqueles homens treinados com rigor nos campos de Cerro León.

Em 29 de fevereiro de 1864, o presidente argentino, Bartolomé Mitre, já de olho na situação e na mobilização paraguaia, ressaltava que não tinha interesse em lutar no Uruguai, mas, que se quisesse, não teria que dar satisfação a López ou a quem quer que fosse, pois tinha seus motivos e princípios.

Enquanto isso, a guerra civil no Uruguai continuava sangrenta. E com o final do mandato de Bernardo Berro, as coisas não melhoraram, uma vez que não foi possível realizar uma eleição e quem teve que assumir foi o presidente do Senado, que era do mesmo Partido Blanco, Atanásio Cruz Aguirre.

No Brasil, um representante gaúcho, figura destacada do Rio Grande do Sul desde a Guerra dos Farrapos, Antônio Souza Neto, juntou várias provas que, segundo ele, não deixariam dúvidas de que o governo Bernardo Berro fora prejudicial propositalmente aos moradores brasileiros da fronteira com o Uruguai, inclusive com ordens e abusos diversos.

Tal denúncia serviu para os opositores do Império denunciarem que Dom Pedro II estava dando pouca atenção ao caso relatado pelos cidadãos daquela província. Ansioso em responder aos apelos de tais cidadãos, o Imperador enviou José Antônio Saraiva como seu representante até o Uruguai. Mas ele não foi sozinho, levava consigo uma esquadra comandada pelo Visconde de Tamandaré, exigindo que o novo presidente restabelecesse a ordem e reparasse os prejuízos aos súditos brasileiros.

Como o país estava em guerra civil, Saraiva se juntou com o representante argentino, Rufino de Elizalde, e com o encarregado britânico para a região de Buenos Aires, Edward Thornton, para tentar pôr fim àquele conflito. O calendário marcava o mês de junho de 1864.

A iniciativa teve um bom começo, com o representante britânico e o brasileiro tratando das exigências de Venâncio Flores, enquanto o representante argentino buscava a conciliação das exigências com a política de governo do presidente uruguaio Aguirre.

Flores exigia, por exemplo, mudanças em ministérios e que membros do seu partido, o Colorado, entrassem no lugar dos aliados do governo. Aguirre aceitou em primeiro momento, mas, em troca, exigiu a desmobilização das forças coloradas comandadas por Venâncio Flores, o que fez com que a guerra continuasse ao invés de ser aplacada.

Conforme o professor Francisco Doratioto¹, depois daquela negociação infrutífera, Aguirre enviou Antonio de las Carreras para que convencesse os paraguaios de que os argentinos e brasileiros queriam dividir e se apossar territorialmente do Uruguai e que a próxima vítima poderia ser o Paraguai. Hoje, pode parecer uma afirmação sem cabimento, todavia, naqueles dias, naquele contexto e pelo desenrolar dos fatos, López foi convencido de tal plano, que na realidade não existia. Tanto acreditou, que se dispôs a mandar tropas paraguaias para auxiliar os blancos uruguaiois.

Com as relações já rompidas com o Uruguai, o governo Imperial, descontente por não ter sido respondido satisfatoriamente, fez com que seus soldados e marinheiros tomassem as cidades uruguaiaias de Salto, Melo e Paysandu, além de declarar, agora de maneira aberta, o apoio a Venâncio Flores e aos Colorados.

Pouco mais de um mês depois, em outubro de 1864, tropas brasileiras já estavam pisando em território uruguaio, e no dia 20 daquele mesmo mês, o Visconde de Tamandaré assinou com Venâncio Flores, o acordo de Santa Lúcia, inserindo o Brasil diretamente na guerra civil uruguaia, ainda que não houvesse declaração formal de guerra dos brasileiros contra o governo uruguaio, que até então estava apenas sendo “vítima” de represálias imperiais. Os paraguaios acharam aquilo tudo um grande ultraje, ainda mais depois de terem sido ignorados quanto às suas reivindicações e ameaças.

Tais ações não passaram despercebidas pelo governo paraguaio, que fez uma nota desfavorável à utilização do território argentino para a organização de forças imperiais prevista no acordo Brasil-Argentina. López mostrou seu total descontentamento e não se responsabilizou por

¹Doratioto, Francisco. Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pp.57-58.

eventuais consequências que adviessem em caso de uma intervenção efetiva brasileira no Uruguai².

A guerra contra Aguirre se prolongou até 15 de fevereiro de 1865, quando o mandato do político uruguaio chegou ao fim, expirou. Os brasileiros haviam ajudado Flores a tomar o poder até que novas eleições fossem realizadas, o que só aconteceu após o assassinato de Flores, em 1868, por opositores de seu governo.

O efetivo começo do conflito no Paraguai

O fato é que, em 12 de novembro de 1864, o presidente recém nomeado da Província de Mato Grosso, coronel Frederico Carneiro de Campos, subia para tomar posse do cargo em Cuiabá. Ia pela via mais rápida de acesso, o Rio Paraguai. Após subir e passar por Assunção, Campos teve o caminho bloqueado por navios de guerra paraguaios, tendo sido ele e toda a tripulação levada prisioneira para a capital guarani. Daqueles presos, poucos voltariam com vida ao Brasil após o final da guerra, e Campos não estaria entre eles, tendo morrido em 1867, em uma prisão do acampamento de Paso Pucú.

Em primeiro de dezembro de 1864, aquelas tropas brasileiras que tinham entrado no Uruguai, junto com as tropas coloradas, conseguiram cercar e tomar a cidade de Paysandu. A situação, que já estava ruim, foi piorada em 27 de dezembro de 1864, porque os paraguaios, dando continuidade nas ações que tinham anunciado em represália aos brasileiros, enviaram tropas treinadas para que tomassem Forte Coimbra, no atual Mato Grosso do Sul (na época, Mato Grosso):

Dias antes as tropas receberam novos uniformes que consistiam em uma calça branca, uma camisa pano vermelha e um gorro também vermelho, com borlita que pendia do lado esquerdo. A vista que se apresentavam as tropas agrupadas a bordo, era a mais pitoresca, inspirava aos espectadores um imenso e indescritível entusiasmo. A mim, me causava uma impressão indefinida, ora triste e alegre, ora melancólica e entusiasta; algo como uma espécie de pressentimento muito bom e muito mal a tão arriscada empreita. Mas assim que se puseram em marcha aqueles [barcos], um atrás do outro, deixando espessas colunas negras de fumaça pelas chaminés, me saltava o coração de um nobre orgulho misturado de alegria, e se cruzaram pela minha imaginação muitas ideias, e talvez pela primeira vez na curta idade que eu tinha, ocuparam minha mente sérias concepções, elevadas imagens e grandiosos pensamentos acerca do engrandecimento e da Glória da Pátria.

Se via no semblante de cada cidadão e de cada soldado, não só satisfação, senão a plena confiança e segurança de que estavam possuídos a respeito do êxito daquela expedição, acariciando a ideia de que muito em breve, Mato Grosso estaria baixo o domínio do Paraguai, corrigindo-se assim o erro que cometeram nossos antepassados permitindo que os portugueses se estabelecessem naquela rica província, tendo sido a Espanha sua legítima

²No Relatório da Subcomissão de Direitos Humanos e Cidadania do Parlasul, de 2022 (como se verá neste livro), a intervenção brasileira foi a motivadora, segundo os parlamentares que o redigiram, pelo início da guerra. Eles também defenderam que as reivindicações brasileiras eram impraticáveis e impossíveis de serem executadas pelo governo uruguaio, que teria sido vítima de uma pressão externa extrema.

dona e possuidora quando à conquista da América do Sul. (Juan Crisóstomo Centurión³)

As tropas de Solano López, em quantidade de 3.200 infantes, com 12 canhões e mil cavaleiros, sob o comando de Vicente Barrios, enfrentou uma guarnição de 115 soldados comandados pelo tenente-coronel Hermenegildo Portocarrero, que tinha a seu dispor mais 40 voluntários, entre guardas aduaneiros, soldados, presidiários e índios para fazer frente à força paraguaia. As munições eram escassas e as mulheres tiveram que fabricá-las para a defesa própria do grupo⁴:

Terminada a mais vigorosa resistência de que venho de falar, aos ataques de escalada do dia 27, reconheci só existirem cerca de 2.500 cartuchos; tornou-se portanto mister que todas as mulheres que se achavam homiziadas no interior do forte, em número de 70, fabricassem cartuchame para a infantaria, durante toda a noite, sem dormirem um só instante, visto não poderem os soldados deixar por um só momento os parapeitos. O inimigo vinha a cada momento ao parapeito e era rechaçado com valor inaudito provocado pelos vivas do inimigo e gritos desordenados de - rendam-se - os quais eram correspondidos pelos nossos soldados de - vivas ao Imperador, aos Brasileiros e ao corpo de artilharia de Mato Grosso. (Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero, tenente-coronel comandante do Forte Coimbra)⁵

Depois de um combate longo durante o dia, as ações foram suspensas no período da noite e os paraguaios não conseguiram tomar o reduto brasileiro. No dia seguinte, os paraguaios voltaram ao ataque, dessa vez com a força dos seus navios de guerra. Contudo, apenas oito soldados conseguiram invadir as instalações militares do Forte e sete deles foram mortos. O oitavo, feito prisioneiro, contou a quantidade de tropas paraguaias, informação que até então era desconhecida dos defensores.

Cientes do perigo que corriam, os brasileiros fugiram naquela madrugada, abandonando a posição. Ao amanhecer do dia 29, já estavam longe da vista dos paraguaios, sendo transportados pelo vapor Amambaí, que fugia para Corumbá, onde seria apreendido mais tarde. As baixas de ambos os lados são desconhecidas até hoje.

Por terra, outra coluna comandada pelo general Francisco Isidoro Resquín, à frente de 3.500 soldados, deu prosseguimento à invasão do Mato Grosso, com soldados sendo deslocados para Miranda e para a colônia Militar dos Dourados. As áreas eram motivo de disputa entre os governos e, justamente em 1862, deixou de vigorar um acordo assinado pelos dois lados, que haviam prometido sentar-se para discutir a questão futuramente.

³Secretário de Relações Exteriores do Paraguai na época. Mais tarde, seria oficial do Exército paraguaio, quando todos os homens foram utilizados no conflito. Foi ferido no dia em que Solano López morreu, tendo ficado ao lado do líder paraguaio durante toda a guerra, inclusive com desavenças em alguns períodos. (CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v.I. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 217-218).

⁴DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p.256.

⁵COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo.1. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, pp. 343-444.

Em Dourados⁶, uma coluna comandada pelo Major Manoel Martinez Urbieta cercou a pequena guarnição que ainda havia ficado para defesa do ponto militar. Os moradores e familiares dos soldados que cuidavam do posto já haviam tomado conhecimento da invasão e tinham se retirado. Os paraguaios ofereceram rendição, e os brasileiros, no número de 15 pessoas, comandadas pelo tenente Antônio João Ribeiro, disseram que só fariam se houvesse ordem expressa do Império. Como não havia ordem alguma, os paraguaios atacaram. Eles se defenderam, entretanto a desproporcionalidade numérica, na quantidade de um batalhão, rapidamente encerrou o combate⁷. Uns foram mortos e outros feitos prisioneiros, sendo levados ao Paraguai posteriormente. Miranda foi evacuada e encontrada deserta pelos invasores.

Mais ao norte do Mato Grosso, os paraguaios chegaram também à cidade de Corumbá, depois de terem atacado o forte Coimbra. O coronel Carlos Augusto de Oliveira não ofereceu resistência, fugiu antes de os paraguaios chegarem e deixou os moradores abandonados à própria sorte. Em 4 de janeiro de 1865, os soldados de López também já eram donos daquele pedaço do Brasil⁸.

As notícias chegaram à capital da Corte Imperial, Rio de Janeiro, e como forma de começar um recrutamento rápido, os brasileiros criaram, em 7 de janeiro, o corpo de combatentes de Voluntários da Pátria.

A intenção era organizar esses corpos aproveitando-se da indignação popular contra a invasão de terras brasileiras, mas não foi isso que aconteceu e o número de brasileiros que se apresentaram foi baixo. Guardas nacionais espalhados pelo território foram recrutados em cada uma das províncias até a quantidade de 15 mil homens, convocados para reforçar as tropas do exército.

No sul do continente, em fevereiro de 1865, a Marinha brasileira fechava o cerco contra os uruguaios e bloqueava a capital dos orientais, Montevidéu. No dia 20 daquele mês de fevereiro, o governo brasileiro assinou um acordo de paz com o governo blanco e, com isso, deu a possibilidade de que o preferido do Império, Venâncio Flores, como dito anteriormente, assumisse a cadeira de presidente. Foi assim que o Brasil garantiu um aliado dentro daquele território.

Para conter o avanço paraguaio no sul do Mato Grosso, a ideia dos comandantes militares brasileiros foi criar uma coluna que partiu de São Paulo com destino aos locais ocupados pelos paraguaios, a fim de empurrá-los de volta ao seu território. Era o mês de abril de 1865. Mais tarde, esse episódio, que ficaria conhecido como a “Retirada de Laguna”, os fez chegar até a fronteira com

⁶Não confundir com a cidade de Dourados, no atual Mato Grosso do Sul, que recebeu a alcunha que ostenta, em virtude do rio do mesmo nome que nasce na Colônia Militar e cruza o território do município, mais de 170 km abaixo.

⁷DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p.281.

⁸CANCIAN, Elaine. A vila de Corumbá e a Guerra Grande: algumas reflexões. *Revista História: Debates e Tendências*, v. 15, n. 2, pp. 398-410, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/hdtv.15n.2.5649>. Acesso em: 15 set. 2023.

o país vizinho, invadido pela região de Bela Vista/MS⁹. Depois, tiveram que recuar e foram acossados pelo inimigo e por doenças, de modo que somente 700 de seus mais de 3.500 soldados originais saíram com vida, como comentaremos mais adiante.

Naquele mesmo mês, os paraguaios avançariam ainda mais ao norte do então Mato Grosso, território que já tinham conquistado, estabelecendo como limite máximo do seu avanço, a atual cidade de Coxim, em 24 de abril de 1865.

O Tratado da discórdia

Uma vez estabelecida que a guerra era inevitável, representantes do Brasil, Argentina e do agora aliado Uruguai se reuniram em 1º de maio de 1865, na capital portenha, para definir, em documento oficial, que fariam guerra ao Paraguai. Mas em tese, não contra o povo paraguaio, e sim contra o seu presidente Solano López. De modo que estabeleceram uma cláusula que só aceitariam o fim do conflito depois que López saísse do país, fosse preso ou mesmo morto. Ou seja, ele não poderia mais “existir” em território paraguaio.

Ainda no mesmo Tratado, que até hoje é motivo de discórdia entre pesquisadores e pessoas comuns dos países envolvidos, havia uma cláusula secreta que estabelecia as fronteiras no pós-guerra, cabendo ao Brasil, justamente as terras que estavam em disputa e que naquele momento e contexto histórico estavam invadidas por paraguaios, no sul do Mato Grosso.

Vinte e quatro dias após a assinatura do Tratado, a aliança foi efetivada com o envio de forças argentinas sob o comando do general Paunero, apoiadas por soldados brasileiros, para a retomada da cidade de Corrientes, então ocupada pelos paraguaios, que haviam invadido a Argentina, tentando forçar passagem até o Uruguai. Foi uma tentativa dos Aliados de devolver os invasores ao território deles.

A guerra não era popular naquele lado da Argentina e chegou-se ao caso, de que em julho daquele mesmo ano, tropas de Entre Rios, que estavam sendo comandadas por Justo José Urquiza, terem simplesmente desertado porque não queriam combater os paraguaios. Nas palavras do coronel paraguaio Juan Crisóstomo Centurión, os correntinos preferiam paraguaios aos brasileiros e portenhos na ocupação de suas cidades, ainda que ao final da ocupação tenham perdido “o prestígio que haviam adquirido no princípio¹⁰”:

⁹Na época era MT.

¹⁰CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. I. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 270.

Quando o Urquiza chegou a Entre Rios, na volta de Buenos Aires, começou a reunir seu exército, e em menos de um mês tinha 10 mil homens. Mitre lhe mandou armas e vestuário, que distribuiu entre suas tropas, e marchou em direção a Concórdia, ponto de reunião dos Aliados, onde se encontrava já o general Mitre. Quando chegou a Basualdo, povoado da fronteira com Entre Rios, no caminho de Concórdia, fez alto e se adiantou sozinho a ver o general Mitre. Estando a caminho, foi alcançado por um chasque [mensageiro], que lhe levava a notícia de que quase todo o exército se havia debandado. Voltou imediatamente e vendo que era verdade, licenciou o resto das tropas por um mês. (Jorge Thompson, cidadão britânico, tenente-coronel de engenheiros no Exército do Paraguai e ajudante do presidente Solano López)¹¹

Com o sul de Mato Grosso ocupado e o norte da Argentina também em posse dos paraguaios, outra coluna, comandada pelo tenente-coronel Antônio de la Cruz Estigarribia, atravessou o território argentino mais ao leste/sudeste em direção ao Rio Grande do Sul, iniciando uma invasão por São Borja.

Os brasileiros fizeram menção de resistir, mas com 400 soldados enfrentando milhares de paraguaios que atravessavam o Rio Uruguai em vários pontos ao redor do passo São Borja, a resistência se mostrou inútil. Logo vieram reforços em apoio aos soldados que combatiam pela cidade. Um deles, o futuro presidente do Brasil, Floriano Peixoto, que, à frente de 200 soldados, encarou à baioneta mais de 1.400 paraguaios comandados pelo Capitão Diogo Alvarenga. Eles fizeram o inimigo recuar, entretanto apenas provisoriamente, de modo que houvesse tempo da evacuação da cidade, invadida totalmente pelos paraguaios quando já se encontrava abandonada, em 12 de junho de 1865¹²:

Enquanto o 1º Batalhão de Voluntários fazia seu batismo de sangue e merecia a gratidão eterna das famílias; de S. Borja, das quais foi o salvador, viu-se dentro da vila um espetáculo que é impossível descrever. A população estremecia de susto, só se ouviam gritos e lamentações pelas ruas, que estavam cheias de povo; homens, mulheres, senhoras com os cabelos soltos, com os filhos nos braços, procuravam fugir, e tomavam a direção que julgavam: oposta ao inimigo. Nesse labirinto os membros da mesma família chegaram a perder-se, mães que perderam seus filhos: este espetáculo comoveu o coronel João Manoel Menna Barreto, e o determinou a atacar os paraguaios. Durante algumas horas em que fez frente ao inimigo, com o 1º Batalhão, a vila de S. Borja ficou despovoada. Seus habitantes, alguns em carretas ou a cavalo, quase todos a pé, se retiravam com a roupa que tinham no corpo, abandonando suas casas e tudo quanto aí possuíam, julgando-se felizes de não cair prisioneiros e de salvarem suas vidas. (João Pedro Gay, vigário colado [permanente] da Freguesia de São Borja)¹³

Depois de São Borja, pequenas escaramuças foram se dando entre forças invasoras e brasileiros, porém, sem um efetivo que pudesse fazer frente às tropas paraguaias, Uruguaiana foi a

¹¹THOMPSON, Jorge. *La guerra del Paraguay: acompañada de un bosquejo histórico del país y con notas sobre la Ingeniería Militar de la Guerra*. Trad. ESTRADA, Angel y LEWIS, Diego. Buenos Aires, Talleres Gráficos de L. J. Rosso y Cía., 1910, p.72.

¹²DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p.513.

¹³COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.280.

próxima grande cidade ocupada pelos inimigos, em 5 de agosto de 1865. Mais tarde, com uma manobra brasileira, os paraguaios ficariam isolados, cercados e finalmente rendidos, como será visto.

Os Aliados combatiam em duas frentes no Sul do Brasil. E a frente de Corrientes se mostrou mais promissora, uma vez que Paunero, mesmo tendo vencido o combate e depois recuado com receio de um contra-ataque, conseguiu deter os invasores usando tropas de Buenos Aires. Do outro lado, Tamandaré aniquilou quase completamente a marinha paraguaia na Batalha do Riachuelo, em 11 de junho de 1865. López mandou suas tropas recuarem e nisso, Estigarribia e seus homens ficaram isolados no lado brasileiro.

Outro grupo de paraguaios estava em solo argentino, na cidade de San Tomé, pouco distante de São Borja/RS, sob o comando do major Pedro Duarte. Eles não tiveram tempo de recuar para o Norte, como queria López. Essas tropas tinham acompanhado os movimentos de Estigarribia, contudo pelo lado argentino. Quando Uruguaiana foi ocupada, os homens de Duarte estavam bem próximos à vizinha Paso de los Libres.

Os Aliados organizaram, então, uma manobra planejada e executada com o envio de tropas brasileiras para território argentino no combate de Yatay, onde as melhores tropas paraguaias e brasileiras se enfrentaram pela primeira vez, diretamente e em grande escala. Como havia sido estabelecido por tratado, as tropas aliadas eram comandadas por Venâncio Flores. Do outro lado, eram 3.200 paraguaios comandados pelo coronel Pedro Duarte, enfrentando aproximadamente 1.500 brasileiros, 6.500 argentinos e aproximadamente 2.450 uruguaios¹⁴.

O terreno era pantanoso, com lama e alguns pontos de inundações dos rios Uruguai e Yatay. Mesmo em quantidade inferior, os soldados paraguaios lutaram com bastante arrojo, porém, ao final daquele duelo, que se iniciou às 10 horas da manhã, eles contariam 1.700 mortos, 300 feridos e outros 1.200 homens de Duarte seriam feitos prisioneiros, entre os quais o próprio comandante. Oficialmente, entre os Aliados foram 83 mortos e 257 feridos¹⁵:

Não tem sido possível, Exm. Sr., evitar o derramamento de sangue: os inimigos têm combatido como bárbaros, tal é o fanatismo e brutalidade que lhes tem incutido o déspota López, e os tiranos seus antecessores. Não há forças humanas que os façam render, e preferem a morte certa à rendição. (Venâncio Flores, comandante do exército uruguiaio)

(...)

Em tais momentos chegaram a marche-marche a divisão argentina e a brigada brasileira, caindo em massa sobre a força contrária, que retrocedeu em desordem, porém fazendo fogo vivo, e dando cargas de cavalaria, sem se querer render, nem mesmo quando foi comprimida sobre o arroio Yatay, em conseqüência da qual tiveram lugar as lamentáveis perdas de que o infra-escrito dará conhecimento a V. Ex. na parte circunstanciada. (Wenceslao Paunero,

¹⁴DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p.569.

¹⁵Ibid.

general argentino¹⁶⁾

Com a vitória, as tropas aliadas puderam manobrar seus esforços para Uruguaiana, onde, nas proximidades, mais unidades brasileiras começaram a se juntar. Em 18 de agosto de 1865, os paraguaios se renderiam na presença do próprio Imperador Dom Pedro II. Quando chegaram, eram 7.000 os paraguaios na cidade¹⁷.

Contudo, depois de mais de um mês e três dias, os paraguaios já estavam sem comida e sendo atacados diariamente pela artilharia brasileira. O número de aliados, no auge, chegou a aproximadamente 17,3 mil combatentes.

Dos 7.000 soldados paraguaios que entraram em Uruguaiana, pelo menos 1.500 deles morreram em bombardeios, de fome e doenças. Uma parte pequena conseguiu chegar até a Argentina, atravessando o Rio Uruguai, indo para o outro lado da fronteira, em barcos improvisados. Fato é, que chegaram às mãos dos Aliados, que dividiram os prisioneiros, 5.500 paraguaios, aproximadamente¹⁸:

Porém a miséria a que estavam reduzidos os soldados paraguaios em Uruguaiana era extrema. Eles tinham ao princípio gasto com prodigalidade, e mesmo inutilizado, por malvados, os grandes recursos de víveres que aí encontraram, pensando demorar-se menos tempo naquela vila, e em conseqüência os comestíveis lhes tinham faltado. (João Pedro Gay, vigário colado [permanente] da Freguesia de São Borja)¹⁹
(...)

Como César, pôde o Imperador dizer: Veni, vidi, vici. A sua presença no Exército Imperial conciliou os espíritos, animou e entusiasmou as tropas, que com garbo e ardendo no fogo do patriotismo marchavam ontem às 7 horas da manhã para o ataque do inimigo que se havia entrincheirado na cidade de Uruguaiana, e às 4 horas tarde, de armas ao ombro, presenciava o espetáculo de desfilar por entre elas os vândalos humilhados, cabisbaixos e amaldiçoando o tirano que os sujeitou a tão tristes condições. Maltrapilhos, pareciam um exército de mendigos; carregados com as presas do seu saque, assemelhavam-se os paraguaios a uma horda de salteadores, que, depois do seu assalto à propriedade alheia, se retiravam aos seus recônditos esconderijos. (Ângelo Moniz da Silva Ferraz, ministro da Guerra e ajudante de ordens de Dom Pedro II em Uruguaiana, mais tarde, Barão de Uruguaiana)²⁰
(...)

Às quatro horas daquele dia tudo estava terminado. Estigarribia entregou sua espada ao Ministro da Guerra brasileiro que se achava presente com o imperador. Em seguida desfilaram as tropas rendidas, cabisbaixas, por entre o Exército aliado e à frente dos seus generais. Tal foi doloroso o fim que teve a expedição ao Uruguai. A notícia de tão triste e transcendental sucesso, arrancou copiosas lágrimas de López. O golpe não era para menos. A força moral e material, a base que servia de sustentação a todas as esperanças da campanha, dessa campanha aberta com tanto entusiasmo como precipitação, foi destruída do dia para noite e desapareceram todas as ilusões que acompanhavam ao provável êxito de tão

¹⁶COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.172.

¹⁷COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p. 560.

¹⁸DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p. 569.

¹⁹Op. cit., p.282.

²⁰Ibid., p. 317.

Retomada da Argentina e invasão ao Paraguai

Com a perda das forças que haviam ido para o sul da Argentina e invadido pelo sul do Brasil, López se viu obrigado a evacuar totalmente Corrientes, pois a qualquer momento uma grande coluna brasileira poderia cruzar o Rio Paraná. Para organizar a evacuação total, López teve de 18 de agosto a 3 de novembro de 1865, tempo que os brasileiros levariam para movimentar pelo menos 40 mil a 50 mil soldados aliados ao território argentino, no norte do país.

Com os paraguaios fora do radar em Corrientes (pelo menos de forma massiva, uma vez que López enviou, por várias ocasiões, pequenas guarnições para provocar os Aliados do outro lado do Rio Paraná, que separa os dois países), começaram os preparativos para invasão do Paraguai, afinal, estava estabelecida uma cabeça de ponte para dar resposta aos inimigos, os quais já não contavam mais com a sua marinha desde 11 de junho de 1865 (Batalha do Riachuelo), quando a esquadra Imperial destruiu os paraguaios e os bloqueou pelo rio, de modo que não poderiam mais receber nem armamentos e nem qualquer tipo de auxílio e mantimentos até o final da guerra.

A Batalha do Riachuelo é lembrada como data máxima da Marinha brasileira até os dias atuais, e, naquela época, deixou 247 baixas entre os imperiais, dos quais 104 foram mortos. As cifras paraguaias foram bem mais altas: 1500 baixas, entre os quais, 700 mortos. Estima-se que tenham participado das batalhas, aproximadamente 2.300 brasileiros e 2.500 paraguaios, que foram apoiados por outros 2.000 atiradores e 22 canhões em terra, todos do Exército de López, o que não lhes garantiu a vitória²².

Voltando a Corrientes, em 1866, mês de abril daquele ano, exatamente no dia 16, os brasileiros iniciaram a transposição de suas tropas para o território paraguaio, sendo o ponto alto a ocupação do Forte Itapiru, um amontoado de casas simples em um Rochedo, local que os paraguaios utilizavam para invadir o território argentino.

Desde a Batalha do Riachuelo, os paraguaios tinham perdido o controle do Rio Paraná e a esquadra brasileira atirava periodicamente contra Itapiru, tendo começado em março de 1866, algumas vezes com mais tiros e outras com menos, entretanto, em todas elas, sempre fazendo frente a baterias paraguaias que contavam com artilheiros bastante experientes ao alvejar os navios brasileiros, ainda que não lhes causassem danos permanentes. Mesmo assim, causavam baixas entre

²¹CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. I. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 356-357.

²²DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, pp.439-440.

mortos e feridos nos marinheiros imperiais.

Os paraguaios utilizavam as embarcações do tipo chata, onde montavam canhões para tentar acertar e afundar os navios brasileiros. Nenhuma vez a estratégia funcionou, mas eles tentaram por várias vezes e isso impressionava os marinheiros imperiais pela coragem dos inimigos.

Em 16 de abril de 1866, todos os navios imperiais atacaram com tudo que tinham as posições que lhes desafiavam, em duelos de tropas do barranco contra os navios no rio.

Comandados pelo general Manoel Luís Osório, os brasileiros começaram a desembarcar ao mesmo tempo em que o bombardeio era feito em cima das posições inimigas. Foi dessa forma, em três ondas e escalões, que todos os brasileiros do lado argentino atravessaram para o território paraguaio, onde se dariam os próximos combates:

Penetrando nos acampamentos do exército, a mesma agitação metódica se mostrava; e era um quadro grandioso esse que apresentavam 40.000 homens arrumando-se para o desembarque em território inimigo, o que importava dizer – para uma batalha ao saltar em terra. O marechal Osório se reproduzia onde quer que sua presença era necessária. Às 5 horas da tarde uma expedição de três canhoneiras foi ao rio Paraguai escolher posição acima da foz. Às 11 horas da noite começou o embarque das tropas brasileiras nos transportes de modo que ao amanhecer do dia 16 viram-se os vapores e transportes apinhados de tropas. Nos grandes pontões embarcou a artilharia, e em uma barca especial certo número de cavalos arreados(...) Os chefes e oficiais trajavam os melhores uniformes; a tropa deixou as mochilas, sendo um segredo dos generais o ponto e o plano do desembarque, e sendo geral a suposição, de que este teria lugar no mesmo passo de Itapiru (...) Às 9 horas ouviu-se fogo de infantaria na margem do Paraguai, onde a força brasileira fazia o desembarque. Ao mesmo tempo as canhoneiras no rio Paraná romperam sobre a costa inimiga o fogo de bombas e metralha, ao qual responderam de terra com alguns tiros de artilharia e descargas de infantaria. Era um belo quadro o que à vista se apresentava então. (Correspondência de Buenos Aires, em 28 de abril de 1865)²³

Corrientes serviria de base de operações logísticas e recebimento de suprimentos, além de hospital de campanha até o final do conflito, sendo um ponto de apoio para que os brasileiros pudessem atravessar com segurança rumo a Buenos Aires ou mesmo Montevidéu.

O fato é que desembarcaram, na primeira leva, de uma só vez, 10.000 tropas brasileiras em Itapiru e que os combates para a fixação daqueles soldados no terreno custaram 337 homens ao Império e 500 aos paraguaios. Nos dias seguintes, pelo intervalo de cinco dias, passariam mais dezenas de milhares de tropas aliadas e de material equivalente para que pudessem combater os inimigos deles em sua própria terra.

A nova cabeça de ponte, o Forte Itapiru, se transformaria em acampamento brasileiro até o final do conflito, servindo ainda de posto de recebimento de suprimentos que vinham de Corrientes. A Marinha Brasileira também o utilizaria como quartel.

²³COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo II. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.430.

Os paraguaios não estavam muito longe dali, acampados em Paso de Patria²⁴, que não sendo mais um ponto seguro, foi trocado por Humaitá, a 21 quilômetros de distância, onde ficariam até 1868.

A primeira grande batalha em solo paraguaio

O acampamento brasileiro se estendia por alguns quilômetros ao norte de Paso de Patria, sendo que as partes mais avançadas estavam no local chamado Estero Bellaco.

Ali, em 2 de maio de 1866, comandados pelo general José Edwiges Diaz, seis mil paraguaios atacaram as posições avançadas brasileiras. Porém, mesmo com o sucesso inicial, que lhes rendeu a captura de três peças de artilharia levadas para retaguarda guarani e só recuperadas em 1868, o ataque precisou ser interrompido, uma vez que teria faltado prudência a Diaz, que, ao invés de aproveitar a desordem provocada no começo, quando os brasileiros recuaram, quis aprofundar-se no acampamento inimigo, de modo que o general Manoel Luís Osório, à frente de cinco batalhões infantaria e um batalhão de artilharia, conseguiu reorganizar-se da surpresa e deferir um golpe que causou a retirada em desordem dos paraguaios²⁵.

Resultado: dos 6.000 atacantes paraguaios, 2.500 foram feitos prisioneiros, feridos ou mortos, tendo ficado os corpos estendidos entre os dois exércitos e em capões de matas próximas. As baixas entre os Aliados também foram altas, com 1.560 mortos ou feridos²⁶:

Todas as tropas bateram-se com vigor, e foram dirigidas com inteligência pelos seus respectivos chefes, especialmente o 7º Batalhão de Infantaria, brasileiro, que sustentou sobre o passo o primeiro arremesso do inimigo; a Brigada Oriental, a divisão do general Victorino, a cavalaria do general Netto, o 1º Corpo do Exército argentino, que flanqueou o inimigo pela sua esquerda, assim como o Regimento nº1 de Cavalaria de Linha do exército argentino que repeliu o ataque da direita, tomando um estandarte ao inimigo. (Bartolomé Mitre, comandante em chefe dos exércitos aliados)²⁷

(...)

A decisão e heroísmo com que se portaram nossos soldados nesta jornada honra-os altamente, e os faz dignos de serem recomendados à consideração de V Ex., e dos governos aliados a quem pertencem. (Venâncio Flores, comandante uruguaio²⁸)

(...)

Eram as seis da tarde. A batalha estava terminada. O inimigo sofreu uma segunda derrota, ou em outros termos, ganharam duas vitórias: sobre a vanguarda inimiga que foi atacada de improviso por 3.800 homens, e sobre as numerosas forças que seguiram a nossa gente em

²⁴Não confundir com Passo de la Patria/Argentina.

²⁵DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras* – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais. São Paulo: IBRASA, 1987, p. 285.

²⁶DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras* – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais. São Paulo: IBRASA, 1987.

²⁷COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p. 27.

²⁸Ibid., p.28.

retirada, até passar o Estero Bellaco, obrigando-os repassar, sendo perseguidos até muito longe com muitas baixas. (Juan Crisóstomo Centurión)²⁹

Hoje, em contraste com as obras posteriores à guerra pintadas pelos argentinos Cándido López e José Ignacio Garmendia, Estero Bellaco é um local calmo, com a natureza tendo curado as cicatrizes aparentes dos campos de batalha.

Um monumento erigido pelos paraguaios bem ao lado da estrada que dá para acesso ao antigo acampamento, marca o local de começo da batalha. Mais adiante, uma cruz de concreto à sombra de uma árvore toda retorcida sinaliza a tumba coletiva dos paraguaios mortos naquele combate. Dos brasileiros não há lembranças, apenas a memória de que teriam sido agressores/invasores.

A maior batalha da América do Sul até os dias atuais

Os Aliados avançaram sobre o território paraguaio, mudando de campo para Tuiuti, onde se estabeleceram em 20 de maio de 1866, com grande força, com novos exércitos e provisões frescas chegando por Itapiru.

E foi no dia 24 de maio, com informações de que os brasileiros, argentinos e uruguaios preparavam um grande ataque de aniquilação contra as forças paraguaias, que Solano López tomou a decisão de atacar primeiro com uma coluna frontal, uma lateral e uma terceira que tentaria matar aliados pela retaguarda. Porém, em menor número, os paraguaios, como já havia acontecido, conseguiram a dianteira, mas não mantiveram suficiente poder de fogo, sendo massacrados pelas forças opositoras. Durante todo o desenrolar do combate, foram 18 mil a 24 mil paraguaios contra aproximadamente 32 mil soldados aliados³⁰.

No início, aproveitando-se de uma fragilidade na defesa argentina, López mandou 6.300 soldados divididos em colunas. Mais tarde, mandaria outras forças em socorro das primeiras levas. Aconteceu que, ao longo do dia, o ataque paraguaio foi perdendo a força, enfraquecendo, até o recuo completo das forças atacantes. Estima-se que tenham tomado parte da batalha de forma direta, pelo menos 55.000 homens de todos os exércitos envolvidos. De modo que até hoje esta é a maior batalha campal da América do Sul.

Às 16h30, Solano López deu ordem para que seus homens recuassem, todavia o estrago estava feito. Jaziam 6.000 paraguaios sem vida sobre o campo de batalha e outros 7.000 estavam feridos e foram recolhidos pelos brasileiros. Mais 360 prisioneiros foram feitos antes do recuo e

²⁹CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. II. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 75. Na percepção do oficial paraguaio Estero Bellaco foi uma vitória paraguaia e não brasileira.

³⁰DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, pp. 553-554.

durante a luta³¹.

Entre os Aliados, os estragos também foram bastante elevados, com 3.913 mortos e feridos, dos quais 3.011 eram brasileiros, 606 argentinos e 296 uruguaios³². Foi nessa batalha que morreu o general Antônio Sampaio, que no pós-guerra foi elevado ao grau de patrono da Infantaria brasileira e o é até os dias atuais, muito por conta da conduta dele durante a defesa de Tuiuti, quando esteve junto aos seus homens, comandando-os pessoalmente naquele fatídico dia para a humanidade:

O exército inimigo foi completamente batido na jornada de 24 de maio nos campos de Tuiuti, e obrigado a encerrar-se em suas linhas fortificadas, abandonando na sua fuga, canhões, bandeiras, armas, mortos e feridos. Depois de quatro horas e meia de fogo foi rechaçado completamente em toda a extensão da linha, à qual trouxe ele o ataque em quatro colunas e uma reserva pretendendo envolver nossos flancos. (...) Todos sem exceção alguma, brasileiros, argentinos e orientais, cumpriram dignamente com o seu dever, desde o primeiro general até ao último soldado, cabendo o maior esforço ao exército brasileiro. (Bartolomé Mitre, comandante em chefe dos exércitos aliados)³³

(...)

Rechaçado esse ataque em toda a extensão da linha, será grato a V. Ex. saber que tanto no centro, coberto pelas tropas brasileiras e orientais sob o comando imediato de S. Ex. o Sr. general Flores, como na esquerda às minhas imediatas ordens, o inimigo foi completamente repellido e desalojado de suas posições, tendo lugar o último combate, que pessoalmente dirigi, nos poteiros e bosques de nossa esquerda, onde o inimigo tinha desembocado, desde a sua linha de fortificações por três picadas abertas no mato, pelas quais puderam retirar-se seus últimos restos despedaçados, salvando-se de uma destruição total. (Manuel Luís Osório, comandante brasileiro)³⁴

(...)

Depois das primeiras vantagens que obtiveram pelo brioso avance daqueles valentes paraguaios, eram rechaçados por falta de sucessão de esforços, e amontoados sucumbiam na mais espantosa desordem, como aconteceu em Potrero Pires, ou de outro modo, seus bravos ginetes, feitos em pedaços pela nossa artilharia e fatigados por atravessar os esteiros. Quando chegavam a nossos quadros, vinham em desordem, diminuídos e ainda assim, temerários, sabreavam os batalhões, e rechaçados, impunham em retirada. (José Ignacio Garmendia, capitão do I Batalhão da Divisão Buenos Aires da Guarda Nacional)³⁵

(...)

No dia seguinte, os exércitos da Tríplice Aliança se ocuparam de fuzilar e degolar os nossos desgraçados prisioneiros de guerra, que haviam ficado feridos no campo de batalha. Notáveis foram as baixas que o exército paraguaio sofreu. Dos 23 mil homens que entraram em ação, somente saíram 7.000 sãos, e 3.000 feridos levemente; os demais, ou foram mortos ou feridos com gravidade. (general paraguaio Francisco Isidoro Resquín, condecorado por López por bravura durante esta batalha)³⁶

Após o primeiro ataque paraguaio a Tuiuti, em 10 de julho de 1866, quase dois meses após aquela batalha, chegaram novos reforços para as forças brasileiras, em um total de 11 mil soldados em um segundo Corpo de Exército Imperial, comandado pelo Barão de Porto Alegre. Nessa mesma

³¹Ibid.

³²Ibid.

³³COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.66.

³⁴Ibid., p. 67.

³⁵GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Casa Editora Peuser, 1889, p.30.

³⁶RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Asunción: Dirección de Publicaciones de las FF. AA. de la Nación/E. M. G. Imprenta Militar, 1971, p.39.

época, em 11 de julho de 1866, o general Osório pediu afastamento e passou o comando das tropas para Polidoro Jordão, voltando para tratamento de saúde no Rio Grande do Sul. Naquela mesma semana, deram-se as batalhas de Yataity Corá (11/06) e Sauce ou Boquerón del Sauce (16 a 18/06).

Em Yataity Corá, entre os dias 10 e 11 de julho, os paraguaios, em um total de 2.500, atacaram posições argentinas no acampamento que se estendia até próximo de Yatayti. A batalha terminou com 430 baixas paraguaias. Os argentinos tiveram 30 homens mortos, 177 feridos e 51 desaparecidos, dos quais alguns feitos prisioneiros ou simplesmente mortos e não encontrados:

Os paraguaios, lançando vivas de entusiasmo, se precipitaram sobre aquele quadro em retirada, cuja a quarta parte atacada, dando meia volta, fez frente às nossas, com baionetas, empenhando-se entre ambos uma luta terrível, até que se separaram à voz de comando dos seus respectivos chefes. A carnificina foi grande de uma e outra parte; mas maior o estrago entre os nossos, porque os argentinos depois de haver estado recebendo tão continuados golpes, carregaram com raiva, destruindo aos que encontravam pela frente. As colunas paraguaias haviam avançado demasiado longe, pondo-se ao alcance das baterias inimigas, que faziam chover sobre elas uma chuva de bombas e metralhas, que se diga a verdade, não lhes causavam muito dano, porque eram atirados por cima, e em lugar de cair entre as tropas, iam explodir longe delas. Então, os paraguaios encontraram prudente fazer retirada, que a executaram com rapidez, mas em boa ordem. (Juan Crisóstomo Centurión³⁷)
(...)

Era já o escurecer quando se chocaram com os nossos, que fizeram pé firme e boa contingência sem se retirar, sem perder nem uma polegada de terreno, até a chegada da reserva e de novos corpos de linha, que romperam um fogo vivíssimo e mortífero, que não podendo suportar o inimigo entrou no Estero. E dali se contentaram com atirar sua fuzilaria e foguetes que não cessaram de lançar foguetes enquanto duraram as ações. Às sete da noite cessou o fogo, primeiro em nossa linha de batalha e pouco depois na inimiga também, ficando os nossos donos do campo. (general uruguaio Leon de Palleja)³⁸

Em Boqueirão, que também é conhecido como Boqueirão Naró ou Boqueirão do Sauce, os enfrentamentos se deram em 16 de julho, cinco dias após o ataque paraguaio aos argentinos. Na ocasião, 3.000 homens comandados por Guilherme de Souza, brasileiro, general de Divisão, atacaram trincheiras fortificadas dentro de uma mata em Potrero Sauce e Potrero Pires, sendo uma no Boqueirão do Sauce e outra em Punta Carapá³⁹.

As posições estavam muito bem guardadas, e os brasileiros se bateram frente a frente contra um inimigo que conhecia bem o terreno e que tinha feito caminhos que pareciam verdadeiros labirintos dentro das matas.

As trincheiras foram tomadas, contudo os paraguaios tentaram retomá-las - com o coronel Gimenez, atacando com força as posições brasileiras, mas foram repelidos, sendo que dos 7.000

³⁷CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. II. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 146.

³⁸PALLEJA, León de. *Diario de la Campaña de las fuerzas Aliadas contra el Paraguay*. Tomo 2. Montevideo: Ministerio de Instrucción y Previsión Social, 1960, pp.365-366.

³⁹DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p. 216.

paraguaios enviados, pelo menos 2.500 foram mortos ou feridos. Para consolidar aquela posição, 61 argentinos e 1.899 brasileiros constaram como mortos ou feridos⁴⁰:

A posição vantajosa em que guardava-se o inimigo, a proteção que de ambos os lados prestava-lhe a mata, o parapeito da trincheira que tinha levantado diante de si, e a peleja a peito descoberto, provocada pelos nossos bravos soldados, ofereciam-nos proporções difíceis, desvantajosas e desiguais. A luta, pois, estava travada; era mister sustentá-la e tão bem dirigida foi que porfiada e teimosa, não deixou, por isso, de cair em nosso poder a trincheira, tomando-se ao inimigo uma estativa, grande porção de foguetes à congrève e todos os instrumentos com que trabalhavam nesse entrincheiramento, os quais foram apreendidos pelo digno coronel José Antônio da Silva Guimarães. Batidos completamente aí, procuraram a mata, e recebendo novos reforços, voltaram face à peleja. Travou novo combate, acudiram-se aos fogos encarniçadamente; ondas de metralha foram por eles arremessadas aos nossos; os foguetes à congrève romperam o espaço; a artilharia de parte a parte ribombou furiosa, a nossa fuzilaria em descargas despejou, porém, sobre eles saraiva de balas! A bravura dos comandantes, a coragem dos soldados eram as únicas couraças que mantinham-nos em nosso posto de honra. Pelejamos uma peleja de muitas horas, resistimos-lhes temerariamente; e uns correram, outros fugiram vergonhosamente, deixando a mata coberta de cadáveres. Soou o hino de vencedor no campo sangrento do combate. Tivemos perdas, porque é a sorte da guerra; mas inferiores as nossas e consideráveis as deles, pelo alcance de nossas armas. (correspondente do Exército aliado ao Jornal do Comércio)⁴¹

(...)

Um combate dentro dos montes e banhados impenetráveis como estes, contra o inimigo conhecedor de todas as aberturas e picadas, oferece dificuldades insuperáveis para poder levar um ataque e conservar sempre as tropas em boa posição. É uma guerra de la Vendée⁴², onde fracassavam os mais hábeis generais e as melhores tropas dos exércitos republicanos; iguais gritos, igual pertinência na resistência, igual entusiasmo; tudo menos o servilismo a um tirano. (general uruguaio Leon de Palleja)⁴³

(...)

Para isso, no dia 16 começaram a bombardeá-lo, e ao mesmo tempo eles o atacaram com uma força de cerca de dez mil homens, que sustentou um combate próximo e sangrento de mais de duas horas, obrigando nossos homens a abandonar a posição de Punta Náró, batendo-se em retirada e em guerrilhas até as trincheiras del Sauce, de onde os inimigos foram rechaçados. Não obstante, o general Díaz querendo retomar a posição conquistada pelos aliados, voltou a enviar forças de infantaria sob o comando do tenente-coronel Don Luis González; mas, depois de várias tentativas, e até de lutas tenazes, tiveram que retirar-se sem resultado algum. (Francisco Isidoro Resquín)⁴⁴

(...)

Quando eram rechaçados, os paraguaios se escorriam pelo bosque, prosseguindo rudemente a batalha. Aquela tática, então, era difícil para os brasileiros, porque oculto o inimigo entre as árvores e a vegetação rasteira, não apresentavam branco⁴⁵. A fumaça dos disparos só anunciava sua presença e o retumbar das detonações parecia tão intenso e tão solene, que ao sentir à distância se assemelhava a um trovão infinito, algo tão grande como um estremecimento grandioso de uma imensa tempestade. Os brasileiros se sustentaram firmes, transformando a sucessão de esforços em uma batalha tenaz aquele sangrento episódio. O combate tinha lugar em um terreno estreito, onde batalhões se sucediam à batalhões,

⁴⁰DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987.

⁴¹COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.109.

⁴²Comparando com os combates da Vendaia, região francesa em que se enfrentaram católicos e realistas com os republicanos, sendo o último vencedor após os combates que se deram entre março e dezembro de 1793.

⁴³PALLEJA, León de. *Diario de la Campaña de las fuerzas Aliadas contra el Paraguay*. Tomo 2. Montevideo: Ministerio de Instrucción y Previsión Social, 1960, p.377.

⁴⁴RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Asunción: Dirección de Publicaciones de las FF. AA. de la Nación/E. M. G. Imprenta Militar, 1971, p.41.

⁴⁵No sentido de não deixar vestígios.

combatendo encarniçadamente sem um momento de descanso. (José Ignacio Garmendia, capitão do I Batalhão da Divisão Buenos Aires da Guarda Nacional)⁴⁶

(...)

Sangrenta foi a luta, empenhada com raro encarniçamento; os brasileiros não podiam resistir ao impulso heróico dos paraguaios; mas reforçados, conseguiram fazer retroceder a estes. Três vezes foram rechaçados os brasileiros e três vezes foram rechaçados os paraguaios. Quando cessava o ataque com baioneta, recomeçava e continuava um tiroteio infernal de fuzilaria, que cobria com uma espessa massa de fumaça toda a parte do bosque onde tinha lugar tão terrível combate, que durou umas três horas, fazendo-se cada vez mais sangrento. (Juan Crisóstomo Centurión)⁴⁷

Uma tentativa de retomada se deu na madrugada do dia 17, e no dia 18, os brasileiros decidiram ir além das posições já adquiridas, avançando rumo ao dito Potrero Sauce.

Os paraguaios estavam esperando que isso fosse acontecer e na manhã do dia 18, o general Vitorino Monteiro, com argentinos, se deslocou rumo ao objetivo com reforços de uruguaios comandados pelo general Venâncio Flores. De novo, eles enfrentariam o general José Eduwiges Diaz, e o general brasileiro Vitorino foi inclusive ferido em combate.

Tropas comandadas por Luiz Mena Barreto tentaram uma infiltração pelo Potrero Pires, mas também não obtiveram sucesso. Os paraguaios, melhor guarnecidos, melhor posicionados e com uma defensiva impecável, detiveram os Aliados de um novo avanço. As baixas foram pesadas e motivo de muitas críticas entre o comando aliado. Foram mortos ou feridos 1.723 brasileiros, 688 argentinos e 250 uruguaios. As perdas paraguaias do dia 18 não foram apontadas:

Aqueles batalhões de soldados cidadãos, apoiados por uma sustentação de linha, ao atravessar aquele espaço fatal, suportaram em silêncio o fogo sem piedade que se fazia, e que abria imensos claros sombrios em suas filas; se marchava em confusão, tropeçando com os mortos e feridos, mas se avançava sempre sem olhar para trás, e animados por seus chefes e oficiais, nada os deteve: nem a metralha, nem o chumbo, nem as grandes bombas de 68, que explodiam como uma rebentação dinamite. A coluna rodava destemida, triturada, como uma onda embravecida, deixando filas inteiras que caíam como se fossem soldados de chumbo soprados pelo hálito da morte.

Chegaram à trincheira, e teve começo com furor violento a luta com arma branca. Aqueles demônios paraguaios se batiam desesperados: embriagados com o frenesi da batalha, pareciam leões enfurecidos. Havia cessado as detonações que atordoam, dominava o ruído seco do aço que se choca no entrevero e se ouriçam com o horror da morte. Defendiam a trincheira cegos de coragem, a baionetados, com pedras e balas que lançavam com a mão, pás e areia que jogavam para cegar o assaltante, a facadas, golpes de vassoura [de carregar artilharia], a sabres, a golpes de lança. (José Ignacio Garmendia, capitão do I Batalhão da Divisão Buenos Aires da Guarda Nacional)⁴⁸

(...)

O inimigo teve perdas que os acidentes do terreno não deixam bem avaliar por ser este em grande parte coberto de mato e estar dominado por suas trincheiras; mas é fora de dúvida que são elas muito superiores às nossas, podendo-se mesmo asseverar que excedem a 2.500 praças, a julgar-se pelo número de mortos deixados no terreno em que se combateu; e bem

⁴⁶GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Casa Editora Peuser, 1889, p.44.

⁴⁷CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. II. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p.156.

⁴⁸GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Casa Editora Peuser, 1889, pp.63-64.

assim uma estativa de foguetes de guerra e 146 peças de ferramenta de sapadores abandonadas na trincheira que construíam, e mais 900 espingardas e 600 baionetas recolhidas depois dos dois dias de combate. (Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, marechal de campo brasileiro)⁴⁹

Depois de 18/06/1866, as posições ocupadas ficaram estáticas no sentido de aquisição de novos terrenos. O marasmo durou até 3 de setembro do mesmo ano, quando o II Corpo do Exército Brasileiro atacou e ocupou a posição de Curuzu, às margens do Rio Paraguai, de frente para Curupaity, que mais tarde entraria para história como uma grande vitória paraguaia na guerra.

O ataque brasileiro a Curuzu havia começado em 1º de setembro, com a esquadra se deslocando e bombardeando a posição. Ao mesmo tempo, barcos de madeira desembarcaram 800 brasileiros na margem do rio do lado do Chaco, estabelecendo uma cabeça de ponte para tomar Curuzu⁵⁰.

No dia 2, os brasileiros já haviam desembarcado em um local chamado Guardián del Palmar, um total de 8.385 homens comandados pelo Barão de Porto Alegre. Os paraguaios resistiram como puderam, tentando rechaçar aquela cabeça de ponte que havia sido estabelecida, entretanto não foi possível frente à força que lhes fazia oposição. Mesmo assim, causaram 70 baixas nos brasileiros⁵¹.

Os paraguaios, em um total de 2.830 homens, com 13 peças de artilharia e comandados pelo coronel Gimenez, se aproveitaram das vantagens naturais do terreno pantanoso, com mata fechada e com banhados, e defenderam-se como puderam para evitar que os brasileiros tomassem os flancos. Não adiantou. Os imperiais conseguiram tomar as laterais, perseguindo os paraguaios até Curupaity, que seria o novo ponto a ser defendido naqueles dias de setembro. O Brasil pagou tributo de 160 mortos, 628 feridos e mais um encouraçado que foi afundado. Os paraguaios tiveram 832 mortos e prisioneiros⁵².

Quem buscar os dados na internet não encontrará um número totalmente confiável de baixas, pois os paraguaios e os brasileiros divergem sobre o assunto. Na versão impressa mais crível⁵³, os dígitos ditos anteriormente são os mais aceitáveis. Porém, dependendo do autor, as baixas paraguaias vão de 700 a 2.500 combatentes e os Aliados variam de 840 a 900 soldados fora de combate:

Estabelecida a ordem de marcha, avançou-se para o forte através de vivo fogo, que das matas fazia o inimigo. Dificuldades do terreno, até então desconhecido, impediram que antes de escurecer chegasse o exército a Curuzu, debaixo de cujas baterias somente à noite pôde

⁴⁹COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.126.

⁵⁰DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, pp.278-279.

⁵¹Ibid.

⁵²DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987.

⁵³Ibid., pp. 278-279.

tomar posição. Nessa mesma noite construiu-se uma trincheira, e ao amanhecer do dia 3 estava o nosso exército coberto com fortes baterias. Às 6 horas da manhã rompeu o inimigo intenso fogo de artilharia, que foi com vigor respondido por nossa esquadra e artilharia de terra (...) Quando a linha de batalha chegou à bateria inimiga, mandou-se cessar o fogo de artilharia, e, ao sinal de avançar, os nossos soldados, possuídos do maior entusiasmo e animados do ardor do combate, com arrojo galgaram e saltaram o fosso uns sobre outros, com admirável rapidez escalarão fortes trincheiras e combateram heroicamente peito a peito, sendo seus esforços coroados pela mais esplendida vitória, a queda de Curuzu, de cujo forte tomou logo posse o 2º Corpo de Exército. (Relatório do Ministro da Guerra do Brasil de 1867, João Lustosa da Cunha Paranaguá)⁵⁴

(...)

O Marechal, indignado pela conduta de uma parte da guarnição de Curuzu, cuja perda comprometia seriamente a posição que sustentava como vanguarda de Humaitá, fez severas críticas ao general Díaz, mas este muito cordialmente lhe respondeu, que ele não podia impedir a fuga dos soldados!

O Marechal lhe ordenou, então, que em castigo do seu mau comportamento, dizimassem⁵⁵ ao batalhão número 10, e que os comandantes em chefe, Coronel Manoel Antônio Gimenez e Major Albertano Zayas fizessem nos corpos de guarnição de Curupaity, serviços da classe de sargentos. Dizimado que foi o batalhão, todos aqueles a quem havia tocado ser o número 10, foram passados por armas na presença de toda a divisão.

Os oficiais foram sorteados por meio de palhas largas e curtas: os que tiravam as largas eram imediatamente fuzilados. Os que escaparam foram degradados à classe de tropa, e todo o pessoal do batalhão foi distribuído em outros que compunham a guarnição, ficando assim apagado do exército o batalhão 10, para lição própria e exemplo moral aos demais. (Juan Crisóstomo Centurión)⁵⁶

No entanto, superado Curuzu, no dia 12 daquele mesmo mês, López convidou Mitre para uma conferência, na qual estabelecia condições para uma paz entre os dois lados oponentes. Se encontraram em um local definido, com suas respectivas guardas. Conversaram por horas, sendo que Mitre não concordou com os termos oferecidos e disse que levaria a proposta para os demais comandantes aliados, que o recusaram completamente, tendo em vista o tratado que haviam assinado, anteriormente, em 1865, que definia que só a queda, a expulsão, prisão ou morte de López acabaria com a guerra. A cena do acordo foi descrita e imortalizada em uma estátua de bronze no local onde se deu aquela reunião, em Yatayti Corá.

Os exércitos se bateriam novamente após a negativa de qualquer chance de acordo em 22 de setembro, quando os brasileiros seriam derrotados em Curupaity, o que os levaria à paralisação das operações bélicas aliadas por um ano.

Curupaity

O ataque foi precedido por tiros de artilharia e por bombardeio da Esquadra brasileira, porém,

⁵⁴COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, pp.144-145.

⁵⁵Separar em grupos de 10.

⁵⁶CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. II. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 190-191.

em ambos os casos, os disparos não tiveram nenhum efeito sobre os defensores paraguaios, organizados em aproximadamente 6.000 combatentes, com 90 canhões, dos quais 32 atiravam contra os navios e o restante atirava contra aqueles que estavam em terra, acertando quem insistia em um ataque frontal contra posições que haviam sido fortificadas com fossos estaqueados e camuflados, com armadilhas para infantaria e mesmo cavalaria, se fosse o caso.

Esses fossos mediam aproximadamente 2,7 metros de largura e 2,2 metros de profundidade, com um parapeito que correspondia quase à mesma altura. Em outra parte, uma segunda linha de defesa tinha fossas ainda mais profundas, medindo 6,7 metros de largura e 4,1 metros de profundidade.

Os brasileiros atacaram esperançosos que o ataque de bombardeio que os precedera houvesse tido algum resultado, o que não se confirmou de forma alguma. O resultado foi que, às 14h30, o comando aliado mandou que todos recuassem, pois não havia como superar a defesa paraguaia.

Os brasileiros tiveram 360 mortos, 1.390 feridos, entre os quais 35 eram marinheiros. As baixas argentinas foram ainda piores, com 2.082 mortos e feridos, entre eles cinco comandantes. Os paraguaios tiveram 250 baixas, dos quais somente 54 foram mortais⁵⁷.

O fato é lembrado no país como o motivo de orgulho até os dias atuais, com nomes de ruas, estátuas e comemorações anualmente em torno daquela vitória paraguaia, que não foi a vitória da guerra, mas foi uma vitória significativa do ponto de vista moral para a nação, que até então vinha sofrendo derrotas sequenciais ou apenas pequenas vitórias que não ajudavam a brevar o avanço aliado:

As notícias que tivemos do ataque de ontem no Curupaiti são aterradoras para nós, consta que o exército que lá operou, foi rechaçado completamente pelo inimigo, pelo que eles têm estado muito satisfeitos, a tocarem música e darem muitos vivas. (Tenente-coronel Joaquim Cavalcanti d'Albuquerque Bello, do Pará)⁵⁸

(...)

Desgraçadamente, a nossa única arremetida vigorosa, o ataque a Curupaiti, provou ter sido tão errado e descosido como fora o primeiro assalto a Sebastopol dos aliados do ocidente. Em minha humilde opinião, se a Guerra do Paraguai fosse algum dia estudada por um profissional da competência de um Clausewitz ou de um Jomini, o veredicto desse profissional, quanto à direção geral da guerra, seria: que, por parte dos paraguaios foi sacrificado um exército admirável de coragem e preparo e que seria invencível, dadas as condições naturais do país só dele conhecidas, pela inércia e incapacidade militar de López; e quanto aos aliados, os generais adstringiram-se aos métodos da guerra antiga, que imprimiram às operações, dirigidas com caráter tanto mais frouxo quanto para isto já concorriam várias circunstâncias poderosas, tais como: a exígua força numérica dos exércitos permanentes que serviram de nó à formação súbita dos exércitos com que se apresentaram

⁵⁷DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras* – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais. São Paulo: IBRASA, 1987, pp. 274-275.

⁵⁸BELLO, Joaquim Cavalcanti Albuquerque; SALLES, Ricardo; ARRAES, Vera (org.). *Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello: notas extraídas do caderno de lembranças sobre sua passagem na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011, p.168.

em campos aliados; as prevenções entre os mesmos aliados e a falta de unidade do comando, apesar de disposto no Tratado de Aliança. De modo que, se não fosse a ação da esquadra em Riachuelo e depois no Paso de Patria, a invencibilidade do exército paraguaio na defensiva estratégica, como diriam Clausewitz ou Jomini, com aqueles métodos adotados pelos generais aliados seria um fato concreto, de que a Divina providência nos livrou. (Almirante Artur Jaceguai, comandante-em-chefe das forças navais brasileiras no rio da Prata e secretário e ajudante-de-ordens do Almirante Tamandaré)⁵⁹

(...)

O combate durou até as quatro da tarde, hora em que o general Mitre, convencido de que todo esforço era inútil para apoderar-se de Curupaity, deu ordem de retirada. Os que ficaram vivos se agruparam lentamente, levando seus feridos ao acampamento de Curuzu, sofrendo nessa retirada, novos e terríveis estragos como era esperado (...) [O major Saturnino Viveros] recebeu ordem para sair fora da trincheira e recolher as armas e os despojos de que estava semeado o campo; voltaram dali os soldados vestidos com uniformes argentinos e brasileiros que haviam tirado dos mortos, e como haviam recebido o pagamento um pouco antes, encontraram e trouxeram muitas libras esterlinas, relógios e outras jóias de ouro e prata. Recolheram ainda, alguns poucos feridos prisioneiros e umas seis mil armas, entre fuzis, carabinas a la minié, espadas e um porta estandarte da legião militar argentina, a bandeira de um dos regimentos brasileiros a pé, caixas de guerra, cornetas e várias instrumentos da banda militar (...) No dia seguinte, 23, saíram fora da trincheira alguns batalhões [paraguaios] a enterrar os cadáveres de que estava semeado o campo. Quando fizeram os trabalhos na fortificação, haviam aberto poços e sangas ao longo das bordas das lagoas em frente a Curupaity, para impedir que os aliados pudessem passar, como fizeram antes em Curuzu, e os cadáveres foram deixados nessas sangas até enchê-las, e depois o resto foi jogado no rio Paraguai. (...) Ficando abandonados aqueles que se encontravam mais longe, para ser, como nos tempos de Homero, presa das aves de rapina. (Juan Crisóstomo Centurión)⁶⁰

(...)

Se contar-se na Europa os fatos praticados por estes canibais depois da batalha, serão tidos como falsos; os corpos dos nossos camaradas mortos ou feridos no campo da batalha, foram degolados, alguns esfolados, lanceados e amarrados pelo pescoço, pulsos e pernas, atados a paus e atirados ao rio, para que vissemos o que faziam aos nossos mais bravos camaradas. Causou tal horror este procedimento, que eu não sei, se tivemos uma batalha favorável, se o soldado brasileiro, revoltado como se acha, terá forças para sufocar o desejo de vingança que o atormenta! (Tenente-coronel Augusto Francisco Caldas, comandante do 5º Batalhão de Voluntários da Pátria)⁶¹

A derrota gerou uma séria crise entre os Aliados, de modo que foi preciso o governo Imperial nomear o Marquês de Caxias para comandar as tropas brasileiras e substituir o almirante Tamandaré por Joaquim José Inácio, o Visconde de Inhaúma.

Internamente, para obter mais soldados, em 6 de novembro de 1866, o governo Imperial também promulgou decreto dando alforria aos escravos da nação⁶², dirigido para aqueles que estivessem a serviço do Estado e que quisessem ir lutar na guerra contra o Paraguai. Em 17 de novembro, Caxias chegou a Itapiru, sob ordens e recomendações do imperador Dom Pedro II. Ainda que o general fosse de uma ala opositora ao monarca, politicamente falando. A situação não era das mais confortáveis.

⁵⁹JACEGUAÍ, Artur. *Reminiscências da Guerra do Paraguai*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011, p.185.

⁶⁰CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. II. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 221 e 225.

⁶¹COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.239.

⁶²Aqueles que eram de propriedade do Estado, escravos do serviço público.

Ao mesmo tempo, na Argentina, estourou uma revolta federalista no Nordeste e o comandante Mitre precisou ficar de olho no que se passava em seu próprio território, desviando a atenção dele do conflito no Paraguai. Em dezembro daquele ano de 1866, o Congresso norte-americano ofereceu mediadores para a paz definitiva entre as nações, os quais foram rejeitados pelo Brasil.

Os brasileiros ainda bombardearam Curupaiti com tiros de Curuzu e da Esquadra em 23/12/1866, em 29/12/1866, 08/01/1867, em 13/01/1867, em 02/02/1867, em 29/05/1867, em 06/08/1867, em 15/08/1867⁶³, em 13/02/1868⁶⁴ e 03/03/1868⁶⁵. Curupaiti foi abandonada pelos paraguaios em 22 de setembro de 1868, após serem atacados por Sauce e Espinillo, o que de toda forma os isolaria. Preferiram um recuo estratégico para Humaitá, depois de fazer frente aos brasileiros no dia anterior (21/09/1868).

Crise na Argentina e chegada de Caxias

Quando o calendário virou de 1866 para 1867, a revolta na Argentina piorou e as circunstâncias exigiram que Mitre voltasse ao seu território em fevereiro de 1867, para poder organizar as tropas contra a rebelião que já ameaçava expandir-se. Foi a ocasião que faltava para que Caxias assumisse o exército aliado e começasse uma série de medidas com o objetivo de treiná-las para os conflitos de 1868, quando poderiam, enfim, sobrepor o Paraguai e avançar a guerra que já estava parada desde setembro do ano anterior, depois de Curupaiti.

Outro front

Em outro ponto geográfico do teatro de operações, dessa vez no sul do Mato Grosso, os brasileiros chegaram à Fazenda Laguna, em Bella Vista, do lado paraguaio na fronteira com o Brasil, mas começaram a retirar-se, sendo perseguidos, até conseguirem se reunir onde hoje é o município de Anastácio, vizinho de Aquidauana.

Dos 3.500 brasileiros que participaram daquela tentativa de abertura de um segundo front, somente 700 chegaram ao final dela com vida⁶⁶. Quanto às tropas paraguaias, não se sabe

⁶³Aqui conseguiram ultrapassar Curupaiti e ficar fundeados entre a fortaleza e Humaitá.

⁶⁴Nesse dia, mais navios brasileiros subiram o rio para se juntar com aqueles que haviam passado em 15/08/1867.

⁶⁵Novos navios brasileiros ultrapassaram a fortaleza.

⁶⁶Sobre o caso, ver TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A retirada da Laguna*. traduzida da 3 ed. francesa pelo prof. B. T. Ramiz Galvão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580874/000970217_Retirada_Laguna.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.

exatamente o seu número⁶⁷ e nem a quantidade de baixas durante a perseguição.

Voltando ao front principal, outro inimigo atacava, ao mesmo tempo, os exércitos combatentes aliados e paraguaios. Nada menos do que 4.000 brasileiros pereceram pelo cólera e, em maio, a epidemia chegou ao lado paraguaio, não havendo a quantia exata de mortos militares e civis. Em poucos meses, a doença que teria sido trazida do Rio de Janeiro, levada para a Argentina e se espalhado para o teatro de operações paraguaio, matava, como lembra Paula Andrea Baruja⁶⁸, pelo menos 150 pessoas por dia nos meses em que durou. Semanas depois, da mesma forma que chegou, desapareceu, ainda que surtos fossem observados em anos seguintes e mesmo no pós-guerra, como no caso argentino. Até o vice-presidente da Argentina, Marcos Paz, morreu vítima da doença, em janeiro de 1868:

Tem continuado a chover; ontem saí das linhas embaixo de chuva, e amanhã torno a entrar, talvez com chuva, que ela continua! Vida desgraçada! O cólera já está entre nós, tem aparecido alguns casos que matam em menos de uma hora o que tem sido acometido; Deus e Nossa Senhora de Nazaré nos queira proteger; mais este inimigo! (...) Fui hoje a missa de 7º dia pelo passamento do Alferes Requião. Visitei o coronel José Auto, comandante de Divisão que está doente; e não tendo no que mais empregar o tempo, para não estar pensando no cólera que nos está assolando, cortei um papel para oferecer ao Coronel Bethézé, comandante da brigada. (...) O frio continua excessivo, e o cólera continua a nos ceifar, conquanto seja em pouca escala. (...) Hoje caiu o major Fortunna, acometido do cólera, parece-me que morre pelo desânimo em que ele se acha! (...) Entro de linhas avançadas; os inimigos López e cólera continuam a nos perseguir! Deus se lembre de nós! (...) Choveu hoje todo o dia, a tarde melhorou um pouco. O cólera continua a nos visitar com muita atividade - Deus queira nos afastar dele - Nossa Senhora de Nazaré se compadeça de nós. (tenente-coronel Joaquim Cavalcanti d'Albuquerque Bello, do Pará, em abril e primeira semana de maio de 1867)⁶⁹

(...)

A peste, de salto em salto, foi propagando-se no país, matando a muitas pessoas do povo. Seu desenvolvimento foi favorecido pelo estado de miséria em que se encontravam as famílias, que haviam tido de abandonar suas casas, imigrando de um ponto ao outro, formando grandes agrupações ambulantes, semelhantes a um caravansérail⁷⁰, circunstância que fazia impossível atender a higiene mais elementar. (Juan Crisóstomo Centurión)⁷¹

Também em 1867, no mês de junho, os paraguaios abandonaram Corumbá e tropas brasileiras a ocuparam, em uma reocupação momentânea, pois os paraguaios voltariam meses depois. A cidade só seria retomada de maneira definitiva em 1868.

Uma novidade marcou o mês de junho daquele ano de 1867: os balões de observação trazidos

⁶⁷Estima-se em pelo menos 3.500 homens.

⁶⁸BARUJA, Andrea Paula. *La sanidad durante la Guerra de Triple Alianza*. De posiciones, trincheras y epidemias: la muerte sin gloria (1864-1870). Disponível em: https://www.colegiomilitar.mil.ar/rediu/pdf/ReDiU_1848_art06-La%20Sanidad%20Militar%20durante%20la%20Triple%20Alianza.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

⁶⁹BELLO, Joaquim Cavalcanti Albuquerque; SALLES, Ricardo; ARRAES, Vera (org.). *Diário do tenente-coronel Albuquerque Bello*: notas extraídas do caderno de lembranças sobre sua passagem na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011, pp. 206, 208, 209 e 210.

⁷⁰Era um local de comércio onde as caravanas paravam no Oriente Médio, sempre muito movimentado.

⁷¹CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. II. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 257.

pelos Aliados, importados dos Estados Unidos, porém que não tiveram o resultado desejado, porque quando não havia nevoeiros nos meses de inverno, os paraguaios faziam grande fumaça e ainda a empurravam para o lado brasileiro, causando grande incômodo nas vistas e no trabalho de observação em si:

Em fins de maio chegaram a Tuiuti, dois balões para se observarem as posições paraguaias, abrigadas pelas matas que nos ficavam em frente. A primeira ascensão teve lugar a 24 de junho. O balão subiu a uma altura de 330 metros, preso a duas cordas e sustentado por alguns soldados. Um oficial encarregava-se de observar do balão as posições inimigas e fazer um croqui. As ascensões se faziam regularmente. O inimigo tentou várias vezes com tiros de canhão à toda bolada e bombas de morteiro destruir os balões; mas, não o conseguiu. Afinal, sempre que os paraguaios notavam que o balão começava a subir, tratavam de fazer grandes queimadas no interior das fortificações para envolver tudo em espessa fumaça e assim evitar que o observador pudesse devassar as suas posições. (coronel de Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann)⁷²

(...)

Para o indicado reconhecimento da esquerda da nossa linha de Paso Pucú, os inimigos fizeram uso de um balão que se levou como umas 100 varas, e no qual iam um engenheiro e um vaqueano paraguaio, chamado Higinio Céspedes, vizinho da Capela de Pedro Gonzalez, e que conhecia perfeitamente todos aqueles lugares. (Francisco Isidoro Resquín)⁷³

(...)

O marechal mandou inutilizar ao balão com rifles; mas vendo que era um esforço estéril, ordenou que os tiros fossem dirigidos contra as cordas. Se bem que não deu o resultado esperado, foram feridos alguns dos que a seguravam, mas como para esse caso tinham soldados de reserva, aqueles foram imediatamente substituídos, evitando assim que fosse interrompido o reconhecimento.

Então, o marechal tentou do outro expediente: cada vez que o balão fazia sua ascensão, mandava fazer grandes queimadas com palhas secas diante das trincheiras, a fim de impedir que pudessem contar o número de canhões e morteiros que havia na bateria, e examinar a natureza do terreno dentro de nossa posição em Paso Pucú. Depois, passada a novidade, já ninguém fazia caso. Todo mundo o olhava com indiferença. (Juan Crisóstomo Centurión)⁷⁴

Taticamente, em julho, Caxias pediu que as tropas que ocupavam Curuzu abandonassem a posição e recuassem para Tuiuti, onde deu início a uma série de preparações e reorganizações de efetivo, com o objetivo de poder levar em frente uma grande ofensiva em 1868, como de fato aconteceu.

Reforços chegaram com o III Corpo de Exército, trazido do Rio Grande do Sul pelo general Osório, que depois de um tratamento de saúde, voltou ao teatro de operações para ajudar o colega Caxias.

Em julho de 1867, Caxias também iniciou a chamada Marcha de Flanco, que alcançaria quase 46 km em nove dias, dando ao Exército Brasileiro um ponto privilegiado para poder cortar comunicações paraguaias e impedir deslocamentos dos inimigos em uma manobra de cerco. A ideia

⁷²BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay*. v. 2. Curitiba: Imprensa Paranaense. 1897, p.23.

⁷³RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Asunción: Dirección de Publicaciones de las FF. AA. de la Nación/E. M. G. Imprenta Militar, 1971, p.53.

⁷⁴CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. II. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 258.

foi flanquear o inimigo pela esquerda, movendo tropas de Tuiuti para Tuiú-Cuê.

No final do mês de julho, Caxias, com toda a tropa dos brasileiros, que passava de 30 mil soldados, chegou a Tuiú-Cuê, e o general Mitre voltou para a linha de frente após ter resolvido suas questões internas na Argentina.

Já na chegada, Mitre ordenou que a esquadra brasileira forçasse passagem até Humaitá, de modo que a fortaleza ficasse isolada. A ordem foi cumprida, parcialmente, com a passagem de parte da Esquadra por Curupaiti, mas romper a defesa de Humaitá foi impossível. Como Mitre continuou insistindo, os brasileiros alegaram não ser possível naquele momento e Caxias apoiou José Inácio, comandante da Marinha, isolando Mitre quanto aos pedidos de novas ordens.

A guerra estava sendo observada também no estrangeiro e para tentar pôr fim ao conflito, o governo britânico enviou um emissário. Porém, nenhum dos lados oponentes quis abaixar a guarda e a guerra seguiu. Tanto que, em 2 de novembro de 1867, os brasileiros ocuparam a localidade de Tahí, que acabou por isolar Humaitá de vez. Naqueles dias, os soldados imperiais tinham uma linha de trincheira que se estendia de Paso de Patria até Potrero Pires e Tuiuti.

A segunda batalha de Tuiuti⁷⁵

Em 3 de novembro de 1867, os paraguaios atacaram com 9.000 soldados contra 2.700 aliados pelo lado direito do acampamento dos argentinos, que eram auxiliados pelos homens do 4º Corpo de Voluntários da Pátria da Bahia. Ao tentar estender o ataque para o centro, onde o grosso da tropa brasileira estava situada, os paraguaios não tiveram sucesso.

Antecipando uma leitura da batalha, o Visconde de Porto Alegre fez com que as tropas do lado esquerdo convergissem para ajudar o centro, de modo que os paraguaios fossem combatidos por unidades mais descansadas e, ao mesmo tempo, em maior número. Para completar, era no centro do acampamento que estavam as instalações de comércio e muitos dos soldados de López se lançaram ao saque, desordenando as formações que estavam seguindo durante o combate.

Aproveitando-se disso, os brasileiros partiram para o contra-ataque e quando os paraguaios começaram a perceber que poderiam ser cercados, bateram em retirada. O que não impediu que 1.300 ginetes da cavalaria os perseguissem até próximo de Tuiú-Cuê e que mais 400 outros soldados argentinos os pegassem também no meio do caminho.

O resultado, mais uma vez, foi catastrófico para os paraguaios, que tiveram 4.000 baixas, entre as quais 2.734 mortos e 155 prisioneiros. Auxiliar a defesa contra o ataque paraguaio custou

⁷⁵DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p. 554.

259 brasileiros e 35 argentinos mortos, em um total de 2.045 baixas, contando os feridos⁷⁶.

Aos paraguaios restou admirar e ostentar 12 canhões e três estandartes argentinos que foram levados para seus acampamentos. O que fez com que López criasse medalhas e congratulações, tendo vendido a batalha como um sucesso e não como um desastre:

O inimigo vendo-se por fim forçado a abandonar a sua ousada empresa, pôs-se na mais desordenada fuga; e na ocasião, em que já ali transpunha a linha avançada do entrincheiramento, chegou a força auxiliar sob o comando do Exm. Sr. brigadeiro Victorino, a qual apenas concorreu para tornar mais completa e precipitada a mesma fuga. (Ordem do dia 165, do Exército brasileiro, assinada pelo general Caxias)⁷⁷

(...)

Tão logo tiveram notícias em Tuiú-Cuê do que se passava em Tuiuti, mandaram reforços com a prontidão que o caso requeria. O general Hornos, a cabeça de três regimentos e da Legião Paraguaia, e o general Vitorino com sua própria divisão e outras mais de cavalaria brasileira, chegaram a Tuiuti a galope, e atacaram com inusitados bríos a nossa cavalaria, momentos depois que esta havia terminado a tomada dos redutos. A nossa cavalaria apesar de mal montados, não desmentiu a fama de que a justo título gozava, peleando valorosamente, e levando algumas cargas vigorosas aos adversários, que foram afrontados com igual energia e valor. O combate braço a braço durou por mais de uma hora: em seguida fez a retirada à nossa cavalaria, ficando tudo terminado às nove horas da manhã. (Juan Crisóstomo Centurión)⁷⁸

(...)

Nossa artilharia de campanha, na linha de fogo, persegue o inimigo, e este debandado, esforçando-se em vão para estabelecer a ordem em suas fileiras, acaba de ser derrotado por nossa cavalaria. Os redutos argentinos são retomados. Os paraguaios abandonam o campo, na maior desordem, deixando-o juncado de cadáveres. O resto da força inimiga retira-se horivelmente acossada pela nossa metralha e fuzilaria; e logo que pressentiram os reforços de Tuiú-Cuê, que infelizmente chegam tarde para colher todos os frutos dessa vitória. Ao meio-dia cessara o fogo. Caro pagávamos o nosso triunfo! Os batalhões que lutaram no reduto, ficaram reduzidos à metade de seus efetivos. (1º tenente de Engenharia do Brasil, Emílio Carlos Jourdan)⁷⁹

(...)

É que o inimigo recua de todas as faces do reduto. A nossa metralha recrudescer de furor: espedaça pelotões inteiros. Os oficiais mal podem conter os seus paraguaios que fogem cambaleantes, impelidos por um fogo espantoso de canhão. (...) Na retirada, uma força inimiga passa pelo comércio e trata de saqueá-lo. (...) Algumas dezenas de paraguaios que não se haviam embriagado fogem com sacos de farinha, mantas de toucinho, caixas de biscoitos, enfim com o que podem conduzir; mas, atropelados por alguns destacamentos do 5º Corpo de Caçadores a Cavalo, vão largando a carga ao chão para mais facilmente salvarem-se. Grande número também deles, apenas nos avistam, tratam de se entrincheirar

⁷⁶DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p. 554.

⁷⁷COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.446.

⁷⁸É interessante que tanto o autor quanto seu contemporâneo, general Resquín, consideram uma vitória paraguaia o encontro entre os exércitos em 03/11/1867, mesmo com o elevado número de baixas paraguaias, com a falta de ganho de terreno para seu lado e somente conquistas de algumas peças de artilharia e bandeiras, que no ano seguinte seriam pegadas de volta pelos brasileiros. Naquele dia, os paraguaios perderam quase um terço da força que enviaram para o combate, enquanto os brasileiros, mesmo com tantas baixas, sentiram menos o golpe, já que tinham soldados suficientes para repô-las com igual qualidade. O mesmo não se poderia dizer dos paraguaios. O comércio aliado destruído, foi reconstruído semanas depois. Sobre isso, ver: CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. I. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 51-52.

⁷⁹JOURDAN, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1871, p.60. O tenente completou depois que “não se pôde enterrar todos os cadáveres, pois, na retirada foram mortos nos banhados muitos paraguaios e ali ficaram”. (Ibid.)

nas casas e fuzilar-nos. Mesmo nas ruas há vários grupos que resolvem resistir. Debalde queremos poupar-lhes a vida, intimando-lhes a que se entreguem: a resposta, porém, é a morte que nos arremessam nas balas. É então, necessário fazê-los evacuar a povoação, e as duas bocas de fogo começam a sua faina de destruição, calando-se, por momentos, para dar lugar às cargas dos dois esquadrões. Passados minutos, então muitos paraguaios correndo do interior das casas, fogem deitando fogo a alguns ranchos, dos quais imediatamente desprendem-se enormes labaredas que ateiam o incêndio que se vai comunicando e, assim, em poucos instantes todo o comércio é inundado por um mar de flamas! Às crepitações das chamas; ao estalido do madeiramento em brasa; ao rumor da queda das casas, em que o fogo consumira a sua obra, reúnem-se os gritos e gemidos lancinantes de muitos inimigos que a embriaguez conservara no interior das lojas e vendas. Todos estes infelizes se carbonizam com elas. É medonho o espetáculo! É uma cremação de vivos! Tudo isso produz rumores tétricos que se ouvem ao longe, rumores que, afinal, se integram, se confundem, como sons de orquestra lúgubre e sinistra! Depois de algum tempo eles foram pouco a pouco se smorzando⁸⁰. É que tudo estava consumado. (coronel de Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann)⁸¹

Caxias assume o comando

Internamente, as disputas entre os comandantes aliados prosseguiram e o general Mitre continuava a tentar fazer a Esquadra brasileira forçar passagem por Humaitá, ao que o governo brasileiro informou que, mesmo sendo comandante em chefe, ele não tinha autoridade sobre os navios brasileiros. Isso foi em dezembro de 1867 e menos de um mês depois, em 14 de janeiro de 1868, Mitre retirou-se do cargo que ocupava para reassumir a presidência argentina, por conta da morte do vice-presidente que o estava substituindo, Marcos Paz, vítima de cólera.

Dali em diante, seria o general Caxias o novo chefe das forças aliadas, investindo e aprimorando o treinamento dos soldados que garantiriam a vitória total sobre os paraguaios.

Recuo paraguaio

Em 19 de fevereiro de 1868, seis navios da Esquadra brasileira finalmente ultrapassaram Humaitá e navegaram rumo à capital dos paraguaios, Assunção. Em 22 de fevereiro, a cidade já estava evacuada e sofreu bombardeios contínuos em 28 de fevereiro, com baixa resistência que não fosse de alguns canhões com pouca munição. A capital do Paraguai foi transferida para Luque, a menos de 12 quilômetros de distância.

Tentando a todo custo parar o avanço aliado, em 2 de março de 1868, Solano López tentou apoderar-se de parte da Esquadra Imperial, enviando canoas camufladas por aguapés e outras plantas aquáticas, com homens que levavam somente sabres e punhais, em uma noite chuvosa e escura para subir nos navios, matar seus ocupantes e tomar as embarcações.

⁸⁰Termo proveniente do vocabulário da música, o mesmo que o som ir reduzindo aos poucos.

⁸¹BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay*. v. 2. Curitiba: Imprensa Paranaense. 1897, pp.66-68.

Contudo, para o azar de López e dos homens enviados para aquela missão suicida, os ocupantes foram descobertos antes que pudessem executar os seus planos e muitos foram mortos ou feridos pelos brasileiros, que os detectaram com antecedência. O combate ganhou intensidade, e pelo menos 1.500 paraguaios tomaram parte dele até o amanhecer, quando, com o sol já raiando, foi encerrado. Quase um terço dos paraguaios combatentes foi morto ou ferido:

Pelas indagações a que procedi, o que pude colher e que mais razoável me parece é o seguinte; López mandou escolher os homens mais fortes e que melhor soubessem nadar, tirando-os quase todos de sua própria guarda de Paso Pucú. Dividiu-os em sete companhias de 200 cabeças cada uma; deu o comando de quatro aos capitães de cavalaria: Eduardo Vera, Cespedes, Bernardo, Gene, e o de outras aos oficiais de marinha, Pereira e Hurrapeleta. Era cada companhia destinada a atacar um navio, e vinha embarcada em oito canoas jungidas duas a duas, com 25 homens cada uma. Não conservando a ordem devida desde que largaram de Humaitá, atracaram 14 ao *Lima Barros*, mais do que oito ao *Cabral*; as outras foram destruídas pelo *Silvado e Herval*, e até em Porto Elisiario, por ordem do comandante Queiroz, do *Colombo*, pelo pequeno *Lindoya*. Ao número, pois, de 113 cadáveres encontrados a bordo deve juntar-se o dos perecidos no rio, e mesmo dos mortos e feridos, que foram conduzidos para terra em algumas canoas, que o *Colombo* destruiu, das quais foram aproveitadas 11 em bom estado; e não exagerarei se computar a perda do inimigo era 400 homens, lição heróica, que muito deve abater o orgulho do tirano paraguaio. (*Barão de Inhaúma*, comandante em chefe da Marinha)⁸²

Preocupado com os rumos que a guerra poderia tomar dali em diante, cercado em Humaitá, López começou a abandonar aquele acampamento e ir se instalar em San Fernando, 10 km ao norte, na foz do Rio Tebicuary. O plano de abandono foi planejado em escalas e executado até 23 de março de 1868, noite na qual grande parte das pessoas que estavam naquele baluarte paraguaio passaram para o outro lado do rio, na região do Chaco, deixando encarregado de defender Humaitá somente 3.000 homens.

Mato Grosso e Humaitá

No front do norte, no atual Mato Grosso do Sul, os paraguaios evacuaram de vez suas últimas tropas e as transferiram para o front do sul porque precisavam de soldados. Entretanto, os brasileiros só descobriram a retirada deles em agosto, quatro meses depois.

Ao mesmo tempo, teorias da conspiração começaram a circular entre os paraguaios. Uma delas, de que traidores haviam preparado a morte de López, que entre maio e junho de 1868, fuzilou dezenas de suspeitos, entre eles Angel Benigno López, irmão dele, e o cunhado Vicente Barrios, Ministro da Guerra. Em 9 de julho de 1868, López tentou novamente tomar navios brasileiros com a mesma tática de mandar canoas camufladas. E mais uma vez falhou.

⁸²COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.551.

Os brasileiros, ainda que sem saber o número exato de defensores de Humaitá, optaram por atacá-la com o III Corpo de Exércitos, comandado pelo general Osório. Sofreram muitas baixas e não conseguiram tomar o espaço. Todavia, entre 24 e 25 de julho de 1868, sem terem como prosseguir a defesa, os soldados paraguaios evacuaram a posição durante a noite e os brasileiros entraram, encontrando a fortaleza vazia.

Essas tropas paraguaias que saíram de Humaitá se juntaram a outros paraguaios que ainda estavam no Chaco. Foi inevitável que, entre 26 de julho e 5 de agosto de 1868, escaramuças se dessem durante a travessia desesperada dos paraguaios por lagoas e pântanos, querendo fugir dos brasileiros, que, lembremos, já estavam no Chaco desde o ano anterior, com a Marcha de Flanco ordenada por Caxias.

Ao final, alguns paraguaios conseguiram fugir daquele cerco, mas boa parte rendeu-se após muita negociação e foi mandada de volta para Humaitá. Tornaram-se prisioneiros com a promessa de que não seriam colocados nas linhas de frente para lutar contra seus compatriotas⁸³ e de que poderiam ficar naquela região sem se envolver de novo na guerra. Quem conseguiu escapar do Chaco e de Humaitá deu um jeito de se juntar ao Exército em San Fernando. O general paraguaio Francisco Isidoro Resquín descreveu⁸⁴ a rendição como ato antipatriótico e “vergonhosa”, condenando os oficiais superiores e seus comandados por não resistirem o suficiente, o que, aparentemente, na visão dele, seria lutar até a morte em uma batalha perdida. Por outro lado, os brasileiros fizeram propaganda por terem ocupado o reduto invencível de López:

Ontem renderam-se os paraguaios do Chaco, em número de 1.200 homens, entre os quais 90 oficiais, segundo dizem; para 3.000 almas que saíram de Humaitá faltam ainda 1.800, dos quais consta, que, parte morreram nos sucessivos ataques que houve na lagoa, parte lograram fugir por dentro dos matos no primeiro dia da passagem, porque depois que os nossos principiaram a operar, já não foi possível passarem sem grande perda de gente, até que afinal lhes foi cortada, completamente, a retirada, do que resultou ficarem sem ter o que comer, tanto que, segundo eles, há três dias comeram um último burro magro, tendo nos anteriores comido 24 cavalos. Vi essa pobre gente faminta, e todos mostravam uma alegria expansiva; o desembarque foi feito entre alas formadas pelos nossos e argentinos a toque de música. O chefe vinha na frente com divisas, creio que de coronel, acompanhado de seus ajudantes e com suas espadas; o chefe era cumprimentado pelos nossos oficiais, entre eles um coronel, que fazia a recepção, e correspondia com afabilidade e risonho, não deixando de mostrar em seu semblante admiração provavelmente dos afagos com que eram recebidos. Quando o vapor em que vinham os rendidos atracava à barranca, caiu sobre eles uma chuva de pães e laranjas, e logo que chegaram a terra encontraram com profusão carne, lenha e bolachas. Estive entre eles até 10 horas da noite, mais ou menos, e assisti a cenas bem lindas, que muito honram a nossos soldados. Todos presenteavam aos paraguaios com o que tinham, cigarros, charutos, pão, laranjas, e até iam buscar algumas coisas que faltavam, como lenha,

⁸³Os Aliados criaram um grupamento de combatentes paraguaios, desde 1865, chamado “Legión Paraguaya”, que geralmente atuava sob o comando dos argentinos. Eles eram odiados e chamados de traidores pelos soldados de López. Havia entre eles aqueles que realmente se batiam por ódio ao governo paraguaio e aqueles que, como prisioneiros de guerra, se viram na difícil situação de não ter outra escolha.

⁸⁴p.83

etc. Havia entre essa pobre gente alguns meninos de 10, 12 e 14 anos, que eram continuamente abraçados pelos nossos soldados. (Correspondente brasileiro em Humaitá)⁸⁵

Com a tomada de Humaitá, Caxias escreveu para o Ministro da Guerra, o Barão de Muritiba, que já poderia ser encerrado o conflito, pois, na visão dele, não tinha mais sentido continuar. Ao que Dom Pedro II respondeu que a guerra ainda não estava acabada, afinal, os itens assinados no tratado secreto diziam indiretamente que López deveria ser preso, exilado ou morto.

Os soldados argentinos também pensavam parecido com Caxias e até chegaram a anunciar que não seguiriam mais rumo a Assunção, ao que Mitre mandou ordem contrária, reforçando a posição de Dom Pedro II e lembrando que não seguir seria equivalente a romper o tratado com os brasileiros, o que não seria aceitável.

De volta ao conflito

Logo, em 14 de setembro de 1868, o exército aliado retomou a marcha em direção à Palmas, localidade próxima à fortificação de Angostura, onde os paraguaios vinham se reforçando para impedir o acesso fluvial para Assunção, organizando a defesa com uma série de canhões.

No caminho, no dia 23 de setembro de 1868, aconteceu o combate de Arroio Surubi Hi. Os paraguaios, comandados pelo coronel Montiel e pelo tenente coronel Roa, atacaram os brasileiros que estavam acampados naquela localidade e os imperiais se defenderam, repelindo-os - ao custo de 89 mortos e 203 feridos, além de dois prisioneiros, enquanto os paraguaios tiveram 128 baixas, entre mortos e feridos⁸⁶. A ideia do ataque era postergar a chegada dos brasileiros ao porto de Palmas. Não adiantou. E no dia 24 de setembro, os brasileiros já estavam lá, às margens do Estero Poí.

Somente sob o comando de Caxias, em 36 dias, os brasileiros haviam marchado mais de 200 quilômetros por terrenos banhados e alagados, os quais não dispunham de mapas tão detalhados, usando guias locais.

Em 3 de outubro de 1868, ficou decidido que não existiria mais a figura do comandante em chefe aliado e que, dali em diante, os três exércitos (brasileiro, argentino e uruguaio) se bateriam em conjunto contra os paraguaios, sempre que a ocasião exigisse, dependendo apenas do entendimento de seus líderes.

Uma vez em Palmas, Caxias ordenou que fosse construído um caminho de 12 km no Meio Chaco. A missão foi concluída em 23 dias, com os soldados trabalhando em escalas, empregando

⁸⁵COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo III. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.653.

⁸⁶DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, p. 538.

cerca de 3.550 deles no trabalho braçal e segurança. Dos 12 quilômetros, três tinham cobertura de troncos e nove de palmeiras, cortadas especificamente para deixar o terreno sólido, de modo que a tropa pudesse marchar e cercar Angostura por terra, como de fato o fez.

Ao mesmo tempo, a Esquadra Imperial transportou o exército do Chaco para San Antônio, na retaguarda das fortificações paraguaias. O trabalho foi feito em quatro dias, de 5 a 9 de dezembro de 1868. Com o avanço brasileiro, o choque com os paraguaios da região foi inevitável, sendo o primeiro deles em Itororó.

Itororó

Na noite de 5 de dezembro de 1868, os brasileiros fizeram reconhecimento e perceberam que havia pouca tropa na ponte sob o Rio Itororó, passagem obrigatória rumo ao norte do país, a única com ponte de fácil acesso. Entretanto, os paraguaios fortaleceram a posição na madrugada, chegando ao total de 5.000 homens que fariam frente a mais de 20.600 brasileiros.

O local era estreito e os barrancos das margens do riacho eram altos, variando de três a cinco metros, de modo que não eram possíveis de serem escalados facilmente. Quando amanheceu, os brasileiros foram recebidos por fogo cruzado e uma manobra que eles pretendiam executar, mandando Osório franquear o inimigo e atacar pela retaguarda paraguaia, não pode ser executada. Isso porque o general Osório não conseguiu avançar por um caminho desconhecido e seu guia, um paraguaio a serviço dos brasileiros, perdeu a trilha, atrasando sua chegada, que só se deu depois, no final do combate de Itororó.

Uma parte dos brasileiros se jogou com tudo contra os paraguaios que defendiam a ponte. Porém, depois de um sucesso inicial, foram expulsos para as linhas iniciais. O combate era medonho e as tropas se revezavam no controle da ponte, ora na mão dos brasileiros, ora na mão dos paraguaios.

Em determinado momento, morreu Fernando Machado, que agia sobre as ordens do general Salustiano dos Reis na primeira onda de ataques. Sua tropa dispersou-se e começou a recuar. Os paraguaios se animaram e foram ainda mais para cima dos brasileiros, que mandaram que as tropas do general Alexandre Gomes de Argolo Ferrão Filho avançassem. Mas ele também foi ferido em combate e restou ao próprio comandante geral dos brasileiros, o general Caxias, mandar seus próprios homens do I Corpo de Exércitos, sob o comando do general Jacinto Machado, para expulsar os paraguaios da ponte.

Os combates ficaram ainda mais complicados e em determinado momento parecia que os paraguaios estavam vencendo.. Vendo que as coisas poderiam se complicar, que os homens de

López, comandados por Bernardino Caballero e Valois Rivarola, mesmo em menor número, poderiam deter os brasileiros. O próprio Caxias tomou à frente do ataque e teria dito algo como: sigam-me os que forem brasileiros!

Logo todas as tropas avançaram unidas e a divisão de um certo general Nery⁸⁷, com 4.500 homens, se apoderou definitivamente do objetivo militar. Depois do ataque, no total, as baixas brasileiras foram de 1.864 com centenas de oficiais entre as vítimas. Os paraguaios não tiveram melhor sorte. Foram 1.600 baixas, entre prisioneiros, feridos e mortos⁸⁸. Quem fugiu se reorganizou em Avaí:

O inimigo, conhecendo a importância da posição e que foi obrigado a abandonar, voltou de novo à carga, empregando os mais pertinazes esforços. Três vezes arremessaram-se sobre os nossos e três vezes recuaram, ficando em nosso poder a ponte de Itororó. (...) S. Ex. o Sr. general em chefe que, desde o princípio da luta, se achava com seu estado maior no alto da colina, onde as balas inimigas faziam grande mortandade na força que ali estava reunida, entrou então mais intimamente na área do combate, levando ao fogo os batalhões do 1º e 2º corpos de exército, formados em coluna de ataque. O ardor e entusiasmo de que se possuíram as nossas forças nessa ocasião foram tais, que o inimigo em pouco tempo fugiu derrotado e na mais completa debandada. (Diário do Exército, de 27 de novembro de 1868)⁸⁹

(...)
Parecia aquilo, a distância, uma luta de formigas vermelhas e pretas; avançavam, retrocediam, voltavam todos ao som de desafinados hurras, em um na desordem grandiosa; 16.000 combatentes lutavam desesperadamente queimados por um sol canicular, um sol paraguaio, que inflamava a atmosfera saturada de fumaça de pólvora, e comovida de ecos selvagens.

As vibrações da artilharia estremeciam a terra como se fossem um terremoto. Solo coberto de cadáveres e feridos, pisoteados pela cavalaria que ia e vinha lanceando e morrendo; reluzindo seus grandes sabres, e repiqueteando as esporas nazarenas que soavam como os anéis de uma serpente cascavel ao aproximar-se, rodando pela areia homens e cavalos em sangrentos tombos.

Aquele quadro de amotinamentos horríveis semeava a batalha satânica. Essas caras de cobre, negras, reluzindo ferocidade, abrasadas, suadas, crispadas, colorindo uns olhos espirituosos e ávidos de sangue, refletiam um ódio tremendo: a baioneta, o sabre, a metralha, tudo funcionava aturdindo em consonância atroz, e ali podia muito bem compreender-se que o homem não é senão um tigre com face humana: é o selvagem primitivo, coberto hipocritamente com o manto benfeitor de civilização. Três vezes avançaram e retrocederam os brasileiros, três vezes avançaram e retrocederam os paraguaios. (José Ignacio Garmendia, capitão do I Batalhão da Divisão Buenos Aires da Guarda Nacional)⁹⁰

(...)

O combate, ainda assim, seguia cada vez mais encarniçado: o sabre, a baioneta e os canhões funcionavam com atividade espantosa. As armas de fogo enchiam a atmosfera com ruidosos estampidos, o solo estava coberto de cadáveres e feridos agonizando, estes últimos em areias e lamas, dando gritos lastimosos de dor e desespero! E tal era o ardor da luta, que não dava tempo para retirá-los do campo, de modo que eram pisoteados pela cavalaria, que avançava e retrocedia, matando e morrendo, caindo sobre eles, mortos ou feridos, cavalos e cavaleiros, em caótica e sangrenta confusão.

⁸⁷Não conseguimos localizar o sobrenome.

⁸⁸DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras* – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais. São Paulo: IBRASA, 1987, p. 328.

⁸⁹COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, pp.68-69.

⁹⁰GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Casa Editora Peuser, 1889, pp.307-308.

Aquele quadro era indescritível. Os homens convertidos em feras em cujas faces se pintava a raiva que estavam animados, ávidos de sangue e lançando um alarido ensurdecedor, se batiam com um encarniçamento atroz, cobertos de sangue que brotava das feridas que esguichavam, de pó misturado com pólvora e empapados de suor abaixo dos raios de um sol canicular.

(...) O comportamento heróico do soldado paraguaio em Itororó chegou aos que sobreviveram como uma lembrança imperecível. A retirada da coluna paraguaia foi a mais honrosa; ela não foi imposta pela impossibilidade material de continuar a resistência, senão para escapar-se do golpe de uma combinação estratégica que haveria sido funesta. (Juan Crisóstomo Centurión)⁹¹

A Batalha do Avaí

O próximo encontro entre os exércitos foi em 11 de dezembro de 1868, ao lado do pequeno Rio Avaí, que passa na margem esquerda acima de Villeta. Os paraguaios, que haviam sobrevivido ao primeiro ataque em Itororó, receberam reforços e mais uma vez se posicionaram com 5.000 homens e canhões em uma pequena colina ou loma, como chamam.

Os brasileiros lhe faziam frente com mais de 18.900 homens, além de 26 canhões, tendo o general Osório no centro; à esquerda, o Barão do Triunfo com a sua cavalaria; e à direita, o general João Manoel Mena Barreto.

Pouco antes do embate, começou uma chuva muito forte que prejudicou os paraguaios, que estavam armados com vários fuzis antigos de chispa, de tal maneira que não conseguiram disparar suas armas durante a precipitação pluviométrica.

Mesmo com o dilúvio, os paraguaios foram atacados pelos flancos e de frente, de modo que eles não pudessem recuar de forma ordenada. Diferente dos ataques anteriores, os paraguaios não tiveram tempo de construir trincheiras e precisaram enfrentar os brasileiros em campo aberto, na proporção de quase quatro soldados para um.

O resultado foi uma trágica derrota. Somente alguns poucos, talvez uns 200 soldados e os generais Caballero e Rivarola conseguiram voltar para López e, ainda assim, se batendo para fugir do meio do combate.

Em Avaí, os paraguaios tiveram 3.600 mortos e aproximadamente 1.400 prisioneiros, dos quais 600 feridos, tendo perdido ainda toda a artilharia e 11 bandeiras. Entre os brasileiros, as perdas foram de 1.728 baixas, das quais 297 mortes, com 31 delas sendo de oficiais⁹². Com a queda de Avaí, o caminho ficou aberto para Assunção:

Ao aproximarem-se nossas forças do arroio Avaí, vi que o inimigo, forte de 5 a 6.000

⁹¹CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. III. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 268, 269 e 273.

⁹²DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, pp. 199-200.

homens das três armas, estava estendido em linha de batalha, no intuito de nos disputar o passo. (...) A mortalidade do inimigo excedeu a 3.000 homens que foram por nós dados à sepultura; 11 bandeiras, uma quantidade extraordinária de munições de guerra e de armamento, e 200 rezes completam os troféus deste dia, tão glorioso para o exército brasileiro. São contestes todos os prisioneiros em asseverar que apenas 200 homens, quando muito, em grupos de 16 a 20, puderam escapar de toda a força paraguaia que nos deu batalha nesse dia. (general Caxias, comandante dos exércitos aliados)⁹³

(...)

Então, se viu um espetáculo que horroriza minhas lembranças, e que fecho os olhos em vão para não ver esse campo de batalha. Os paraguaios vendo-se perdidos, se debandaram, precaução em vão; o quadro das quatro pontas, se transformou em um círculo de matança; 17.000 homens embravecidos começaram a faina ao som de ataque.

Aterrorizados e atordoados, sem escape, se agruparam entre si os paraguaios; os mais bravos, vendem caro sua vida, outros sucumbem sem sentir; os meninos lançam as armas e se jogam aos pés dos soldados brasileiros: se arrastam, dobram os seus joelhos, pedindo compaixão. A piedade não dá ouvidos àquela expansão de ódios sem resistência; os que não morrem pelo braço forte dos nossos aliados, são pisoteados por seus cavalos e apresentam uma massa repugnante, pareciam mortos pelas garras de um tigre.

As atrocidades do tirano paraguaio haviam endurecido o coração dos seus inimigos: nenhuma fagulha de piedade. É que ouviam o “ai” torturante, que em um último suplício ordenado por aquele monstro, balbuciavam nossos companheiros prisioneiros. A represália ainda que com repugnância, foi admitida nos exércitos da civilização; é o meio selvagem de humanizar aos povos bárbaros⁹⁴. Quase todos pereceram; 3.500 cadáveres inimigos, enlodados em pântanos cor de sangue, jaziam amontoados em distintos grupos misturados. Ali estavam todas as idades, como se atestasse aquele ato inumano a destruição de um povo⁹⁵. (José Ignacio Garmendia, capitão do I Batalhão da Divisão Buenos Aires da Guarda Nacional)⁹⁶

(...)

No dia 11, o general Caballero foi atacado, mais uma vez travando uma luta feroz por mais de duas horas; mas cercado por causa dos numerosos inimigos que o sitiavam, não podia sustentar combate, nem mesmo livrar suas forças. Milagrosamente ele conseguiu se salvar, com um ajudante, porque o coronel Serrano e o comandante González, com todos os oficiais e tropas, foram presos. (Francisco Isidoro Resquín)⁹⁷

(...)

Os nossos vendo-se rodeados por todos os lados, formaram um grande quadrado que ia diminuindo a medida que iam morrendo. Todos se bateram, como bem diz Thompson, como leões! Pelearam sofrendo repetidos assaltos durante quatro horas! Aquele quadro representava a ideia de um grande panteão de seres humanos, dentro do qual iam caindo até que não ficasse quase nenhum! (Juan Crisóstomo Centurión)⁹⁸

(...)

⁹³COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, pp.161-162.

⁹⁴Em um ato que hoje poderia ser enquadrado como preconceito e xenofobia, muitos dos chefes aliados, senão a maioria, via a guerra como o generoso ato de levar a civilização aos paraguaios, a quem avaliavam como atrasados e bárbaros, inferiores em vários pontos de vista. Obviamente, que ao ler as palavras do argentino nos dias atuais, as frases causam revolta. No entanto, naquele contexto, na cabeça dos “líderes” daquele tempo, talvez aquela fosse uma justificativa para aceitarem seus próprios atos e para convencerem a si próprios de que estavam agindo certo. São visões de mundo daquele recorte cronológico e olhá-los com o entendimento que temos hoje, traz certo risco de anacronismo.

⁹⁵Garmendia, na página 332 de sua obra, comenta que 300 mulheres que haviam acompanhado parentes e amados na batalha, foram pegadas como “troféus” de guerra e passadas pela tropa, e que “a soldadesca desenfreada abriu as válvulas de sua feroz lascívia”, um eufemismo para dizer que elas teriam sido estupradas por homens do exército aliado. O autor diz ainda que não sabe “como elas não morreram”, o que conota que o que se deu pode ter sido um estupro coletivo sem precedentes. (GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Casa Editora Peuser, 1889, p. 332).

⁹⁶Ibid., p.331.

⁹⁷RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Asunción: Dirección de Publicaciones de las FF. AA. de la Nación/E. M. G. Imprenta Militar, 1971, p.90.

⁹⁸CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. III. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 279.

As espadas e as lanças voltejam nos ares; o sol, batendo nas lâminas daquelas e nas pontas aguçadas destas, dá-lhes um brilho que cega. Sobre os esquadrões inimigos, caídos por terra, a nossa cavalaria salta, o tripudia, ao som dos clarins e ao relinchar dos ginetes a espumar cólera e ódio! Em poucos minutos essa obra de trituração, do esmagamento, estava concluída! (...) O inimigo acaba vendo-se completamente cercado. Debalde os batalhões e regimentos inimigos pretendem romper o círculo; encontram as baionetas e as lanças que lhes opõem uma barreira de morte.

Então, a luta é indescritível. A coragem do inimigo toca as raias do heroísmo com o desespero de se ver perdido. Alguns regimentos, por ordem de Caballero, investem várias vezes com verdadeira desesperação contra alguns pontos do círculo que julgam mais fracos, para ver se por ali podem salvar as relíquias do exército. Tudo é em vão. Os nossos gritam-lhes que se entreguem; a resposta, porém, é o crepitar da fuzilaria e o sibilar das balas. O inimigo bate-se; bate-se sempre.

O general Caballero, colhido naquela cinta de aço e de fogo, vendo cair às centenas os seus soldados, aos nossos golpes, chora, como Wellington dentre dos quadrados ingleses em Waterloo (...) Afinal a nossa cavalaria carrega, e por entre os interstícios, por entre as soluções de continuidade que a própria luta abre em seus vai e vens, na enorme curva, o general Caballero, dois de seus ajudantes e cerca de 200 homens conseguem escapar a internarem-se em uma mata próxima. A carnificina, então, toma proporções extraordinárias. Debalde a nossa cavalaria íntima, insiste que se renda; o inimigo não atende, repele a intimação para cair a golpes de espada e a lançadas. Milhares de cadáveres inimigos ali estão atestando o furor da luta. (Coronel de Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann)⁹⁹

A questão dos estupros pós-Avaí

Na versão oficial do Estado paraguaio, tornada pública no livro institucional capitaneado pela Comissão Nacional de Comemoração do Sesquicentenário da Epopéia Nacional (1864-1870) que reunia “altos representantes dos três Poderes do Estado, nomeados por seus presidentes e o Ministro-Secretário de Cultura¹⁰⁰”, Avaí foi bem pior do que a versão brasileira.

O lado paraguaio governamental alega que os brasileiros mataram três capelães e que degolaram prisioneiros. Fora isso, teriam aprisionado 300 mulheres, marcando com elas “o prelúdio da parte mais sangrenta e vergonhosa da guerra”. “Durante toda a campanha do Piquisiri e durante os primeiros dias da ocupação militar de Assunção, ditas mulheres foram ultrajadas, servindo como escravas sexuais dos componentes do exército brasileiro”, sendo que outras mulheres encontradas em outras posições do Piquissiri teriam tido o mesmo destino.

Sobre o aprisionamento e abuso das mulheres colabora o general argentino José Ignacio Garmendia, como se vê na nota de rodapé da página anterior. George Thompson apenas diz que os

⁹⁹BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay*. v. 2. Curitiba: Imprensa Paranaense. 1897, pp.221-223.

¹⁰⁰MINISTÉRIO DA CULTURA DO PARAGUAI. *Memoria: Comisión Nacional de Conmemoración del Sesquicentenario de la Epopeya Nacional (1864-1870)*. Asunción, 2021, p.13.

brasileiros tomaram as mulheres prisioneiras e “não as trataram bem”¹⁰¹. Nos dois casos, não há informações de que as mulheres teriam sido levadas como escravas sexuais para a Assunção, ainda que o estupro não tenha sido negado.

Alberto Ribeiro da Silva, no livro *La noche de las Kygua Vera: la mujer y la reconstrucción de la identidad nacional en la posguerra de la Triple Alianza (1867-1904)*, dá pistas da origem da história de que as mulheres que já haviam sido estupradas em Avaí continuarem sendo estupradas em Assunção. Ele cita o texto de Arturo Bray¹⁰², no qual ele escreveu que “o amor livre reinou nas ruas e nas praças, sendo as 300 mulheres paraguaias que caíram nas mãos do inimigo depois [da batalha de] Itá-Ybaté vítimas deste vandalismo”. Itá-Ybaté faz parte da Campanha do Piquisiri, que foi o nome da fase da guerra entre agosto de 1868 e janeiro de 1869.

Ribeiro da Silva também lembrou Héctor Francisco Decoud¹⁰³ que, antes de Bray, afirmou diretamente que “nas praças, ruas e centros de encontro, o amor era gratuito para os componentes das forças invasoras, onipotentes sobre aqueles que caíram sob sua dominação. As 300 mulheres raptadas em Abay¹⁰⁴, as que caíram em Angostura e outras, foram vítimas dos seus instintos sensuais”.

Por outro lado, o mesmo Ribeiro da Silva dedicou parte de sua obra¹⁰⁵ para contar como as mulheres paraguaias sofreram com a ocupação brasileira de Assunção e que, com 30 mil soldados que andavam por toda parte, elas eram vítimas de todo tipo de abusos, inclusive os sexuais. Da mesma maneira, ele lembrou que havia prostituição, mas que é quase impossível distinguir o que era consensual e o que não era, uma vez que os ocupantes gozavam de regalias e privilégios, se aproveitavam do fato de serem o exército vencedor.

Logo, ainda que Decoud e Bray sejam autores paraguaios extremamente dedicados a relatar versões pró-Paraguai, é crível que os brasileiros tenham perpetrado estupros e abusos sexuais contra paraguaias, fossem elas as prisioneiras de Avaí ou não. Houve violência sexual na Assunção ocupada. Ribeiro mostrou, com recortes de jornais da época, que o sexo, casual ou não, foi motivo de escândalo por acontecer à luz do dia e em locais públicos¹⁰⁶.

¹⁰¹ THOMPSON, Jorge. *La Guerra del Paraguay: acompañada de un bosquejo histórico del país y con notas sobre la Ingeniería Militar de la Guerra*. Trad. ESTRADA, Angel y LEWIS, Diego. Buenos Aires: Talleres Gráficos de L. J. Rosso y Cía., 1910, p.92.

¹⁰² BRAY, Arturo. *Hombres y épocas del Paraguay*. v. 2. Asunción: El Lector, 1983, p. 128.

¹⁰³ DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional 1869-1880*. Asunción: [s/ed.], 1925.

¹⁰⁴ Avaí.

¹⁰⁵ SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. *La noche de las Kygua Vera: la mujer y la reconstrucción de la identidad nacional en la posguerra de la Triple Alianza (1867- 1904)*. Asunción: Intercontinental Editora, 2010, pp.266-268.

¹⁰⁶ Ibid., pp.266-268. Interessante na mesma obra, que o autor lembra que soldados de López também violaram paraguaias. Na página 95, ele lembra que as “destinadas”, mulheres consideradas traidoras, passaram por suplício semelhante das

A Prefeitura de Assunção é mais enfática e detalhista sobre o assunto no site institucional que mantém:

As mulheres de Avaí foram “a diversão dos Cambá¹⁰⁷”, até mesmo em Assunção, para onde foram trazidas prisioneiras junto às tropas de ocupação, em 5 de janeiro de 1869. Reza a história que estavam localizados na atual Plaza De la Democracia, em frente ao atual Hotel Guarani, onde ficaram à mercê dos brasileiros que continuaram a utilizá-los para dar rédea solta à sua lascívia. O que chama a atenção é que não havia filhos mulatos ou negros.

As mulheres de Avaí, assim como as outras paraguaias estupradas pelos brasileiros de cor, abortaram os filhos dos inimigos.

Sobre o tema dos abortos no pós-guerra, a escritora e dramaturga Gloria Muñoz afirmou que o fato de as mulheres paraguaias abortarem com folhas de goiabeira, o que lhe foi contado pelo historiador Carlos Pussineri Scala¹⁰⁸.

Ela escreveu o conto: “O General e a Vara Guayabo”.

Ressaltou que eram informações muito importantes sobre o método utilizado pelos paraguaios sobreviventes para que, entre os 10 ou 12 filhos que cada um deles concebeu, não vazassem os dos inimigos triunfantes da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

As folhas de goiabeira, segundo a farmacopéia Guarani, favorecem as contrações com o resultado esperado, se utilizadas no início da concepção.

O conto “El General y la vara del guayabo” fez parte da peça “Residentas”, encenada pelo falecido artista teatral Lucio Sandoval.

A história integra o índice que Gloria Muñoz escreveu em “La Madeja de Clio”.

Refere-se à responsabilidade da mulher do pós-guerra em repovoar o país e ao caso de duas irmãs, uma estuprada por um brasileiro, recorrendo ao aborto, e a outra irmã “grávida” do general Caballero, que realizou o nascimento de seu filho, no país destruído sem homens. (Municipalidad de Asunción, on-line)¹⁰⁹

Lomas Valentinas, os combates finais

Entre 21 e 27 de dezembro de 1868, os combates se deram em torno das Lomas Valentinas, que os paraguaios chamam de Ytá Ybaté. Naquela época, havia 700 paraguaios em Angostura, 2.500 na linha Piquissiri¹¹⁰ e o restante, aproximadamente 10 mil, em Lomas Valentinas, pequenas elevações divididas por Potrero Acosta e Potrero Marmól, ligando-se automaticamente ao quartel-general de López em Piquissiri.

Os brasileiros contavam com 19.415 combatentes e 26 canhões, de modo que queriam terminar a batalha o mais rápido possível, o que não aconteceu. Foi a primeira batalha que López

compatriotas feitas prisioneiras pelos brasileiros, sendo depois enviadas para campos de concentração nas “cordilleras de Amambay y Mbaracayú”.

¹⁰⁷ Termo pejorativo e racista como os paraguaios se referiam aos soldados negros brasileiros, mais tarde generalizando todo o Exército Imperial. Quer dizer preto, em guarani. A prefeitura manter tal termo em texto oficial e destacar que os abusadores eram negros é no mínimo, uma atitude generalizante e de mau gosto. A prefeitura repete os preconceitos daquela época da guerra. Os negros não eram maioria no Exército Imperial.

¹⁰⁸ Carlos Alberto Pusineri Scala.

¹⁰⁹ MUNICIPALIDAD DE ASUNCIÓN. La calle Avay de Asunción rinde homenaje a los combatientes y a las 300 Mujeres que fueron violadas por los “Cambá” al término de la horrorosa batalla. Disponível em: <https://www.asuncion.gov.py/historia-de-mis-calles/la-calle-avay-de-asuncion-rinde-homenaje-a-los-combatientes-y-a-las-300-mujeres-que-fueron-violadas-por-los-camba-al-termino-de-la-horrorosa-batalla>. Acesso em: 24 ago. 2023.

¹¹⁰ Os paraguaios escrevem Pikisyry.

comandou pessoalmente, e não por meio de seus generais.

Os combates começaram no dia 21 e foram entrando pelos dias seguintes. Conforme as baixas iam acontecendo, os exércitos chamavam seus reforços mais descansados, de modo que os brasileiros utilizaram 25 mil soldados em seis dias e os argentinos e uruguaios, 4.700¹¹¹. No auge das batalhas, os paraguaios chegaram a juntar 24.400 soldados, suas últimas reservas humanas, com recrutados entre todo homem que pudesse segurar em armas, inclusive adolescentes e idosos.

As baixas brasileiras entre mortos e feridos, sendo a maioria feridos, beirou, na versão de Hernani Dônato 11.500 combatentes¹¹². Já os paraguaios tiveram aproximadamente 8.000 mortos e 1.000 feridos¹¹³:

Entretanto prossegue o combate à arma branca nas matas em que o inimigo se refugiara. Destas matas irrompem para o potreiro Marmol grandes grupos de paraguaios que procuram a estrada de Itú, para daí seguir também em direção a Cerro Leon; mas, a nossa cavalaria intima-lhes a que se entreguem. Alguns abaixam as armas e salvam-se com essa atitude; outros, respondem a intimação à bala. Estes são, afinal, esmagados. É crença geral que o marechal López esteja entre os heróicos paraguaios que ainda resistem nas matas aonde penetram os nossos infantem para desalojá-los à baioneta. Aí, aonde podem entrar os nossos canhões, a metralha auxilia a arma branca nessa faina de morte e de glória.

Brasileiros, argentinos e um punhado de orientais cumprem bizarramente os seus deveres. (...) Heróicos paraguaios! Como não ser assim, se estáveis enganados; se acreditáveis que nós brasileiros íamos conquistar a vossa cara pátria? Como, não ser assim se julgáveis que a nossa vitória importava na morte de vossa independência e na escravidão de vossos pais, de vossas esposas e de vossas filhas? Como poderia esquecer um povo civilizado que o inimigo vencido fica sob a proteção do Deus dos Exércitos? (...) No interior da mata muitos grupos são cercados e intimados a entregar-se; os que esgotaram os cartuchos rendem-se, os outros nos espingardeiam para afinal abaixarem as armas quando não têm mais munição. Uns e outros ficam sob a proteção da bandeira brasileira. Afinal o ruído das armas vai cessando e do planalto das Lomas, do interior das matas chispam labaredas. Era o incêndio ateadado pelas nossas granadas em alguns ranchos, em arbustos, e em folhas ressequidas, pelo sol abrasador da estação, que tapeteavam o chão. (Coronel de Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann)¹¹⁴

(...)

O marechal López, que de perto presenciava a triste cena produzida pela retirada de suas tropas, mandou alguns chefes para conter-las e dar frente ao inimigo que as ia perseguindo; mas todos os esforços foram inúteis: o pânico e a confusão se haviam apoderado delas, e a derrota se fez inevitável. (Francisco Isidoro Resquín)¹¹⁵

¹¹¹DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, pp.349-350.

¹¹²Número extremamente supervalorizado, podendo o autor ter confundido as baixas totais de dezembro de 1868, com as de Lomas Valentinas. Doratioto (2002), Assunção (2012) e Queiroz Duarte (1981), calculam em torno de 10 mil as perdas gerais brasileiras em todo aquele mês de dezembro de 1868. Leandro José Clemente, em sua dissertação “Táticas do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868”, de 2009, cita 4 mil baixas para Lomas Valentinas. Claudio Moreira Bento, em seu “As batalhas aliadas da Guerra do Paraguai: descrição e análise crítica a luz dos princípios de guerra e da manobra e seus elementos”, atesta que somente até 23/12/1868, os brasileiros haviam somado 5.742 baixas.

¹¹³DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, pp.347-349.

¹¹⁴BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay*. v. 2. Curitiba: Imprensa Paranaense. 1897, pp.221-223.

¹¹⁵RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Asunción: Dirección de Publicaciones de las FF. AA. de la Nación/E. M. G. Imprenta Militar, 1971, p.94.

(...)

Depois desta resistência desesperada, os soldados da Aliança tomaram as trincheiras, e avançaram sobre o Batalhão 51, que não havia tomado parte na luta, achando-se não obstante em pé de batalha desde cedo e a pouca distância do lugar do referido combate, com ordem de iniciar a ação, logo que as trincheiras fossem desalojadas. O tenente coronel Benegas ofereceu guerrilha, esperou o inimigo e reiniciou o combate rompendo fogo sobre os invasores. (...) Mas pouco a pouco dizimava-se a tropa, e via-se cair o primeiro comandante, Benegas, o segundo, major López e outros oficiais, ficando o mando a cargo de um tenente, que era o único oficial que restava em pé.

Eu pertencia àquela falange juvenil, quando tinha apenas 16 anos e havia ganhado desde cedo a estima dos meus superiores, que me promoveram a cabo e depois a instrutor da minha companhia.

Quando caiu o último chefe que restava, produziu-se em nossas fileiras uma vacilação momentânea; segundo a ordem, a mim correspondia e assumi com o mando da tropa, estabelecendo incontinentemente a ordem.

A luta seguia, os soldados se batiam como leões, nosso batalhão estava já a ponto de desaparecer completamente, tantas baixas havíamos tido, e ainda assim os inimigos não se atreviam a saltar para fazer desalojar a nossa posição.

Recebi um balaço no quadril que me impediu de continuar mandando meus soldados e descarregar meu fuzil de chispa sobre o inimigo. Momentos depois, recebi outros dois balaços; um que me inutilizou o pulso direito e outro que me atravessou o costado direito, fraturando-me algumas costelas, feridas estas últimas de gravidade, que me impediram de continuar o combate.

Penetrei por um monte próximo que estava rodeado de uma moita de caraguatá, com espinhos espessos, me sobrevivendo um desmaio produzido, sem dúvida, pela abundante hemorragia das feridas. Ao anoitecer, abandonei o monte e seguindo o caminho do PotreroMarmól, pernoitei em uma casinha em companhia de vários camaradas que se encontravam igualmente feridos. (Cabo do Batalhão 51 paraguaio, José Guillermo Gonzalez)¹¹⁶

O impacto dos seis dias de confronto foi que no dia 30 de dezembro, os brasileiros bateram à porta da Fortaleza de Angostura, de modo que no dia primeiro, o regimento que a guarnecia se rendeu, após muita negociação.

A defesa havia sido fortificada com mais 1.200 soldados, além dos 700 que já a ocupavam, mas todos preferiram uma rendição a botar as vidas em risco. Mesmo assim, antes que chegassem a um acordo, 421 paraguaios ficaram feridos devido aos bombardeios e trocas de tiros de artilharia e infantaria¹¹⁷:

Às 12h do dia, ao som do rouco do tambor, saiu a coluna prisioneira envolta em uma atmosfera de tristeza, e, em meio de um profundo silêncio, entregou as armas. Logo foi dividida como uma manada de ovelhas em três partes e repartida entre os três exércitos da Aliança.

A conduta dos comandantes Thompson e Carrillo representa uma contradição ao que dois dias antes escreveram em termos mais lisonjeiros. Julgada baixo o ponto de vista militar, é censurável, porque eles não deveriam ter entregado as armas sem haver salvado a honra da bandeira; quero dizer, sem haver pelo menos rechaçado um assalto. Baixo este conceito, a rendição de Angostura é ainda mais vergonhosa que a de Uruguaiana, que sucumbiu à fome.

¹¹⁶González, José Guillermo. *Reminiscencias históricas de la Guerra del Paraguay*. Pasaje de Ypecuá. Disponível em: <http://bibliotecanacional.gov.py/autor/jose-guillermo-gonzales/>. Acesso em: 20 jun. 2023. Sobreviveu para contar a história décadas depois.

¹¹⁷DONATO, Hernâni. *Dicionário de Batalhas Brasileiras – Dos conflitos com indígenas às guerrilhas políticas urbanas e rurais*. São Paulo: IBRASA, 1987, pp.185-186.

(Juan Crisóstomo Centurión)¹¹⁸

(...)

Ao meio-dia observou-se que na fortaleza se arriava a bandeira paraguaia, e que sua guarnição tratava de formar-se para deixar as linhas, o que com efeito teve lugar, saindo ela com os dois comandantes à frente, desfilando por entre nossas tropas e depondo as armas em minha presença no lugar para isso anteriormente por mim indicado. Duas mil e tantas almas formavam a guarnição da Angostura, sendo 1.200 combatentes válidos de diferentes armas, cento e tantos oficiais, e o resto, enfermos, mulheres e crianças. (general Caxias, comandante dos exércitos brasileiros)¹¹⁹

(...)

A 30, aquela força, tendo à frente seus respectivos comandantes, sai da trincheira e vem depor as armas. Uma força aliada, composta de um batalhão argentino e outro oriental, o nosso, o 1º de Infantaria, o 1º de Artilharia a Cavalo e um Corpo de Cavalaria, todas ao mando do Coronel Emílio Mallet, ocupam o ponto. O curso do Paraguai acha-se todo em nosso poder. (1º tenente de Engenharia do Brasil, Emílio Carlos Jourdan)¹²⁰

(...)

Saímos ao meio-dia e as tropas, depois de entregarem as armas, foram divididas em três partes, para serem racionadas pelos exércitos aliados até que pudessem dispor de seu povo. Caxias se ofereceu para me mandar para Buenos Aires ou para a Inglaterra. Recusei sua oferta, pois tinha dinheiro suficiente no bolso para pagar minha passagem para Buenos Aires. Imediatamente parti para Ita-Ybaté, onde encontrei 700 dos nossos feridos só na casa de López; suas feridas ainda não haviam sido curadas. O chão ainda estava coberto de cadáveres em diferentes períodos de decomposição. Obtive de Caxias autorização para enviar alguns estudantes de medicina, que tinha comigo em Angostura, com a finalidade de socorrer os feridos, e a pedido meu, o general Gelly y Obes enviou 25 homens para ajudá-los. Então eu acampeei com vários dos meus soldados sob algumas laranjeiras perto de Angostura, durante dois dias, partindo imediatamente para Villeta, onde fui muito gentilmente recebido pelo Capitão Haukes, do cracker de S.M. B., com quem fui para a Assunção, onde fiquei dois dias a bordo, visitando a cidade abandonada, que na época estava sendo saqueada pelos brasileiros. As casas pareciam habitadas, todos os objetos estavam em seus mesmos lugares. Imediatamente parti para Buenos Aires, onde conheci um simpático irmão, e novamente sob seu teto experimentei os confortos da civilização, após uma residência de 11 anos no Paraguai, em cujos últimos quatro anos sofri grandes misérias. (Jorge Thompson, cidadão britânico, tenente-coronel de engenheiros no Exército do Paraguai e ajudante do presidente Solano Lopez e que era o comandante de Angostura no momento da rendição)¹²¹

Nesse tempo, López e seu Estado-Maior já haviam abandonado o campo de batalha no dia 27 de dezembro, após a derrota de Lomas Valentinas, fugindo rumo ao norte do país:

A infantaria inimiga, com algumas peças de artilharia, ia avançando depois de convulsionar e destroçar nossos poucos batalhões de recrutas, e quando esteve a uma quadra do quartel general, então o Marechal se retirou lentamente com seu Estado-Maior pelo caminho de Potrero Marmól e a vista de todo o exército inimigo, sem desprender este ou seus chefes,

¹¹⁸CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. III. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 233.

¹¹⁹COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.154.

¹²⁰O tenente completou depois que “não se pôde enterrar todos os cadáveres, pois na retirada foram mortos nos banhados muitos paraguaios e ali ficaram”. JOURDAN, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1871, p.60.

¹²¹THOMPSON, Jorge. *La Guerra del Paraguay: acompañada de un bosquejo histórico del país y con notas sobre la Ingeniería Militar de la Guerra*. Trad. ESTRADA, Angel y LEWIS, Diego. Buenos Aires: Talleres Gráficos de L. J. Rosso y Cía., 1910, p.109.

uma força em sua perseguição. (Juan Crisóstomo Centurión)¹²²

Os brasileiros entraram em Assunção no dia primeiro de janeiro de 1869, comandados pelo general Hermes da Fonseca, e como a cidade se encontrava deserta, foi saqueada. Há relatos de navios brasileiros levando o despojo de guerra para o Rio de Janeiro, além de exageros das tropas por onde passava, com depredação e vandalismo que não preservaram sequer os cemitérios da cidade e as igrejas¹²³. Uma página vergonhosa para um desfecho de campanha:

No dia 31 marchei com o exército para Villeta, afim de que os nossos soldados, que há nove dias se mantinham com a roupa com que dali saíram, recebessem suas mochilas e barracas e tivessem algum repouso, aproveitando-me eu do ensejo para ir entender-me com os Exms. vice-almirante Visconde de Inhaúma e chefe de divisão Barão da Passagem, acerca da expedição que julguei conveniente fazer desde logo seguir para a cidade de Assunção.

No dia 1, foi ela [a expedição] rio acima transportando uma brigada de infantaria forte, de 1.700 homens ao mando do coronel Hermes Ernesto da Fonseca, que na noite deste mesmo dia desembarcou e tomou posse da cidade de Assunção sem resistência, fugindo, logo que avistou nossas tropas e encouraçados, uma guarnição de 100 a 200 homens, pertencentes aos vapores paraguaios e que, por ordem do ditador Lopez, guardavam aquela cidade. Ao toque de alvorada do dia 2, levantei campo e marchei com o exército em direção à referida cidade, onde cheguei no dia 4, sem ter encontrado em ponto algum a menor resistência ou embaraço. (general Caxias, comandante dos brasileiros¹²⁴)

(...)

Aquela cidade solitária sentada à margem do tranquilo rio, sofreu indiferente a sorte do vencido desde os tempos antigos. O vencedor entrou e levou, fazendo pagar o justo por pecador, prejudicando com estes desmandos aos comerciantes de sua mesma nacionalidade. O general argentino Dom Emílio Mitre, que havia substituído ao general Gelly, não permitiu que seu exército seguisse tão pernicioso exemplo. (José Ignacio Garmendia, capitão do I Batalhão da Divisão Buenos Aires da Guarda Nacional)¹²⁵

(...)

Depois de sete dias de contínuos combates e triunfantes, os exércitos aliados nas alturas de Villeta, marcharam a Assunção sobre os cadáveres dos nobres filhos do Paraguai, que palmo a palmo vinham defendendo a integridade e dignidade de sua pátria, sem outra recompensa que a satisfação de cumprir um dever. Em 05 de janeiro de 1869, ocuparam os ditos exércitos aquela cidade, ao mesmo tempo que a capital provisória de Luque, elevando em ambos os pontos suas bandeiras.

Como as casas de Assunção tinham as portas fechadas, foram abertas com eixos e barretas, sacando dos depósitos milhares de terços de erva, fardos de tabaco, solas e couros de boi, para embarcá-los.

Não contentes com semelhantes saques, janelas, móveis e até roupas, arrebataram, levando os saques aos departamentos de Ytá, e Yaguarón, Ytauguá, Capiatá e Luque. Tal foi a conduta dos aliados enquanto tiveram a oportunidade de saciar sua ambição.

Perguntamos a Tríplice Aliança: o que conseguiram com essa guerra injusta, de usurpação de uns pedaços de terra? O que vocês perderam e sofreram na injusta guerra que levaram ao Paraguai, usando dela de todos os meios proscritos e repudiados pela civilização pela

¹²²CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. III. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 317.

¹²³O historiador paraguaio Fabian Chamorro chega a dizer, atribuindo ao já citado oficial argentino Garmendia, que aquelas 300 mulheres pegadas ao final da batalha de Avaí, teriam sido transformadas em escravas sexuais e abusadas em Assunção. No entanto, não há referência de Garmendia sobre o assunto, a não ser mesmo em Avaí. Ver em: CHAMORRO, Fabian. José Ayala Paraguay. *Qué Pasó Acá* Cap.16, T.1 *Invasión a Asunción Ira.Parte*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OFRPbXNx9o4>. Acesso em: 20 jun. 2023.

¹²⁴COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da guerra do Brasil contra as repúblicas do Uruguay e Paraguay*. Tomo IV. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança; Livraria de A. G. Guimarães & C., 1871, p.154.

¹²⁵GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Casa Editora Peuser, 1889, p.477.

humanidade e por Deus? Conquistaram sobre sua frente e sua história, o selo da infâmia. (Francisco Isidoro Resquín)¹²⁶

(...)

No dia seguinte, em 31 de dezembro de 1868, o exército aliado se pôs em marcha e chegou a Assunção em 5 de janeiro de 1869. Aquela cidade solitária e silenciosa, por cujas ruas só cruzavam famintos ratos, foi ocupada e saqueada pelos brasileiros de uma maneira bárbara.

Os navios de transportes e alguns de guerra saíram do porto carregados de móveis de sala e dormitórios: iam pianos e camas juntos! As casas de comércio de argentinos, brasileiros, orientais, espanhóis e outras nacionalidades, sofreram grandes prejuízos, de modo que a capital da República foi submetida a suportar a sorte do vencido como nos tempos antigos, com absoluta dispensa dos preceitos estabelecidos pela civilização moderna.

O general argentino Emílio Mitre, para não fazer-se cúmplice deste ato abusivo e repugnante, acampou a força a seu mando a certa distância da população. E, ainda assim, “a guerra se fazia ao tirano e não ao povo”! (Juan Crisóstomo Centurión)¹²⁷

(...)

Desde o dia primeiro, que nos principais edifícios da capital do inimigo tremulam as bandeiras aliadas. Uma força ao mando do coronel Hermes, procedera ao grosso do exército, tendo embarcado a 30 de dezembro, de 1868, em Villeta. (...) Nossas tropas aquarteladas em Assunção, descansam das tremendas lutas e fadigas de dezembro de 1868; e quase diariamente vê-se chegarem à capital, famílias paraguaias e enorme comércio, concorrência, que aumentando notavelmente, em pouco tempo povoa a abandonada cidade. (1º tenente de Engenharia do Brasil, Emílio Carlos Jourdan)¹²⁸

Caxias deu a guerra por encerrada em 14 de janeiro de 1869 e, por problemas de saúde, retirou-se de Assunção para Montevidéu, a fim de aguardar autorização para voltar ao Brasil, o que se efetivou em 19 de janeiro de 1869. Era um ato necessário, mas que também serviu para que o vitorioso general tentasse encerrar sua passagem com honra, para não precisar perseguir López por mais tempo. Ele discordava da continuidade da guerra desde 1868 em Humaitá.

Um novo comandante e o fim definitivo da guerra

Somente em 24 de março é que foi substituído o comandante brasileiro, general Caxias, por Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans, o Conde d’Eu. O genro do Imperador Dom Pedro II assumiu o comando efetivamente em 16 de abril de 1869 e retomou a marcha de perseguição a López em primeiro de maio de 1869.

Em 5 de maio, os brasileiros tomaram a fundição de Ibicuí, onde eram forjadas parte das armas do exército paraguaio, e a fábrica foi totalmente destruída, sendo que o comandante do local, Julian Insfran, foi morto degolado com autorização do comandante brasileiro na ocasião, Hipólito Coronado, sob a justificativa de que tinha derramado sangue inocente por não querer render-se já na chegada dos brasileiros. Ali também foram resgatados prisioneiros de guerra aliados que estavam

¹²⁶ RESQUÍN, Francisco Isidoro. *Datos históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Asunción: Dirección de Publicaciones de las FF. AA. de la Nación/E. M. G. Imprenta Militar, 1971, pp.95-96.

¹²⁷ CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. III. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 335-336.

¹²⁸ JOURDAN, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguay*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1871, pp.96-97.

trabalhando escravos nas minas a serviço dos paraguaios.

Dali em diante, partiriam tropas em perseguição a López para todos os locais da República, enquanto ele se dirigia para o leste paraguaio, já próximo das fronteiras do atual Mato Grosso do Sul. A guerra só se encerraria em 1º de março de 1870, com a morte do presidente paraguaio.

Porém, não terminaria antes de várias escaramuças e batalhas entre exércitos formados por civis e militares paraguaios, que se recusavam em render-se, em atos que são apontados por diversos pesquisadores e principalmente pelos paraguaios, como crimes militares perpetrados por tropas imperiais lutando contra essa gente, muita da qual sem treinamento militar adequado.

Em 4 de agosto de 1869, os brasileiros romperam as trincheiras de Sapucaí e liberaram o caminho de acesso à Peribebuí, que havia sido declarada como capital paraguaia por Solano López. Em 7 de agosto, as tropas brasileiras já estavam na vila de Valenzuela e em 12 de agosto, atacando a localidade de Altos.

O 12 de agosto de 1869 entrou para o calendário paraguaio como a data de um desses crimes que os brasileiros são acusados até hoje. Isso porque em Piribebuí, ao término da batalha, alguns prisioneiros teriam sido degolados à vista do general Conde d'Eu. A matança só teve fim após outro general, Vitorino Monteiro, impedir sua continuidade. Tudo por conta de os paraguaios terem tirado a vida do general Mena Barreto, que era muito querido pela tropa e que era amigo do Conde¹²⁹.

Os brasileiros foram acusados ainda de terem incendiado uma igreja com civis dentro, local que estava sendo usado como hospital. Uma versão do incêndio é de que quem o causou foram os próprios paraguaios, de modo accidental. Há paraguaios que alegam ter sido um serviço da artilharia brasileira em represália pela morte do Mena Barreto. Fato é que civis e militares paraguaios doentes morreram queimados ali.

Em 15 de agosto de 1869, a cavalaria brasileira já estava na localidade de Tobati e na mesma data, por iniciativa brasileira e contra as vontades argentinas, um triunvirato foi eleito para comandar o governo civil no Paraguai, sendo composto por Carlos Loizaga, Cirilo Rivarola e José Diaz Bedoya. O último foi enviado para Buenos Aires para vender joias do tesouro paraguaio, contudo nunca mais voltou.

No entanto, o grande enfrentamento que entrou para a história por um motivo negativo foi realizado em 16 de agosto de 1869, quando ocorreu a Batalha de Campo Grande ou Acosta Ñu. Nela, quase 20 mil brasileiros enfrentaram 6.000 paraguaios, boa parte velhos e crianças¹³⁰, que foram

¹²⁹No capítulo em que entrevistei o trineto do Conde será mostrado que Gastão de Orléans se defendeu das acusações décadas depois e jurou que nunca cometeu tais atos, que era invenção de inimigos políticos.

¹³⁰Naqueles dias de guerra e pelo menos até a segunda década do século XX, o conceito de infância era vago no mundo todo e não seria incomum encontrar crianças realizando o trabalho de adultos nas mais diversas funções. São clássicos os exemplos de crianças trabalhando em fábricas na Europa e Estados Unidos, por exemplo. No Exército paraguaio, por

massacrados no combate. Depois, na versão paraguaia, mães, filhas e esposas dos soldados e das crianças que tentaram ajudar os feridos deixados para morrer ainda teriam sofrido abusos sexuais e sido mortas, muitas queimadas por um incêndio que se deu ao término da luta nos matagais próximos.

O debate sobre esse tema é espinhoso para os dois lados, pois há quem defenda que os brasileiros poderiam ter evitado o combate e há quem defenda que eles apenas cumpriram o dever militar. Solano López não estava nessa batalha porque, saindo de Azcurra, dividiu seu já cambaleante exército em duas colunas: uma comandada pelo general Resquín e outra comandada pelo general Caballero. A de Resquín chegou em Caraguatay e a coluna de Caballero foi alcançada e estraçalhada em Acosta Ñu. López se encontrou com o pessoal de Resquín e Caballero, que vinha com uns poucos homens que se salvaram do massacre e logo foram incorporados à coluna que escapou do ataque¹³¹. A batalha é tão marcada no Paraguai que o Dia das Crianças naquele país foi firmado em lembrança daqueles pequenos mortos em batalha.

Depois de Acosta Ñu ou Campo Grande, tropas aliadas ocuparam Caraguaty em 19 de agosto. Enquanto isso, Solano López, em fuga, continuava buscando possíveis traidores no seu próprio exército e matou dezenas deles fuzilados, sendo Hilário Mongelos um dos principais. Hilário era o comandante de guarda do presidente e foi acusado de não ter cuidado de seus subordinados que estariam conspirando.

Em setembro daquele ano, López ainda torturou o próprio irmão, Venâncio, e acusou a mãe, Juana Carrillo, além de duas irmãs, Inocência e Rafaela, de traição. A mãe de López levou golpes com dorso de espada e o irmão, Venâncio, não resistiu devido aos maus-tratos recebidos e faleceu. Centurión¹³² nega a agressão à mãe de López, diz que a história é invenção dos brasileiros.

Enquanto o líder paraguaio fugia, os brasileiros mandavam regimentos em seu encalço, de cidade em cidade. Encontravam apenas pequenas tropas de escaramuça ou unidades que haviam ficado para trás para retardar o avanço brasileiro, de modo que iam cada vez mais a sudeste do Paraguai e depois ao leste, já rumo ao território brasileiro, o qual atravessaram no começo de 1870.

Andando pelo caminho do Chiriguelo, que levava até a região onde hoje é Ponta Porã, no

mais chocante que pareça, não foi diferente. Sobre o tema, ver cronologia do Fundo das Nações Unidas para a Infância, disponível em <https://www.unicef.org/brazil/historia-dos-direitos-da-crianca>. Acesso em 16 de nov. de 2023. Seja como for, a morte das crianças por parte do Exército Imperial é indefensável sob qualquer ponto de vista, assim como a utilização de menores em um exército regular, ainda mais sabendo da desproporcionalidade em relação às forças às quais fariam frente.

¹³¹ RESQUÍN, Francisco Isidoro. Datos históricos de la Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza. Asunción: Dirección de Publicaciones de las FF. AA. de la Nación/E. M. G. Imprenta Militar, 1971, pp.115-116. CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. IV. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, pp. 88-90.

¹³² CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias del Coronel Juan Crisóstomo Centurión*. v. IV. Asunción: Ed. Guaranía, 1944, p. 154.

Mato Grosso do Sul, fronteira com Pedro Juan Caballero, no Paraguai, López instalou-se em um local chamado Cerro Corá, um fecho de pequenas montanhas que lhe oferecia abrigo, estando a 40 quilômetros da fronteira com o Brasil.

Ali passou seus últimos dias de vida sobrevivendo com o que havia nas florestas ao redor, de pesca e mesmo com o que conseguia trocar com indígenas da região. Porém, uma avançada brasileira conseguiu surpreender toda a tropa de López no dia 1 de março de 1870, invadindo o acampamento, matando muito dos soldados e oficiais que ainda restavam no exército paraguaio, inclusive o filho mais velho de López, que se recusou a render-se. Foi passado por uma espada e faleceu na frente da mãe.

O presidente paraguaio, que pescava em um riacho próximo, foi perseguido por ginetes de cavalaria e, ao tentar fugir por uma trilha, foi transpassado por uma lança, caindo dentro do Rio Aquidaban no momento em que tentava transpô-lo. Foi-lhe oferecida a chance de rendição, ao que ele recusou e ainda tentou atacar o oficial brasileiro que lhe falava, momento em que levou um tiro no meio do peito.

Era definitivamente o fim da guerra, que teria seu desfecho completo com a rendição das últimas forças paraguaias do general Resquín, que não estavam no acampamento em 1º de março, e que só se renderam alguns dias depois.

Quanto ao corpo de López, foi violado por soldados brasileiros que lhe cortaram a orelha, dentes e um dedo. Depois, o enterraram em uma cova rasa, de modo que precisaram tirar o corpo e cavar um pouco mais, colocando junto dele o corpo do filho. Os restos mortais ficaram ali até 1936, quando uma expedição declarou ter encontrado fragmentos que seriam de López pai e López filho. Hoje, os restos estão no Panteón de los Heroes, em Assunção, ainda que, como se verá adiante, parem dúvidas se são os restos mortais do ex-presidente paraguaio.

O Governo Provisório do Paraguai assinou um protocolo aceitando os termos da Tríplice Aliança e a negociação de paz com o Brasil, tendo realizado em 3 de julho de 1870, as primeiras eleições para a formação de uma Assembleia Constituinte, que ficou pronta e foi jurada em 25 de novembro de 1870, tendo sido a primeira Constituição na história do país, tendo Cirilo Rivarola como presidente.

Antes dele, José Gaspar Rodríguez de Francia y Velasco (ou somente o Dr. Francia), Carlos Antônio López e o filho dele, Solano, tinham conseguido comandar o Paraguai.

Entre 1871 e 1872, Brasil e Argentina chegaram a ter atritos por conta da recusa do Brasil em deixar com que os argentinos ficassem com o Chaco paraguaio, o que estava previsto no Tratado, situação que os brasileiros recusavam a aceitar, sendo que os brasileiros conseguiram ter os territórios que disputavam com os paraguaios após a imposição dos vencedores contra os vencidos.

Os argentinos gostariam de ter suas terras expandidas além do Rio Pilcomayo, ao que os brasileiros diziam ser impossível, o que não impediu de o general Mitre ir até a Assunção e tentar impor seu ponto de vista já em 1873. Porém, sua ideia foi recusada pelos brasileiros. No ano seguinte, 1874, Juan Bautista Gil foi eleito presidente do Paraguai, com o apoio brasileiro. Na Argentina, quem assumiu o lugar de Mitre foi Nicolas Avalleneda.

A reivindicação argentina perdurou até 1876, quando fizeram um acordo com os paraguaios e deixaram na mão dos Estados Unidos mediar a questão do Chaco Norte, que acabou ficando para os paraguaios. A decisão confirmou à nação guarani mais territórios em 1878, quando foram devolvidas as terras entre os rios Pilcomayo e Verde.

Quanto aos brasileiros, em 1876, começaram a retirada das tropas que ainda permaneciam no Paraguai como ocupação. Definitivamente, os brasileiros abandonavam o Paraguai. Iniciaria, a partir dali, uma disputa não só política como de memória dos anos da guerra. De um lado, uma ala bastante defensora do legado de Solano López e, do outro lado, uma contrária a ele, lopistas e antilopistas, respectivamente.

Ao fim, a ala lopista dominaria o país por décadas. Solano López, que até 1936 era tido como alguém que afundou o país em uma de suas maiores tragédias, foi alçado a herói da Pátria, situação que ainda perdura na mentalidade de muitos paraguaios, quando não da maioria.

Em contrapartida, o Brasil seria o inimigo, o agressor, o país escravocrata, o violador, o estuprador, o criminoso de guerra, o exército de macacos e outras expressões mais indecorosas que, ano após ano, seriam trabalhadas pelos setores mais conservadores do Paraguai e que, mais recentemente, serve de bode expiatório para uma eventual reparação histórica que o país almeja junto ao Parlamento do Mercosul - Parlasul. Contudo, esse é outro debate.

A estrada até Assunção e além havia sido trilhada, por bem ou por mal, por tropas brasileiras, argentinas e uruguaias, cabendo ao Brasil protagonismo por ter o maior exército e o maior poderio militar daquela época.

Nos próximos capítulos trabalharemos essas memórias ou a ausência delas junto à boa parte da população dos países envolvidos.

Parte 2

Minhas impressões

Percepções pessoais: meu capítulo particular

Toda história tem um começo. Esta das reportagens que se seguem começa há muitos, quando eu ainda era adolescente e comecei a pesquisar a história da minha família materna, perguntando para minha avó, Isidoria Fernandes Ferreira, sobre quem eram os pais e avós dela.

Dos pais, ela se lembrava do tempo em que trabalhou em fazenda, na região de Maracaju/Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, dita região do “Copo Sujo”. Ela saiu de casa muito jovem para se casar com meu avô Valeriano Alves Ferreira, oito anos mais velho do que ela, que tinha apenas 15 anos.

Dos avôs e avós, ela se lembrava da fisionomia e também do porte físico deles. Entretanto, ela não tinha tantas lembranças, pois era a irmã mais nova de uma extensa família de mais de 20 irmãos, entre consanguíneos e adotivos. Quando ela nasceu, em 1930, o avô da parte paraguaia já tinha morrido. Ela lembrava, porém, muito bem de um negro baixinho, de cabelos brancos, muito idoso, já na casa dos 90 anos¹³³.

Após ouvir essas histórias, eu comecei a fazer as contas e concluí que meus trisavôs haviam lutado na Guerra do Paraguai/Triple Alianza, Guerra Guasu, Guerra Grande, ou seja lá o nome que quiserem dar.

Já adulto, o próximo passo foi falar com a minha tia-avó, que ao contrário da minha avó, era a irmã mais velha, ela contava com 106 anos. A lembrança ia intercalando flashes de memórias mais antigas. Era ainda forte e muito ativa. Proibida de ficar saindo desacompanhada na rua por conta da visão fraca, fugiu algumas vezes da família pulando um muro baixo com ajuda de uma cadeira. A tia Ramona, como a chamávamos, me recebeu em sua casa e desandou a contar histórias sobre o tempo de moça. Gostava muito de bailes e namorar. Vez ou outra me confundia com meu tio Darci que, quando jovem, era muito parecido comigo.

¹³³ A história oral da família sustenta que ele viveu até os quase 100 anos.

A memória da tia Ramona falhava um pouco, ia e voltava, até que se fixou em um ponto: algo que deixou ela marcada para o resto da vida. Quando ela já tinha uns 15 anos, seu avô contou em uma reunião de família que, quando jovem, “teve que matar os paraguaios, porque senão os paraguaios matariam ele”. Ela se lembrava que o avô ficava muito triste de contar aquilo, a ponto de chorar. Hoje, entendo que podia ser o que a medicina descreve como estresse pós-traumático, que naquele tempo ninguém nem se importava, chamava, no máximo, de neurose de guerra. Tratava-se do meu trisavô Theodoro Ferreira, do Piauí, Voluntário da Pátria, soldado do Império, ex-escravizado que foi mandado como “esforço de guerra”, para o Exército.

Depois, ela lembrou também do trisavô paraguaio, que também confirmou ser uma pessoa muito boazinha e alegre. Era José Maria Benites Cabrera, outro trisavô que sobreviveu à guerra. Ele tornou-se amigo de Theodoro e de outro ex-combatente, avô do meu avô Valeriano, que se chamava Jonas Alves, filho de pai branco e mãe negra, homem livre, mas pobre, também Voluntário da Pátria, arregimentado em algum lugar da Bahia.

Esses homens lutaram separados na guerra, mas não ficaram sozinhos depois dela. Theodoro se casou com Anna Ortiz, minha trisavó paraguaia, sobrevivente à hecatombe que devastou o seu país de origem. Ela imigrou junto com sua irmã, Maria Euzébia Ortiz, que no Brasil, casou-se com um ex-escravizado (José Ferreira), de uma das fazendas do Barão de Maracaju. Aquele meu trisavô paraguaio casou-se com a irmã do marido da Maria Euzébia, ex-escravizada também, chamada Magdalena Ferreira.

A história de Jonas Alves eu só conheci tempos depois, quando minha avó e minha tia-avó já haviam falecido. Interessei-me em conhecer o lado da família do meu avô materno, a quem minha mãe não teve contato quando era jovem, já que ele morreu quando ela ainda era bebê. Uns dizem que ele se matou de desgosto da vida, que era depressivo. Outros dizem que ele foi morto enganado, pois pistoleiros queriam matar um irmão dele e os dois eram muito parecidos.

O fato é que indo visitar parentes em Jardim/MS, encontrei irmãos do meu avô ainda vivos e eles me contaram que a minha trisavó (avó deles) era argentina, de Corrientes, e que Jonas Alves tinha fugido com ela depois da guerra. Isso porque ela era de família influente e não aceitavam que se casasse com um simples soldado brasileiro. Ela chamava-se Maria Paula Alem.

A história que eu já conhecia dos livros me fascinou ainda mais. Afinal, de minha família materna, três de quatro trisavôs e três de quatro trisavós tinham participado diretamente da guerra.

No entanto, ao contrário do que se podia esperar, acabei indo para outro caminho dentro da História, estudando a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, assunto que sempre me ocupou grande parte do tempo livre em pesquisas e produções, inclusive com alguns livros escritos sobre o tema. Sou grato por poder conhecer essa parte da história do Brasil.

Com a pandemia que se abateu no mundo entre 2019 e 2022, tive tempo para olhar para dentro de mim mesmo e achar nos meus defeitos e qualidades explicações que a genética, o DNA e a cultura, à qual minha mãe esteve sujeita e foi criada, poderiam fornecer explicações.

Renasci diferente da pandemia e acho que foi assim com muita gente também. A quietude e a certeza da brevidade da vida nos forjam de uma maneira peculiar. Por isso, planejei para 2023 uma viagem aos campos de batalha do Paraguai. Após estudar meses e meses sobre o conflito, de modo que pudesse dominar ao máximo as localidades, as batalhas e os personagens mais destacados, comprei passagens e fiz o roteiro.

Foi assim que planejei a viagem que deu origem a este livro, em uma busca de encontrar parte de mim naqueles alagados paraguaios e na certeza de que não voltaria a mesma pessoa de lá. Como de fato acho que não voltei.

Entendi muito porque o comportamento belicoso foi tão evitado na família da minha avó e, ao mesmo tempo, tão incentivado na família do meu avô, com histórias pesadas de violência dentro da família e contra pessoas de fora. Um lado saiu da Guerra Guasu mais humano. O outro perdeu a humanidade em algum lugar e em algum momento entre as balas e canhões, tendo passado essa “raiva” por algumas das gerações seguintes¹³⁴.

Organizei a viagem, convidei alguns colegas pesquisadores. Mas no fim, pensando melhor, busquei uma companhia que não fosse julgar minhas nerdices, que já estivesse acostumada com meu jeito. Encontrei essas “virtudes” no meu amigo Rafael Kondlatsch, que coincidentemente estava de férias naquele período e topou na hora partir na aventura. Conhecemo-nos há mais de 12 anos e ele foi o ânimo e o fôlego ao volante do carro que alugamos.

Antes de partir para terras paraguaias, precisei tomar um ônibus e encarar uma viagem de duas horas até a capital do Paraná, Curitiba, de onde partiria meu voo. No caminho entre a rodoviária e o aeroporto, optei por um motorista de aplicativo. Um senhor de 78 anos foi meu chofer. O nome dele era Miro¹³⁵, o qual me disse ser de São Paulo e estar morando em Curitiba há pouco tempo, pois conhecera uma mulher naquela cidade e morava junto com ela. “Vim para cá por amor”, comentou.

Ele, após muito reclamar dos motoristas paranaenses, quis saber para onde eu estava indo. Quando eu disse que estava indo ao Paraguai, ele disse que já esteve lá uma vez na década de 90 e que também já havia visitado outros países do mundo. Porém, fazia tempo que não ia para aqueles dados da América do Sul.

Foi então que começaram as conversas em torno da guerra e vieram os assuntos mais

¹³⁴Há estudos nesse sentido de 2018 tocados pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (EUA). Um resumo está neste link: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/21/ciencia/1540148116_181772.html.

¹³⁵Apelido, porque eu preferi preservar a identidade.

interessantes. Ele alegou, por exemplo, que na escola estudou que Dom Pedro II não queria pegar o Solano López vivo, pois tinha um problema pessoal com ele, porque ele fora desrespeitoso com a Princesa Isabel, filha do monarca. Isso não era verdade. Lá fui eu explicar que era uma fake news histórica e que tinha até aparecido em uma novela brasileira¹³⁶.

Depois, veio com uma teoria de que o pessoal, na época da Guerra do Paraguai, tomava pinga com pólvora como uma espécie de elixir de coragem, o que eu também disse não ser totalmente verdadeiro. Ainda que houvesse uma cultura nesse sentido em alguns exércitos da época, inclusive com uns poucos relatos no front brasileiro no Paraguai, não era bem assim. Não era todo mundo que tomava a mistura e muito menos era prática protocolar.

Por último, e não menos complicado, foi desmentir a história de que López tinha engolido a bandeira paraguaia para não a entregar para os brasileiros. “Diz que ele falou que morreria e não entregaria nada para os brasileiros. Que só depois dele morto é que conseguiram tirar da barriga dele”, explicou. Com muita paciência, calma e delicadeza, contei que era uma baita mentira que inventaram em algum momento e espalharam pelo Brasil.

Ele tentou mudar de assunto e ir para outra época da história nacional, dizendo que Tiradentes¹³⁷ tinha ficado vivo e que tinham matado um sócio dele, sendo que ele foi morar em Portugal “depois de todo o tumulto que tinha feito” (sic). Expliquei que também não era verdade e que ele precisava dar uma atualizada nas fontes dele. “A gente vê muita coisa nesses grupos de WhatsApp, por isso que é bom a gente sempre conversar com quem sabe”, me disse ele com um sorriso malicioso.

Chegamos ao aeroporto e eu fui fazer as minhas coisas, dando um tchau e agradecendo pela conversa. Ainda ganhei duas balas de hortelã antes de sair.

A travessia

Dentro do avião, sentou-se ao meu lado uma senhora paraguaia de meia-idade, solteira, que estava indo até São Paulo, de onde partiria para Frankfurt/Alemanha, visitar uma tia. Ela me perguntou o que eu estava indo fazer no Paraguai e apenas comentei por cima que estava indo para estudar a guerra.

¹³⁶Novela *Nos tempos do Imperador*, da Rede Globo, veiculada entre agosto de 2021 e fevereiro de 2022. O folhetim era cheio de furos históricos e com alguns exageros de licença poética, como este caso de um flerte inexistente de López com Isabel.

¹³⁷Um dos líderes do movimento de Inconfidência Mineira, que nos tempos coloniais foi acusado de tentar separar o território nacional de Portugal.

A mulher comentou que morava em um estado vizinho de Ñeembucu¹³⁸, e os locais de batalha ficam a menos de 200 km de onde ela mora, mas que nunca teve curiosidade de ir lá saber o que tinha acontecido, mesmo sabendo que a guerra tinha sido algo muito ruim. “Tem coisas que a gente não precisa ficar indo atrás”, disse ela, colocando um fone de ouvido sem fio e ligando o celular para assistir a um filme qualquer desses de Hollywood, uma comédia romântica.

Eu apenas virei para o lado e fui descansar. Em São Paulo quase não embarquei para Assunção, pois esquecera de apresentar um documento virtual obrigatório de vacinação contra febre amarela, estando portando somente a minha carteira de vacinação original com a referida vacina devidamente atestada. Foi o que me salvou, pelo menos no aeroporto brasileiro, porque no aeroporto da capital vizinha ninguém me cobrou e nem cobraria nada.

Dormi até chegar a Assunção. Já na fila de desembarque, os tais fiscais que deveriam conferir as vacinas, apenas olharam para minha cara, para a minha carteira de vacinação e com ar de aprovação me passaram para frente com um caloroso “seja bem-vindo”.

Na Imigração, perguntaram minha profissão e o que estava fazendo no país. Contei rapidamente e a moça apenas olhou o passaporte. “Vou colocar que é turista, porque se colocar que é jornalista ou escritor, ficarão te perguntando de onde você é e pedirão o contrato de trabalho. Circule como turista que é mais tranquilo”, avaliou ela, devolvendo o passaporte. Agradei o conselho e a vida seguiu.

O Rafael, que saíra de Foz do Iguaçu/PR de carro, já tinha chegado primeiro. Após cinco horas de viagem em uma estrada que, segundo ele, foi bem calma, já me esperava no aeroporto com meu nome escrito em uma folha de papel, como forma de fazer uma brincadeira, imitando aqueles motoristas que vão buscar pessoas importantes.

Dormimos em um hotel localizado bem onde a cidade findava, no tempo da guerra, dando início a fazendas, perto da estação de trem. Hoje, é o coração do centro histórico de Assunção. No dia seguinte, percorreríamos a antiga capital tomada pelos brasileiros do fim do conflito. Fizemos o caminho inverso: saímos de Assunção para o interior, até Paso de Patria.

Nas próximas páginas, você lerá algumas impressões que eu tive. Quem sabe um dia, ao visitar aquele país, ou mesmo ao assistir algum material ou ler alguma coisa, lembre-se destas minhas impressões a respeito do país vizinho.

Também contei alguns bastidores das reportagens e das fotos que me propus a apresentar. Esperamos que você goste e que, de alguma forma, minha voz sirva para dar fala àqueles brasileiros, paraguaios, argentinos e uruguaios sacrificados em torno de uma causa que até hoje é controversa e

¹³⁸Onde a maior parte dos combates se deu até 1868.

que gera interpretações e sensações em todos os lados da fronteira. Boa leitura.

De Assunção à Humaitá

Saindo do meu hotel, o primeiro ponto que encontrei referente à Guerra Guasu foi a Praça Uruguaia (Plaza Uruguay), que até antes da guerra se chamava a Praça San Francisco. Ali, animais já haviam pastado nos tempos de Doutor Francia, o primeiro presidente paraguaio, e na época da guerra, o espaço foi convertido em ponto de reunião do exército paraguaio, servindo como concentração de embarque para a Estação Ferrocarril, que fica praticamente colada ao espaço.

O tamanho do aquartelamento era bem maior, mas, depois da guerra, sua venda foi autorizada e restaram aproximadamente dois quarteirões do local original em que o Batalhão 40, um dos mais famosos do Paraguai, fazia treinamentos. O batalhão, lembra o pesquisador paraguaio Herib Caballero¹³⁹, reunia o melhor da juventude assuncena, tanto entre oficiais quanto entre soldados. Até 1867, o comandava o general José Eduvigis Díaz¹⁴⁰. Depois disso, Bernardino Caballero.

Conquistaram muitas glórias no campo de batalha e acabaram massacrados, exterminados pelos brasileiros, após cercados em um único quadrado de infantaria, na Batalha de Avaí ou Avay, como chamam os paraguaios. O desaparecimento do Batalhão 40 se deu em 11 de dezembro de 1868. Emparedados uns contra os outros em um quadrado mortal, foram alvo de ataques de cavalaria brasileira, até que não sobrasse quase nenhum deles vivos. Escaparam apenas algumas dezenas de soldados e os oficiais.

Quando se deu a ocupação brasileira, a atual Praça Uruguaia voltou a ter cavalos pastando e tropas ocupando o ambiente, enquanto embarcavam e desembarcavam materiais, equipamentos e

¹³⁹CABALLERO, Herib. En Búsqueda de un Héroe: la construcción de la figura heroica del General José E. Díaz; Paraguay 1867-1906. *Temas Americanistas*. n. 34. 2014, pp. 22-44.

¹⁴⁰Díaz perdeu a vida enquanto observava os brasileiros no Rio Paraguai, em 7 de fevereiro de 1867, vítima de uma bomba disparada por um dos navios da Esquadra. Bernardino Caballero era o substituto de Díaz em Avaí.

pilhagens nos vagões que davam acesso ao Porto de Assunção.

Agora, o espaço está limpo e recebe famílias em passeios curtos ou que estão ali para curtir o sol da manhã ou do fim de tarde. Há alguns anos, não era bem assim. Em minha segunda e na terceira visita a Assunção (fiz cinco no total), há uns seis anos, havia usuários de drogas no espaço. Hoje, eles não estão mais ali. A praça foi cercada com um gradil e há câmeras de segurança.

O nome de Praça Uruguiaia data de 1885, quinze anos depois da guerra, e é um agrado ao país vizinho, que foi o primeiro a perdoar a dívida de guerra paraguaia e a devolver troféus que haviam sido tomados em combate contra as tropas guaranis.

Bem na rua lateral da praça está a Estação Ferrocarril, que não por acaso chama-se Carlos Antônio López, nome do pai de Solano, a quem coube planejar e começar a obra de construção e modernização dos trilhos paraguaios em 1854. Ele enviou os dois filhos, Solano e Venâncio, para o Reino Unido para buscar engenheiros, levar ao Paraguai e dar início às obras. O ano era 1857, e a ferrovia só estaria totalmente concluída até pelo menos os acampamentos militares de Pirayu e Cerro León em 1864, já às vésperas da declaração oficial de guerra ao Brasil.

Essa ferrovia foi a primeira linha de transporte de passageiros da América do Sul e até hoje se discute se isso colocava o Paraguai à frente dos vizinhos ou se o traçado da linha fazia com que, no máximo, atendesse a capital e as cidades ao redor. Isso porque o próprio Brasil já possuía trens de passageiros para trechos curtos mais de uma década antes. No entanto, de Assunção até Cerro León são quase 60 km. Seja como for, ninguém duvida que no tempo da guerra, a linha servia para transportes diversos, tanto de pessoal quanto de materiais.

Quando os brasileiros chegaram a Assunção, já em 1869, o trajeto até o Porto de Assunção para levar o que quer que fosse, inclusive materiais roubados na ocupação, podia ser feito por trem. Os paraguaios tentaram inutilizar alguns trechos durante o abandono da cidade, mas engenheiros brasileiros colocaram para funcionar novamente.

Depois da guerra, a estação foi privatizada e até 1886 permaneceu em mãos civis, sendo comprada novamente pelo Estado no governo do presidente Bernardino Caballero. Porém, demorou pouco o orgulho paraguaio de ter de volta a sua estação. Em 1887, de novo ocorreu outra privatização, dessa vez para o capital inglês.

O capital privado se retirou em 1959, já durante a ditadura de Alfredo Stroessner, com uma nacionalização em 1961. Em mãos do Estado desde então, a ferrovia ainda continuou ativa, com passeios curtos entre a Estação Central e Areguá até 2009, quando cessou de circular.

Um novo suspiro se deu em 2014 com a ligação do Paraguai à Argentina, de Encarnación a Posadas. No tempo da Guerra Guasu, a estação foi responsável pela partida de muitos paraguaios para treinamentos em Cerro León e está hoje transformada em um museu ferroviário, onde, por

alguns milhares de Guaranis¹⁴¹, o turista pode conhecer a história dos trens no país.

Em anos anteriores, quando estive no Paraguai, a estação estava bem menos cuidada, inclusive com pichações e o lado de fora servindo de abrigo para moradores de rua que se agrupavam nas imediações nas noites paraguaias. Existia um hotel onde eu até cheguei a me hospedar, ao lado da estação. No fundo, na rua de trás, um prédio abrigava um bordel que hoje já não existe mais. Foi transformado em bar moderninho. O hotel estava com o prédio para alugar. Os moradores de rua aparentemente ainda frequentam as redondezas, pelos cobertores e garrafas plásticas de bebida nas ruas circunvizinhas.

Do lado de fora da estação, há uma estátua de mau gosto de Carlos Antonio López, que, ao lado de uma antiga peça de locomotiva, dá as boas-vindas a quem passa pelo antigo pátio de máquinas. Carlos usa uma cartola e fraque, lembrando muito mais alguma das versões do Pinguim do Batman do que o presidente que ajudou a modernizar o antigo Paraguai pós-Doutor Francia. Uma escultura pós-moderna completa o quadro e enfeia a antiga saída de trens.

Saí um pouco chateado por colocarem gradil que dificulta fotos de comparação com as da época da Guerra Guasu. Mas as grades foram necessárias porque, em algum momento, havia malfeitores tentando invadir o museu e tentando pichar a quadra que abriga aquela testemunha ocular da história paraguaia.

Segui em frente. Ao meu lado passou um carro vendendo chipa¹⁴² com alto-falante. Era o famoso Chipa Barrero. Empresa que se consolidou nas últimas décadas como parte da história não só de Assunção como do próprio Paraguai, vendendo milhares de unidades da iguaria que identifica o país vizinho.

Desci por uma rua até a Catedral Metropolitana de Nuestra Señora de la Asunción, meu próximo local de fotos. Contudo, antes, em um prédio lateral construído já no pós-guerra, eu tinha compromisso marcado com a minha história pessoal. Ali, funciona o Arcebispo de Assunção, que guarda todas as memórias possíveis de nascimentos e mortes, passando por batismos e casamentos, desde que o Paraguai existe como nação. Aliás, desde que os espanhóis por ali chegaram, junto com a Igreja e todas as suas burocracias.

Justamente essa burocracia que preservou centenas de milhares de documentos, boa parte deles digitalizados em um esforço de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ou, como a maioria os conhece, os Mórmons, que fazem esse trabalho de digitalização no mundo todo e o

¹⁴¹Moeda local.

¹⁴²Comida típica paraguaia à base de polvilho e queijo, que lembra um pouco o pão de queijo, mas, na minha opinião, é melhor que a iguaria mineira. A origem da chipa é discutível, tendo gente que afirma ser boliviana, argentina e até brasileira. Digam o que digam, a chipa paraguaia, com meu bairrismo necessário, é imbatível.

disponibilizam em um site de genealogia com parte do acesso gratuito¹⁴³.

Foi navegando nesses sites mórmons, Igreja a qual fiz parte na minha juventude dos 12 aos 16 anos, que encontrei parte dos documentos da minha família materna, das raízes paraguaias¹⁴⁴. Pesquisando mais a fundo, consegui as informações que descrevi na introdução, sabendo que meu trisavô foi soldado no Exército de López, prisioneiro de guerra e depois um amigo de dois soldados brasileiros com quem imigrou para o Brasil.

Antes de ir ao Paraguai, eu havia tentado descobrir de qual regimento ele fazia parte. Tarefa muito difícil em um país derrotado em um conflito, uma vez que documentos foram roubados por brasileiros ou simplesmente queimados em grandes fogueiras, jogados no lixo ou usados para outros fins menos higiênicos.

Mesmo assim, tentei contato com o Ministério da Defesa do Paraguai, de onde obtive uma resposta de que, por ter sido soldado, não haveria como localizar o registro de meu trisavô, pois só havia registro de parte dos oficiais e daqueles que permaneceram no Exército após 1870. Não era o caso de José Maria Benites Cabrera. No entanto, consegui achar a certidão de nascimento e a de batismo dele ao entrar em contato com a igreja onde se realizavam as cerimônias. Lá me informaram o caminho do arcebispado.

Naquela manhã, lá estava eu frente a frente com o senhor Aldo Benítez, com quem já tinha conversado anteriormente e que ficou de localizar os documentos dos meus familiares dentro do arquivo. Na recepção, fui bem tratado por uma senhora de pele clara, não muito alta e de cabelos possivelmente castanhos, já embranquecidos pelo tempo.

Alguns minutos de espera e entramos no pátio do arcebispado que, como observei, lembrava muitas construções espanholas de Andaluzia, as quais a casa tem um espaço central para refrescar a temperatura exterior no pátio. Não sou especialista em arquitetura, mas ao menos isso eu consegui perceber. Já era alguma coisa.

Aldo me chamou em sua sala e explicou que alguns documentos, para serem autenticados, precisariam de pagamento. Não vi problema algum. Eu já sabia disso. Ele me trouxe o documento do meu trisavô, dos pais e do avô do meu trisavô, elevando minha pesquisa, como já observara no site dos mórmons, até pelo menos a primeira metade do século XVIII, todos ali de Assunção mesmo.

Junto dos documentos do meu trisavô, Aldo trouxe ainda os do irmão mais velho que criou José Maria, quando ele ficou órfão, e o de um irmão mais novo, adolescente na época da guerra. Tanto o irmão mais novo, Baleniso, de 16 anos, quanto o irmão mais velho, José Pablo, de 31 anos, morreram em algum dos embates contra os Aliados.

¹⁴³Family Search.

¹⁴⁴Consegui chegar até o ano de 1747, descobrindo que meu povo era ali mesmo de Assunção e da vizinha Capiatá.

Além disso, tive a triste confirmação de que nem o irmão mais velho, nem o irmão mais novo e nenhuma das quatro irmãs do meu trisavô deixaram descendência. Ou seja, elas também faleceram naquele conflito por algum motivo externo, como fome ou doenças, como me explicaram no Arcebispo. Fiquei sabendo que, fora os mortos na guerra, também tive dois outros tios-trisavôs natimortos.

José Pablo era casado com Jacinta Ramos, que morreu em 1866, oito anos posteriormente ao casamento deles e um ano após ele ir para a guerra.

Confesso que fiquei um pouco abalado ao saber que dos descendentes de Juan Ascencio Benites e de Maria Trinidad Cabrera, meus tetravós, somente meu trisavô ficou vivo para seguir em frente. Mal tive tempo para assimilar melhor a informação, me recuperar do baque e já me dirigi a duas salas que não mediam mais do que 40 metros quadrados. Ali, estavam dois cofres gigantescos que, para serem abertos, precisavam ser girados por um trinco circular bastante grande. Dentro deles, os livros e atas das igrejas paraguaias das mais antigas, algumas dos tempos dos jesuítas, no século XVI ou XVII.

Havia todo um cuidado para abrir o cofre, porém não existia um controlador de temperatura e nem mesmo luvas e máscaras para o correto manuseio dos papéis. Perguntei para Aldo qual a procedência daqueles documentos e como eles se salvaram da época da guerra. O cuidador dos registros disse que “muitos padres esconderam os livros e quando os soldados se foram, eles entregaram [na igreja]”.

Os livros terem sido salvos foi realmente um milagre, já que há relatos da época que contam que os soldados brasileiros faziam grandes fogueiras para se aquecer e mesmo para iluminar a noite e continuar saqueando a Assunção nas primeiras horas de ocupação em janeiro de 1869.

Cumprimentei Aldo pelo trabalho e atenção. Falei com o supervisor dele, o Padre Gustavo Rodriguez Sosa, que carimbou e assinou minhas cópias documentais, dando legitimidade de se tratar de documentos oficiais emitidos pela representação do Vaticano no Paraguai. De certa forma, foi a confirmação oficial de que também tenho descendência paraguaia, dos primeiros moradores de Assunção.

Me despedi e atravessei a rua para tentar refazer as fotos da Catedral de Assunção, a primeira da região do Rio da Prata, construída no século XVI. Quando a cidade estava ocupada, foi nessa igreja que se rezaram missas em memória dos falecidos brasileiros e também a comemoração a Duque de Caxias pela vitória. Isso não deixa de ser cômico e triste ao mesmo tempo, uma vez que os brasileiros oravam pela vitória alcançada dentro de um espaço em que os paraguaios erguiam preces, anos antes, pela derrota dos brasileiros.

Essa igreja tem um estacionamento cheio de carros dos prédios vizinhos e, por conta disso, há

dezenas de limpadores e cuidadores de carros, muitos dos quais moradores de uma favela que existe a poucos metros, nos fundos do antigo Cabildo, que fica em frente da Catedral.

O Cabildo era uma representação espanhola colonial, onde exerciam poderes os espanhóis e seus descendentes diretos, outorgados para tal pela Coroa, uma espécie de prefeitura e, ao mesmo tempo, Câmara Municipal, ainda que resguardadas muitas diferenças na forma de exercício do poder, que era, lembremos, colonial. Por dentro, a catedral segue sendo muito bonita e mesmo que simples, para quem já conheceu o Vaticano, ainda muito adornada.

Do lado esquerdo da Catedral fica a sede da Polícia Nacional do Paraguai. Uma placa em azulejo explica que ali funcionou, durante a ocupação, a sede do Exército Brasileiro e uma cadeia para brasileiros, criminosos ou prisioneiros de guerra.

Na frente, está o dito Cabildo, que hoje é um museu da história do Paraguai e onde, por algum tempo, também funcionou a sede do Legislativo, até a construção do moderno prédio que fica na mesma rua, na quadra ao lado.

Bem na frente da sede do Legislativo, depois de uma praça onde está um canhão que defendeu Assunção quando os brasileiros a bombardearam em 1869, há uma favela com pessoas morando em condições desumanas, com esgoto a céu aberto, lixo para toda parte e casas de materiais recicláveis ou madeira. Tudo isso na cara dos deputados e senadores. Aparentemente, tal fato não os incomoda. Permanecem indiferentes.

Antes de seguir com minhas fotos, entrei em uma casa bem grande ao lado da Catedral de Assunção. Ali, está localizado o Museu Monseñor Juan Sinforiano Bogarín, primeiro arcebispo de Assunção, que no pós-guerra se esforçou ao máximo para juntar os fragmentos da história paraguaia em um só local e foi recebendo doações dos fiéis que frequentavam sua igreja. O resultado é um acervo interessante sobre a Guerra Guasu, que coincidentemente fez órfão a Juan Sinforiano Bogarín. Há desde uniformes até peças de vestuário de figuras icônicas paraguaias que combateram na Guerra da Tríplice Aliança como o general Francisco Isidoro Resquín e a espada do general Díaz, além de munições e armas da época em perfeito estado, tanto as brasileiras quanto as paraguaias.

Outras peças doadas vieram de longe, como as correntes e peças náuticas de Humaitá, além de canhões e munições, sabres e peças de louça do próprio Solano López e da sua esposa.

No museu, foi um dos poucos lugares em que vi um chiripá¹⁴⁵ de lã, bastante comum em fotos e ilustrações de soldados paraguaios. Nunca tinha visto um original tão bem preservado em minha frente. Lanças, fotografias e peças de vestuário de López e de sua esposa compõem o restante do acervo, bem como a tampa de mármore que estava sobre o túmulo de Carlos Antonio López

¹⁴⁵Uma manta que era usada por cima de bombachas ou calças e que proporcionava conforto para cavaleiros.

(antes de os restos mortais serem levados para o Panteón de los Heróes) ricamente adornada com querubins.

Após fotografar a parte do Museu Católico, lembrei que tinha que estar no Ministério da Defesa para conhecer o acervo do órgão governamental. Para isso, precisei encontrar um táxi para me levar até lá, pois não era possível ir andando num sol de 10 horas da manhã que beirava os trinta e poucos graus em um baita mormaço.

Enquanto tentava achar um táxi, comecei a pensar em algo que já estava percebendo fazia algum tempo, que era o abandono do centro histórico de Assunção. Vários prédios para aluguel ou venda, com peças invadidas por sem-tetos, com pintura deteriorada e sem qualquer tipo de cuidado, cheios de rachaduras e avarias diversas em vidraças e grades. Alguns têm apenas tapumes para proteger do tempo ou mesmo de invasores. Cheiro forte de urina. Lembrando de viagens anteriores, o centro histórico vai de mal a pior e, se nada for feito, em alguns anos, virará terra de ninguém, uma parte realmente morta na cidade.

Tudo era antigo e defasado, com as grandes lojas e grandes marcas tendo migrado para o novo centro da Capital, próximo aos grandes shoppings que atraem a juventude para o consumo.

No centro antigo, permaneceram as famílias de classe média e média baixa, com exceção de algumas poucas avenidas onde estão as embaixadas e, por consequência, trabalhadores desses locais, além de empresários em mansões que muito destoam do que vimos nas proximidades do Senado paraguaio, com gente literalmente morando em barracos de lona.

Encontrei um táxi e o taxista era um homem calado. Devia ter pelo menos quarenta e tantos anos. Os cintos de segurança, ao que parecia, eram optativos, pois desapareceram e quando os encontrei, já no meio do caminho, estavam um pouco sujos. Aliás, pouca gente usa cinto de segurança em todo o país. Ocorre o mesmo no interior do Brasil, onde a fiscalização é frouxa e mal feita.

No Ministério da Defesa

Cheguei ao prédio público. Logo na entrada, havia um quadro da retirada do Exército paraguaio rumo a Cerro Corá, ou melhor, do que havia sobrado do exército paraguaio. A cena é comovente, com idosos, velhos e jovens seguindo rumo a sabe-se lá o que, mas parecendo o desfile de uma tropa de esqueletos. Um quadro grande, quase em tamanho real, das personagens de primeiro plano. Tudo feito no pós-guerra com o objetivo claro de mostrar o sacrifício do povo paraguaio no final da campanha. Alguns vestindo uniformes e outros muito mal cobrindo a genitália com panos rotos.

Quem me recebeu foi um soldado que eu não lembro o nome. Contudo, bastante entusiasmado, veio falando português, com um sotaque bem acentuado, avisando que logo chegaria o seu oficial, que era o especialista no assunto.

Ele perguntou de onde eu era e eu disse que era de Dourados/MS, mas que morava no Paraná. Um sorriso brotou no olhar do jovem, que contou que “tem um irmão que mora lá e que trabalha com construção civil em Dourados”. Mundo pequeno!

Logo chegou o 1º tenente Eder Acosta Santacruz, com quem puxei assunto para achar afinidade e assim termos logo de cara um bom relacionamento. “Eu sou Costa e você é Acosta, versões de um mesmo sobrenome que mudaram com o tempo”, disse eu. Acosta sorriu e concordou. Dali em diante o gelo havia sido quebrado e em menos de cinco minutos estávamos conversando abertamente sobre questões da Guerra Guasu, como dois amigos de longa data.

Acosta é um homem estudado, advogado por formação, pesquisador militar e membro de uma geração de oficiais que tem amor pelos estudos. Tanto que ele próprio já escreveu um romance que se passa durante a Guerra Guasu. Por isso, ele conhece detalhes de armamentos, operações e personagens, já que teve que estudar bastante para poder desenvolver seu texto, que leva o título *Más allá del pasado*.

Do lado direito, estavam algumas bandeiras paraguaias gigantes, devolvidas por uruguaios depois de terem sido troféus de guerra por alguns anos naquela nação. Confesso que achava que as bandeiras eram menores quando lia nos livros que os estandartes haviam sido tomados de determinadas unidades.

Na época da guerra, o ápice de qualquer combate era tomar a bandeira do inimigo, uma prova de valentia/coragem e de desonra para o perdedor. São cinco enormes bandeiras que devem medir pelo menos dois metros por dois metros e meio a maior, e pelo menos um metro e meio por dois metros a menor. Passados quase 160 anos, elas ainda trazem marcas de combate, com a terra da cor dos alagados paraguaios e também marcas de tiro e rasgados.

Mais adiante, havia muitas munições e mais um pedaço da grande corrente que impedia os navios brasileiros de subirem além da fortaleza de Humaitá. Pela primeira vez, eu vi a famigerada metralha, tipo de munição que se desprendia no ar ao ser disparada, dividindo-se em pequenas pelotas de ferro que acertavam o exército inimigo com grande impacto. Naquele tempo ainda não havia a metralhadora, propriamente dita, como conhecemos. Eram os canhões que disparavam a carga fragmentada.

E sobre os canhões, havia de vários calibres, além de instrumentos da banda militar do exército de López (ainda muito bem conservados, inclusive com as cores da bandeira Paraguuaia), utensílios de cozinha, a peça decorativa da proa de um barco com uma grande estrela talhada e

dragões, na qual é possível ler o lema dos paraguaios: “vencer ou morrer”, fora outros objetos menores, que completavam uma coleção e tanto do Ministério da Defesa.

Olhei para o lado e vi dois trajes de gala com faixa presidencial que pertenceram a Solano López, ricamente adornados. Abaixo dos trajes, uma miniatura do presidente paraguaio já um tanto bonachão, que não lembrava exatamente a figura das fotos, mas não deixava de ser uma homenagem a ele. Devia ter entre 30 e 40 cm e era aparentemente do pós-guerra.

Em uma vitrine ao lado está o traje de gala do pai dele, Dom Carlos Antonio López, que pela largura mostrava que o senhor era um pouco mais baixo de altura e um tanto mais obeso do que nas pinturas que o representam. Completava o quadro de roupas em exposição, uma capa e um pano de montaria de Solano.

Em outro espaço, um quadro de Gil Coimbra, de 1961, mostrava aquela que seria Elisa Alicia Lynch, esposa do presidente López. Olhando bem e comparando com as fotos dela, a pintura lembra muito mais uma modelo do estilo Barbie do que a esposa que acompanhou o marido até os últimos momentos nas margens do Aquidabán. Logo abaixo dela, estão fotografias de quando vieram para o Paraguai os restos mortais de Lynch, trazidos da França no ano de 1970.

Próximo ao quadro, estão as roupas de uso cotidiano e outras que eram usadas para dormir, tanto de Elisa quanto de López. A maioria é de cor clara ou de tons pastéis, com poucas figuras ou estampas e alguns bordados. Em outra prateleira, duas dezenas de chapéus e quepes mostram a diversidade do uniforme paraguaio naqueles dias, com tamanhos e versões diferentes, mas sempre com algum detalhe que lembrava a bandeira do país. Pelos tamanhos das circunferências dos chapéus, é possível sustentar que os soldados que vestiam as peças expostas mediam entre 1,60 e 1,80 metros. Uma das coberturas mais diferentes é o da escolta presidencial, o dito “Aca Caraya”¹⁴⁶.

Depois disso, ainda havia espaço para sabres, lanças, esporas, material de montaria, munições de armas de mão e de fuzis, baionetas e tantas outras armas de infantaria. No mesmo espaço, estão ainda alguns armamentos e boa parte da história da Guerra do Chaco, quando as forças paraguaias venceram os bolivianos na década de 30.

Acosta me explicou que aquelas armas eram muito bem cuidadas e que boa parte delas ainda é funcional. O superior dele apareceu para dar entrevista para uma TV que surgiu para filmar um vídeo no espaço. Ele nos cumprimentou, se despediu e continuou a própria jornada em seu fardamento camuflado, muito semelhante aos modelos norte-americanos.

O tenente paraguaio percebeu que eu estava olhando muito as armas e tomando notas. Surpreendentemente, ele pegou umas chaves com o soldado que nos observava de longe e que nos

¹⁴⁶Na tradução, algo como “cabeça de Caraya”, que é uma espécie de macaco, o nosso bugio-preto, tão comum nas matas sulamericanas.

recebeu. Então, se aproximou das vitrines, abriu e retirou de lá uma baioneta e uma espingarda de chispa. “Seu trisavô com certeza empunhou uma destas e você também pode pegar. Pode segurar, vou te ensinar como colocar a baioneta”, disse enquanto me passava o armamento.

Eu segurava a arma, sentia o peso de uns quatro quilos quando ele me passou a baioneta e calmamente me mostrou como encaixar e como retirar. Eu já conhecia em teoria como municiar uma arma de chispa. Perguntei se eu estava fazendo corretamente e ele sorriu, concordando que sim. “Um bom soldado disparava dois tiros por minuto com esta arma, pois as nossas eram menos modernas que a dos brasileiros. As nossas acertavam o alvo a 50 ou 60 metros, enquanto a dos brasileiros podia atirar a até 200 metros e eram mais fáceis de carregar”, explicou Acosta.

Comentamos que isso fazia muita diferença, pois os brasileiros tinham maior poder de fogo e podiam disparar de mais longe. Entretanto, concordamos que no combate corpo a corpo as condições se igualavam, e que nessas horas vencia quem tinha mais disposição. Consegui tirar e colocar a baioneta em cinco segundos. Um tempo excelente, segundo o meu professor.

Devolvi a arma com todo cuidado e ele me passou uma lança que também pesava bastante. Acosta me explicou que a lança do tempo da guerra era afiada dos dois lados e que cortava feito navalha.

Seguimos nossa jornada pelo museu. Dessa vez, nos deparamos com um quadro pintado no pós-guerra e que Acosta fez questão que eu visse. Demos risada juntos, pois quem o desenhou, ao invés de pôr a bandeira imperial, pôs a bandeira atual do Brasil nas mãos de soldados, em uma cena que chegava a ser cômica. Na pintura, a maioria dos soldados era negra, quando já há relatos de que isso era um mito.

Conversamos por mais alguns minutos sobre batalhas e personagens da guerra. Acredito que se tivéssemos mais tempo, poderíamos conversar por horas e horas sobre aqueles assuntos, porque o Acosta teria repertório e julgo que eu também para acompanhá-lo.

Contudo, eu precisava partir, seguir adiante para poder fotografar também na parte da tarde. Afinal, já era hora do almoço e havia passado quase duas horas naquele espaço. O tempo voou e eu fiquei com vontade de ter permanecido ainda mais.

Olhando aquelas armas e lembrando de tudo que havia lido sobre a guerra, tinha cada vez mais orgulho dos meus antepassados terem sobrevivido; dos três combatentes, das duas paraguaias e da argentina. A guerra havia sido brutal e nem consigo pensar como devia ser o psicológico dos envolvidos, principalmente dos soldados que partiram para o embate, na certeza de que a próxima bala ou estocada de baioneta, lança ou espada poderia ser o ponto final dessa existência. Então, acabava o combate e ele se via com vida por mais um dia. Lembrava que tinha matado alguém e se preparava para a próxima, vendo cair os colegas ao lado. Sem contar os sons, cheiros e visões

sinistras de uma luta frente a frente. Deve ter sido traumático e desumanizante.

Uma tarde em Assunção

Na parte da tarde, segui pelas principais ruas de Assunção, onde fotografei o atual Banco Argentino, que na época da guerra foi hospital de sangue paraguaio, quando ainda era o Clube 25 de Mayo. Também visitei o Panteão Nacional dos Heróis, no qual estão os restos mortais que seriam de Solano López, o que restava dos corpos de crianças mortas em Acosta Ñu (Campo Grande) e de outros paraguaios importantes na história militar do país.

Coloquei que “seriam” porque já há pesquisadores paraguaios que questionam se os restos mortais de López são autênticos ou de outro combatente caído em Cerro Corá e apenas usados para representar o presidente. Inclusive, há quem defenda no país vizinho que os restos mortais de Solano permanecem enterrados no local de sua morte. Uma dessas vozes é de Fabián Chamorro¹⁴⁷, historiador paraguaio, o qual diz saber a localização que seria do verdadeiro túmulo.

Terminei a noite andando pela moderna avenida costeira de Assunção, que acompanha o Rio Paraguai, especificamente nos fundos do Palácio do Governo, por onde passei também na parte da tarde. Esse palácio, na época da guerra, foi praticamente destruído, tendo servido como quartel da cavalaria gaúcha e depois ficado abandonado por um bom tempo, até ser transformado, já no século XX, em sede do governo paraguaio.

Lembrei na hora dos escritos de Centurión que falavam que nas primeiras noites de ocupação de Assunção, quando os brasileiros colocavam fogo em tudo que viam para poder continuar embarcando, em navios rumo ao Rio de Janeiro, o fruto dos seus assaltos. Naquela época, a capital não era rica, mas também não era pobre, tendo dezenas de casas bem mobiliadas e com utensílios de luxo da alta sociedade, descendente dos primeiros conquistadores ou de gente que imigrou depois.

O cemitério que virou parque

No dia seguinte, comecei minha jornada bem cedo, passando ainda em Assunção pelo Parque Carlos Antonio López, que foi cemitério brasileiro no pós-guerra e que depois foi simplesmente posto abaixo e transformado em um parque público, condição que abriga até os dias atuais.

Apenas uma pequena placa lembra que ali foram enterrados, primeiro os brasileiros, e depois

¹⁴⁷AYALA, José. *Qué Pasó Acá Capítulo final!* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8vAeQGsqAY>. Acesso em: 25 ago. 2023. O apresentador José Ayala e Fabián Chamorro visitaram Cerro Corá e no programa mostraram aquele que seria o local aproximado de onde estariam os “verdadeiros” restos mortais de Solano López.

populares e moradores da capital e redondezas. Hoje, o parque é um lugar bastante calmo e arborizado, no qual assuncenos passeiam tranquilamente com seus cachorros e sacolinhas de fezes nas mãos, ou onde simplesmente aproveitam o sol menos abrasador para poderem fazer caminhadas sobre a terra que, pelo menos até 1918, serviu de última morada para quem tinha cruzado o véu de Ísis.

A placa diz que os restos mortais foram levados ao Cemitério do Sul. O parque, antes conhecido como Mangrullo, era situado na parte mais alta da cidade, de onde se podia ver o Rio Paraguai. Atualmente, já não é possível ver tão bem a cidade por conta da urbanização, contudo, naqueles dias, era um local de contemplação.

No entanto, pelo menos até 2020, populares encontraram restos mortais que afloraram na terra, principalmente no campo de futebol no parque, conforme dezenas de notícias da imprensa do período.

Quando passei para tirar fotos, uma equipe do poder público escavava bem ao lado do cemitério, no muro exatamente onde delimitaram o parque, e não havia ninguém para supervisionar o trabalho. Caso encontrassem algo, seria simplesmente levado com a terra que estava sendo tirada para a colocação e substituição de encanamentos.

Itororó

Por caminhos guiados pelo GPS, que nos fizeram passar por dentro da periferia da cidade, deixei para trás Assunção. Vi outras faces da capital paraguaia, em bairros de classe média alta e em bairros bem pobres, exibindo a desigualdade que reina em todos os países da América do Sul. Aliás, mais visível em todo o continente do México para baixo.

Em uma das partes, refiz o antigo caminho pelo qual os brasileiros vieram após a Batalha de Itororó. Meu destino era justamente o local onde ficava a ponte disputada pelos dois lados. Por conta do trânsito, cheguei depois de quase uma hora de jornada.

Logo de cara fiquei surpreso. Um pequeno comércio, com a casa da família que o administra, está localizado justamente no local central da batalha, ao lado de onde, segundo os moradores, ficava a ponte em disputa e na qual os exércitos se afunilaram para mantê-la e tomá-la.

Desci do carro para falar com a proprietária do comércio. No caminho, um dos clientes, ao me ver com máquina fotográfica pendurada, perguntou de onde eu era. Respondi que era brasileiro com meu espanhol com um leve sotaque de Assunção, conforme observaram alguns paraguaios depois. Confesso que sempre pensei que meu sotaque fosse igual ao do interior do país. Enfim...

O homem me examinou da cabeça aos pés e se pronunciou em jopará¹⁴⁸ com palavras pouco amigáveis: “Certamente ore monda haguã¹⁴⁹ la ‘plata’ que não nos levaram naquele tempo”, disse em meio a um sorriso enquanto mastigava um sanduíche, o famoso lomito¹⁵⁰.

Não me fiz de bobo e respondi também em jopará: “Chamigo, soy brasileño y aunque más kambá, che ñe michimi guaraní¹⁵¹. Não vim roubar nada, pelo contrário, vim lembrar os tombados em combate. Meu trisavô lutou aqui pelo Paraguai”. A feição do homem mudou e ele me cumprimentou com um forte aperto de mão, se despediu da senhora e seguiu em frente.

Lídia Grance, que cuida do pai acamado, Fermin, de 84 anos, é a proprietária do negócio. Ao saber do motivo da minha viagem, automaticamente ela começou a ligar para alguém do museu que fica nos fundos da casa dela.

A sobrinha, Violeta Espínola, chegou para buscar o almoço e também se uniu à conversa, pondo-se as duas a mandar mensagens para os gestores do espaço de memória, localizado em um pequeno parque onde se levanta um vistoso monumento que faz alusão à batalha, datado de 1904. Não consegui deixar de notar que a bandeira do município é justamente nas cores da bandeira do Brasil e as duas não sabiam explicar por qual motivo era daquele jeito. Conforme o site estatal do Governo paraguaio, “as cores da bandeira da cidade são o verde, que simboliza a esperança, e o amarelo, que representa “a iluminação do sol rumo a um novo amanhecer”.

Na venda de Lídia, ela me pediu que ficasse à vontade para tirar fotos do que precisasse. E dando a volta por trás da casa dela, com uns poucos passos, eu estava na beira do Arroio Itororó.

Segui o conselho de Lídia: procurei o melhor local para descer até a lâmina d’água. Como não havia, observei a altura do barranco. Pelos meus cálculos, tinha pelo menos três a cinco metros. Não dava para saltar. A saída foi encontrar pontos que eu conseguisse descer escalando de costa. E assim foi feito.

O local estava sujo. Não só o ponto perto da casa, como todo o trajeto do rio acima, até onde minhas vistas alcançavam. Caminhei alguns metros por onde a água permitia, pelos espaços que percebi que dava para pisar sem molhar muito o pé e que sentia segurança.

Observei que havia três pontes com pouca distância uma da outra. A primeira era de metal e usada há décadas, estando interditada no momento. Era bem frágil. A outra era uma ponte de asfalto mais moderna, por onde chegamos de carro. Era mais segura e do lado esquerdo. A terceira era um moderno acesso construído nos últimos anos, com pista dupla.

¹⁴⁸Termo que os paraguaios usam para designar quando são usadas palavras ou frases em guarani e espanhol, literalmente traduzido como “misturado”.

¹⁴⁹Vieram nos roubar.

¹⁵⁰Ao invés de hambúrguer, leva um bife empanado.

¹⁵¹Amigo, sou brasileiro e, mesmo que mais negro, eu falo um pouco de guarani.

Fotografei o que consegui, mas não senti segurança em permanecer naquele buraco por onde a água escorria suja e fétida com esgoto urbano e sabe-se lá mais o quê. Lembro do mapa de batalha e que o ponto por onde desci era justamente de onde vieram os brasileiros e onde os barrancos são mais baixos, pois do outro lado pareciam ser ainda mais altos e a água mais profunda, chegando a uns 50 a 60 cm de profundidade (até onde pude enxergar).

Levantei o braço. Certamente caberiam dois de mim em pé ao lado daqueles barrancos, já que com os braços levantados devo somar pelo menos dois metros e dez centímetros. Tenho 1,83 metros e braços longos.

O desafio foi subir de volta. Tive que me virar para subir. Entretanto, o preparo físico ainda me favoreceu e fui escalando como pude. Se alguém estivesse fotografando, acharia graça de me ver tentando me equilibrar para não cair. Um escalador fajuto.

De volta ao cume do barranco, recuperei o fôlego e segui andando pelo terreno. Nesse meio tempo, a Lídia e a Violeta retornaram, dizendo que infelizmente ninguém do museu poderia estar ali para abrir o espaço. Agradei o empenho. Eu não tinha a intenção de tirar nenhum funcionário público de casa para abrir exclusivamente para eu conhecer aquele espaço.

Antes de ir, perguntei à Lídia das lembranças que ela tinha por ter crescido vizinha ao ponto histórico. Ela me explicou que o seu pai recebeu o terreno da empresa, na qual trabalhou a vida inteira e que ele sempre morou ali, desde os 43 anos. Ela nos disse também que cresceu ali: “A gente brincava no rio quando ainda era limpo e a gente tem lembranças também não muito boas”, lembrou.

Nesse momento, a conversa mudou de rumo e ela começou a me contar as experiências sobrenaturais que vivenciou quando criança. Violeta confirmava as histórias da tia, dizendo que o pai dela também contava as mesmas histórias: “Quando a gente era menor, nós estávamos brincando aqui fora e o pai mandava a gente entrar quando escurecia, dizia que não era seguro, que tinha espírito por aqui. A gente escutava barulhos de espada de noite e de madrugada, de gente pisando nas pedras, de gente gritando”, revelou com tom sério.

Ela também lembrou outras experiências do seu pai: “Meu pai acordava de madrugada para ir trabalhar e ia de bicicleta daqui até o trabalho dele, pois tinha que entrar muito cedo. Não foram poucas às vezes que ele viu coisas estranhas, como um cavalo branco, sem ninguém em cima, vagando pelo meio da estrada que ainda era de terra. Outra vez, ele viu uma sombra transparente que tentou conversar com ele, mas quando ele chegou perto, ela simplesmente desapareceu. Ele evitava contar para a gente, para não termos ainda mais medo, mas a gente ouvia os barulhos. Agora que crescemos, que somos adultos, não escutamos quase nada. Ainda mais depois que fizeram essa rodovia, esse acesso do lado que fica um barulho de caminhões o dia e a noite inteira na nossa

cabeça”, explicou a comerciante, lamentando o pai estar doente e falando pouco. Senão, ele mesmo poderia nos contar. “Meu pai confirma essas mesmas histórias”, acrescentou Violeta.

Comprei um refrigerante de pomelo, especialidade local. Agradei a hospitalidade, a atenção e segui viagem. Mais ou menos uns 500 metros acima, encostei o carro e olhei no rumo do monumento. É o ponto mais alto da colina e provavelmente onde estavam os oficiais brasileiros e quem sabe o próprio Duque de Caxias, que conforme registros da época, ao ver a tropa quase recuando ao ponto de partida, desceu em disparada, tomando parte da batalha, ajudando a tomar a passagem da ponte.

Avaí

De Itororó a Avaí são aproximadamente 10 km. No caminho, as planícies paraguaias eram intercaladas entre pasto e muitos trechos de lixões. Sim, lixões. Tanto de material industrial quanto de lixo residencial, lembrando muito a prática ainda comum em algumas cidades sem tratamento adequado do lixo do Brasil. Porém, aparentemente não são pessoas do poder público que depositam o lixo ali, e sim particulares que, com o tempo, vão encostando carretilhas, caminhonetes e carroças, despejando o que não querem mais nas margens da rodovia.

Passei por um trecho que devia ter pelo menos um quilômetro e meio de sujeira.

Finalmente, peguei uma descida que ia desembocar em um pequeno riacho de nome Avaí. A descida começava depois de uma curva acentuada, mas ao contrário de Itororó, em que o riacho terminava em um barranco íngreme, em Avaí a descida era suave até chegar-se ao nível do pequeno arroio. Do outro lado, quando se começava a subir novamente, era onde estavam os paraguaios na época da guerra.

Primeiro, deixei o rio para trás e fui até onde há um monumento grandioso em formato de uma baioneta fincada no chão. Fica ao lado de um cemitério, o qual o historiador paraguaio Fabiano Chamorro, em uma das temporadas do “Que pasó acá”¹⁵², apresentou a hipótese de que foi fundado por conta daquela mortandade registrada em 11 de dezembro de 1868.

Se os paraguaios foram enterrados naquele cemitério, não há indícios, ainda que seja um cemitério bastante antigo, com túmulos do começo do século XX. Ali, ao lado do cemitério, teria sido o último ponto de resistência paraguaia, onde eles formaram aquele quadrado mortal descrito na primeira parte deste livro. Não há vestígio algum de batalha naquele terreno, e o que me chamou a atenção foi o cemitério lateral, no qual duas famílias estavam limpando o túmulo do ente querido.

¹⁵²Série paraguaia específica sobre a guerra, disponível em: <https://www.youtube.com/@joseayalaparaguay9336/videos>.

Mas não era uma limpeza qualquer. Faziam churrasco, tomavam cerveja e tereré, sorrindo e nos observando enquanto os observávamos. É cultural que as famílias tenham esse tipo de mutirão no Paraguai e que celebrem a pessoa querida, intercalando entre momentos de tristeza e alegria. Já havia visto cena semelhante em Pero Juan Caballero, departamento de Amambay, fronteira com Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, cidade onde fui criado dos quatro aos 18 anos.

Ao lado do monumento, que valorizou a região antes tida como afastada de Villeta, havia uma construção de casas. Me aproximei dos pedreiros para tentar puxar assunto sobre o que eles sabiam da guerra. Disseram-me apenas, apontando para o monumento: foi ali que acabou a batalha.

Perguntei onde começou e eles não souberam explicar, dizendo que só sabiam que houve uma inauguração ali e que muitos paraguaios morreram, atacados pelos brasileiros. Em princípio, pensaram que eu era paraguaio, entretanto um deslize no meu espanhol me entregou. Ao invés de falar “Avay” com sotaque fechado paraguaio, eu disse Avaí com sotaque aberto, igual pronuncia-se o nome da ilha americana do Havaí.

O mestre de obras interrompeu a conversa e mandou um dos homens buscar um saco de cimento e o outro pegar o carrinho de mão. Entendi que não era para ficar atrapalhando o pessoal e me retirei. Olhei para a baixada que levava até o riacho. Em linha reta, eram uns bons 800 metros.

Voltei para o carro e tentei descer por uma rua de terra, mas o caminho não era para carros, e sim para caminhonetes, além de se tratar de terra privada. Havia muito lixo também nas beiradas do cemitério, como se fosse cultural jogar lixo na beira de estradas vicinais e mesmo de asfalto.

Desanimado, desci até perto da ponte que corta o rio. Achei uma brecha em uma picada lateral e segui por um espaço marginal à rodovia, até onde pude seguir de carro. Sempre com o Rafael, que dirigia, cuidando para o veículo não atolar, pois não eram poucas as armadilhas, como as famosas “zanjas”, sangas, que são buracos ou valetas cobertas de vegetação, geralmente com alguma gramínea ou espécie de bromélia, que aparentam ser rasas porque estão no mesmo nível do solo e que, no entanto, quando algum descuidado passa por cima, descobre que tem entre 50 cm e até dois metros de profundidade, como vi mais para frente, já perto de Humaitá.

Eu havia visto na internet que uma pedra marcava o local de travessia dos exércitos aliados. No entanto, estudando a batalha, a pedra serve muito mais como uma lembrança do que como ponto de travessia, já que o riacho é muito baixo, com uma lâmina de 40 cm no máximo naquele trecho onde a batalha se desdobrou. Além disso, os milhares de homens, milhares de brasileiros não atravessaram por um único ponto.

Mesmo assim, me dispus a procurar tal pedra. Adentrei na pequena mata ciliar de menos de 80 metros de espessura de um lado e de uns 100 metros no outro. O solo era arenoso. Raramente alguém encontraria alguma pedra para contar a história. Com certeza, o que existiu da batalha

naqueles locais diretamente laterais ao riacho, dificilmente poderia ser encontrado. Isso porque em 160 anos devem ter ido parar em algum ponto muito distante dali. Podem estar no fundo do Rio Paraguai, levadas pelas enxurradas que as marcas na mata deixam claro que, quando descem, são bastante fortes.

Isso me fez pensar que naquele dia de dezembro de 1868, mesmo o riacho sendo pequeno, deve ter sido trabalhoso atravessá-lo, pois, minutos antes da ordem de ataque contra os paraguaios, desabou do céu um temporal. O que para os paraguaios foi péssimo, uma vez que impossibilitou o uso de seus rifles de chispa.

Nesse contexto, nada é mais cômico do que lembrar do quadro de Pedro Américo sobre a Batalha do Avaí, retratada com uma ferocidade sem limites, com oficiais e paraguaios lutando em trajes esfarrapados em uma grande contenda próxima a um rio grande que aparece ao fundo. Uma representação bem diferente do que vimos por ali, um local que, se ninguém tivesse contado que ali houve uma batalha, nenhuma pessoa saberia. Pelo menos as colinas de Pedro Américo fazem sentido. Licença poética, com certeza.

Tentei entrar na outra margem do arroio, porém era território particular. Estava cercado com arame farpado, dividido em lotes e posto à venda por alguma imobiliária local que oferecia os menores preços para quem ligasse para um telefone de contato em plaquetas espalhadas por onde aparentemente será um condomínio.

Como pesquisador, minha cabeça ficou pensando em como faltam políticas públicas para exploração e manutenção de sítios arqueológicos, tanto no Brasil quanto no Paraguai. E diria mais, em outros países como a Itália e a Argentina também, que são locais que eu conheço.

Certamente, para fazer as bases das casas, munições de infantaria e artilharia, equipamentos de cavalaria, ossadas humanas, entre outros vestígios da batalha, serão encontrados. Possivelmente, serão levados como troféus, ou comercializados por peões da obra, ou serão simplesmente descartados com entulho, ou usados para aterro das ruas que serão construídas dentro do conjunto habitacional privado. Com muita sorte, alguém levará a peça encontrada para o Museu de Villeta.

A história do conflito ficará restrita à dita baioneta gigante fincada ao lado de um cemitério, que representa, com certeza, uma lembrança, uma memória, mas que poderia fazer parte de um contexto maior se houvesse interesse das autoridades na preservação da memória daquele triste episódio de 1868.

Atravessei pulando o riacho, literalmente, coisa de um metro de largura. Comecei a percorrer a margem oposta da que me encontrava, que no tempo do embate era de onde vinham os brasileiros. Mas não havia muito o que ver que fosse diferente do lado onde eu estava antes.

Distraí-me tirando fotos do riacho e quando dei por conta, já estava escorregando nas

margens arenosas e indo parar dentro da água. O pé direito mergulhou inteiro e foi assim que eu descobri que a lâmina da água naquele trecho não era maior do que 40 cm de profundidade.

Para evitar um tombo, me agarrei em umas raízes, subindo e dando meia volta para atravessar mais adiante, por uma brecha em alambrados que uma empresa colocou por ali. Uma árvore caída me possibilitou a travessia de volta.

Saí dali e fui procurar algo para comer, pois a fome já era grande nessa hora. Dali, me desloquei com ajuda do GPS até a cidade de Villeta para tentar encontrar algum vestígio da Fortaleza de Angostura, onde houve aquela rendição paraguaia comandada pelo engenheiro britânico Thompson.

Angostura

O GPS me levou para um bairro da cidade, às margens do Rio Paraguai, onde corria uma estrada até o estaleiro Tsuneishi Paraguay S.A, uma empresa japonesa que agora detém o que um dia foi Angostura. Essa empresa trabalha no ramo de produção de embarcações de transporte fluvial, como barcas e empurradores, desde 2011, e tem sede em Villeta desde 2016. Ali não era permitida a entrada, por isso fui para a direita da empresa, onde está a Prefeitura Naval do município, único ponto público após as antigas edificações e arredores do que foi Angostura em 1868.

Para não entrar em propriedade privada sem permissão, o mais próximo que cheguei foi o pedaço da Prefeitura Naval. Dois soldados e um oficial estavam lá dentro. Ao ver o carro se aproximar, os dois soldados colocaram as mãos nas armas e ficaram desconfiados.

Rapidamente me identifiquei como jornalista, e eles apenas disseram que não era para tirar foto deles e nem da frente da Prefeitura Naval. Respeitei o pedido, mas não havia porque não tirar fotos do prédio; não era ilegal, pelo contrário, há dezenas de fotos na internet da fachada no local.

Como eles continuaram olhando com cara feia, me desloquei de lá para uma região à direita da Prefeitura, de onde dava para ver a curva do Rio Paraguai e os fundos da Tsuneishi¹⁵³. Famílias estavam pescando; alguns, mais corajosos, tinham canoas pequenas no meio do rio, seguravam uma varinha de bambu ou taquara fina.

Em uma casa que fica de frente para o rio, um senhor idoso conversava com seus dois filhos já adultos. Aproximei-me deles para me certificar de que não estávamos no lugar errado. Eles

¹⁵³ Quem me indicou o local correto como sendo na empresa foi o historiador paraguaio Fabián Chamorro. Tentei contato com a assessoria de imprensa da Tsuneishi por e-mail, que teve a entrega confirmada, mas não obtive resposta. Perguntei aos japoneses se eles sabiam que haviam se instalado em um sítio histórico e se tiveram ou tinham algum estudo de impacto arqueológico na localidade; se teriam interesse em obter ajuda em pesquisas estatais, caso fosse o caso. De fato, a assessoria só confirmou ter recebido as perguntas.

confirmam, apontando para os lados da Tsuneishi, que toda aquela região era parte da Fortaleza, que onde hoje é o bairro, foi o espaço em que ficaram os paraguaios, depois que se renderam, e os próprios brasileiros do Exército Imperial. Atualmente, o entorno da Prefeitura não é muito diferente de qualquer comunidade pobre da América Latina, com ruas de terra e areia, com casas humildes e sem muito acabamento, e com gente com o rosto sofrido de quem trabalhou muito na vida para obter o mínimo de dignidade: um teto para se proteger e um lar para chamar de seu.

O museu da avenida estava aberto quando passei em frente na chegada. Porém, quando me aproximei, no retorno das fotografias, ele já se encontrava fechado. Procurei algo para comer. A refeição foi agradável. Villeta tinha o centro todo enfeitado com bandeiras paraguaias nas ruas, pois, no mês anterior, tinha sido celebrada a Independência do Paraguai, em 15 de maio.

Lomas Valentinas

Deixei Villeta, atravessando a cidade rumo ao local conhecido como Itá Ybaté ou Lomas Valentinas. O GPS me levou para um bairro bastante afastado, e tive a certeza de que as coordenadas estavam erradas.

Pedi informação para um jovem que abastecia uma moto Kenton, das mais comuns, que lembrava uma Biz da Honda, das que mais vimos no Paraguai. A moto tinha marcas de ter sido derrubada algumas vezes, não tinha as luzes de sinalização, nem retrovisores.

O homem devia ter uns vinte e poucos anos, não usava capacete. Suspeito que também não tinha habilitação, e abastecia a moto com uma garrafa pet de refrigerante de dois litros, cheia de combustível. Perguntei se ele sabia onde era Itá Ybaté. Ele pensou um pouco e me disse para segui-lo, porque ele iria pelo caminho até lá perto.

Achei que era ali perto mesmo, mas ele entrou na rodovia e, com manobras arriscadas, foi ultrapassando alguns veículos mais lentos. Consegui, dentro de uma segurança possível, acompanhá-lo sem perdê-lo de vista. Até que ele parou em um posto de gasolina e me deu sinal para que também parasse. “Eu fico por aqui, mas para vocês chegarem ao monumento, devem pegar aquela rodovia reta até o cruzamento, virar para a esquerda e depois seguir a rodovia menor ‘itê, itê, itê, itê, itê, itê, itê, itê!’”, afirmou com um fôlego gigante para repetir a parte do “itê”.

O Rafael, que estava ao volante, me olhou, como que perguntando se eu tinha entendido. Fiz sinal e agradei. Meu amigo Rafael pegou algumas dezenas de moedas e algumas notas miúdas de Guaranis, uns R\$20 em dinheiro paraguaio, e deu para ele, que ficou bem feliz. “Você fica por aqui?”, perguntou Rafael.

O jovem abriu um sorriso: “Hoje é sábado, dia de [fez sinal com a mão que ia tomar algo, de

que beberia]”.

Sorrimos de volta e, depois, dentro do carro, começamos a rir e imaginar como ele voltaria para a casa dele. Voltamos à realidade e pensamos no risco que o rapaz correria e que ofereceria para outros motoristas. Só por Deus!

Já o “itê” que ele tanto repetiu, eu lembrei que em guarani é algo para indicar superlativo, intensidade. Ou seja, era para ir reto o quanto fosse possível, ou como dizem no Paraná, “para ir reto toda a vida”.

Peguei o caminho e vi mais lixo nas rodovias, porém, de um trecho em diante, começaram a surgir pequenas chácaras de produção agrícola e pecuária. Nada extensivo, agricultura familiar.

Uma placa indicava que eu estava na Colônia Nova Itália, local para onde se dirigiram algumas famílias italianas no pós-guerra, trazidas para repovoar a região.

Segui um caminho e comecei a ver as primeiras placas de Lomas Valentinas, inclusive com um condomínio de luxo que será construído para aqueles lados.

Antes de pegar o braço de rodovia que me levaria até Lomas Valentinas, vi uma estátua de Ramona Martinez, uma paraguaia que é sinônimo de orgulho para os moradores da região, pois, naquele último combate, quando as tropas paraguaias já não aguentavam mais lutar, ela sozinha saiu da trincheira com um sabre na mão, intimando os brasileiros a se renderem e convocando os colegas para que a seguissem. Nenhum dos dois lados ousou atirar nela ou seguir suas ordens, de modo que ela teria voltado para trincheira e depois tomado o destino ignorado.

O braço de rodovia que liga a via principal a Lomas Valentinas é asfaltado até a entrada do local. Porém, as melhorias param por ali. Ao lado do monumento que sinaliza o ponto mais alto de uma pequena loma ou colina, de onde os paraguaios comandavam suas tropas em luta, há casas e chácaras com bois pisando por sobre o antigo campo de luta para todos os lados.

Um homem se aproximou com uma moto, puxando uma carretinha, trazendo consigo um grande machado. Cumprimentou-me e entrou na pequena vegetação que ainda resta em volta para cortar lenhas. Escutei o estampido seco das batidas do machado nas árvores.

Encostei o carro e fui procurar por trincheiras, que sabia existir por ali. Algumas plaquinhas facilitaram o trabalho, e vi pequenas ondulações no terreno que indicavam que ali realmente era uma trincheira. No entanto, uma estrada de terra cortava a trincheira em duas e do outro lado havia sinais visíveis de que recentemente alguém andara escavando o terreno em busca de relíquias de guerra ou da tal “Plata yvyguy”¹⁵⁴.

Trata-se de tesouro enterrado, que seria fruto de alguém ter escondido em algum tempo.

¹⁵⁴Prata ou riqueza subterrânea, na tradução; o nosso popular “enterro”, como se diz no Brasil.

Depois de morta, a pessoa ou um espírito enviado para tal fim se manifestaria em forma de uma luz ou bola de fogo, ou mesmo de um cachorro branco sem cabeça, guiando uma pessoa de bom coração até a riqueza, como forma de se livrar daquele segredo. Porém, quem avista os tais sinais sobrenaturais não deve contar para terceiros, correndo o risco, em caso de desobediência, de deparar-se apenas com carvão no local indicado do enterramento.

Não são poucos os casos, em todo o Paraguai, de gente desesperada atrás dos tais tesouros, desde a capital até o interior. Consequentemente, há mortos por soterramento nos casos mais extremos. A imprensa paraguaia registrou algumas dezenas de casos nas últimas décadas.

Ali em Lomas Valentinas, havia pelo menos quatro buracos profundos e alguns mais rasos, indicando escavação humana recente com pás. Meu palpite que eram detectoristas atrás de peças da Guerra Guasu. Fora isso, havia caminhos de gado por toda parte e fezes deles também.

Resolvi pegar o carro e ir um pouco mais para frente, para procurar novos vestígios. Contudo, percebi que não era possível, pois a menos de 200 metros do monumento, havia uma espécie de vila com várias casas e chácaras de criação de porcos ou ovelhas. Ninguém ousou colocar o rosto para fora quando viu o carro. Uns estavam na frente da casa, mas ao ver que o veículo se aproximava, na volta já haviam entrado.

Saí do local um tanto quanto decepcionado, pois gostaria de ter mais tempo para poder tentar entrar nas propriedades privadas e pedir permissão para que o pessoal me deixasse olhar com mais calma. Porém, parecia uma vila deserta.

Saí dali para encontrar o ponto chamado Curuzu 40, que tem esse nome devido a terem sido recolhidas 40 carroças de ossos humanos no pós-guerra, todas depositadas em uma vala comum. É um dos únicos pontos em que ossos de paraguaios, brasileiros, uruguaios e argentinos estão postos juntos, ainda que de um jeito desorganizado, literalmente jogados na terra.

Curuzu 40

Uma pequena capela foi erguida no local da vala comum. A primeira versão, ou marco, está um pouco mais de 50 metros afastada da segunda, onde há uma marcação do poder público de que ali é um posto de memória da guerra.

Eu não sou tão religioso quanto gostaria, mas me senti compelido a fazer uma prece pelas almas dos mortos. Tentei fazer em espanhol, contudo, as palavras simplesmente não saíram; ficaram entaladas na garganta. Só me restou falar em português e, depois, em espanhol, pedindo perdão para alguma alma que meus trisavôs tenham feito desencarnar naquele dia de combate, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio.

Tenho para mim que meu trisavô paraguaio foi feito prisioneiro em Lomas Valentinas, porque ele batizou uma das filhas e, depois, uma das netas como Ramona. Minha mãe, bisneta dele, também se chama Ramona, sendo a terceira Ramona, todas com esse nome, possivelmente em homenagem à Ramona Martinez, que saiu da trincheira daquele dia para confrontar os brasileiros. E ele só teria conhecimento do acontecido se tivesse vivenciado aquilo. É uma hipótese; não tenho como provar.

Saí de Curuzu 40 um pouco apressado, pois o próximo destino estava mais ou menos 250 km dali e eu tinha a certeza de que pegaria chuva no caminho, já que o tempo começava a escurecer e ainda era por volta das 16h.

Humaitá

Dali, eu me dirigi a Humaitá, a antiga fortaleza e quartel general de Solano López. A estrada seguia em linha reta e era bem asfaltada. Só parei mesmo em um posto de gasolina para comer algo, usar a internet e avisar minha família de que Rafael e eu estávamos vivos, pois, desde a noite anterior, não havíamos mandado mensagem, já que os telefones estavam sem sinal.

Quando seguíamos próximos do caminho que nos levaria até Humaitá, depois de andar alguns quilômetros em rodovia de terra e asfaltada, porque o governo estava asfaltando¹⁵⁵ o acesso para os portos do Sul e por isso fez desvios, paramos em uma bifurcação.

Na dúvida entre qual escolher, optamos pelo caminho da esquerda, pois os dois diziam levar-nos a Humaitá. Só quando chegamos à Humaitá é que descobrimos termos passado por Tuiú-Cuê. Tínhamos pegado a rota mais difícil, indo no caminho que era aquele do antigo quartel brasileiro, como é descrito nos livros. Tal como descrito, era de difícil acesso e com solo muito alagado.

A chuva, que já tínhamos pegado em alguns trechos de asfalto, veio com mais volume. O caminho, estreito, não cabia dois carros, e todo margeado pelas tais “zanjas”, tanto artificiais quanto naturais, o que desafiava Rafael ao volante. Qualquer deslizaria o carro parar em um atoleiro ou brejo.

Só então começamos a ter ideia do que os brasileiros pegaram naquele período, e de como os paraguaios viviam naquela região, em meio a terrenos intercalados de areia com vegetação muito baixa, zanjais, capões e matas fechadas, além de esteiros a todo o momento.

Foi então que vimos uma luz bem fraquinha que foi ficando forte. O Rafael identificou ser uma moto e, olhando com mais cuidado, vimos a luz sumir abruptamente. Tinha ido para o chão.

¹⁵⁵ A obra foi concluída e entregue em outubro de 2023.

Andamos um pouco mais rápido porque não podíamos acelerar naquela pista.

Encostamos o carro ao lado da moto e vimos uma cena pavorosa: um pai tentando levantar a moto, uma criança de cerca de três anos chorando e completamente molhada, e uma mãe com um bebê no colo. Mal tivemos tempo de ajudar, e a mãe escorregou com o bebê, deixando-os ambos enlameados.

Oferecemos nosso socorro. Rafael ajudou a levantar a moto e a cuidar da mãe. Instintivamente, eu me dirigi à menininha, que lembrava minha filha. A acalmei, falando em espanhol bem devagar. Ela foi parando de chorar. Estava assustada.

Oferecemo-nos para dar carona e levá-los de volta, mesmo que, se eles aceitassem, teríamos que dar um jeito para voltar, dado que seria difícil manobrar o carro naquele terreno. “Obrigado pela ajuda, mas vamos seguir em frente. Vocês cuidem, pois o caminho está muito ruim para frente, muito pior”, alertou o pai das crianças.

Todos subiram na moto e esperamos que eles saíssem, observando-os enquanto sumiam pelo retrovisor.

Eu fiquei revoltado com a situação, porém, depois me dei conta que aquela família só tinha mesmo a moto para se deslocar de alguma fazenda onde trabalhavam. Ou seja, aquela era uma realidade quase que cotidiana para eles.

O caminho realmente estava pior, bem como a chuva, que engrossou. Naquela hora, Rafael se lembrou dos ensinamentos do seu falecido pai, o senhor Osvaldo, a quem conheci e a quem tinha muita estima. “Meu pai sempre ensinou que, para dirigir em pista de chão escorregadio na chuva, não se pode forçar o motor. É preciso sentir a pista e deixar a uns 20 km por hora, sem acelerar. Já pensou se fosse você dirigindo aqui?”, questionou em tom irônico Rafael. Eu sorri de nervoso, porque se fosse eu teria sido mais difícil mesmo.

Seguimos e começaram a aparecer porteiras. Abri algumas até que o caminho de Tuiú-Cuê se encontrasse com a Rota 4, a principal. Essa estrada também não estava das melhores, mas pelo menos suportava dois carros. Antes, nosso maior medo era o carro derrapar, cairmos em uma daquelas zanjás e não termos socorro e nem sinal de telefone.

Andamos mais alguns quilômetros até Humaitá, aonde chegamos com garoa. Na noite escura, fomos até a hospedaria onde ficaríamos, bem ao lado de onde ficava a Igreja de Humaitá, destruída pelos brasileiros da Marinha. Recebeu-nos a simpática senhora Dora Cáceres, proprietária do local, que administra com a família. Senti um pouco de inveja da coleção de baionetas da Guerra Guasu que ela ostenta na parede da recepção.

Ela nos mostrou o quarto onde dormiríamos, um local bem simples, com tijolo à vista e uma sacada comum de laje, de frente para o Rio Paraguai. Um verdadeiro luxo. Era o suficiente para

descansarmos nossos corpos da viagem, na qual levamos quase uma hora e meia para percorrermos um trecho de 30 km, devido às condições ruins da estrada e à chuva.

Havíamos pedido um guia para a senhora Dora, e ela arranhou. Porém, não saiu bem como esperávamos. Acontece que era ninguém menos do que Vicenta Miranda, professora aposentada, bastante conhecida na região e que já participou de vários programas de reportagem, tanto do Brasil quanto do Paraguai e Argentina. Dora pediu para que conversássemos com ela, pois havia um pequeno problema: ela já estava comprometida com outro grupo de brasileiros que estava por lá também.

Desembarcamos nossas mochilas e fomos falar com a Vicenta, que nos recebeu muito bem e explicou a situação dizendo que havia se comprometido com outro grupo e que nós deveríamos conversar com eles, para descobrirmos se nos aceitariam na jornada que empreenderiam. Dissemos que sim e fomos falar com os outros brasileiros.

Vendo a história acontecer

O grupo de brasileiros estava jantando na mesma pousada em que nos encontrávamos, e tentamos estabelecer contato de maneira direta. Fomos bem sucedidos. Eles nos disseram se tratar de uma expedição da Universidade Federal da Fronteira Sul, de Chapecó, em Santa Catarina, que, em parceria com a Secretaria Nacional de Cultura Paraguaia e a Prefeitura local, estava promovendo uma série de visitas com o intuito de elaborar um projeto de identificação de possíveis pontos de interesse arqueológico e preservação de sítios e campos de batalha. Caso a iniciativa se concretize¹⁵⁶, Rafael e eu estivemos vendo a história acontecer diante de nossos olhos, com o primeiro passo para a correta identificação e guarda dos espaços de memória da Guerra Guasu.

O grupo era liderado pelo professor doutor Jaisson Teixeira Lino, historiador com especialidade em arqueologia. Com Jaisson, quem comandava os alunos era o professor doutor, historiador, Antônio Luiz Miranda. Do lado do Paraguai, estavam a chefe do Departamento de Arqueologia da Secretaria Nacional de Cultura, Ruth Alisson Benitez, bem como Marcos Samaniego, que é pesquisador no Centro de Estudos Arqueológicos e Históricos do Paraguai, além de Mário Ruiz Diaz, representante da Prefeitura de Humaitá.

Faziam parte da equipe brasileira, o mestrando em Arqueologia, Daniel Régia, a mestre em

¹⁵⁶ No mês de novembro de 2023, conversei com o professor Jaisson por telefone e ele me explicou que havia uma boa perspectiva para 2024. Contou que estaria de volta à Humaitá em dezembro daquele ano para abrir um escritório de escavações sob a vigilância do Governo Paraguaio. Jaisson obtivera a permissão para escavar, desde que contratasse um arqueólogo paraguaio para a equipe, que nada fosse levado para o Brasil, que tudo que fosse encontrado pertencesse ao Paraguai e que taxas e documentos burocráticos fossem providenciados. O professor estava correndo atrás de tudo isso e havia conseguido um recurso inicial com instituições de fomento brasileiras.

Arqueologia, Isabella Brandão, os estudantes de História: Marcelo Augusto de Souza, Andreia Corassa, Laís Amanda Balzan, Nathan Chraister e a aluna de Geografia Tayná Aimê Mohr.

Os estudantes, após a janta, se retiraram. Os professores e representantes do Estado paraguaio continuaram à mesa, à qual havíamos nos juntado minutos antes. Começamos a conversar e, ao final, o professor Jaisson concordou que nos juntássemos a eles no dia seguinte, tendo todos combinado de sairmos cedo, nas primeiras horas. Comunicamos a Vicenta que faríamos parte da comitiva e ficou acertado que às 7h todos estaríamos prontos para partir.

Feita a parte burocrática informal, passamos a conversar sobre amenidades, e eu e Ruth, como tínhamos o mesmo sobrenome na família, com algum antepassado em comum há gerações, possivelmente parentes em algum momento, começamos a falar que éramos primos. Enfim, consegui me sentir em casa, acolhido e à vontade para tratarmos de política brasileira, paraguaia e, principalmente, de assuntos relacionados à guerra. Cada um com um ponto de vista divergente em alguns aspectos, mas todos cientes de que é possível e muito necessário que os países preservem a memória daquele conflito, para que nunca nos esqueçamos do que foi aquele período tão cruel da humanidade.

Recolhemo-nos aos nossos quartos, e Rafael e eu ficamos conversando antes de dormir, sobre como que era um pouco surreal estarmos em um prédio que se localizava justamente onde era o quartel-general de Solano López, aliás, literalmente colado ao quartel que ficava na outra rua de trás.

Brincamos por um instante que, se alguém visse algum fantasma, deveria avisar o outro. Mas nada de sobrenatural aconteceu naquela noite e acordamos cedo no dia seguinte. Eu, mais cedo ainda, pois quando o relógio marcou 5h30, eu já estava de pé e me aprontando para sair.

Minha intenção era mesmo passear pelas ruas ao redor da antiga Catedral de Humaitá e ver o que encontrava de vestígios do conflito. Logo de cara, na frente da pousada, havia uma placa indicativa de que ali era o porto de Humaitá no pós-guerra. Bastante movimentado e que, com novos caminhos e ciclos econômicos, foi sendo deixado de lado com o tempo, estando totalmente modificado 160 anos depois da guerra. Inclusive, com o rio tendo recuado consideravelmente, tendo sido alvo de enchentes e com um assoreamento muito forte em outras partes.

Enquanto me preparava para sair, vi que o museu local estava sendo aberto pela jovem Karen Sosa, que foi apontada pela própria Vicenta como a sua sucessora natural para receber e guiar visitantes no futuro. Perguntei para a Karen se na casa onde funcionava o museu era de fato o quartel-general de López. “Não temos certeza de fato que seja esta, porque existiam outras seis casas iguais, uma ao lado da outra, na época da guerra. Não podemos afirmar com certeza”, explicou a curadora do museu. Ela foi simpática e me convidou para conhecer; no entanto, eu tinha que sair.

Alguns passos à frente, e já estava na extinta catedral, ou melhor, no que sobrou dela, no que

não foi demolido ou caiu com o tempo: duas torres. Uma igreja nova foi construída nos fundos da antiga, mas nem de longe lembra a primeira versão, que era muito mais bela e maior.

Fui para dentro do espaço para tentar fotografar as torres de baixo para cima. Mal havia me agachado para tirar a foto, e de nada, de cima da torre mais alta, despençou um tijolo que por menos de 20 cm não me acertou a cabeça. Foi uma baita inquietação. Ele caiu na horizontal e, ao tocar o solo, fez um estralo gigante, um barulho bem forte, me fazendo deixar o local e ir para fora para me recuperar do susto.

Nisso, já encontrei o Rafael, que estava do lado de fora e que também tinha escutado o barulho e tinha se aproximado. Eu contei para ele a história e como o tijolo quase me acertou, e de como eu havia ficado assustado com aquilo. Quase tinha virado uma baixa de guerra, 160 anos depois. Na minha cabeça, automaticamente pensei: se foi algum espírito inconformado com a morte, hoje não teve sorte. Errou!

Olhei para a esquerda e poucos metros ao lado, já estavam todos da comitiva embarcando na van que lhes servia de transporte. Rafael e eu fomos cumprimentá-los e contar a história do tijolo. Ao que o professor Antônio Luiz, a quem todos chamam apenas de Miranda, opinou. “Quase acertou você? Ontem ainda eu falei para o pessoal que eles tinham que isolar aquela área. Que não dá para deixar o pessoal ficar transitando por ali, porque está um risco muito grande de desabar. E hoje você me fala que quase te acertaram. Me aponte em qual torre foi”. Eu mostrei para ele, e ele completou. “Foi justamente ali que eu falei que estava para cair”.

Automaticamente, o Mário, da Prefeitura, mandou mensagem para alguém do Município, avisando que um tijolo caíra e que alguma coisa precisaria ser feita em breve. Logo chegou a dona Vicenta para se juntar ao grupo. Ao contrário do que esperávamos, ela preferiu seguir com a gente, em nosso carro, e não na van. Ajeitamos o banco para que ela fosse de carona na frente, e eu como passageiro atrás, pois Rafael dirige muito melhor do que eu e tem bem mais experiência em andar em estrada de terra.

O comboio de dois carros partiu com a gente em primeiro, já que Vicenta era quem guiaria. Nossa primeira parada foi o museu de Paso de Patria, onde nos esperava Vicente Garcia, o gestor cultural local.

No caminho, Vicenta nos contou que trabalhou muito naquela região, em escolas, tendo sido até mesmo diretora, e que agora, cuidava da vida e, volta e meia, fazia excursões, sendo ela responsável da parte de Humaitá e dos campos mais próximos. Ela contou também que Vicente, seu amigo de longa data, cuidava de Paso de Patria e dos campos mais próximos dele. De Humaitá a Paso de Patria são menos de 20 km.

Vicenta contou que, em 1983, houve uma grande enchente que destruiu o museu de Paso de

Patria e inundou boa parte de Humaitá e região. Eles salvaram muitos objetos, pois o museu tinha muito mais coisas. Contudo, nem tudo pôde ser salvo, e um novo prédio precisou ser construído em lugar daquele que existia desde os dias da guerra.

Ela contou também que já acompanhou muitos particulares e vários jornalistas, como equipes do ABC Color e do Última Hora, que estiveram na região ao longo dos anos para fazer matérias. Não tivemos como não entrar no assunto do lopismo e antilopismo, e perguntei a opinião dela. Ela jurou que não era lopista nem antislopista, mas seu discurso deu evidências em alguns momentos. Por exemplo, ela disse que “os legionários se foram, mas ficaram hoje seus descendentes que atentam contra a memória do Paraguai e de Solano López”, se referindo aos paraguaios que, na época da guerra, lutaram pelos Aliados porque foram obrigados ou porque se aliavam ideologicamente contra as políticas do presidente.

Em outros momentos, a guia também se mostrou bastante nacionalista, como na hora que quase colocou músicas paraguaias que falavam de vitórias em batalhas contra os Aliados na guerra. No entanto, ela não completou a ação, pois a Internet começou a falhar e ela precisava sincronizar com o painel do carro, o que não era possível naquele momento.

Chegamos ao museu de Paso de Patria. Vicente estava em reunião com algum militar local e depois saiu e recebeu a todos e todas. Ele disse que começou a trabalhar a Guerra Guasu havia muito tempo e que Vicenta sempre foi uma professora que lhe passou as histórias, tendo ele próprio se aprofundado no tema por conta própria, sempre com a intenção de recuperar os sítios. Isso o levou a ter o “start” de mexer com o museu e com objetos encontrados nos campos de batalha.

O museu é pequeno, mas ricamente abastecido de objetos diversos, com uma espécie de reserva técnica particular na casa do gestor, que ainda hoje continua recuperando o que pode dos campos de luta. Entretanto, agora ele está enfrentando concorrentes com os quais não tem condições de competir: particulares e membros de associações de caçadores de relíquias que cavam o chão por toda parte, segundo ele, principalmente à noite, com lanternas e óculos de visão noturna¹⁵⁷. Protegidos pela escuridão, vão levando pedaços da história local para venda em mercados paralelos ou para deleite próprio.

A conversa prosseguiu, com Vicente contando das peças indígenas que também são achadas em grande quantidade nas proximidades de Paso de Patria, algumas delas, segundo ele, de 800 a 1.500 anos atrás. Um crucifixo que ele encontrou, data de mais de 400 anos e devia ser de algum católico dos tempos da colonização daqueles lados.

¹⁵⁷ A Associação de Detectoristas do Paraguai também se pronunciou sobre o tema. Defendeu que seus membros não escavam em terrenos protegidos do Estado e também condenou quem pratica ações do tipo, roubando tesouros arqueológicos. Mais para frente, você terá a oportunidade de ler a reportagem na íntegra.

No meio dessa parte de apresentação do museu, Vicente não perdia a oportunidade de, sempre que possível, ressaltar o papel importante das histórias paraguaias de sucesso, como do corneteiro Cândido Silva, soldado que executou o toque de vitória na batalha de Curupaiti. Em outro momento, ele lembrou que o padroeiro da cidade é um santo estrangeiro, São Patrício. Isso porque os brasileiros teriam roubado o padroeiro da original, que era San Francisco Solano. “Vocês brasileiros têm que devolver nosso Francisco Solano.”, disse ele, baseado em um livro de Efraím Cardozo e nos relatos do diário pessoal de Dionísio Cerqueira.

Nessa hora eu não me agüentei, e pensei alto, tendo saído em espanhol: “Só se tiver em alguma coleção particular e bem guardada, porque nos museus do estado brasileiro é que não estão, aliás, lá não tem quase nada”.

Possivelmente, Vicente não esperava a resposta e apenas sorriu como quem diz: “era uma pergunta retórica, não era para responder”. Ao que ele completou: “A gente não gosta de discussões, então sempre estão certos Caballero¹⁵⁸ e Díaz¹⁵⁹”, e deu risada.

A visita continuou. Vicente soltou mais uma teoria, dessa vez, baseada nos cachimbos que encontrou no campo de batalha. Segundo ele, a hipótese era de que já se fazia uso recreativo de maconha naquele conflito. “Não posso afirmar com certeza, mas os cachimbos encontrados levam a crer que sim”, concluiu ele, chamando a atenção dos alunos, que se aproximaram para ver os tais cachimbos.

No acervo, havia também material de escritório, como tinteiros e canetas, esporas paraguaias e de aliados, ferraduras e outros materiais de montaria, muita coisa de cerâmica, de cozinha e vários pedaços de armas, além de armas inteiras em ótimo estado de conservação, tanto de aliados quanto de paraguaios. Isso tudo atesta a riqueza e importância do trabalho de Vicente.

Baionetas, facas de trincheira, ferros de passar e armações de concreto também tinham espaço naquele acervo. Não faltavam, de igual modo, garrafas em bom número e de vários tamanhos, marcas e usos, desde as utilizadas para armazenar bebidas, até água e remédios. Fivelas, munições de artilharia e alguns canhões menores também estão ali naquele espaço, assim como várias representações de Solano López.

Porém, em frente a uma pequena urna de vidro com restos mortais de combatentes paraguaios, é que se travou um debate interessante. Vicente aproveitou a presença dos pesquisadores brasileiros e do pessoal do governo paraguaio para cobrar publicamente a maior preservação dos campos de luta e morte, que, segundo ele, estão todos se perdendo nas mãos dos colecionadores e com a exploração contínua da pecuária. “É um trabalho duro que a gente faz e sozinhos não damos

¹⁵⁸Bernardino Caballero.

¹⁵⁹José Eduvigis Díaz.

conta. O estado precisa fazer alguma coisa, o governo tem que tomar alguma atitude, senão daqui a pouco não vai mais ter nada”, reclamou o gestor.

Ruth interveio, mostrando que o Estado se importa, que já fez várias ações, entretanto, que sozinho, o governo não tem como abraçar tudo, já que precisaria da colaboração dos proprietários dos terrenos¹⁶⁰ que teriam que concordar, por exemplo, em doar parte das propriedades para o patrimônio nacional. “É injusto cobrar do Estado algo que nem os proprietários fazem, que é a preservação. Nem tem como o Estado fazer tudo. O Estado se importa, mas precisa de ajuda também”, rebateu ela.

Os presentes fizeram silêncio para ouvir os argumentos. Vicente então desabafou, dizendo que juízes, policiais e autoridades do Estado buscam tesouros e que eles estão armados, que já o ameaçaram e à família dele. “Eu sou a ponta da lança”, argumentou.

A denúncia foi grave e ninguém ousou contestar. Ficou um silêncio de alguns segundos, e Vicente retomou a visita guiada, contando de emboscadas entre Tuiuti e Estero Bellaco, além de outras escaramuças ao longo do front, geralmente escolhidas a dedo para favorecerem os paraguaios.

Terminamos a visita cada um colaborando com uma quantia para o museu, para a continuação dos trabalhos. Saímos dali e já era hora de almoçar, pois os próximos destinos eram em campo aberto e sem “civilização” por perto.

Paramos em um bar, que também vende salgados e lanches. É preciso deixar claro que o paraguaio é um povo trabalhador, se vira como pode, e que geralmente encontra a fonte do próprio sustento no comércio em geral, com ênfase para o ramo da alimentação. Em toda a nossa viagem até Humaitá, não foi incomum encontrarmos vendas de todos os tipos no caminho. Desde frutas, até cobertores, pneus recapeados, gasolina comercializada de forma irregular e, claro, comida, com vários tipos de lomitos e sopas. Sempre que houver uma pequena povoação paraguaia, pode ter certeza de que ali haverá o comércio de alguma coisa de comer, geralmente a um preço justo e com bom tempero.

Mesmo em Assunção, que é a capital, não era diferente e passavam por nós motos lotadas de produtos que os paraguaios compravam nos atacados para vender nos bairros, como balas, pães, roupas e outros tipos de dezenas de produtos. Isso quando não era artesanato, fruto do próprio trabalho e geralmente com as cores nacionais, vermelho, branco e azul.

No bar de Paso de Patria, enquanto esperamos os lanches ficarem prontos, uma máquina de jogos toda cheia de luzes piscando, que funcionava como caça-níquel, chamava a atenção do pessoal.

¹⁶⁰Tentei contato com os seguintes proprietários rurais que têm sítios de interesse arqueológico em suas fazendas: Pedro Centurion (Tuiuti), Marisa Molinas (Estero Bellaco), Zaida Gauna (Yataity-Corá), David Cardozo (Paso Cidra) e Antônio Attis (Curupaiti). Nenhum deles retornou o contato ou quis se pronunciar.

Vimos muitas destas durante a viagem. Todo mundo queria tentar a sorte.

Coincidentemente ou não, uma jovem muito bonita se aproximou em uma moto, pediu licença para os presentes que jogavam, colocou uma moeda e ganhou um bom prêmio em dinheiro. Tão rápido quanto entrou, saiu. Fiquei intrigado com aquilo, pois, foi como se ela tivesse entrado para chamar os clientes ao jogo, mostrando que era possível ganhar. E foi assim mesmo, pois, ela saiu e os brasileiros se colocaram a depositar moedas e tentar a sorte, mas ninguém ganhou nada. Minha hipótese é de que ela era a isca que trabalhava para os proprietários da máquina. Mas pode muito bem ter sido só sorte mesmo.

Nos antigos campos de morte

Do bar, nos dirigimos para Estero Bellaco. O monumento fica na beira da rodovia, que na verdade é uma estrada de terra cascalhada. Centenas de cabeças de boi pisoteiam o antigo campo de batalha e destroem o que ainda resta de material de interesse arqueológico por sobre a terra. Para completar, o solo é todo repleto de uma vegetação rasteira e muito capim, intercalado com alguns buracos, as ditas zanjais nas laterais e alguns capões de mata no meio e cantos.

A primeira coisa que fizemos foi espantar os bois para podermos chegar até um cemitério paraguaio que existe bem ao fundo, cerca de uns 870 metros para trás do monumento. Era uma vala comum.

Pássaros faziam revoada saindo do meio dos matos e gerando grande barulho. Quando entramos na trilha que levava até o cemitério foi que eu comecei a entender um pouco de dificuldade de se combater naquele terreno. Hoje, sem nenhuma ameaça à vida e a integridade física de todos nós, é trabalhoso caminhar sem enroscar em algum espinhal, em alguma moita, em algum cipó rasteiro ou mesmo tropeçar em alguma das gramíneas e arbustos. Imagine naquela época, com o mundo desabando em uma chuva infernal de fogos, chumbo e estilhaços!

O terreno é todo arenoso, intercalado com partes alagadas, que creio eu, no inverno devem atingir pelo menos um metro, pelas marcas nos barrancos. Fui curioso e me aproximei das zanjais, que tanto temi e vi no caminho. Com um pedaço de galho de mais ou menos um metro e pouco, percebi que quando ele afunda e encosta o solo, o chão continua a puxar o pau, pois é arenoso e cheio de lodo por mais alguns centímetros.

A cabeça foi imaginando que além dos obstáculos naturais mencionados, devia haver muitas serpentes naquela localidade nos tempos da guerra, quando a vegetação ainda não era pisoteada por bois.

À esquerda da trilha que leva até o cemitério, a uma distância de mais ou menos 500 metros,

há outro monumento, onde a batalha de Estero Bellaco se deu de fato, frente a dois capões bem grandes que se abrem quase em arco.

Se quiséssemos chegar ao outro monumento, o caminho passava por dentro do terreno de uma casa e precisávamos pedir ao dono para entrar. Ali, na trilha do cemitério, já tivemos que pular uma cerca de arame liso para entrar, pois, a mesma estava fechada com um baita cadeado e corrente.

Ao chegar ao cemitério, uma cerca pintada com as cores da bandeira paraguaia estava derrubada, mostrando que por ali os bois também não respeitaram o campo santo, a vala comum onde colocaram centenas e centenas de corpos de combatentes caídos naquela luta infame. E os bois andaram, pastaram e defecaram pelo cemitério. Restos de uma carcaça bovina também evidenciavam que um deles morreu e ficou se decompondo por meses ao lado do cruzeiro demarcatório do túmulo coletivo. Nem enterrados e protegidos por uma cerca os mortos parecem ter sossego.

O pessoal da universidade começou a andar em volta e procurar vestígios de qualquer coisa que fosse importante para verificação arqueológica. Eles tiravam coordenadas sempre que encontravam algo, e marcavam em um equipamento de GPS. Assim, eles garantem que quando voltarem em um futuro, não haverá erro para localizar os pontos demarcados.

Eu fui um pouco mais curioso e percebi que a mata logo atrás do cemitério não estava tão pisoteada por bois, o que mostrava que devia ser um pouco mais fechada. Olhando a construção da cruz que identifica o cemitério, as marcações do mastro de bandeira e os monólitos de tijolos com bustos de alguns comandantes paraguaios, percebi que as construções não eram tão antigas e lembrei que existem fotos de veteranos da guerra revisitando o local, no começo do século XX, e instalando ali alguns marcos.

Entrei na mata e vendo de um lado para o outro, encontrei tijolos mais antigos e jogados atrás, como que para esconder dos olhos menos atentos que houve uma construção anterior. Sinalizei para o professor Jaisson e ele rapidamente foi até lá e me confirmou que sim, poderiam ser da primeira versão do monumento. Ele tomou nota e fez marcações com seus alunos.

Na volta, como o carro estava bem distante, fui caminhando o mais rápido que podia, para sentir como era a sensação de pisar ligeiro naquele terreno arenoso e cheio de gramíneas e obstáculos naturais. De repente me deu vontade de correr e corri quase uns 300 metros ininterruptamente, para sentir como era correr pelo campo aberto. A única coisa que vinha à minha cabeça era que tropeçaria a qualquer momento e cairia um tombo. Mas isso não aconteceu, e o segundo pensamento que me veio foi: ainda bem que não tinha ninguém atirando em mim ou querendo me matar, pois, seria muito difícil conseguir abrigo dos tiros, afinal, não havia uma árvore sequer e os capões estavam afastados.

O próximo local visitado foi Tuiuti, onde ocorreu, como você deve ter lido na primeira parte, a maior batalha da América do Sul até hoje. A placa era moderna, tinha até um QR Code contando

detalhes, instalado pela Secretaria Nacional de Turismo do Paraguai. Atrás dela havia uma casinha com duas corujas e as duas estavam para fora, para olhar os visitantes. Elas olhavam curiosas e nós olhávamos para elas, porém, a placa devia ter caído recentemente e foi amarrada com corda plástica.

A distância de Estero Bellaco é de pouco mais de 1,2 km. Ali se deu uma cena curiosa, pois, na chegada, Vicenta pediu para que eu lesse a placa explicativa do monumento, que estava em espanhol, traduzindo-a completamente para o português para os meus colegas brasileiros, que, claro, entendiam em espanhol. Mas ela pediu com tanta disposição, que não tive como recusar. Talvez a autoridade da professora tenha me impulsionado inconscientemente.

Feita a tradução, Vicenta falou com ar melancólico dos acontecimentos que se desenrolaram ali e que foi naquela refrega que o Paraguai viu desaparecer seus melhores soldados, que aquilo marcou o começo do fim.

O pessoal se espalhou pelo antigo campo de Tuiuti. O local em que estivemos era o ponto forte do Exército Argentino. O lado brasileiro era do outro lado da rodovia pela qual chegamos. Ruth lembrou que próximo ao tanque de água e ao poço que fica ao lado do monumento, encontrou restos humanos quando esteve ali com uma equipe de pesquisa há oito anos. Nesta hora, todo mundo foi para perto dos poços, inclusive eu.

Comentei com o aluno Nathan, que possivelmente eu encontraria alguma coisa por ali, porque sou muito observador e tenho sorte. relatei que na Itália encontrei pedaços de munição de obuses sem precisar escavar nada, em cima da terra. Ele apenas sorriu e deve ter me achado arrogante e convencido.

Tentei lembrar-me do mapa de Tuiuti, e das pinturas posteriores que retrataram a batalha, e mentalmente recordei que o local onde a Ruth falou foi epicentro da batalha, mas, possivelmente, por ter água, foi realmente um hospital e afinal de contas ela era a especialista do grupo em arqueologia forense, que já esteve ali e que, portanto, era a pessoa mais capacitada entre todos nós. E era mesmo. Ruth é inteligente e observadora, uma profissional de extrema competência. Só não faz mais pela história do país, porque lhe faltam recursos e pessoal para pesquisa. Isso é observação minha, não são palavras dela.

Marcos Samaniego encontrou logo alguns pedaços de garrafa e o pessoal foi tomando nota e marcando as coordenadas no GPS. Distanciei-me um pouco do grupo e tentei ver em uma lombada do terreno, se encontraria alguma coisa, pois, a saliência parecia existir desde aqueles dias e provavelmente a trajetória de um projétil a encontraria com facilidade. Dava para se abrigar atrás dela em posição de rastejar.

Eu estava com um mini detector de metais no carro, mas não quis levar para não ofender os arqueólogos que estavam trabalhando, ainda mais depois do sermão de que tem um monte de gente

que fica procurando relíquias por aqueles lados. Eu não queria ser confundido com mais um deles.

Porém, como dizem alguns, a palavra tem poder e na lombada encontrei um projétil argentino. Tinha duas opções: recolher e ninguém ficar sabendo ou contribuir para o trabalho de identificação. Escolhi a segunda opção.

Chamei o pessoal e perguntei se eles não recolheriam o objeto. Uma das alunas disse que eles não podem recolher por motivos éticos e mesmo legais, que se um arqueólogo recolhe uma peça de um campo, uma vez denunciado pode até perder o registro. Lembrei de ter estudado isso na minha especialização em Arqueologia, e agora vivenciava na prática tal ensinamento.

Marco Samaniego enterrou o projétil no solo, para não ficar visível. O pessoal já havia tomado nota e as coordenadas. Seguimos em frente.

Mais uma vez fiquei para trás de propósito, tentando observar se não havia mais nada de diferente no solo. Até que fiz a mesma coisa que já tinha feito em Estero Bellaco: correr pelo campo para sentir o vento no rosto e o solo nas botas. Percebi que em Tuiuti é mais fácil de correr do que no mato anterior, não sei se porque os bois já comeram mais pasto por ali e por isso a terra está mais batida, ou se é porque é mais plano.

Olhei para trás e me dei conta de que percorrera apenas uma quantidade ínfima de terreno, pois as posições aliadas se estendiam por mais alguns quilômetros à minha direita e à minha esquerda.

A próxima parada foi em Yataity Corá, onde se deu uma batalha e, posteriormente, uma conferência entre Solano López e o general Mitre. Ali, o terreno não é diferente do restante do que eu tinha visto até aquele momento. O que o diferencia, é o marco da conferência, com duas estátuas de bronze em tamanho real de López e Mitre, com Mitre ouvindo López falar.

Pequenos capões mostram que a vegetação local não mudou muito daqueles dias, já que na única gravura que foi feita da conferência, as árvores são muito semelhantes. E, novamente, havia muito terreno intercalado entre gramíneas, areia e as zanjais ou minas de água.

Uns 600 metros à esquerda, está o acesso do Boquerón del Sauce, com o epicentro do embate a uns 3 km em linha reta, local em que está o monumento alusivo ao combate. Lá, há novamente bustos de militares, placas explicativas e cerquinhas pintadas com as cores paraguaias. Porém, o boqueirão em si são as matas atrás do monumento, marcadas por trilhas (senderos).

Como já vinha acontecendo consecutivamente, as pegadas de bois por toda parte mostram que, por ali, a memória parece estar constantemente sendo pisoteada pela ação humana em busca do lucro e em nome de certo desenvolvimento econômico. Por todo caminho até ali, os bois não têm culpa, são seres irracionais. Quem deveria pensar, não faz ou não se importa.

Os dois boqueirões se encontram e abrem-se em um campo aberto todo alagado, com solo

barroso. Ruth lembrou que, oito anos antes, já esteve ali com uma equipe argentina, e que acharam muitos fragmentos de artilharia e muitas munições. De fato há fotos que comprovam a passagem da especialista pelo local com as descobertas à mostra.

De novo me afastei do grupo e quando voltei, Marcos Samaniego já havia encontrado dois grandes estilhaços de granada. Nisso, o pessoal da universidade já os adicionava às anotações.

As trincheiras começavam à direita e iam dando voltas por dentro das matas. Embrenhei-me no bosque, enquanto o pessoal ia procurando novos vestígios da luta de 16 décadas antes.

Mário, da Prefeitura de Humaitá, me acompanhou. Quando menos esperava, ele apareceu com um pedaço de galho simulando um fuzil e dando risada, dentro de um resto de trincheira. “Daqui dava para acertar o grupo de brasileiros que passasse por ali na frente”, disse ele, apontando o pedaço de madeira em direção ao pessoal que estava lá longe. Não perdi a chance e completei: “Então, você atira no da frente que eu atiro no último da fila. Vai causar pânico no restante que estiver no meio e a gente os acerta em seguida”. Mário ficou me olhando com uma cara de quem não entendia, e eu saí dando risada sozinho. Aquela era uma tática bastante comum em guerra de guerrilha.

Logo, o estudante Nathan nos encontrou. Veio atraído pela nossa ausência. Sugeri que voltássemos por um caminho diferente, seguindo uma trilha que parecia ser antiga em meio à floresta, indo de uma trincheira e saindo de outra. As trincheiras são rasas, devem ter uns 20 a 30 cm de profundidade, mas isso acontece porque elas estão cheias de detritos, têm material orgânico que foram se acumulando ao longo das décadas e que nunca foi limpo.

Possivelmente, com um trabalho arqueológico bem planejado, seria possível remover esse material e encontrar, com certeza, armamentos e mesmo restos humanos por ali, uma vez que estão em pontos na floresta nos quais os bois não costumam permanecer, apenas passar.

Retornamos para os nossos veículos e fomos com destino a Curupaiti. Para chegar lá, são 6 km pela estrada principal e pelo menos a mesma distância por outra estrada, cortando propriedades rurais até a beira do Rio Paraguai. Se fosse uma linha reta, daria uns 4 km de onde estávamos.

Se eu já achava que estava ruim a conservação dos espaços por causa dos bois pisando, em Curupaiti foi pior, com pescadores revirando tudo e metendo fogo para cozinhar em seus acampamentos na beira do rio, ponto onde começam as trincheiras e que oferece um excelente porto natural de desembarque, seja lá para descarregar o que for preciso.

Vicenta já havia comentado dentro do carro que aquela estradinha era usada para fins não muito lícitos por pessoas do crime, e que, vez ou outra, pode acontecer de cruzar algum contrabandista ou alguém mal intencionado por aqueles lados, levando objetos ilegais desembarcados naquele porto natural ou em outros que existem ao longo do trajeto.

O mais engraçado disso é que há um container da Marinha paraguaia que foi trazido na época do início da pandemia de Covid-19 e que permaneceu por ali, com dois ou três soldados, em um posto que poderia fazer com que eles fiscalizassem qualquer coisa que fosse, porque estão perto de uma porteira, ao lado de uma das trincheiras principais.

Aliás, são várias trincheiras interligadas, levando daqui para ali em todas as partes. São bem mais largas do que as que tínhamos visto até então, suportando provavelmente três a quatro pessoas, uma do lado da outra, e mais profundas também, com cerca de um metro e 1,50 metros a 1,70 metros nos pontos mais altos.

Árvores nasceram e tamparam as vistas da trincheira, mas é possível perceber que elas forneciam uma visão privilegiada do terreno, que mais abaixo delas tem um declive leve e vai descendo até chegar ao Rio Paraguai de novo em outro ponto mais distante, que pelas marcas e pela bibliografia disponível, está a uns 800 a 900 metros até Curuzu, cabeça de ponte que os brasileiros tinham tomado antes de Curupaiti. Na época da guerra a água chegava mais próxima das trincheiras, havendo ainda lagoas ao redor que possibilitavam navegação em alguns trechos. Pelo menos mais próximo do que agora, quando só ficaram as marcas de água de até onde o rio pode chegar em épocas de cheia.

Se antes eram os bois quem defecavam em locais históricos, em Curupaiti, uma privada demolida mostrava que humanos podem ser bem piores do que animais. O sanitário ficava praticamente dentro de uma dessas trincheiras, e foi demolido depois que gestores culturais reclamaram do desrespeito que aquilo representava à memória dos paraguaios, que ali lutaram para a vitória mais importante do país em todo o conflito.

Distante do grupo, fui entrando pelas trincheiras para ver onde dariam. Passei por caminhos que, pela dificuldade apresentada, não eram transitados há algum tempo, com galhos caídos e cipós bloqueando a passagem e precisando ser contornados.

Não abrindo mão da segurança, a todo o momento eu ficava olhando se não havia alguma serpente, nenhuma zanja ou outro buraco por perto. Já bastava o susto com o tijolo de manhã em Humaitá. Depois de uns 20 minutos andando, a trincheira voltava exatamente no ponto inicial, onde está o monumento à Batalha.

Não cheguei a ir mais longe, mas sei que um dos caminhos de trincheiras leva, por dentro da mata, até uma lagoa em que estão os restos mortais dos argentinos mortos no dia da batalha. Os corpos foram jogados em uma vala comum. Vicenta me contou que recentemente foi instalada uma cruz, por parte do governo argentino, onde seria a tal vala.

Também sei que poucos foram os brasileiros enterrados pelos paraguaios naquele dia. A maioria deles foram amarrados uns nos outros e jogados no rio para servirem como parte de uma

guerra psicológica ao sugerir o destino que aguardava quem ousasse avançar contra os soldados de López.

Movemo-nos novamente, dessa vez, passando pelo container dos marinheiros, que haviam assado carne para o almoço de domingo, conforme mostravam os excedentes em uma forma, em cima de um freezer. Nosso destino era o barco Eponina, um navio hospital aliado que explodiu com feridos dentro no dia da batalha e que ficou encalhado em um braço do rio que hoje já não existe mais, a não ser em tempos de cheia.

No caminho, cruzamos por Curuzu. Ali, há um monumento que Vicenta jura que está posto no lugar errado. Pela bibliografia comparada com o mapa atual está certo, mas ela discorda e defende que o ponto de desembarque dos brasileiros foi mais para trás, perto de onde o Eponina encalhou.

Quase de frente de Curuzu, há lagoas que foram formadas com o tempo, contudo, segundo Vicenta, originalmente foram fossos cavados pelos paraguaios. Olhando o mapa de batalha e lendo a bibliografia, tendo a discordar, pois tais fossos eram mais próximos das trincheiras e não de Curuzu. As lagoas observadas contam atualmente com muita vegetação e detritos de toda espécie, material orgânico da floresta em volta.

Vicenta comentou com Ruth que possivelmente ainda há restos humanos no fundo dessas lagoas de barro e lodo, porque ninguém nunca mexeu nelas. Fiquei meio assim com essas informações, mas não ousei discordar publicamente. Seria falta de respeito. E com a quantidade de mortos naquele combate, por que não haveriam de ter jogado corpos ali dentro? Uma investigação forense resolveria, todavia acho que não há interesse do Estado ou dos Estados envolvidos.

Colocamo-nos em movimento uma vez mais e encontramos, dentro de um pequeno lago, os restos do barco Eponina. Comentei com o professor Miranda que achava difícil o navio ter encalhado ali, mesmo se o rio chegasse até aqueles lados, na época da guerra. Parece que alguém moveu a embarcação para aquele espaço, pois estava a 500 metros do rio e a 300 do braço mais próximo, com marcas de cheia ou vazante. Fato é que o navio está ali, aliás, parte da casa de máquinas da nave, enterrada e ninguém pode mexer nela, uma vez que é tombada pela UNESCO.

Eu quis ver para que lado ficava o curso do rio que, de acordo com Vicenta, era à nossa direita. Para isso, corri uns bons 300 metros, achando que tinha corrido os 500. Pensava estar sozinho no meio de uma clareira, quando Nathan e Miranda apareceram correndo também. Olhamos ao redor e entendemos que sim, é possível que talvez o rio chegasse até mais para baixo, onde está o Eponina. Mas, ainda assim, ficamos com um pouco de dúvida.

Do lado da clareira, a terra foi toda revirada por máquinas para abrir caminho ou tirar areia/terra, e há um grande mamonal no local, mostrando uma presença humana recente. E claro, há bois circulando por toda a fazenda. Volta e meia escutávamos o barulho deles no meio dos matos e

alguns mugidos.

Dali, o grupo ainda seguiria para Paso Pucú, onde ficava o quartel-general de López, porém Rafael e eu tínhamos hora marcada para partir e decidimos que era melhor sairmos da região de Humaitá antes que escurecesse. Despedimo-nos dos novos conhecidos e aceleramos pela estrada rumo a Assunção.

Ainda passamos em Humaitá para abastecer o carro. Uma adolescente de uns 12 ou 13 anos foi quem colocou a gasolina, com uma bomba de combustível que ficava na frente da sua casa, pois seu pai provavelmente não estava.

Voltamos pelo caminho “melhor”, pela Rota 4. No deslocamento, ainda cruzamos com uma trincheira que fazia parte da proteção de Humaitá, conhecida como Trincheira do Quadrilátero. A Rota 4 é ligeiramente melhor do que o caminho de Tuiú-Cuê.

Rafael pôde pegar um pouco mais de velocidade e, depois de algum tempo, estávamos de novo no asfalto, para termos contato com mais um trecho de estrada de terra, devido às obras em execução para duplicação da pista principal.

Jantamos no mesmo posto de gasolina que havíamos parado no dia anterior. Informamos aos familiares que seguíamos de volta para a capital. Já em Assunção, foi hora de banho, de sono e, no outro dia, retorno para as nossas casas. Eu para Ponta Grossa, e Rafael para Foz do Iguaçu.

Saí de Assunção pela manhã e desembarquei em Ponta Grossa à noite, depois de passar por São Paulo e Curitiba. No caminho da rodoviária de Ponta Grossa até minha casa, coisa de 10 minutos, o taxista quis puxar assunto de onde eu vinha. Eu estava cansado e só contei rapidamente que estava vindo do Paraguai. “Fazendo o quê por lá?”, perguntou ele.

Meio sem paciência por causa do cansaço, resumi rapidamente. “Digamos que eu voltei no tempo, fui para a Guerra do Paraguai, corri por campos de batalha e agora estou voltando para casa”, disse com um sorriso meia-boca. Ele apenas fez cara de quem não tinha entendido nada e retrucou: “E aqui em Ponta Grossa que não para de chover desde ontem? Que tempinho, rapaz!”.

Cheguei em casa, e estava todo mundo dormindo. Beijeí minha filha na cama dela e apenas olhei minha esposa e minha caçula dormindo profundamente. Estava com saudades de casa.

Parte 3

Respostas oficiais e posicionamentos

Dos incômodos que foram respondidos

Após o retorno da viagem, algumas questões começaram a me inquietar pelo que vi durante o reconhecimento aos campos de batalha. Uma delas foi como as comunidades viviam isoladas do ponto de vista logístico e de locomoção. Por isso, fui procurar o Ministério de Obras Públicas e Comunicações do Governo paraguaio, para saber se sempre foi assim e se continuaria sendo.

A resposta do Ministério foi a de concordar que as condições de ir e vir não eram as melhores, porém informaram que “na região de Ñeembucu, especificamente nas zonas dos antigos campos de batalha, esta direção [o Ministério] conta com um desenho final de engenharia realizado mediante contrato número 336 2017”.

Segundo o Ministério, tal desenho prevê a pavimentação asfáltica da Rota Nacional PY 04, no cruzamento de Pilar-Boquerón-Humaitá-Paso de Patria-Porto de Itapiru e acesso a Curupaiti, em um total de mais de 60,4 km de extensão.

Ainda de acordo com o Ministério, “a direção está realizando gestões correspondentes para remeter à Secretaria Técnica de Planejamento, e posteriormente ao Ministério da Fazenda para a sua viabilidade [da execução do desenho]”, razão pela qual não podem indicar um tempo estimado para a construção da obra solicitada.

Os pedidos de informação haviam sido feitos 15 dias antes da resposta, conforme manda a lei de acesso à informação paraguaia. No entanto, como não havia resposta, coube à Direção de Transparência e Anticorrupção do país vizinho cobrar o Ministério, que provocado, prontamente respondeu.

Ou seja, desde 2017, as autoridades paraguaias sabiam (de maneira oficial relatada em documentos do Estado) que a situação não estava boa. Começaram a fazer um projeto, o guardaram em alguma gaveta da administração pública e, quando da redação deste livro, uma vez “lembrados”, o desengavetaram. Isso, ainda que em forma de promessa, para poder, um dia, quem sabe, tornar os memoriais a céu aberto (que um dia deverão ser estabelecidos nos antigos campos de batalha), acessíveis a todos e todas que queiram conhecer esse capítulo da América do Sul.

Fontes da Prefeitura de Humaitá e pessoas ligadas ao governo paraguaio disseram, na condição de off, que há uma grande esperança de que o projeto realmente saia do papel, já que o que o vice-presidente da gestão que tomou posse no ano de redação deste livro, Pedro Alliana, é natural

de Pilar, local que fica no departamento de Ñeembucu, tendo sido, inclusive, o governador daquele estado paraguaio entre 2008 e 2012.

Quando ouvi isso de uma das fontes, apenas sorri, afinal, se mesmo sendo governador por quatro anos e deputado de 2013 até 2023, não houve efetividade para que Pedro Alliana construísse os 60 km necessários de pavimentação, dificilmente ocorrerá algo diferente em seu cargo de vice-presidente. “A esperança é a última que morre”, respondeu minha fonte.

Que a fé das fontes não seja em vão e que, um dia, haja um acesso bom como merecem aqueles resistentes paraguaios que ali moram, na última fronteira tão defendida na Guerra Guasu.

A Cultura se explica

Outra dúvida que fui tirar com as autoridades paraguaias foi na Secretaria Nacional de Cultura. Perguntei a eles se já estavam se preparando para a efeméride dos 160 anos do conflito.

A resposta foi que as atividades seriam “confirmadas uma vez que assumisse o novo governo” (que assumiu em setembro de 2023), porém ressaltaram “que foram realizados trabalhos de intervenção para valorizar vários sítios vinculados a este episódio da história do Paraguai”.

Também questionei as autoridades da Secretaria quanto à conservação dos postos de combate. A minha pergunta foi a seguinte:

“Ao visitar os locais das batalhas de guerra, notei que há uma boa sinalização, mas nenhuma manutenção adequada. Por exemplo: em Itororó tem lixo e esgoto residencial e urbano que cai no córrego do local da batalha (além de muita sujeira). Em Avaí, há pessoas morando e terras à venda em campos potenciais de pesquisa histórica. Nos campos Estero Bellaco, Tuiuti e Boquerón del Sauce, bois pisoteiam e defecam por toda parte no possível local da pesquisa, até mesmo nas sepulturas de soldados paraguaios. Em Curupaiti, um banheiro foi instalado ao lado das trincheiras históricas. Em Angostura, não há sequer vestígios da fortaleza, já que se tornou bairro de Villeta. Nos museus, não há pessoas com cursos de manuseio de objetos históricos. E há muitos outros exemplos ruins... Como vocês veem essas questões e que medidas vocês têm tomado para tentar revertê-las?”

A Secretaria respondeu o que segue:

A direção Geral de Patrimônio Cultural tem conhecimento de várias necessidades que afetam alguns sítios históricos vinculados à Guerra da Tríplice Aliança. Em vários casos foram realizados trabalhos de intervenção para valorização, assim como recomendações aos administradores dos sítios para sua conservação, porém, [os sítios] requerem uma fiscalização constante por parte dos governos locais, que em colaboração com a Secretaria Nacional de Cultura devem velar pela sua conservação.

Quanto à gestão dos museus vinculados a esses sítios, em alguns casos são privados ou administrados pelos governos municipais, constituindo uma necessidade inegável o fortalecimento de capacitações locais que permitam um melhor desempenho das funções.

A respeito, foram realizados cursos de capacitação e assistências técnicas em vários âmbitos, desde a elaboração de inventários e registros, tanto dos museus como dos acervos, como dos procedimentos que devem contemplar-se para as intervenções materiais sobre eles, porém, o processo de formação deve fortalecer-se com um maior apoio das diversas localidades que em seu território abrigam estes sítios de relevância histórica para o país.

Perguntados sobre as leis paraguaias e se haveria algum interesse do Estado em declarar os locais de batalha como de interesse público, a Secretaria Nacional de Cultura fez uma apresentação bastante detalhada e direta a respeito das leis nacionais que tornam possíveis a declaração de

patrimônio nacional, tanto material quanto imaterial, e disse que tem em vista um mapa arqueológico: “Atualmente se está trabalhando em sua construção”.

Já sobre quanto em dinheiro seria necessário para obter a posse para o Estado dos campos de batalha como bem público, uma vez que estão dentro de fazendas privadas, a resposta da Secretaria fez sentido, já que, segundo eles, “a quantidade de dinheiro requerida para a compra de espaços e sua proteção está sujeita a vários processos prévios, incluindo uma taxa”.

Também houve o questionamento se a Secretaria tinha conhecimento das expedições de grupos de caçadores de relíquias aos locais de batalha e possíveis campos de interesse arqueológico, incluindo as ameaças feitas a Vicente Garcia. A resposta foi que abrir “o espólio de bens culturais arqueológicos constitui uma grande problemática a nível de país”, e que “existem leis e regulamentações, porém, ante a falta de um controle efetivo dos achados e o traslado dele, assim como a carência de uma unidade fiscal especializada na proteção de patrimônio cultural, dificultam seu cumprimento”. A breve resposta não deixou claro se a secretaria tinha conhecimento das ameaças sofridas pelo gestor cultural de Paso de Patria.

Eles também esclareceram que os achados, antes de serem retirados do sítio e do seu contexto, “devem ser comunicados à Secretaria Nacional de Cultura, encarregada de realizar a identificação e seu registro para definir o seu destino, de acordo com o achado e suas condições”. Tal resposta bate de frente até mesmo com o trabalho que o próprio Vicente Garcia executa, uma vez que muitos dos objetos expostos no museu de Paso de Patria, senão mais de 95% deles, são frutos de escavações dele e sua família nos antigos campos de batalha, e que, depois de higienizados foram catalogados e expostos no pequeno museu da cidade paraguaia.

Por último, a Secretaria Nacional de Cultura informou que tem uma equipe que é especializada em cuidar desse tipo de material encontrado nos locais de combates - o Departamento de Arqueologia e Paleontologia da Direção de Estudos de Antropologia, Arqueologia e Paleontologia da Diretoria Geral de Patrimônio Cultural. No entanto, a secretaria não respondeu à pergunta sobre quantas pessoas trabalhavam no departamento e quanto em recursos humanos e financeiros utilizavam anualmente para expedições nos locais de embates de exércitos.

De modo geral, com as respostas da Secretaria Nacional de Cultura, o que ficou bastante perceptível é que há uma vontade de se trabalhar em relação ao tema, todavia, por algum motivo não especificado nas respostas, faltam meios para que o objetivo possa seguir adiante, já que há leis bastante específicas para o devido zelo com o patrimônio enterrado naquela terra de lutas sangrentas no século XIX.

O Turismo expõe suas respostas

Na Secretaria Nacional de Turismo (Senatur) do Paraguai, a resposta a respeito das más condições em que se encontravam os pontos históricos visitados foi a de que realmente caberia a Secretaria Nacional de Cultura o maior cuidado dos locais. No entanto, a Senatur, como membro da Comissão Nacional de Valorização e Recuperação do Patrimônio Tangível da História do Paraguai (que existe desde 2018), assinala que, como partícipe da dita comissão, incentiva, primeiramente, as instituições nacionais e que, dentro de suas atribuições, estão ações de melhorias na acessibilidade, sinalização e outros assuntos.

A Senatur também informou contar com a Direção de Museus, órgãos com conhecimentos técnicos “em temas relacionados à manipulação de objetos, experiências em relatos históricos e outros”, dando como exemplo as revitalizações e as políticas postas em prática nos sítios de “Piraýu e Piribebui, Ybicuí”, onde está capacitando e dando oportunidades a jovens locais para que se tornem guias de turismo cultural. Da mesma forma, disse estar trabalhando para que haja uma acessibilidade universal para pessoas com deficiência, já que tal medida faz parte dos planos de trabalho da Comissão Nacional citada.

Outro destaque da Senatur, é que eles ocupam a vice-presidência da Comissão Nacional, o que os aproxima ainda mais do debate. Também foi a Senatur quem desenvolveu os QR Codes, estes com informações indicativas nos campos de batalha, em especial aqueles de Humaitá e Paso de Patria.

Ainda respondendo às perguntas feitas, a Secretaria Nacional de Turismo garantiu que tem projetos de reflorestamento e melhoria ambiental nas áreas de Ybicuí, Cerro Corá e Ñacundai.

A única informação que não foi respondida pela secretaria foi quanto o turismo gera de lucro nos locais de batalha para os municípios, questão para a qual aparentemente não há um controle efetivo.

O Ministério da Defesa mandou minhas perguntas para o Museu

No Ministério da Defesa, eu quis saber como a memória do conflito era estruturada dentro das organizações militares e Forças Armadas paraguaias¹⁶¹, em especial, dentro dos cursos de formação de soldados e oficiais. No entanto, quem recebeu o pedido achou por bem encaminhar as questões ao Vice-Ministério das Forças Armadas da Nação. Desse órgão, quem respondeu foi a repartição da direção do Museu Militar, em documento assinado pelo general de Divisão, Angel Javier Cristaldo Navarro. Era o mesmo Museu que havíamos visitado em Assunção...

Logo, as respostas vieram bastante incompletas. Sobre como os soldados e oficiais são ensinados, por exemplo, foi dito, como era de se esperar, que “a direção do Museu Militar desconhece os programas de estudos que gerem a memória de conflitos dentro da organização e o ensino dos cursos de preparação dos oficiais e soldados”, já que não participa da elaboração dos esboços e nem “na transmissão de aulas em ditas instituições de formação”.

Sobre como a memória era tratada dentro do Ministério da Defesa e dos cursos das Forças Armadas, a direção do Museu Militar acrescentou que não tinha condições de responder e que quem deveria contestar era o próprio Ministério, que foi quem passou a tarefa para o general. Ou seja, um empurrou para o outro e ninguém disse nada.

A mesma informação foi dada sobre os pedidos paraguaios de condenação e devolução de troféus de guerra, feito em 2022 dentro do Parlamento do Mercosul – Parlasul, por um deputado paraguaio¹⁶². Segundo o pessoal do Museu, não era tarefa deles um posicionamento sobre a temática. Isso, por “não haver participado da elaboração dos documentos apresentados na dita denúncia” e “tampouco a participar das audiências”.

Sobre as más condições dos locais de memória, também preferiram, e com razão, manter o silêncio, pois caberia ao Ministério da Defesa, e não aos agentes do Museu, um posicionamento institucional. O fato de o Ministério da Defesa encaminhar para o Museu as questões pode ter sido uma ação intencional orquestrada para não tomar partido publicamente? Não há como responder. Pode ser que sim, pode ser que não. Pode ser que tenha sido somente o despreparo de algum dos militares no momento de encaminhar o pedido. Nunca saberemos.

Os militares do Museu também disseram desconhecer qualquer tipo de evento para o ano de 2024, mas deram a entender que, caso sejam acionados, poderão participar com apresentações

¹⁶¹Fiz as mesmas perguntas para os Ministérios da Defesa e Forças Armadas da Argentina e Uruguai, porém eles não deram retorno e/ou não quiseram se pronunciar.

¹⁶²Veja mais para frente um texto sobre este tema.

artísticas, educativas, cooperações sem fins lucrativos, com visitas guiadas pelo museu e mesmo em eventos como entrevistas, congressos e outros afins da história militar do Paraguai.

Por último, foi-lhes perguntado qual o tamanho do exército paraguaio quando começou o conflito, qual a quantidade estimada de mortos e qual o tamanho do exército paraguaio no pós-guerra até 1875. Para todas as perguntas, responderam não possuir dados que pudessem ser repassados com exatidão.

Resumindo a história, por algum motivo, o Ministério da Defesa entendeu que responder às perguntas era dever do Museu Militar, já que se tratava de assuntos históricos. Tal medida foi, do ponto de vista prático, bastante desacertada, pois o museu se restringiu a responder às questões com um clássico “não é comigo, perguntem a outra pessoa”. Não estavam errados.

Exército e Marinha do Brasil se declaram

Do lado brasileiro, o que chamou a atenção foi a ausência de marcos oficiais quanto a passagem de soldados nacionais pelo território paraguaio, mesmos os dois países tendo feito as pazes no pós-guerra. Não vi, em nenhum espaço visitado, qualquer placa em homenagem aos milhares de brasileiros que perderam a vida naquele conflito. E não há como dizer que é porque os dois países estiveram em guerra, já que a Argentina, que foi parceira de primeira hora do Brasil, conta com alguns pontos de referência, inclusive um cruzeiro onde estaria o cemitério dos soldados mortos em Curupaiti. Militares uruguaios também estiveram em território paraguaio, onde deixaram uma placa marcando o local exato em que a banda de música deles teria posado para fotos na época.

A assessoria de imprensa do Exército respondeu sobre as placas que: “as representações memoriais dos participantes aliados na Guerra da Tríplice Aliança (GTA), como placas e monumentos, são símbolos de pertencimento e materializam a memória sagrada dos guerreiros do Paraguai. Nesse sentido, a vontade soberana daquela Nação é condição básica para que outro país envolvido no conflito possa almejar edificar ou dividir espaços em seu território, bem como construir cemitérios militares”. Ou seja, não há marcações, porque o Paraguai não demonstrou interesse.

Porém, o fato de o Exército ter usado Guerra da Tríplice Aliança e não Guerra do Paraguai na resposta, mostra que não parece haver problema em atribuir o conflito aos interesses Aliados. Paraguaio e setores progressistas dos países que compuseram a aliança usam o mesmo termo.

Outra dúvida minha foi se havia uma lista dos troféus de guerra brasileiros trazidos do Paraguai. A resposta foi curta e direta: “em relação à existência de inventário de objetos e troféus de guerra paraguaios, em poder do Exército Brasileiro, informo que nada foi inventariado oficialmente”. O dado é preocupante, mostrando que ainda há um longo trajeto para aperfeiçoamento do trabalho de registro patrimonial dentro da Força.

Sobre o evento dos 160 anos, o Exército confirmou que mandaria historiadores para um evento internacional que aconteceria de forma compartilhada entre os países e que em 2023 foi em Assunção¹⁶³. Para 2024, as perspectivas eram promissoras também. “Acerca dos 160 anos da participação do Exército Brasileiro na Guerra da Tríplice Aliança, estão sendo planejados dois seminários: um nacional, no Rio Grande do Sul, em cidade a ser definida; e um segundo, internacional, na Argentina, organizado normalmente por instituições culturais daquele país, onde o Exército Brasileiro se faz representar com uma pequena comitiva de historiadores. Tais encontros já

¹⁶³ E de fato mandou.

acontecem, há quase 15 anos, sendo realizados, anualmente, mediante rodízio”.

Sobre quanto receberá de aporte financeiro para tais atividades, o Exército informou que ainda não há um valor fechado. “No que diz respeito aos recursos necessários para relembrar a data histórica, informo que os planejamentos para a consecução da referida atividade ainda se encontram em andamento”.

A Marinha explicou com detalhes

A Marinha Brasileira também foi questionada sobre a memória do conflito no Brasil e fora do país, e informou que a Batalha do Riachuelo é o maior marco para a força naquela contenda e que, anualmente, é lembrada dentro de seus quartéis.

A assessoria da Marinha enviou várias leis que fizeram com que a Batalha do Riachuelo se tornasse motivo de orgulho para a unidade. As leis vieram acompanhadas dos anos de suas respectivas aprovações. Eles também recordaram que há no estrangeiro um marco daquele dia de glórias para os marinheiros brasileiros. “Há o Memorial em Riachuelo, local da memorável batalha naval entre a esquadra brasileira e a força naval paraguaia, em território argentino”.

Ainda, a Marinha informou que “encontra-se em exposição no Parque Nacional Vapor Cué, o Vapor brasileiro Anhambá”. “Em 2021, uma missão técnico-científica da UNESCO, sob os auspícios da Convenção para Proteção do Patrimônio Cultural Subaquático, avaliou três naufrágios relativos à Guerra da Tríplice Aliança, a saber: o Vapor Paraguari (Assunção), uma embarcação de madeira sem identificação, além de uma peça de propulsão do Vapor brasileiro Eponina (Humaitá). Em junho de 2023, o Paraguai solicitou, em reunião da Convenção, a realização de um projeto em conjunto com a Argentina, o Brasil e o Uruguai”.

Fora isso, há uma série de lembranças dentro da Marinha no cotidiano das unidades, todas referentes à Batalha do Riachuelo:

As datas festivas estabelecidas no Cerimonial da Marinha de 1958 permaneceram no de 1982¹⁶⁴, 1998¹⁶⁵ e no ano de 2002¹⁶⁶ foi incluído um capítulo atinente aos “Sinais de Barroso” (conjunto de bandeiras içadas na batalha de 1865) e às honras que devem ser executadas pelas Organizações Militares no dia 11 de junho a partir da legislação de 1998. Consolidando assim, em um ato normativo legal, algo que, na prática e sob o aspecto consuetudinário, já se observava desde os primeiros anos após aquele 11 de junho de 1865,

¹⁶⁴BRASIL. Decreto n. 87.427, de 27 de julho de 1982 (Aprova o Cerimonial da Marinha). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D87427.htm. Acesso em: 16 jun. 2023.

¹⁶⁵BRASIL. Decreto n. 2.513, de 11 de março de 1998 (Dispõe sobre o Cerimonial da Marinha). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2513impressao.htm. Acesso em: 16 jun. 2023.

¹⁶⁶BRASIL. Decreto n. 4.447, de 29 de outubro de 2002 (Aprova o Cerimonial da Marinha do Brasil). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4447.htm#art3. Acesso em: 16 jun. 2023.

isto é, a Batalha Naval do Riachuelo como instante augusto da Marinha do Brasil. Destaca-se, também, a recorrente homenagem prestada pela Marinha aos seus heróis naquele conflito, eternizados na denominação histórica de suas organizações militares em terra, como exemplo do Hospital Naval Marcílio Dias (homenagem ao Marinheiro de 1ª Classe Marcílio Dias [1838-1865], morto na defesa da Corveta Parnaíba durante a Batalha Naval do Riachuelo), e nomeando os nossos navios de guerra, como a Corveta *Barroso* (homenagem ao Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva [1804-1882], comandante nos navios brasileiros na Batalha Naval do Riachuelo) e o Navio de Pesquisa Hidroceanográfico *Vital de Oliveira* (homenagem ao Capitão de Fragata Manoel Antônio Vital de Oliveira [1829-1867], morto em combate quando no comando do Encouraçado *Silvado*). (MARINHA DO BRASIL, 2023).¹⁶⁷

Sobre troféus de guerra, a assessoria também informou que aquilo que havia com eles foi passado para outra instituição: “Embora o Museu Naval tenha sido criado em 1868, ainda durante a Guerra da Tríplice Aliança¹⁶⁸, e o seu acervo original comportava artefatos que se relacionavam com a Guerra da Tríplice Aliança, este acervo original do Museu foi transferido, em 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência, para compor o acervo do Museu Histórico Nacional, criado naquele ano. Atualmente, no acervo pertencente à Marinha do Brasil não há troféus de guerra”.

Em relação ao pedido dos parlamentares do Parlasul, a Marinha informou que “não cabe posicionamento institucional” de sua diretoria.

Sobre as comemorações de 2024, a Marinha explicou que a data é sempre lembrada e que em 2005 houve vários eventos referentes aos 150 anos; que em 2018, a diretoria também rememorou os 150 anos da passagem de Humaitá, inclusive, com publicações temáticas e exposições. No entanto, “dada a concorrência das comemorações dos 160 anos da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870) com os 200 anos da Guerra da Cisplatina (1825-1829), conflito pouco destacado na nossa história e com participação muito relevante da Marinha do Brasil, será priorizada esta segunda efeméride a partir de 2024”, explicou a assessoria da Marinha.

¹⁶⁷ MARINHA DO BRASIL. Perguntas para material jornalístico. E-mail recebido em 07 de julho de 2023, pelo endereço heltoncostas@gmail.com.

¹⁶⁸ Também é simbólico que a Marinha não tenha usado Guerra do Paraguai, da mesma maneira que o Exército o fez, o que pode significar que já não vê problemas nas Forças em aceitar o julgamento paraguaio que nomeia o conflito da mesma forma.

A educação como ponto de análise

Durante a viagem, vendo pequenas escolas rurais e urbanas no Paraguai, fiquei pensando sobre como a guerra era ensinada aos alunos e alunas. De igual modo, tive a curiosidade de ver também como o Ministério da Educação tratava o caso naquele país. Da mesma forma, fui dar uma olhada na academia e nas leis brasileiras de ensino.

Nas escolas paraguaias, consultei o Ministério da Educação e Ciências - MEC, que, muito solicitamente, enviou resposta contendo as explicações e inserções do conflito no cotidiano dos alunos, dentro das disciplinas.

Perguntados como o assunto é inserido no currículo dos estudantes, os dirigentes do MEC explicaram que “o tema se encontra incluído no currículo nacional, tanto de maneira implícita como explícita”. Isso porque dentro das propostas escolares da educação básica, o tema é propício para debater a respeito dos atores principais da comunidade, e que, “neste sentido, é possível abordar o estudo dos protagonistas da guerra, assim como protagonistas de diferentes feitos históricos, lugares de onde habitavam, familiares destes protagonistas, entre outros temas relevantes”.

O MEC lembra ainda que o tema é importante para debater, por exemplo, questões de geografia e os limites territoriais convencionais, entendendo que a maioria deles foram estabelecidos de maneira posterior ao término da referida guerra.

Outro fato que ajuda a trabalhar de modo transversal a temática do conflito, é que os professores têm à disposição 30% da carga horária para que “possam tomar decisões curriculares relevantes para o seu contexto educativo”, de modo que possam ter a liberdade para escolher a melhor abordagem sobre o tema com seus alunos, e mesmo para incluir temas não previstos na lei de diretrizes básicas paraguaias.

As explicações do MEC se tornaram bastante claras no documento enviado por eles. Nele, figuras de destaque dos municípios e dos departamentos (Estados) são trabalhadas a partir do primeiro grau, no primeiro ciclo de Educação Básica escolar e aprofundadas até o sexto grau. Aí, sim, a guerra é retratada diretamente na parte que “investiga feitos relevantes do processo histórico do Paraguai independente do século XIX”:

Neste ponto é importante mencionar que, principalmente, nas capacidades correspondentes ao primeiro e segundo ciclo da EEB [Educação Escolar Básica], não se observam temas vinculados à guerra contra a Tríplice Aliança de maneira explícita, mas é possível sua abordagem segundo as orientações oferecidas nos parágrafos precedentes a este estado [aqueles 30%]. Por exemplo, com relação a sítios importantes de cada departamento, é possível invocar as classes analisando os lugares das diferentes batalhas, os monumentos

históricos da época da guerra, entre outros. Quanto aos limites convencionais, dirigir o planejamento até os feitos dos mesmos, estabelecidos em tratados internacionais em consequência da Guerra.

No sétimo grau do terceiro ciclo de Educação Básica Escolar, os paraguaios mais uma vez se voltam às características gerais da conquista do Rio da Prata e invocam Assunção como centro da conquista, para, a partir daí, avançarem até o 8º grau, quando são tratadas questões pré-guerra até 1862 e, mais tarde, de 1862 a 1870, já com Solano López no poder.

Na parte específica da guerra, são tratados antecedentes e causas, a situação dos países do Rio da Prata, a doutrina de equilíbrio, as notas com enfoque em 30 de agosto de 1864, o tratado secreto da Tríplice Aliança, campanhas e batalhas, feitos destacados, recrutamento, intendência, comunicações e saúde. Periódicos de campanha, a ocupação de Assunção e o governo provisório também são lembrados. O trabalho das mulheres de modo geral na reconstrução nacional e as consequências demográficas, políticas e econômicas da derrota não ficaram de fora.

Como não poderia deixar de ser, há espaços para as discussões sobre a situação do país de 1870 a 1900, com as ações do triunvirato, as consequências jurídicas, econômicas e diplomáticas da guerra e a Convenção Nacional Constituinte, que acarretaram as mudanças jurídicas e a criação dos partidos políticos. As instituições sociais e culturais pós-guerra fecham os debates no Ensino Fundamental paraguaio. Porém, o tema volta no Ensino Médio, já no primeiro ano, com as causas e consequências da guerra contra a Tríplice Aliança trabalhadas com os adolescentes de uma maneira mais aprofundada.

Logo, é possível ver que há bastante espaço para o trabalho de professores, bem como material fartamente passível de aprofundamento. O fato de o país ter sido palco central dos combates, faz dele uma sala de aula a céu aberto, de modo que não faltam argumentos para que professores consigam aproximar os dias de guerra com a realidade dos alunos e trabalhar, de maneira crítica, suas vertentes históricas, políticas e sociais.

No Brasil, isso já não seria possível, ainda que Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul tenham sido parte dos campos de batalha. Não há, nesses dois estados, um cotidiano tão próximo do existente no Paraguai, onde as cidades foram ocupadas e devastadas. Com exceção de Corumbá, Nioaque, Bela Vista, Uruguaiana e região, pouco seriam os municípios brasileiros que poderiam utilizar seus espaços urbanos como sala de aula. Jardim, no Mato Grosso do Sul, por exemplo, não teve batalhas urbanas, mas sim em zonas rurais, bastante afastadas e de difícil acesso para excursões escolares.

A própria Colônia Militar dos Dourados, ponto inicial da invasão ao território brasileiro, fica afastada de Ponta Porã e mesmo de Antônio João, cidades que não existiam na época, e que hoje

estão relativamente ao alcance de escolas interessadas em conhecer o antigo quartel avançado brasileiro antes da guerra.

No Paraguai, pelo contrário, a própria Assunção reúne, em seu centro antigo, o potencial de servir como sala de aula para explicar a guerra. O mesmo se dá em Humaitá e em Villeta. Em Ypané não seria diferente e em outras cidades também não haveria dificuldade, como Paso de Patria e Pilar, por exemplo.

O MEC também respondeu sobre a versão que oferta aos estudantes em relação à guerra, desde as razões para o seu início, a figura de López e o papel dos Aliados durante o conflito:

A versão que os estudantes recebem é bastante variada, o discurso historiográfico vai mudando, da mesma forma a abordagem dos textos dependendo do paradigma dos autores. O discurso histórico, há umas décadas atrás, girava com ênfase em torno dos grandes personagens da história e suas obras. No entanto, agora se trata de compreender todo o processo histórico e seu contexto sociocultural, humanizando os personagens, com virtudes e defeitos. Não obstante, as instituições sociais educativas em geral apresentam mudanças bastante lentas, pois, respondem também a um contexto sociocultural em que se encontram inseridas.

Quanto aos materiais, o MEC argumenta que, no primeiro ciclo e no segundo ciclo, não há autores específicos, uma vez que o tema é tratado de maneira indireta. Lembra ainda que somente no sexto grau é que fica mais a critério do docente o enfoque da apresentação do conteúdo.

Já quando o assunto começa a ser tratado de maneira efetiva, no terceiro ciclo, nos últimos anos, no atual momento de redação deste livro, o MEC dizia ter chamado licitações públicas para aquisição de materiais, e que em tal sentido:

(...) Os autores são variados dependendo do ofertante adjudicado. Por este motivo, a abordagem do início da guerra depende do autor do texto que resultou ganhador [da licitação], pois alguns autores dão ênfase a aspectos polêmicos, enquanto que outros destacam os aspectos sociais. Por exemplo, no nível de educação média, o livro ganhador da licitação do ano de 2016, dos autores Diego Abente Brun, Liliana Brezzo, Marcelo Pompa e Ignacio Telesca, o título origem da guerra, aborda os problemas de indefinição de limite com os países vizinhos, a troca de governo no Paraguai (Solano López já não acreditava compatível com os interesses nacionais a política de não intervenção nas questões do Rio da Prata, isto o impulsionou a abandonar seu isolamento e a projetar-se cada vez mais além de suas fronteiras), a situação política interna do Uruguai, a invasão do Brasil ao Uruguai. Perante esta situação, López procedeu o apresamento do Marquês de Olinda, navio de bandeira brasileira que navegava pelo rio Paraguai. Em dezembro de 1864 as tropas paraguaias invadiram Mato Grosso e, ao mesmo tempo, falando López decidiu atacar Rio Grande do Sul.

No título **Governo de Francisco Solano López**, o material menciona que ‘o mandato de Francisco Solano fica ligado à Guerra da Tríplice Aliança... Um conflito que segue sendo o único no cenário latino-americano pela sua duração, o número de vítimas e suas consequências, que foram de tal magnitude que todo o tecido econômico, social, político e cultural do Paraguai ficou desfeito.

Sobre como os Aliados são retratados nos livros, o MEC informa que:

(...) se apresenta o conteúdo do Tratado Secreto e menciona que ele ocasionou reações iradas. Quanto à fase ofensiva, se menciona que: *‘calculando que já havia sido entregue a declaração de guerra, López dispôs a ocupação da província Argentina de Corrientes e Robles conquistou a cidade. Neste mesmo ano, na Batalha de Riachuelo, as forças paraguaias foram derrotadas pela esquadra brasileira’*.

Outras afirmações presentes são: *‘em 1869 começou a perseguição aos restos do exército do Presidente López. Esse ano se registraram as sangrentas batalhas de Peribebuí e Acosta Ñu, onde a maioria dos combatentes paraguaios mortos foram adolescentes. Finalmente, em 1º de março de 1870, foi alcançado e morto em Cerro Corá, o Presidente López’*.

Como se lê, o tratamento da atuação dos Aliados se apresenta como algo impessoal e com enfoque geral, que esse livro não põe muita ênfase nos detalhes da guerra e nas batalhas.

Por outro lado, e a modo de deixar como exemplo, o livro de texto correspondente ao ano de 2017, de autoria da Equipe Editorial Atlas e onde não se identificam autores individuais, apresenta uma estrutura didática com processos de início, desenvolvimento e fechamento de aula. Nesse contexto, ao início de uma das aulas correspondentes ao tema, se apresentavam as seguintes perguntas iniciais: que países se enfrentaram na Guerra da Tríplice Aliança? Como se denomina o tratado firmado entre Brasil, Argentina e Uruguai? Entre que anos se desenvolveu a guerra? Que outra denominação recebe a guerra? Logo, se passa às atividades de desenvolvimento, as quais, basicamente, consistem em identificar as causas e consequências da guerra contra a Tríplice Aliança e sequenciar as mudanças no ordenamento territorial.

Ainda citando sobre o livro de 2017, o MEC completa que:

Este livro menciona: *‘a guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai, durou cinco anos, começou em 1864 e terminou em 1º de março de 1870; fez com que os vencedores, especialmente o Brasil e Argentina, se convertessem em elementos hegemônicos no Paraguai e se iniciou uma nova forma de viver com uma convivência diferente dos governos anteriores no Paraguai’*.

Quanto aos antecedentes da guerra, se menciona que: *Francisco Solano López foi comandante da divisão paraguaia que reocupou as missões ao sul do Paraná e, posteriormente, foi nomeado o chefe do Exército Nacional com sede em Pilar em 1853, com o cargo de Brigadeiro General, partiu em Missão Especial à Europa. O objetivo aparente era estabelecer relações diplomáticas, mas a verdadeira finalidade era adquirir barcos e armamentos. Em 1856 foi destacado para viajar ao Rio de Janeiro com o fim de estabelecer um tratado sobre navegações com o chanceler Paranhos. Em 1858 atuou como plenipotenciário especial para efetivar o tratado com Paranhos, em Assunção. Em 1859 partiu de Assunção a bordo do Taquari, com a missão de lidar no conflito entre os governos do Paraná e Buenos Aires. O acordo firmado em 11 de novembro e que se conhece como Pacto de San José de Flores, estabelecia que Buenos Aires se declarava integrante da Confederação Argentina, sendo a República do Paraguai garantidora do cumprimento do convênio. De regresso ao país, se dedicou a organizar um modelo de exército disciplinado. Em 1862 foi designado sucessor de seu pai, pelo caso da acefalia, até que o Congresso se reunisse para eleger um novo mandatário. Em 16 de outubro de 1862 o Congresso o elegeu presidente por um período de 10 anos.*

Do mesmo modo, entre as causas da guerra se mencionam:

Questões de limite com os países vizinhos. Havia passado anos da Independência, mas ficou pendente a questão dos limites. Em 1862 venceram os prazos dos acordos Berges-Paranhos e Vásquez-Guido. Os brasileiros fundaram as colônias de Dourados e Miranda na margem direita do rio Apa. Os paraguaios que residiam em Buenos Aires encorajavam a guerra apesar do que isso significava. O objetivo era recuperar o poder que se achava nas mãos de López.

As guerras civis no Rio da Prata. A Argentina estava envolta em uma guerra civil: federais, unitários, brancos e colorados. No Uruguai, o Presidente Bernardo Berro teve fêrrea oposição de Venâncio Flores, com o apoio de Mitre, para organizar o golpe desde a Argentina. Também o Brasil prestou apoio para conseguir as instâncias brasileiras na região setentrional do Uruguai.

Questão do Uruguai. O Brasil interveio abertamente na política interna do Uruguai, apoiando o general Venâncio Flores e seu partido Colorado. Vásquez Sagastume, sem autorização do governo, requereu a mediação do Paraguai no conflito entre Uruguai e Brasil. Após a nota de 30 de agosto de 1864, o Brasil invadiu o Uruguai e, como consequência disso, o governo paraguaio sequestrou o navio Marquês de Olinda. Berges comunicou ao representante brasileiro que ficavam rompidas as relações diplomáticas entre o Brasil e o Paraguai.

Os paraguaios também contaram como as consequências do conflito são abordadas em sala de aula:

Com relação às consequências da guerra, [o livro] citou Thomas Whighan e Bárbara Potathst, mencionando que: *a população perdida foi de 60%. As perdas territoriais, vias e meios de comunicação arruinados e que da riqueza privada não restou nada. Se perderam os conhecimentos técnicos e experiências, as exportações agropecuárias sofreram perdas quantitativas. A derrota e sucederam seis anos de ocupação dos Aliados, os brasileiros saíram de Assunção em 1876, os argentinos aceitaram restituir a região de Vila Hayes em 1878. A guerra se seguiu uma economia de sobrevivência.*

Ainda a título de comparação, o MEC lembrou o livro do texto de história adquirido e entregue no ano de 2019, de autoria de Cecília Silveira. Nele, o assunto começa com o governo de Dom Carlos Antonio López e suas obras culturais, tratando também a política externa e a questão dos limites com Argentina e Brasil, além da viagem/missão de Francisco Solano López à Europa. Fala de política interna, de obras públicas e das instituições educativas criadas:

O mesmo material menciona que, quando falece Dom Carlos Antonio López, se reúnem os ministros, autoridades eclesiásticas e chefes militares para presenciar a abertura do testamento. No dito documento se estabelece que o ministro da Guerra e Marinha, Francisco Solano López, seu filho, assumisse o governo provisório e o instava a convocar a um congresso nacional para que se elegeisse um presidente constitucional. Em 16 de outubro de 1862 Solano López foi eleito presidente da República do Paraguai. Logo, o livro menciona obras do governo e a demografia de um milhão e quatrocentos mil habitantes, que depois da guerra foi de menos 230 mil habitantes.

Sobre as causas da guerra, o livro de Cecília Silveira traz o seguinte, segundo o MEC:

Antecedentes da guerra. Se descreve de uma maneira similar ao livro anterior. Apresenta o Paraguai como um país que não importava produtos estrangeiros que se pudessem elaborar no Paraguai, com impostos aduaneiros aos poucos produtos que ingressavam ao país. López armou o país e o fortificou, convertendo os fortes de Itapiru e Humaitá em barreiras contra o contrabando. A indústria siderúrgica lhe dava certa independência. A guerra de secessão produziu baixa na produção norte-americana, matéria-prima que a Inglaterra necessitava para seus têxteis. O governo britânico propôs um tratado de comércio para adquirir algodão paraguaio em troca de manufaturas, ao que Francisco Floriano López seu opôs, respondendo que o Paraguai só venderia algodão em troca de libras esterlinas. As linhas acima mostram que o conteúdo do livro anterior e atual são similares (...).

O MEC apresentou uma sinopse dos principais títulos da obra de Cecília Silveira: conflitos em torno do Uruguai, explicações exigidas à Argentina, preparativos militares, a intervenção do

Brasil, tensão entre Argentina e Paraguai, reunião de Puntas del Rosario (Saraiva, Elizalde e Flores acordam a futura Tríplice Aliança, em caso de que o Paraguai se aliasse aos brancos e com Urquiza), liga a proposta por Antonio de las Carreras, ultimato de Saraiva, protesto de agosto de 1864, invasão brasileira ao Uruguai e captura do Marquês de Olinda.

Também no livro de Cecília, entre as causas da guerra se explicam as questões de limites com os países vizinhos, guerras civis no Rio da Prata, a questão do Uruguai (Flores e Berro), campanha de Mato Grosso, o pedido de permissão à Argentina, o apoio de Urquiza a López e o Congresso Extraordinário de 5 de março de 1864, que nomeou a Solano López como Marechal dos Exércitos da República. Em 18 de março de 1865, o Congresso autorizou a declaração de guerra ao governo argentino, López ordenou a ocupação de Corrientes, se formou a junta de governo correntina, que se declarava aliada dos ocupantes:

Na campanha de Corrientes, fala igualmente a respeito da frota paraguaia sequestrar pequenas embarcações correntinas, que se ocupou militarmente Corrientes, que a população argentina estava dividida, uns a favor do Paraguai e outras não. Depois de intensas lutas na batalha do Riachuelo, foi favorecida a esquadra brasileira, melhor equipada que a paraguaia, já que a maioria estava composta por barcos mercantes preparados para o combate. Esse livro menciona outros livros variados para aprofundar o tema, de autores diversos como: Boccia Románach, Efraím Cardozo, Chiavenatto, Hugo Mendoza e César Cristaldo Domínguez.

No mesmo livro de 2019, o MEC argumenta que Cecília escreveu que em Uruguiana, Batalha de Yatay, “Estigarribia não obedeceu às ordens do Marechal López, de ficar em seu posto, marchou até Uruguiana, deu ordem ao tenente-coronel Duarte que fizesse o mesmo com suas tropas”. Depois de mencionar autoridades presentes na rendição de Uruguiana, cita que “10.680 soldados da Aliança, com 32 canhões, ao mando de Flores, atacaram a 2.900 paraguaios sem um só canhão”:

O texto desenvolve todas as campanhas e batalhas com muitos detalhes e profundidade. Logo, uma sessão de material aborda sobre os órgãos de imprensa e outra parte é dedicada às mulheres que acompanharam as tropas. No aparte ‘Paraguai acabada a Tríplice Aliança’, se menciona que as mulheres foram quem reconstruíram o país. As forças aliadas ocuparam o país, saquearam, roubaram, destruíram e levaram os bens como botim de guerra. Ainda que nomeado um governo provisório, foram chefes militares Aliados os que verdadeiramente governaram. Se apresentam reproduções coloridas de mapas de campanhas da guerra de Vasconcelos. No capítulo ‘Consequências da guerra contra a Tríplice Aliança’, se fala sobre a recuperação do país da ruína econômica, social, política e cultural. Desenvolvem-se as consequências demográficas, econômicas, políticas e culturais. O texto desenvolve os tratados posteriores à guerra e um mapa que o reflete.

Perguntados se o MEC tinha algum autor referência no ensino sobre a Guerra Guasu e que, caso tivesse, qual teria sido o motivo da escolha, o Ministério da Educação respondeu que:

Com detalhes e os exemplos dados nas páginas anteriores, fica demonstrado que o MEC não possui texto oficial. A seleção dos textos escolares se faz através de processos de licitação pública, com critérios pré-estabelecidos e compartilhados com as empresas ofertantes e publicadas à disposição dos cidadãos na página da web da Direção Geral de Contratações Públicas. Por outra parte, grande variedade de pacotes de textos das mais variadas tendências e correntes de pensamento foram adquiridos para as bibliotecas escolares, distribuídas em toda República do Paraguai.

Para finalizar, e como conclusão, a equipe técnica encarregada da elaboração do documento informou que:

Resulta-se sumamente complexo e difícil compreender-se a história heróica e bélica deste tema. Não obstante, o seu desenvolvimento se complementa com atividades reflexivas a respeito, por exemplo: *a história demonstra que através das guerras os problemas existentes não foram solucionados e que mediante a elas, jamais se gera ou se gerou a paz mundial. Como nós imaginamos o mundo se não houvesse mais guerra?* Além disso, as propostas se complementam com informação sobre o contexto social e cultural, análise de imagens, protagonismo das mulheres, link de vídeos de internet, entre outros recursos. Dependendo do autor, alguns dos materiais utilizados podem resultar mais conservadores e tradicionalistas que outros que apresentam posturas mais críticas. Ainda assim, as transcrições literais permitem evidenciar o tratamento que se dá a Solano López como um governante que cometeu erros humanos, e que quis corrigi-los ao solicitar em 1867 abandonar o Paraguai e terminar a guerra. Nas batalhas perdidas se apresenta o feito como tal, evitando emitir juízos pejorativos aos Aliados, mas contando o que ocorreu.

Versões brasileiras vistas nas academias

No Brasil, há trabalhos consolidados sobre a abordagem da Guerra Guasu nos livros didáticos, pesquisas que são realizadas há pelo menos 20 anos de forma mais sistemática e, em décadas anteriores, de maneira pontual, sendo que nos últimos anos o trabalho vem ganhando força dentro da academia, em pontos diferentes da federação.

André Mendes Salles, doutor em Educação e professor da Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, é um dos nomes de destaque sobre os enquadramentos dados à Guerra do Paraguai, tanto no Brasil quanto no país vizinho. A tese dele, de 2017, foi sobre o assunto. Nela, ele avaliou livros didáticos dos dois países.

Na ocasião, Salles classificou que até pelo menos os anos 70 do século XX, as versões brasileiras “buscaram enfatizar uma abordagem escolar e historiográfica da Guerra do Paraguai que possibilitasse a valorização e o forjamento de um sentimento de nacionalidade”. Dali para frente, os livros didáticos nacionais que ele analisou “intencionaram produzir uma história que fugisse de narrativas heroicas e nacionalistas, centradas em explicações em que a ação/determinação histórica fosse prerrogativa das grandes personalidades, devido à desconfiança que o nacionalismo forjado pelo regime militar suscitou nos intelectuais daquela época”:

Daí os livros didáticos brasileiros pesquisados, produzidos entre o final da década de 1970 e 2015, evitarem tratar da Guerra do Paraguai como um elemento de nacionalidade e de criação de heróis nacionais, ao contrário de boa parte dos autores de livros didáticos que escreveram entre o final do século XIX até, pelo menos, o terceiro quartel do século XX, cuja abordagem passava a exaltar a criação de símbolos nacionais.¹⁶⁹

Pesquisadora e professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Ana Paula Squinelo é outra pessoa que tem dedicado tempo a compreender a presença do assunto Guerra Guasu nos livros didáticos dos dois países. Sua investigação acerca desse tema foi iniciada nos primeiros anos de 2000.

A doutora de História, em artigo de 2011, após avaliar “12 Coleções Didáticas de História aprovadas e recomendadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2011)”, asseverou que, naquele ano, o conteúdo que se relacionava à Guerra do Paraguai era “falho, tendencioso e alçado em uma visão já ultrapassada pela Academia¹⁷⁰”.

Já em 2021, Squinelo investigou de que forma os estudantes de escolas do Mato Grosso do Sul entendiam o conflito. Analisando um questionário aplicado a 151 alunos de cinco escolas públicas daquele estado, o resultado foi que:

(...) os conteúdos relacionados à Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu* ainda estão demasiadamente vinculados/ associados/conectados com “as causas” da guerra: os motivos que levaram a guerra, o desenrolar e as consequências; assim como tem-se uma ênfase nos grandes nomes envolvidos no conflito, como é o caso de Francisco Solano López e Dom Pedro II. Nesse sentido, verificamos em tais narrativas uma “ausência da guerra vivida”, uma ocultação/invisibilização da multiplicidade de sujeitos que configuraram a contenda, o espaço de protagonistas lhes é negado; justamente onde a historiografia avançou e os manuais didáticos de uma certa forma também, na medida que incorporaram novas fontes, como é o caso de charges, fotografias, pinturas, cinema, música, fragmentos de jornal etc e também novas abordagens sobre o tema.¹⁷¹

Antes dos resultados da pesquisa, na parte de contextualização sobre como a guerra aparece em livros brasileiros ao longo das décadas subsequentes ao conflito, ela refletiu de maneira muito próxima a André Salles, dividindo em três as épocas e formas de produção. A primeira ela chamou de versão *patriótica* que:

caracteriza-se pelos escritos gestados em seguida ao pós-guerra e elaborados por protagonistas ou não do conflito, assim como por militares, civis e diplomáticos e caracterizaram-se por apresentarem em suas narrativas um forte viés militar, enfatizando os episódios e batalhas ocorridas, como também privilegiando datas e fatos e valorizando a

¹⁶⁹ SALLES, André Mendes. *O conhecimento escolar Guerra do Paraguai em livros didáticos e na fala de professores de História de escolas da Educação Básica, no Brasil e no Paraguai*. 2017. 359 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

¹⁷⁰ SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros (PNLD 2011). *Diálogos*; Maringá, v. 15, n. 1, pp. 19-39, 2011, p.36.

¹⁷¹ Ibid., pp. 153-185, 2021.

A segunda época foi a do tempo “Imperialista ou Revisionista”, que, segundo a autora, ganhou popularidade na América Latina com a publicação de obras como *La Guerra del Paraguay: Gran Negocio!*, do historiador argentino León Pomer (1968), e *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*, de Júlio José Chiavenato (1979). Esta, que ainda hoje é “bíblia” para muitos setores mais à esquerda no Brasil, “foi marcada pela influência ‘marxista’ e por um apelo contrário ao imperialismo inglês no Prata e atingiu seu ápice na década de 1970, em meio às ditaduras civis militares que se impuseram na América Latin”, escreveu Squinelo¹⁷³.

Já a terceira versão, que vigoraria até hoje, seria a “Neorrevisionista”, iniciada em meados dos anos 80 e que seria “fruto, entre outras questões, dos tempos neoliberais e da instrumentalização do ofício de historiador no Brasil”:

O domínio efetivo das “ferramentas” do trabalho do/a historiador/a, aliadas à exaustiva pesquisa e análise documental, assim como o acesso a novas fontes e abordagens no processo investigativo e a emergência de novos sujeitos e problemas proporcionaram uma ebulição dos estudos sobre a Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*.¹⁷⁴

De modo geral, os estudos que buscam analisar os livros didáticos brasileiros têm viés muito semelhante aos estudos de Salles e Squinelo, mostrando como a abordagem da guerra vem sofrendo transformações de acordo com o contexto social. Sendo que, no caso brasileiro, a profissionalização cada vez maior dos historiadores e historiadoras, vem contribuindo fortemente para abordagens centradas em fatos e não em paixões ou nacionalismos.

De certa forma, o que o MEC paraguaio visa fazer é o mesmo: afastar um pensamento passional em detrimento de outro racional. Ou seja, que os fatos falem por si.

Antes de encerrar a reflexão deste capítulo, é importante dizer que no caso da Base Nacional Comum Curricular brasileira, a Guerra do Paraguai pode ser tratada dentro do Ensino Fundamental nas séries iniciais, em pontos que versem sobre a vida em comunidade, sociedade, datas comemorativas, etc. Mas que o tema explícito da Guerra do Paraguai só aparecerá para os alunos no 8º ano do Ensino Fundamental, na unidade temática “O Brasil do século XIX”, tendo como objeto de conhecimento “Territórios e fronteiras: a Guerra do Paraguai”, com o objetivo de “identificar as questões internas e externas sobre a atuação do Brasil na Guerra do Paraguai e discutir diferentes versões sobre o conflito e entender a construção da identidade de nação pós-guerra”.

Com a reforma do Ensino Médio, em que são trabalhadas as competências que o MEC

¹⁷²SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros (PNLD 2011). *Diálogos*; Maringá, v. 15, n. 1, pp. 153-185, 2021.

¹⁷³Ibid., p. 158.

¹⁷⁴Ibid.

brasileiro entende serem necessárias, o assunto se diluiu e sumiu, ao mesmo tempo em que tem um potencial de poder ser trabalhado de forma mais aprofundado. Explico: há espaço para tratar do tema em aulas das ditas competências, como nas competências de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, na parte em trata da habilidade EM13CHS503, que corresponde a “identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos”. Aqui, poderiam ser tratados, por exemplo, abusos dos exércitos contra prisioneiros e civis na Guerra Guasu. Logicamente, isso ficaria a critério de quem estivesse dando a aula, a quem caberia entender a pertinência ou não, já que não há um direcionamento específico para tratar o assunto. Bem diferente dos paraguaios, que como o MEC de lá explicou, podem relembra e aprofundar o assunto, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

O Itamaraty não interfere

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil, também chamado de Itamaraty¹⁷⁵, se manifestou sobre questões de preservação conjunta de patrimônios da Guerra Guasu, reclamações paraguaias no Parlasul e sobre as lembranças das efemérides de 2024 em diante. A resposta veio por meio de nota:

Prezado Senhor,

Brasil e Paraguai possuem diversos instrumentos bilaterais na área de cooperação técnica e cultural, inclusive no que se refere à conservação de patrimônio histórico. Não há, contudo, acordo bilateral específico a respeito da temática consultada.

O Ministério das Relações Exteriores não participa das sessões do PARLASUL e, portanto, não se encontra em condições de se manifestar a respeito do tema. O Brasil é representado por seus parlamentares membros da representação brasileira junto ao Parlamento do MERCOSUL.

Informações sobre eventos relativos à efeméride a serem realizados em território argentino, paraguaio ou uruguaio devem ser obtidas junto aos governos dos respectivos países.

¹⁷⁵ A primeira sede do órgão ficava no Palácio do Itamaraty, de onde saiu apenas com a construção de Brasília.

Nos jornais mais acessados dos quatro países

Durante 10 anos, acompanhei os quatro principais sites que compõem os beligerantes da Guerra Guasu, com o propósito de descobrir quanto e o que publicavam sobre aquele conflito aparentemente tão longínquo. G1, ABC Color, El País e La Nación, que são sites do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, respectivamente, tiveram notícias com terminologias que remetessem ao enfrentamento entre estes países de 1864 a 1870.

As notícias foram recuperadas nos buscadores de arquivos dos sites e com ajuda da ferramenta de pesquisa avançada do Google. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Guerra Guasu, Guerra Grande, Guerra del 70, Guerra Paraguai, Guerra Paraguay, Triple Alianza e Tríplice Aliança. Em seguida, os resultados foram separados em:

Diretamente relacionadas à guerra: que tratam sobre a guerra, seus desdobramentos/consequências ou que relembram combates e datas comemorativas/históricas sobre o conflito;

Indiretamente relacionadas à guerra: nomes de ruas, pontos de referência, nomes de espetáculo culturais, de cidades, vilarejos ou pessoas;

Propagandas literárias: textos sobre obras que têm como tema a guerra, editada por jornais dos países. Por tratarem diretamente do tema da guerra, essas publicações também estão inseridas dentro dos temas “Diretamente relacionados à guerra”.

Em seguida, houve nova análise, dessa vez quanto ao protagonismo. Foram classificadas em versão “Paraguai vítima”, que aponta os Aliados como agressores; em versão “Paraguai culpado”, que aponta o Paraguai como causador do conflito; e versão “neutra”, que não se refere a nenhuma das duas anteriores.

Da mesma forma, as “Propagandas literárias” também foram classificadas em versão “Paraguai vítima”, em versão “Paraguai culpado” e em versão “neutra”.

Prestes a completar 16 décadas em 2024, o conflito está longe de ter uma versão definitiva e ainda inspira escritos, revisitações a pontos de vista e mesmo revisionismos.

Os resultados

No total dos 10 anos, foram 885 notícias analisadas nos quatro países, com prevalência absoluta do jornalismo paraguaio à frente dos demais países. No G1, foram encontradas 145 notícias; no ABC Color, 584; no El País, 67; e no La Nación, 89 notícias.

Quanto às matérias diretamente ligadas ao conflito, no caso brasileiro, no site G1, foram encontradas 15 (10,34%) diretamente relacionadas à guerra, e 72 (49,65%) indiretamente. Não foram encontradas publicações patrocinadas.

No ABC Color, do Paraguai, foram 254 notícias, (43,49%) ligadas diretamente relacionadas à guerra, e 307 (52,56%) indiretamente. Dentro das 584 notícias, 54 (9,24%) se encaixavam como propagandas literárias.

Enquanto isso, no El País, 14 notícias (20,89%) estavam relacionadas de maneira direta à guerra, e 49 (73,13%) não estavam, e 16 (23,88%) podiam ser enquadradas como propagandas literárias.

Em La Nación, 15 (16,85%) tinham relação direta com o enfrentamento entre as nações, e 72 (80,89%) não tinham, sendo outras duas classificadas como propagandas literárias (2,24%).

Na soma das notícias diretas e indiretas, com as propagandas literárias, há o total de 304 de 885 publicações que são diretamente ligadas (34,35%), e outras 553 (62,48%) que não têm ligação direta aos combates. Na área de propagandas literárias, são 72 (8,13%).

Outro ponto analisado foi quanto ao protagonismo em motivar a guerra ou ter/assumir culpa pelo conflito. No G1, o Paraguai aparece como vítima de agressões aliadas em quatro notícias (2,75%), como agressor em 10 notícias (6,89%), e foram 131 notícias em que nenhum culpado foi apontado (90,34%).

No ABC Color, os paraguaios se disseram vítimas em 408 notícias (69,86%), assumiram alguma culpa em 9 ocasiões (1,54%), e em outras 167 vezes não apontaram culpados (28,59%).

Já no El País, o Paraguai foi apontado como vítima em 15 ocasiões (22,38%), e em 52 vezes não foram apontados acusados (77,61%). Em nenhuma vez a “nação guarani” apareceu como agressora.

Por outro lado, no La Nación, o Paraguai foi assinalado como vítima uma única vez (1,12%), e em 88 notícias (98,87%) não houve apontamento de culpa de nenhum dos lados.

Se somarmos todas as vezes que o Paraguai foi apontado como vítima nos noticiários dos quatro países, teremos o apontamento das agressões em 427 ocasiões (48,24%). Já as acusações de culpa são apenas 19 (2,14%). Porém, a quantidade de vezes em que culpados não são apontados é maior: 438 ocorrências (49,49%).

A respeito da análise em si, algumas ocorrências chamaram mais atenção que outras. A começar pelo nome do conflito. Colocar Guerra do Paraguai importa quase que instantaneamente a declarar que quem provocou o conflito foi o país vizinho. O mesmo pode ser dito com Guerra de la Triple Alianza, que remete a culpa aos três países aliados. Pode-se falar em uma “intencionalidade construída”, em que uma narrativa ou versão é apresentada para justificar o uso de uma palavra e não de outra, com o propósito de favorecer o próprio lado ou desqualificar o oponente.

Foi por isso que utilizei neste livro Guerra Guasu, e alguns escritores/jornalistas, principalmente paraguaios, usam Guerra Grande ou Guerra del 70. São formas de uso mais neutro da

nomenclatura.

Também foi possível perceber, durante a análise, que a guerra serviu e serve de ponto de referência histórico em todos os países. Algo como dizer que tal fato se deu nos tempos da Guerra do Paraguai ou que algo ou algum objeto date da época da Guerra de la Triple Alianza.

Em La Nación, grande destaque foi dado às obras de Cândido Lopez, pintor argentino que lutou como soldado, perdeu uma das mãos e aprendeu a pintar com a outra, produzindo, no pós-guerra, obras que ainda hoje são referências na representação iconográfica daquele tempo de beligerância.

No ABC Color, projetos escolares de cunho patriótico, pequenos sucessos paraguaios em batalhas, feitos heroicos de personagens de renome e Curupaity (vitória maiúscula contra os Aliados) ganham as páginas eletrônicas do diário, aparecendo com frequência semanal. As dicas de leituras giram em torno de autores como Jorge Rubiani, Juan Alberdí e Efraím Cardozo, além de livros que se aproximam do nacionalismo em defesa do Paraguai.

Durante o período analisado, o ABC Color trouxe notícias dentro da proposta da Lei 6090, de 5 de junho de 2018, que declara o período entre 12 de outubro de 2014 e 22 de junho de 2026 como sendo o “Sesquicentenário da Epopeia Nacional”, que serve como “uma homenagem da nação paraguaia ao heroísmo e sacrifício do povo armado durante a Guerra contra a Tríplice Aliança” (Congreso de la Nación Paraguaya, 2018). Tal medida do Legislativo foi um meio de o Governo:

- a) promover com ênfase, na sociedade paraguaia, a valorização da memória histórica e a afirmação dos traços constitutivos da identidade da nação paraguaia;
- b) divulgar conhecimento histórico específico sobre o que aconteceu no contexto da “Guerra contra a Tríplice Aliança”; e,
- c) Gerar novas formas de compreensão do fato que contribuam para o restabelecimento da concórdia no território nacional e do espírito de integração na região. (Congreso de la Nación Paraguaya, 2018)¹⁷⁶

Com isso, assuntos ligados à guerra começaram a fazer mais parte da rotina do Estado e, conseqüentemente, das pautas dos meios de comunicação, entre eles o ABC Color. Mesmo teatros amadores dramáticos em escolas públicas mereceram atenção do Governo paraguaio e cobertura da imprensa, sempre mostrando massacres brasileiros a adolescentes, crianças e mulheres.

Já no Brasil, o fato que se diferenciou no noticiário foi a aparição da guerra na novela *Nos Tempos do Imperador*, da Rede Globo, que foi ao ar entre agosto de 2021 e fevereiro de 2022. A

¹⁷⁶ CONGRESO DE LA NACIÓN PARAGUAYA. Ley N° 6090/Declara “Sesquicentenário de la Epopeia Nacional”, el lapso comprendido entre el 12 de octubre de 2014 y el 22 de junio de 2026, y crea la “Comisión Nacional del Sesquicentenário de la Epopeia Nacional: 1964-1870”. Disponível em <https://www.bacn.gov.py/leyes-paraguayas/8430/ley-n-6090-declara-sesquicentenario-de-la-epopeya-nacional-el-lapso-comprendido-entre-el-12-de-octubre-de-2014-y-el-22-de-junio-de-2026-y-crea-la-comision-nacional-de-conmemoracion-del-sesquicentenario-de-la-epopeya-nacional-1864-1870>. Acesso em 04/02/2023

análise histórica da novela renderia um bom estudo sobre licença poética e realidade/fantasia, o que não é o objetivo deste livro. Nela, Solano López e seu exército são retratados como vilões, sendo o presidente paraguaio o culpado único e exclusivo pelo conflito. O folhetim gerou notícias indiretamente ligadas à guerra no G1.

No Uruguai, a guerra foi mais lembrada como ponto de referência histórica para alguma comparação com o presente, não havendo fato relevante a se ressaltar.

Minhas observações

Analisando o número de notícias publicadas, fica evidente que o jornalismo paraguaio tem produzido muito mais do que os jornais dos outros países juntos. Na “guerra” de informações, a antiga Tríplice Aliança não teve êxito. No caso brasileiro, a guerra tem servido somente para lembranças de um tempo muito distante ou, como já foi dito, para referência histórico-temporal.

Já os paraguaios dedicam boa parte de sua produção para falar diretamente da guerra, assunto que evidencia um país ainda muito ferido, mesmo 16 décadas depois. Possivelmente, a lei dos Sescinquentenário também ajuda a legitimar essa posição do ABC Color que, mesmo antes de 2018, quando a lei ainda nem tinha sido promulgada, já trazia em suas páginas, quase que diariamente, pautas ligadas àquele conflito.

O El País e o La Nación, com índices muito próximos de produção, mostram que o conflito nesses países ainda faz parte da história, ainda que de maneira reduzida, entrando na pauta, muito mais como referência histórica, do que como palco de debates propriamente ditos.

No entanto, se lembrarmos que o Brasil foi o país que mais enviou soldados para os campos do sul do Paraguai e que uruguaios e argentinos contribuíram com forças bem menores, percebe-se que, nesses dois últimos países, a guerra tem o quase o dobro da atenção dada pelos jornalistas brasileiros do G1.

Essa aparente falta de memória ou mesmo de relativização do conflito por parte do Brasil pode ser atribuída a um conjunto de fatores, como o evento dos soldados terem sido desmobilizados ainda no Paraguai, para que voltassem diretamente para as suas províncias e não passassem pela capital Imperial, o Rio de Janeiro, sob a justificativa de que poderiam causar tumultos, quando, na verdade, o imperador desejava que generais liberais vitoriosos nos campos de batalha não sobrepujassem a figura dele no campo político. Mais tarde, o próprio Dom Pedro II buscava tirar proveito da guerra, em benefício próprio, com homenagens, nomes de ruas, obras de arte,

monumentos e medalhas¹⁷⁷.

Por outro lado, como bem lembram Salles¹⁷⁸ e Toral¹⁷⁹, boa parte do que hoje faz com que a guerra tenha uma certa invisibilidade também é resultado de um revisionismo mal feito, que prevaleceu no Brasil, principalmente nos anos 80. Como colocou Salles, trata-se de ainda culpar, por exemplo, os ingleses pela guerra, de modo a tratar de “uma história sem povo”, em que os exércitos apenas seguiam ordens cegas de grandes personagens históricos, não considerando os sentimentos e sofrimentos humanos inerentes da própria guerra em si. São visões que importavam a esquerdas argentinas e brasileiras e à direita nacionalista paraguaia.

Rodrigues¹⁸⁰ insere outros dois elementos que fizeram a guerra ser, aos poucos, esquecida no Brasil. O primeiro deles é que Dom Pedro II não tinha interesse em ser lembrado como um monarca violento e nem algoz do povo paraguaio, pois considerava-se “um rei pacífico e dedicado às coisas relacionadas à civilização”. Rodrigues¹⁸¹ anota ainda que a Marinha e o Exército lembravam das batalhas do Riachuelo e de Tuiuti como forma de se colocar como guardiões de uma “memória gloriosa” e pelo “reconhecimento de que as duas instituições ingressavam na vida política do Brasil, notadamente o Exército”.

O segundo elemento, de acordo com Rodrigues¹⁸², é que a abolição da escravidão e a Proclamação da República ajudaram a sobrepor ou igualar a memória da guerra. Até porque “a República havia de legitimar-se pela construção de uma nova memória e forjar seus novos heróis”, buscando justamente, naquele conflito, os legitimadores de sua causa, transformando personagens ex-combatentes em seus patronos, por exemplo.

Depois da virada do século, a guerra já havia se tornado assunto distante no Brasil. Vieram duas guerras mundiais, um processo político nacional bastante conturbado e uma ditadura de 21 anos que incutiu, nos meios civis, certa ojeriza a assuntos militares nos anos imediatos ao fim do regime de exceção, campo fértil para o já citado revisionismo que colocava o Paraguai como um grande injustiçado e um país quase socialista, atacado por países insuflados por uma grande potência, a Inglaterra.

Tal quadro só seria revisto a partir dos anos 90 até chegar aos dias atuais, ainda com

¹⁷⁷ SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: Memórias & Imagens. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003, p.190-192.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ TORAL, André. Imagem em desordem - a iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870). USP/FFLCH, 2002, p.27.

¹⁸⁰ RODRIGUES, Marcelo Santos. Guerra do Paraguai: os caminhos da memória entre a comemoração e o esquecimento. 2009, p.308-309. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-07122009-102220. Acesso em 19/11/2023.

¹⁸¹ RODRIGUES, Marcelo Santos. Guerra do Paraguai: os caminhos da memória entre a comemoração e o esquecimento. 2009, p.308. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-07122009-102220. Acesso em 19/11/2023.

¹⁸² Idem, p.309.

desconstruções no campo historiográfico, a fim de desfazer a versão de Paraguai vítima versus Brasil imperialista.

Enquanto isso, no Paraguai pós-guerra, a memória de López ficou esquecida. Isso, pelo menos até a década de 30, quando foi ressuscitada por outra guerra, a do Chaco. Era necessário um elemento ufanista para unir a nação em torno do conflito contra os bolivianos. A figura escolhida foi justamente a de Solano López, até então escanteado para devoção a um pequeno grupo de apoiadores.

Nos anos seguintes, essa memória ganhou cada vez mais força, até que o Paraguai também entrou em uma ditadura em 1954, a qual só terminaria em 1989. A ditadura, comandada por Alfredo Stroessner, um militar de carreira, não poderia ter outro resultado que não a legitimação de figuras militares. Daí, a utilização de López como elemento de um nacionalismo que precisava ser sustentado para a existência da própria ideia de unidade nacional durante a ditadura de Stroessner¹⁸³.

O próprio ABC Color, que ficou fechado por críticas à ditadura, quando ressurgiu, assimilou um discurso que já estava impregnado na sociedade paraguaia, a de que a guerra era parte da identidade nacional e que a nação e o país haviam sido injustiçados por elementos externos, pelos países vizinhos.

Com um discurso antiimperialista (leia-se anti-Inglaterra), a figura de López conseguiu unir elementos de uma direita nacionalista e de esquerda¹⁸⁴. Esta memória está ainda presente na sociedade paraguaia, de modo que o jornalismo acaba por recortar parte do contexto social de que faz parte e o amplia.

Na pesquisa que realizei, tratei a notícia como mais uma mercadoria, produto do sistema capitalista¹⁸⁵, o que me levou a pensar se as notícias do ABC Color e dos outros jornais são feitas para atender uma demanda ou para gerar uma demanda. Partindo-se do princípio de que uma empresa não oferta produtos que não tenham saída de mercado, no caso do ABC Color, que tem produção majoritária, há de se pensar que existe uma demanda, pois, caso contrário, não haveria a oferta de notícias sobre a Guerra Guasu. A companhia não disporia seus meios de produção sem uma finalidade pré-estabelecida, fosse para gerar engajamento e obter valor simbólico agregado, podendo acrescentar valor em seu site para obter muitos acessos, fosse para manter ou conquistar novos

¹⁸³ MENEZES, Alfredo da Mota. A guerra é nossa : a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai. São Paulo: Contexto, 2012, p.47.

¹⁸⁴ Idem, p.12.

¹⁸⁵ Ver o mesmo entendimento em COSTA, Helton. Jornalismo de hiperconsumo nos principais portais do Brasil. 2015. 244 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015; MARCONDES FILHO, Ciro. O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1986; MEDINA, Cremilda. Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana industrial. 5. ed. São Paulo: Summus, 1988

anunciantes para o site ou mesmo para sua versão impressa.

Aqui caberia uma discussão também sobre quem influencia quem, sobre quem manipula quem; se o jornal usa seu capital simbólico para produzir uma consciência social nacionalista em torno da guerra e, assim, reafirmar valores que já vem sendo apregoados na sociedade paraguaia há décadas, ou se somente nutre essa sociedade com o conteúdo que ela deseja.

Seja qual for a questão, o fato é que o jornal é, entre todos os outros, o que mais produz conteúdo sobre o conflito, e no qual uma versão paraguaia é apresentada como sendo a única, com raríssimas contestações.

Por outro lado, quando analisados de forma individual cada jornal, também fica evidente que eles têm buscado uma visão mais neutra ou menos agressiva quanto a estabelecer culpados por aquela grande hecatombe sul-americana.

No entanto, mais uma vez, o ABC Color faz uma autocrítica da história do país que deixa pontos de reflexão, pelo fato de apontar o Paraguai como vítima em quase 70% das vezes que se referiu diretamente ao conflito, sendo que a admissão de culpa fica restrita a pouco mais de 1,5%.

Nos outros três jornais das nações vizinhas, há um esforço que varia de 77,6% a 98,8% das notícias em não apontar culpados. Seja porque as matérias tiveram, em grande parte, menção indireta ao conflito, seja porque, no momento da redação, jornalistas optaram por não responsabilizar quem quer que fosse.

Como a lei do Sesquicentenário paraguaio ainda estará em vigor até 2026, inclusive com uma comissão formada por especialistas no assunto, composta por civis, militares, políticos, pesquisadores e historiadores, é possível que nos próximos anos a guerra continue a ser explorada muito mais no país onde se deu a guerra do que nos outros três que lutaram contra ele.

O próprio fato de a maior parte da guerra ter se dado em território paraguaio já é um motivo para que se fale mais na guerra do outro lado da fronteira do que no Brasil, na Argentina ou no Uruguai. Ainda que o território argentino também tenha sido vítima de agressões paraguaias durante aquela luta, assim como localidades brasileiras.

Logo, o jornalismo, como um todo, segue sendo esse recorte social, se apresentando também como um espaço de lutas de narrativas sobre um mesmo fato e reafirmando versões que circulam em meio às populações dos quatro países pesquisados.

Relatório culpa Aliados pela destruição do Paraguai

Ricardo Canese é um nome tradicional na política paraguaia. Participa da vida política do país vizinho desde a década de 70, quando seus protestos contra o regime autoritário de Alfredo Stroessner e a parceria Brasil/Paraguai para a construção e posterior divisão de competências e lucros da Itaipu ganharam corpo nas negociações entre as duas ditaduras no poder naquela época.

Nascido em Assunção, em 1950, sempre criticou os tratados em torno da Itaipu. Tais protestos o levaram a um exílio forçado em 1977, só tendo voltado ao Paraguai em 1984. Militou em organizações civis e, em 1991, participou da campanha vitoriosa de Carlos Filizzola para a Prefeitura de Assunção. Naquele ano, também foi eleito vereador.

Por conta dos livros que escreveu referentes à Itaipu, ganhou espaço como voz a ser escutada do outro lado da fronteira. Em 1992, ficou famoso fora do Paraguai, ao ser processado por injúria e difamação, após acusar o então candidato, e mais tarde presidente eleito do Paraguai (1993-1998), Juan Carlos Wasmosy, de ter enriquecido com corrupção dentro da Itaipu, devido à sua proximidade com a família Stroessner. O caso foi parar na Corte Suprema de Justiça do Paraguai e depois na Corte Americana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, sendo que Ricardo foi declarado inocente e apenas apontado como tendo usado sua liberdade de expressão.

De 1999 a 2000, Ricardo foi vice-ministro de Minas e Energias do Paraguai e, de 2001 até 2008, trabalhou no Comitê de Igrejas para Ajuda e Emergência do Paraguai, sempre ligado a movimentos sociais e a setores mais à esquerda.

Quando Fernando Lugo foi eleito, em 2008, ele também subiu ao poder como deputado federal, participando das discussões que culminaram com a autorização dentro da Itaipu para que o Paraguai vendesse a energia excedente para terceiros a preço de mercado. De 2008 até 2022, Ricardo representou o Paraguai no Parlamento Mercosul – Parlasul, conforme atesta em seu site institucional. Ali, ele explica ainda:

Do Parlasul reivindicamos a soberania hidrelétrica, os direitos humanos e, mais recentemente, a criação de uma Subcomissão de Verdade e Justiça para investigar crimes de guerra e crimes contra a humanidade, bem como genocídio, cometidos durante a Guerra da Tríplice Aliança, materializada em abril de 2022; como fato histórico: é a primeira vez, depois de mais de 150 anos, que uma comissão parlamentar do mais alto nível, que envolve todos os países que participaram da Guerra da Tríplice Aliança, vai indagar sobre a verdade e a justiça em tal guerra. Entre junho e setembro de 2022, realizamos inúmeras audiências públicas no Paraguai, Argentina e Uruguai.¹⁸⁶

As reuniões percorreram todo o Paraguai e houve uma sessão na Argentina. No Brasil,

¹⁸⁶CANESE, Ricardo. *Trayectoria*. Disponível em: <https://www.ricardocanese.com.py/trayectoria/>. Acesso em: 8 set. 2023.

segundo Ricardo contou, ameaças impediram que Foz do Iguaçu recebesse as discussões (veja mais abaixo). As audiências, como o próprio nome diz, eram públicas e qualquer pessoa podia se manifestar. O relatório ficou pronto em novembro de 2022. Nele, foram apontados 20 crimes de guerra aliados, a saber:

- 1º) milhares de assassinatos de prisioneiros de guerra desarmados e indefesos;
- 2º) tortura massiva e maus-tratos de prisioneiros de guerra;
- 3ª) pressão massiva (ameaças de morte e tortura) contra prisioneiros de guerra para que lutasse contra sua pátria;
- 4º) estupros e assassinatos em massa de mulheres;
- 5º) sequestros de extorsão em massa (principalmente de crianças) em troca de dinheiro;
- 6º) sequestros em massa para escravidão e servidão de homens, crianças e mulheres;
- 7º) milhares de assassinatos de crianças;
- 8º) incêndios em hospitais com doentes e feridos no interior;
- 9º) mortes em massa devido à fome e doenças causadas pela desnutrição;
- 10º) uso sistemático de mulheres e crianças como “escudo humano”;
- 11º) o assassinato do Presidente da República, de dois dos seus filhos e do Vice-Presidente;
- 12º) pilhagem em massa e pilhagem de todos os tipos de imóveis e propriedades em todo o Paraguai;
- 13º) saque em massa de igrejas;
- 14º) saque em massa de cemitérios;
- 15º) assalto e saque de delegações estrangeiras (credenciadas ao Estado Paraguaio);
- 16º) incêndio intencional sistemático de numerosas casas para fins de pilhagem (em Assunção);
- 17º) destruição sistemática e desnecessária de instalações industriais;
- 18º) destruição maciça de instituições de ensino;
- 19º) sequestro (que continua) e destruição parcial do arquivo nacional do Paraguai; e,
- 20º) ataque sistemático à cultura paraguaia (proibição de falar guarani).¹⁸⁷

Foram listados ainda outras sete medidas que agravaram mais a situação do povo paraguaio.

Quais são, segundo os relatores:

- 1º) ocupação militar do Paraguai por mais de 10 anos (de 1º de janeiro de 1869 a 1879, pela Argentina, e até 1876, pelo Brasil);
- 2º) imposição de governos fantoches e perda da soberania política e econômica;
- 3º) imposição, via governos fantoches, de um modelo econômico liberal-extratrista, que concentrava a riqueza em pouquíssimas mãos e espalhava a miséria para a maioria da população;
- 4º) imposição unilateral de uma dívida de guerra muito pesada (até a década de 1940);
- 5º) perda definitiva de 150.000 km² (30% da superfície do país);
- 6º) endividamento supremo do Paraguai sob governo fantoche entre 1871 e 1872, por um dinheiro que não chegou nem a 50% e que teve que ser pago integralmente até 1964;
- 7º) privatização de 21 milhões de hectares de terras públicas (mais de 50% da superfície do país) a um preço vil, que deixou camponeses e indígenas sem terra, e consequentes gravíssimas violações dos direitos humanos no pós-guerra e até o presente, sem solução previsível no futuro próximo.¹⁸⁸

¹⁸⁷CANESE, Ricardo. *Relatorio - Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.*Parlasur, 2023b. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y1Y-GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d e em <https://madeinparaguay.net/noticia/divulgan-documentos-sobre-la-guerra-de-la-triple-alianza-1208>. Acesso em: 8 set. 2023.

¹⁸⁸CANESE, Ricardo. *Relatorio - Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.*Parlasur, 2023b. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y1Y-GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d

Como causa principal da guerra, foi apontada a intervenção brasileira no Uruguai. “No caso do Uruguai, esta nação viveu uma subjugação aberta de sua soberania, pois a insurreição de Venâncio Flores foi apoiada a partir de 19 de abril de 1863, tanto pelos governos de Brasil e Argentina, em aberta ingerência nos assuntos internos de outro país e, pior ainda, intervenção militar brasileira aberta desde 12 de outubro de 1864, causa final da Guerra da Tríplice Aliança”, aponta um dos trechos¹⁸⁹.

Para chegar às conclusões, os membros da subcomissão fizeram uso de bibliografias, documentos oficiais e tiveram acompanhamento de alguns pesquisadores paraguaios da área de História ou de outros campos com estudos envolvendo o conflito. O que concluíram foi comparado ao “Direito das gentes”, um conjunto de regras que, de modo geral, regula as relações entre Estados ou órgãos internacionais, e destes com os habitantes de uma nação. Segundo a subcomissão, “desde a segunda metade do século XIX, esse processo internacional de posituação do Direito Internacional Público se manifestou de forma inequívoca e perdura até nossos dias”.

Em um dos trechos do relatório, os autores asseveram que houve um genocídio (nos termos atuais) no Paraguai:

Do ponto de vista deste Relatório não há dúvida: houve um terrível extermínio do povo paraguaio, segundo o conceito utilizado na época e não permitido pelo direito das gentes, ou um genocídio, segundo os parâmetros atuais. Porque a conclusão deste Relatório (depois de ouvir e analisar 30 apresentações) é que produziu-se um extermínio do povo paraguaio? Por uma questão muito simples: até os negacionistas aceitam que 60% da população paraguaia morreu ou desapareceu; de acordo com o nosso cálculos e números comprovados, o percentual seria um pouco maior: entre um mínimo de 67% e 75%, como percentual mais provável (entre $\frac{2}{3}$ e $\frac{3}{4}$ da população). Além disso, quatro mulheres teriam sobrevivido para cada homem em idade reprodutiva, portanto, após a guerra, haveria 92% das famílias com pai desaparecidos (apenas 8% das famílias com pai sobreviveram). Nenhum genocídio no mundo atingiu cifras tão escandalosas.¹⁹⁰

Da página 76 e, por pelo menos mais de 30 páginas, com uso de dados de historiadores simpáticos à causa defendida no relatório, os paraguaios vão descrevendo os crimes em cada batalha de forma cronológica. O destaque ficou com o uso dos dados apresentados pela historiadora Noelia Quintana Villasboa, citada dezenas de vezes¹⁹¹. Ela é especialista em Educação Superior e mestre em Planejamento e Condução Estratégica pelo Instituto de Altos Estudos Estratégicos, com formação em

GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d e em <https://madeinparaguay.net/noticia/divulgan-documentos-sobre-la-guerra-de-la-triple-alianza-1208>. Acesso em: 8 set. 2023.

¹⁸⁹Ibid., p. 158.

¹⁹⁰CANESE, Ricardo. *Relatorio - Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.* Parlasur, 2023b, p.191. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y1Y-GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d e em <https://madeinparaguay.net/noticia/divulgan-documentos-sobre-la-guerra-de-la-triple-alianza-1208>. Acesso em: 8 set. 2023.

¹⁹¹Mais de 70 vezes.

Desenho de Políticas e Estratégias de Defesa e Segurança do Centro William J. Perry Center for Hemispheric Defense Studies, dos Estados Unidos. Noelia também é assessora internacional do Security Collage, dos Estados Unidos, além de professora de Jornalismo na Universidad del Norte na Academia Militar Francisco Solano López, na Força Aérea Paraguaya e “em vários centros educativos da Capital [Assunção]”¹⁹².

Sobre a Guerra Guasu, Noelia escreveu *Las Residentas: El rol de la mujer paraguaya durante la Guerra Grande*, além de artigos e entrevistas a meios de comunicação do próprio país. Noelia também já disputou cargos públicos nas eleições nacionais de 2018 e nas municipais de 2021 no Paraguai, pelo Partido Revolucionário Febrerista – PRF, de tendência socialista democrática. É um partido diferente de Canese, o Frente Guasu, mas são partidos que não se rechaçam, tendo estado juntos em 2008, nas eleições nacionais que levaram Lugo ao poder e, em 2010, nas eleições municipais em Assunção. Mesmo em 2022, os febreristas faziam parte da base mais à esquerda que disputou as eleições nacionais.

Os culpados

O relatório apontou também os culpados: “São responsáveis por esses crimes e extermínio os estados que formaram a Tríplice Aliança e, em particular, Dom Pedro II, Bartolomeu Mitre, Domingo Sarmiento, Venâncio Flores e o Conde d'Eu. Em nenhum caso são responsáveis destes crimes os povos argentinos, brasileiros, paraguaios e uruguaios, os quais são vítimas, como se prova extensamente neste relatório”¹⁹³.

O Duque de Caxias, que comandou as tropas brasileiras até a tomada de Assunção, em 1º de janeiro de 1869, foi citado, mas “inocentado” pelos relatores. Ainda que tenham entendido a saída dele do cargo de comandante aliado como uma “deserção militar”, por não ter continuado liderando os soldados e perseguindo López, como queria Dom Pedro II. Deserção é um termo incomum para o atual patrono do Exército Brasileiro.

¹⁹²CANESE, Ricardo. *Relatorio - Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.* Parlasur, 2023b, e em *Anexos del Relatorio de la Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.* Parlasur, p.5. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y1Y-GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d e em <https://madeinparaguay.net/noticia/divulgan-documentos-sobre-la-guerra-de-la-triple-alianza-1208>. Acesso em: 8 set. 2023.

¹⁹³CANESE, Ricardo. *Relatorio - Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.* Parlasur, 2023b, p.2. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y1Y-GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d e em <https://madeinparaguay.net/noticia/divulgan-documentos-sobre-la-guerra-de-la-triple-alianza-1208>. Acesso em: 8 set. 2023.

López vítima de uma tramóia

Os relatores também chegaram à conclusão de que, quando os paraguaios invadiram territórios argentinos (1865) e brasileiros (1864-1868), não foram praticados “crimes de guerras e delitos de lesa a humanidade”, porque os atos não foram “massivos nem sistemáticos, se não extremamente isolados e não apoiados pelo governo paraguaio¹⁹⁴”.

Já sobre supostos crimes de Solano López contra seu próprio povo, disseram os relatores “que não é competência dessa subcomissão do Parlasul analisar os eventuais crimes cometidos por governos (ou forças insurgentes) contra seus compatriotas, se não de cada de Estado Nacional¹⁹⁵”.

O documento deixa claro ainda que não avalia medidas concretas de justiça, porque entende que tal trabalho deve corresponder a uma etapa seguinte, que tenha como tarefa fundamental encontrar as reparações mais adequadas para restabelecer a justiça, preservar a memória e evitar repetições.

Os relatores paraguaios também envolveram Grã-Bretanha no rol de culpados, uma vez que, segundo eles, aquela nação “enganosamente se declarou ‘neutra’”, quando na verdade forneceu “apoio militar e tecnológico à referida Aliança e negando ao mesmo tempo apoio similar ao Paraguai, mesmo que se tenha pedido¹⁹⁶”.

Os crimes dos culpados

Dom Pedro II foi acusado de “iniciar e continuar a guerra, particularmente em sua fase de extermínio”; o Conde d'Eu, teria sido o “principal executor da guerra de extermínio contra o povo paraguaio”; Bartolomé Mitre foi julgado “por ter começado a guerra e não ter detido as gravíssimas crises dos bens de guerra que já foram comprometidos sob sua presidência”; Domingo Faustino Sarmiento teve o nome citado por “ter apoiado a continuação da guerra em sua fase mais sangrenta de extermínio”; e Venâncio Flores apareceu na lista por “ter iniciado a guerra e ter promovido gravíssimos crimes contra a humanidade desde o começo”.

Precedentes

¹⁹⁴Ibid.

¹⁹⁵Ibid.

¹⁹⁶CANESE, Ricardo. *Relatorio - Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.* Parlasur, 2023b, p.276. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y1Y-GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d e em <https://madeinparaguay.net/noticia/divulgan-documentos-sobre-la-guerra-de-la-triple-alianza-1208>. Acesso em: 8 set. 2023.

Precedente é quando uma decisão judicial pode ser usada como exemplo para casos semelhantes. Os relatores usaram os “sefarditas espanhóis (1492–1550) e a do povo Napalpi (1924)”, como precedentes para pedir a condenação dos Aliados da Guerra Guasu. “A primeira prova que nunca é tarde para restaurar justiça, mesmo que 500 anos ou mais tenham se passado. A segunda é importante, pois trata de um genocídio de povos indígenas ocorrido há um século, com recentes medidas reparatórias da justiça em um país membro pleno do Mercosul (Argentina)¹⁹⁷”, justificam.

O que fazer?

Como medidas necessárias para a reparação e a responsabilização dos culpados, os relatores apontam que a primeira coisa a ser feita é “aprovar este Relatório e a declaração anexa, que estabelecem uma verdade compartilhada¹⁹⁸” e que, para isso, o Brasil deve devolver um “arquivo secreto” da Tríplice Aliança, que estaria em posse do país desde 1870.

Em seguida, a recomendação é de que seja recriada:

uma Comissão da Verdade e Justiça muito mais ampla, a ser liderada pelo Parlasul, sobre crimes de guerra e crimes contra a humanidade, bem como de extermínio e genocídio, cometidos pela Tríplice Aliança contra os povos paraguaio e uruguaio, com mais recursos, abrangendo todos os poderes e órgãos de controle dos Estados que fazem parte do Mercosul e com uma participação muito maior de cidadãos, organizações de direitos humanos e academia, a fim de aprofundar e ampliar a verdade compartilhada sobre o tema.¹⁹⁹

Questão de polêmicas

Canese saiu candidato ao Senado paraguaio em 2023. Não foi eleito, mas por conta das várias audiências públicas pelo país, o que era de se esperar por conta de ser o presidente da subcomissão, teve espaço em jornais e meios de comunicação diversos. As reuniões aconteceram perto do período eleitoral no país vizinho. Talvez isso tenha levado o escritor paraguaio Jorge Rubiani²⁰⁰ a declarar que as atitudes de Canese eram “oportunismo eleitoral”.

¹⁹⁷Ibid.

¹⁹⁸Ibid.

¹⁹⁹CANESE, Ricardo. *Relatorio - Subcomisión de Verdad y Justicia sobre la Guerra de la Triple Alianza Comisión de Ciudadanía y DD.HH.* Parlasul, 2023b, pp.276-77. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1y1Y-GlfeM_Yviy16P8qTLi2lnj04sl2d e em <https://madeinparaguay.net/noticia/divulgan-documentos-sobre-la-guerra-de-la-triple-alianza-1208>. Acesso em: 8 set. 2023.

²⁰⁰Entrevistado do próximo capítulo. É pesquisador autodidata sobre a Guerra Guasu e uma das vozes atuantes no Paraguai em se tratando da história do país. Possui livros publicados sobre o tema e dedica parte do cotidiano a estudar e participar politicamente de questões históricas. Por vezes, suas declarações causaram polêmicas, entretanto é um dos escritores clássicos paraguaios sobre o conflito.

Canese rechaça tal afirmação²⁰¹, a qual chamou de “grave inconsistência conceitual”. O ex-deputado lembrou que a política é inerente aos seres humanos e que o próprio Papa Francisco já apoiou pedidos paraguaios de reparação histórica, “ao qualificar as mulheres paraguaias como ‘as mais gloriosas da América’”, conforme citou.

Ricardo também ressaltou que foi conduzido ao cargo de presidente da subcomissão que elaborou o relatório por seus compatriotas paraguaios, tanto os de direita quanto os de esquerda, e que nenhum deles mostrou descontentamento quanto às conduções dos trabalhos. “Tais parlamentares paraguaios nunca manifestaram qualquer crítica ao meu trabalho, à minha atuação como presidente da referida Subcomissão, mas sim elogios, apesar das divergências citadas²⁰²”. Na visão do ex-deputado, mesmo deputados brasileiros com tendência à extrema-direita, que ele associa ao movimento bolsonarista²⁰³, não se opuseram à sua nomeação como presidente, ainda que tenham se absterido de votar:

Fui repetidamente parabenizado pelo meu trabalho, por parlamentares do Mercosul do meu país e de outros países, independentemente da ideologia, embora, é verdade, com exceção dos bolsonaristas, que em todos os momentos se opuseram à criação desta subcomissão, primeiro, atrasando sua realização por meses, e isso fica registrado nas versões completas da sessão do Parlasul, e posteriormente também criticando o Relatório; mas única e claramente eles, os bolsonaristas.²⁰⁴

Canese é um crítico ao bolsonarismo. Ele disse, por exemplo, que foram pessoas ligadas ao bolsonarismo que ameaçaram professores da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, em 2022, quando a instituição se propôs a realizar audiências públicas em território brasileiro:

Os bolsonaristas foram mais longe. Um grupo de professores de história da UNILA (Foz de Iguaçu), a grande maioria deles brasileiros, propôs a realização de duas audiências públicas na UNILA em setembro de 2022 e poucos dias antes o representante desses professores me ligou informando que haviam sido ameaçado de morte por alguém que supostamente afirmava representar as Forças Armadas Brasileiras. Por esse motivo, as duas audiências públicas que seriam realizadas no Brasil foram suspensas. As outras 15 audiências públicas foram realizadas no Paraguai, na Argentina e no Uruguai, de forma presencial e virtual, sem qualquer dificuldade e com elogios em sua maioria, embora também com algumas críticas (como as que você aponta e atribui a Rubiani), porque todos poderiam participar (aliás, professores de história e estudantes brasileiros participaram de uma audiência pública que realizamos em Assunção). Existiram, além dos bolsonaristas, alguns historiadores paraguaios (alguns deles “por acaso” recebem recursos do Brasil, evidentemente um mero “acaso”) que criticaram, como

²⁰¹CANESE, Ricardo. *Preguntas periodista brasileño dourados*. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

²⁰²CANESE, Ricardo. *Preguntas periodista brasileño dourados*. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

²⁰³ Que usam conceitos defendidos pelo ex-presidente do Brasil entre 2018 e 2022, Jair Bolsonaro, entre os quais, a utilização de discursos conservadores, religiosos, armamentistas e negacionistas às ciências de modo geral, muitas vezes apoiados em pós-verdades e mesmo fake news.

²⁰⁴Ibid.

supostamente teria feito Rubiani, o "oportunismo político" e adjetivos semelhantes, do nosso trabalho; Em particular, foram registradas as anotações do historiador Martínez Pelaéz, por exemplo, a quem foi dada resposta não só por carta, mas também no próprio Relatório, o que não aconteceu com Rubiani, porque nunca existiu alguma.²⁰⁵

Canese afirmou na resposta enviada, que também era de se esperar que, por conta da gravidade das denúncias demandadas do relatório, grupos conservadores tentariam “desacreditar por todos os lados e com qualquer argumento, incluindo fake news ou notícias falsas, calúnias, ou ameaças”, fatos que, segundo ele, são inegáveis, como o defendido genocídio do povo paraguaio.

Segundo Canese, “99%, senão mais, de todos os comentários e opiniões, das pessoas que participaram formal ou informalmente das audiências públicas (não só paraguaios, mas argentinos, uruguaios e brasileiros), conforme registrados no site do Parlasul, parabenizam e aplaudem este trabalho”. O ex-parlamentar diz ainda que tem a esperança de que os partidos políticos da região se atentem às denúncias históricas defendidas pela subcomissão. No Paraguai, na opinião dele, “99%, ou mais, estão absolutamente convencidos de que houve extermínio ou genocídio em termos modernos²⁰⁶”, sendo grande o número de apoiadores da tese nos outros países.

Uma carta

Jorge Rubiani, citado por Canese, participou de uma das audiências públicas e, depois dela, teria renunciado a estar nas demais, porque entendia que o trabalho não estava sendo tocado com a seriedade que deveria, o que o motivou a escrever uma carta de renúncia e enviar por e-mail para Canese, que presidia a subcomissão.

Na carta, Rubiani lembrava que apoiava a causa da subcomissão, mas que a forma como os trabalhos foram dirigidos não lhes outorgava a seriedade e legitimidade necessária. Isso porque na opinião de Rubiani, “deveria ter sido formada uma equipe de trabalho com o melhor de suas capacidades e não reduzi-la a um recurso simples e demagógico - que infelizmente continua a prevalecer nos partidos - o famoso ‘jahapa’ ou ‘venha todo mundo!’²⁰⁷”:

“Porque esta matéria deve ser tratada com o mesmo cuidado que uma questão energética, de saúde ou matemática nos exigiria, em que a verdade não se deduz do número de participantes, mas sim da qualidade e do rigor das propostas”, alerta o escritor, explicando que entende a dinâmica de uma audiência pública, porém que naqueles espaços “nem todos terão o mesmo nível para melhorar, entender e tomar decisões corretas sobre o assunto”.

²⁰⁵ Ibid.

²⁰⁶ CANESE, Ricardo. *Preguntas periodista brasileño dourados*. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

²⁰⁷ RUBIANI, Jorge. *Renuncia*. Documento recebido pelo e-mail heltoncostas@gmail.com, em 27/06/2023.

Há questões, caro parlamentar, que não se resolvem com o “japarticipacipána”²⁰⁸, mas pelo contrário: desta forma tendem a agravar-se consideravelmente, ao ponto do descontrole ou do fracasso. Temos inúmeros exemplos, aqui e no exterior. Porque com essas deficiências, também daríamos aos nossos adversários a possibilidade de refutar facilmente nossos argumentos e com toda certeza, denegrir a causa paraguaia novamente, o que seria doloroso, porque nossas razões e argumentos têm peso suficiente para exigir o que é justo e punir o que é injusto. Porque, infelizmente, não há mais possibilidades de devolver tudo o que nos foi roubado.²⁰⁹

Na mesma carta, Rubiani ainda reclamou de ter o nome envolvido em polêmicas por pessoas que também faziam parte ou prestavam assessoria à subcomissão. Ele disse que este também era um motivo para afastar-se dos trabalhos, para não estar alinhado com elas. O escritor paraguaio ainda fez um alerta para que fossem consultadas fontes mais confiáveis para embasar os argumentos do relatório e não “qualquer elucubração patriótica fantasiosa”, e que os órgãos governamentais paraguaios e estrangeiros poderiam guardar outras fontes documentais que também deveriam ser utilizadas.

Uma advertência para a subcomissão, prestada por Rubiani, foi para que cuidassem o *modus operandi* que embasaria a produção do relatório,

pois se este projeto falhar, (...) seria quase materialmente impossível tentar o reconhecimento de nossos infortúnios, e muito menos, a reivindicação de nossos direitos e reivindicações pela série de agressões e injustiças sofridas por nosso povo durante o referido conflito”.

Segundo Rubiani, caso haja problemas na aprovação do relatório, haveria dificuldade para o Paraguai se reposicionar “com dignidade na região e perante os demais países da comunidade internacional”.²¹⁰

Porém, na visão de Ricardo Canese, a carta nunca teria chegado para ele. Foi o que o relator defendeu ao ser questionado. Canese explicou que Rubiani foi convidado da mesma forma que os demais historiadores e interessados, para fazer defesas de seus pontos de vista:

Participaram negacionistas do extermínio (ou genocídio nos termos atuais) e também daqueles que denunciaram os crimes, e todos foram ouvidos com total atenção. Rubiani aceitou o convite e foi apresentar. É preciso dizer que ele expôs de forma brilhante os crimes que foram cometidos contra o povo paraguaio; Ele veio um dia em que até estava com um pouco de gripe e mesmo assim explicou com muita precisão, o que está incluído na íntegra [do relatório] (...) Ele nunca renunciou ou denunciou a própria exposição, única participação que teve nessas audiências públicas. Não há nenhuma carta de Rubiani, endereçada à subcomissão que dirigi, em qualquer sentido.²¹¹

²⁰⁸Vamos participar!

²⁰⁹RUBIANI, Jorge. *Renuncia*. Documento recebido pelo e-mail heltoncostas@gmail.com, em 27/06/202.

²¹⁰CANESE, Ricardo. *Perguntas periodista brasileiro dourados*. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

²¹¹Ibid.

Mais adiante, Canese repete que não recebeu nenhuma comunicação de renúncia:

Poderia Rubiani ter feito alguma crítica, mesmo que informalmente? Claro! Poderia ter feito isso através das redes, como fez o senhor Martínez Peláez, que nos criticou através das redes, embora também o tenha feito por escrito, dirigindo-se ao Subcomitê e devidamente registrado. Rubiani não enviou nenhuma carta.²¹²

Por sua vez, Rubiani apresentou print e cópias de e-mails enviados ao endereço eletrônico de Ricardo Canese, meio pelo qual os dois trocavam correspondências desde pelo menos 2021. Não havia nenhum sinal de que a carta de renúncia tivesse voltado ao remetente e nem de alterações por parte de Rubiani, o que apenas reforçou as posições e opiniões do escritor.

Troca de presidente

Canese fez uma série de críticas ao movimento dos bolsonaristas brasileiros no documento que enviou, culpando-os por terem atrasado o trabalho da subcomissão e por terem ameaçado professores da Unila, como foi dito. No entanto, em 2023, assumiu o presidente Luiz Inácio Lula Silva, do Partido dos Trabalhadores, ala mais à esquerda da política sul-americana. Tal fato animou Canese, que ainda era deputado até o primeiro trimestre daquele ano:

Quando a mudança ocorreu no Brasil (1º de janeiro de 2023), na primeira sessão da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos do Parlasul (março de 2023), grande parte da delegação brasileira que apoia o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e lhes propus que fossem realizadas audiências públicas (o que não foi possível devido às ameaças de Bolsonaro e à campanha eleitoral) por volta do mês de maio de 2023. Concordei imediatamente com isso e isso se refletiu na decisão daquela Comissão de Direitos Humanos do Parlasul. Devido à difícil situação pela qual o Brasil passou nos últimos meses, entendo que tais audiências públicas não foram possíveis até o momento; Meu mandato como parlamentar do Mercosul terminou em 30 de junho de 2023 e aguardo qualquer notícia que prometeram me dar a conhecer, como autor e responsável pelo Relatório, mesmo quando meu mandato terminar.²¹³

Questionei Canese sobre o futuro do relatório e dos trabalhos. Ele disse que dependeria dos novos parlamentares que assumiram os cargos, tanto no Paraguai quanto no Brasil, mas que tinha esperança de que as denúncias e os apontamentos seriam levados em frente por quem quer que assumisse.

Eu também quis saber dele se, de fato, ele esperava que as figuras históricas apontadas como culpadas seriam condenadas de alguma forma. O ex-deputado argumentou que aquela não era uma pergunta correta:

²¹²CANESE, Ricardo. *Preguntas periodista brasileño dourados*. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

²¹³Ibid.

A pergunta que deve ser feita é se os crimes de guerra e o extermínio foram cometidos ou não. É como quando uma mulher é estuprada e o crime foi cometido por personagens poderosos. Alguém pode perguntar: “Você acha que eles vão culpar personagens tão importantes?” Essa não é a pergunta correta. A pergunta correta é: houve crimes de guerra e extermínio massivos, cruéis, sistemáticos e planejados da população paraguaia ou não?²¹⁴

Em seguida, o próprio Canese respondeu, de forma retórica, às perguntas, justificando não haver como negar as atrocidades, baseando-se em cinco pontos. O primeiro é de que a guerra já estava decidida antes de começar, quando representantes de Brasil, Uruguai e Argentina se reuniram em junho de 1864, em Puntas del Rosario, Uruguai. “Consequentemente, o Paraguai foi vítima da agressão premeditada e determinada daqueles que lideraram o Brasil, a Argentina e o Uruguai, com a presença conspícua do cônsul britânico. Seria importante que você reconhecesse esse fato”, argumentou.

O segundo ponto, na visão dele, foi o Tratado da Tríplice Aliança, que acabava com as fronteiras do Paraguai e que o saqueavam. “Qualquer democrata de qualquer país do mundo repudia este tratado aberrante, e seria bom que o fizesse”, conclamou Canese. O terceiro ponto são os 20 crimes apontados no relatório. “Muitos historiadores, incluindo os negacionistas, criticam e repudiam estes crimes brutais. Seria conveniente para você fazer isso também”, completou.

Os dois últimos pontos se referem ao que Canese descreve como extermínio de até 75% da população paraguaia da época e às sete medidas que agravaram a situação paraguaia no final e pós-guerra. “Esperamos que condene veementemente tal crueldade após o extermínio do povo paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança, e imposta por tal Tríplice Aliança”, aconselhou o ex-parlamentar.

Todos os “conselhos” de Canese acima, sugerindo como eu deveria ou poderia me comportar diante dos fatos, foram dados por conta desta pergunta: *Você acha que os representantes do Brasil, Uruguai e Argentina concordarão em culpar as figuras históricas mencionadas na conclusão do documento?* Em seguida, ele voltou a corrigir a pergunta que, na opinião dele, estava formulada de forma incorreta, pois o que eu deveria ter questionado era se os crimes haviam sido cometidos ou não, independente de quem os tivesse cometido.

Apenas li a resposta do ex-parlamentar sem me enveredar para a dialética da questão. Afinal, queria mesmo era saber se, por conta de uma cultura de impunidade histórica nos países que participaram da guerra, ele esperava uma condenação pública de personagens famosos daquelas nações, o que ele já havia defendido anteriormente que não importava:

²¹⁴CANESE, Ricardo. *Perguntas periodista brasileiro dourados*. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

Na verdade, na Comissão de Cidadania e Direitos Humanos do Parlasul, por unanimidade das delegações da Argentina, Paraguai e Uruguai, decidiu-se condenar tais crimes e extermínios, com exceção dos representantes brasileiros, que, já em março de 2023, quando pediram para audiências públicas no Brasil, sustentaram verbalmente que compartilham em grande parte da mesma visão do Relator, mas que queriam ter a oportunidade de que as audiências também fossem realizadas no Brasil e contribuíssem para tal verdade, que deve ser compartilhada no Mercosul e no Parlasul. No meu caso, como simples cidadão desde 30 de junho, continuarei lutando pela verdade e justiça, pelos direitos humanos violados, gostem ou não os poderosos, como fiz durante a ditadura de Alfredo Stroessner, mesmo custando colocar minha vida em risco.²¹⁵

Os parlamentares brasileiros

O Brasil tem direito a ter nove senadores e 27 deputados como seus representantes no Parlasul. Mandeí e-mail para todos eles com a seguinte pergunta:

Em 2022, a Subcomissão de Verdade e Justiça do Parlasul apresentou um relatório no qual exige punições aos países que compuseram a Tríplice Aliança na Guerra Guasu/Guerra do Paraguai pelos crimes de extermínio/genocídio. São mais de 20 crimes e sete agravantes que culpam os presidentes de Argentina, Uruguai e o imperador Dom Pedro II e o genro dele, Conde d’Eu, além dos Estados em si. Também há pedidos para devolução de objetos levados do Paraguai, como troféus de guerra e documentos. Tendo contato com relatório, caso ainda não tenha tido, qual será (ou qual é) seu posicionamento em relação ao assunto dentro do Parlasul? Você concorda com o relatório? Por quê?

Pode parecer invenção, mas somente um dos parlamentares quis comentar o tema²¹⁶. Foi o deputado Heitor Schuch, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), mesmo partido do vice-presidente à época, Geraldo Alckmin. Segundo Schuch, que é gaúcho de Santa Cruz do Sul e que acompanhou o andamento do relatório em 2022, já havia pouca chance de a empreitada paraguaia seguir em frente. “Acompanhei este assunto como qualquer outro no Parlasul. Quem apresentou o relatório foi o deputado paraguaio Ricardo Canese no tempo do presidente Gustavo Penadés²¹⁷. O Parlasul teve que eleger um presidente para mandato “tampão” e hoje quem preside é Mario Colman²¹⁸. O processo ou projeto deve estar pelas gavetas. O deputado Canese não foi reeleito para o Parlasul. A Argentina tem eleição em outubro [de 2023] e deve renovar quase toda a representação. Sinceramente, este tema não deve prosperar no Parlasul”, informou o deputado.

²¹⁵CANESE, Ricardo. *Perguntas periodista brasileiro dourados*. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

²¹⁶A deputada Rosana Valle, do PL, apenas comentou que por ter sido recém indicada ao Parlasul, estava se interando do assunto.

²¹⁷Era senador do Uruguai pelo Partido Nacional.

²¹⁸Era deputado do Uruguai pelo Partido Nacional.

Quanto aos outros 26 parlamentares brasileiros, nem mesmo o presidente da representação brasileira, senador Nelsinho Trad, do Partido Social Democrático (PSD), e o vice dele, deputado Arlindo Chinaglia, do Partido dos Trabalhadores (PT) quiseram se comprometer em responder o assunto tão espinhoso. A assessoria de Trad ficou de mandar uma resposta. Depois pediu para esperar ele ser reconduzido ao cargo em um segundo mandato, pois era o presidente em 2022, quando o relatório foi tornado público. Ao ser reeleito, a assessoria simplesmente ignorou a pauta, mesmo sendo funcionários pagos com dinheiro público. Tanto o PSD quanto o PT eram base do Governo Lula, que estava no poder em 2023 e que tinha um cunho mais à esquerda.

O mesmo ocorreu com os parlamentares da Argentina e do Uruguai, os quais também foram provocados para que respondessem, mas se calaram. Como ensinam os manuais de Jornalismo, o silêncio também é uma forma de resposta. Nesse caso, foi como deixar os representantes paraguaios falando sozinhos mais uma vez ou concordar com eles e não querer deixar isso registrado de forma pública.

Mudam os países, mas os políticos permanecem os mesmos: só falam quando lhes convém, esquecendo-se que estão a serviço do povo e que devem respostas à quem lhes sustenta de forma simbólica ou real. É uma triste realidade que vem de longa data...

Próximo capítulo

O relatório da subcomissão encontrou eco no grupo editorial El Lector, que vende livros em bancas de todo o Paraguai, com uma campanha intitulada “Verdade e justiça para o Paraguai”. Iniciada em 1º de agosto de 2023, visava arrecadar 50 mil assinaturas para “pedir ao presidente do Brasil a devolução do arquivo nacional e espólios de guerra, bem como o reconhecimento do valor cultural desses arquivos e relíquias para o nosso país”, conforme escreveu Canese em uma de suas redes sociais. A ideia era de que todos que passassem pelas bancas de livros assinassem.

Grupo de paraguaios pediu US\$ 150 bilhões de indenização pela guerra

A demanda apresentada por Ricardo Canese não foi a única com o objetivo de exigir dos antigos membros da Tríplice Aliança alguma forma de reparação. Em 2019, o advogado argentino Juan Carlos Muro Segovia, que também tem nacionalidade paraguaia, junto com Marcos Espínola, Eduardo Lezcano e Edgar Acha, todos paraguaios, entraram com uma ação na corte do Tribunal Federal da Argentina, com um pedido de reparação de 150 bilhões de dólares²¹⁹ pelos danos causados ao povo do Paraguai por conta da guerra.

Eles entraram como representantes do Instituto Paraguaio de Amigos das Crianças, Adolescentes e Jovens. O pedido não foi em frente, pelo menos até o ano de 2023, quando este livro foi publicado. A demanda já circulava pela internet desde 2015, conforme identificaram os membros da Junta de História da Província de Corrientes²²⁰, na Argentina e conforme confirmamos em documento digital disponível²²¹. Porém, na primeira versão, a representação deveria ter sido feita em nome da Associação de Parcialidades Indígenas e dos Direitos Difusos do Povo Paraguaio e tinha como proponente também Hugo Ramon Lopez Sanabria.

Para demandar os 150 bilhões, os quatro requerentes usaram uma jurisprudência portenha, assinada pelo juiz já falecido, Norberto Oyardibe, que decidiu em 2011 que a Turquia havia cometido genocídio contra o povo armênio²²². Estrategicamente, segundo os pesquisadores correntinos, o pedido só foi feito na corte argentina e não no Brasil, Uruguai e nem mesmo no Paraguai. O motivo, segundo os mesmos pesquisadores, teria sido o fato da demanda ter mais chances de seguir em frente naquele país do que nos demais²²³.

Contra os antigos Aliados, pesam acusações de genocídio e de crimes contra a humanidade, além de ilegalidades na assinatura e aplicação do Tratado da Tríplice Aliança, o que faria com que qualquer medida fruto da guerra se tornasse invalidada, inclusive aquelas de fronteiras demarcadas, o que faria com que o Brasil perdesse, por exemplo, territórios que estavam em disputa com o Paraguai

²¹⁹ Em Reais, daria algo em torno de R\$ 735.105.000.000,00, na conversão de 2023.

²²⁰ BRASCHI, Dardo Ramírez y DENIRI, Jorge Enrique. La guerra del Paraguay: una demanda absurda. Disponível em <https://www.diarioepoca.com/1151094-la-guerra-del-paraguay-una-demanda-absurda>. Acesso em 05/11/2023.

²²¹ Guille DG. Demanda contra la Triple Alianza. Disponível em https://www.academia.edu/40553892/Demanda_contra_la_Triple_Alianza. Acesso em 05/11/2023.

²²² Diario Armenia. Falleció el exjuez Norberto Oyarbide, quien emitió la sentencia que reconoció el Genocidio Armenio en el Poder Judicial de Argentina. Disponível em <https://www.diarioarmenia.org.ar/fallecio-el-exjuez-norberto-oyarbide-quien-emitió-la-sentencia-que-reconoció-el-genocidio-armenio-en-el-poder-judicial-de-argentina/>. Acesso em 05/11/2023.

²²³ BRASCHI, Dardo Ramírez y DENIRI, Jorge Enrique. Decíamos ayer, de esa demanda absurda. Disponível em <https://www.diarioepoca.com/1242275-decíamos-ayer-de-esa-demanda-absurda>. Acesso em 05/11/2023.

e que necessitavam de arbitragem antes da guerra, boa parte deles no Mato Grosso do Sul. A Argentina seria alijada de Formosa e mesmo partes de Misiones.

O documento tem 148 páginas, e há trechos de contexto histórico enviesado, sem citar fontes, em que o Paraguai é colocado como vítima de uma trama encabeçada por Dom Pedro II, com apoio de Argentina e Uruguai, mancomunados para acabar com o desenvolvimento paraguaio que os intimidava, segundo os autores.

A visão não difere muito dos revisionismos que foram recorrentes na Argentina, no Brasil e no Paraguai durante o período final das ditaduras nesses países, e que conseguiram público em alas mais à esquerda na Argentina e no Brasil, e na direita e na esquerda paraguaia, nos anos 80 e começo de 90.

Os crimes de guerra, contra a humanidade e as ilegalidades apontadas no Tratado da Tríplice Aliança, são praticamente os mesmos que Ricardo Canese apresentou em seu relatório, pelo menos na ideia, já que a redação dos dois é completamente diferente, com Canese citando autores simpáticos aos paraguaios, e os requerentes de 2019 (que peticionaram na Argentina), não tendo sequer feito o mesmo.

Especificamente no caso do Tratado, os requerentes elencaram 12 pontos pelos quais o documento não poderia ter validade jurídica alguma, citando outros apontamentos entre 1777 (Santa Ildefonso) e 1858 (Brasil e Paraguai).

Os acordos paraguaios de fronteiras, de 1872 e de 1876, com Brasil e Argentina, respectivamente, também são criticados, porque são decorrências da derrota da nação que era comandada por Solano Lopez. Logo, na opinião dos autores, também deveriam ser invalidados, algo que o senso comum paraguaio costuma reinvidicar em comunidades e canais de Internet.

Na mesma petição, aparecem nomes e valores pagos por proprietários de terras nos antigos territórios reivindicados pelos paraguaios e que hoje compõem parte da Argentina. Tais informações serviram para engordar o pedido de indenização.

Brasil, Argentina e Uruguai, na opinião dos autores do documento (página 97), devem ser condenados, porém, eles defendem que argentinos e uruguaios também foram “vítimas do plano mestre do imperador do Império do Brasil, Dom Pedro II”, que seria o grande “vilão” da história.

Da mesma forma que Ricardo Canese, eles fundamentaram que todos os crimes apontados poderiam ser abrangidos pelo Direito Consuetudinário²²⁴ Internacional, pelo Direito das Gentes e pela Convenção de Genebra de 1864.

²²⁴ Referente aos costumes.

Foram apontados os 17 tipos de danos de destruição causados pelos uruguaios, brasileiros e argentinos ao povo paraguaio. Os danos seriam “infinitos”, mas, entre os 17, aparecem, por exemplo, a destruição de telégrafos, da siderúrgica de Ibicuy, do estaleiro paraguaio, o confisco de armas, a queda de Humaitá, entre outros. Caberiam ainda danos morais contra os paraguaios, segundo eles.

Querem documentos

Os quatro requerentes também pediram que os documentos que foram firmados entre Brasil e Paraguai e entre o Brasil e os outros países, sejam copiados e autenticados, e que a Corte argentina e eles recebam cópias para embasamento da denúncia. Argentina e Uruguai devem fazer o mesmo, conforme o pedido.

Já no final do documento, os requerentes pedem, além dos papéis oficiais, do pagamento em dinheiro e de condenação por crimes, que a antiga Tríplice Aliança devolva todas as indenizações de guerra recebidas, que os territórios, os bens móveis, documentos e tudo mais que tiver sido levado do Paraguai, sejam ressarcidos. Fora isso, solicitam uma condenação internacional dos culpados e que todos peçam perdão publicamente ao povo paraguaio como compensação por danos morais, com o compromisso “de que nunca mais repetirão feitos de igual natureza”.

Não há qualquer citação de crimes cometidos por paraguaios contra populações invadidas no Brasil e na Argentina, nem contra prisioneiros de guerra e muito menos contra a própria população. Não há resquício ou evidência que aponte o Paraguai como ator de irregularidades de qualquer tipo e em qualquer momento. Solano Lopez só é citado de forma positiva ou como vítima.

Os correntinos dizem “não!”

A Província²²⁵ de Corrientes, na Argentina, possui uma Junta de História, e em 2021, no mês de maio, se pronunciou sobre o pedido protocolado na Argentina, por meio de uma série de quatro textos na imprensa.

A Junta lembrou, por exemplo, que em 2015, foi organizada a Primeira Feira Internacional do livro de Assunção, que tinha como slogan, “150 anos da Guerra da Tríplice Aliança²²⁶”, e que no Centro de Convenções Mariscal López, o escritor argentino Felipe Pigna, com apoio da embaixada Argentina e da Câmara do Livro de Assunção, teria dito que os aliados haviam cometido uma série

²²⁵ Que equivale à nossa divisão em estados no Brasil.

²²⁶ Isliada Editores. Primera Feria Internacional del Libro en Paraguay. Disponível em <https://www.isliada.org/primera-feria-internacional-del-libro-en-paraguay/>. Acesso em 05/11/2023.

de irregularidades, e que, inclusive, os paraguaios tinham o direito de reclamar o território da Província de Formosa, anexada depois da guerra. Já naqueles dias, a Junta de História de Corrientes já havia se posicionado em forma de manifesto, dizendo que era um absurdo o que havia sido dito, que não existia isso²²⁷.

Os historiadores e entusiastas correntinos, representados pela Junta provincial, lembraram que se alguém tinha que devolver alguma coisa, eram os paraguaios, uma vez que haviam invadido província e até hoje há o reflexo dessa invasão na economia e na história local. E há livros correntinos que narram tais abusos, sendo o mais detalhista o “La guerra del Paraguay en la provincia de Corrientes. Impactos políticos, daños y consecuencia en la población civil²²⁸”, de Dardo Ramírez Braschi (que é membro da Junta). No livro há nomes das vítimas e dos algozes que teriam vivenciado e protagonizado as situações e abusos e crimes durante a ocupação paraguaia.

Em uma segunda nota, a Junta classificou como “absurdo”, o “anacronismo psicológico” que estariam pretendendo aqueles que peticionaram “que o Paraguai foi totalmente inocente naquela guerra”, desde o começo, passando pelo “sangrento desenvolvimento” e o “desenlace de suas consequências²²⁹”.

Depois de um histórico das ligações entre Corrientes e os paraguaios, com ocasiões de aliança e afastamento entre as partes, a Junta fez questão de mostrar que com a ocupação paraguaia na Província, vieram vários abusos cometidos pelos paraguaios contra a população e contra combatentes correntinos. Destacaram também que era um absurdo quererem colocar terras argentinas como sendo paraguaias²³⁰.

Para a Junta de História “a guerra do Paraguai foi só um capítulo a mais das agressões paraguaias a Corrientes, e assim a invasão de 1865 foi a última, mas não a única”, mostrando que os paraguaios já haviam estado em Corrientes durante conflitos anteriores, o principal em 1832 a 1849, quando expedições paraguaias teriam buscado se apossar de parte do território correntino, segundo os membros da Junta.

Em uma das últimas notas publicadas, a Junta deixou bastante explícito seu descontentamento com o pedido dos paraguaios:

²²⁷ BRASCHI, Dardo Ramírez Braschi y DENIRI, Jorge Enrique. La guerra del Paraguay: una demanda absurda. Disponível em <https://www.diarioepoca.com/1151094-la-guerra-del-paraguay-una-demanda-absurda>. Acesso em 05/11/2023.

²²⁸ RAMÍREZ BRASCHI, Dardo, La guerra del Paraguay en la provincia de Corrientes, Corrientes, Moglia ediciones, 2014.

²²⁹ BRASCHI, Dardo Ramírez y DENIRI, Jorge Enrique. Fuego contra fuego, una demanda absurda. Disponível em <https://www.diarioepoca.com/1225647-fuego-contra-fuego-una-demanda-absurda>. Acesso em 05/11/2023.

²³⁰ Idem.

É até imperativo, por assim dizer, expor que a tendência atual, quando se refere à Guerra do Paraguai, silencia pouco menos que absolutamente o papel de Corrientes e seus filhos nesse conflito. Negando que a nossa província foi invadida e sofreu durante vários meses sob o jugo de um invasor e ocupante, vivenciando todas as humilhações e abusos do caso, a destruição e roubo de seus bens em Corrientes, San Tomé, Alvear, La Cruz, Yapeyú, Paso de los Libres, entre outras cidades, - especialmente Bella Vista -, bem como a derrubada de seus campos e o pastoreio de seu gado, deixando uma dívida colossal que nunca foi paga, porque - é preciso dizer -, nossa Nação perdoou a dívida de guerra do Paraguai, mas a enorme dívida com os indivíduos de Corrientes permanece pendente. Também é distorcido o número e a atuação dos chamados "paraguayistas", que não eram tantos nem desempenhavam um papel maior do que atuar como corifeus dos invasores, que eram alfabetizados, e como trabalhadores, reunindo as fazendas posteriormente atravessadas para Paraguai por aqueles que poderiam ter sido empregados como soldados. No único confronto a que as tropas nacionais os forçaram, foram destruídos. Em resumo, quantos realmente eram e qual o grau de cumplicidade que tinham com o invasor pode ser deduzido comparando-se a lista de quem o acompanhou quando se retirou de Corrientes. (DENIRI, 2021²³¹)

Como se vê, a questão da indenização, assim como a da culpabilização requerida pelo ex-senador Canese, foram próximas e não seguiram ainda o caminho que seus idealizadores gostariam. Passados 160 anos, o assunto ainda rende debates.

²³¹ DENIRI, Jorge Enrique . La Junta de Historia de la Provincia. Disponível em <https://www.diarioepoca.com/1149441-la-junta-de-historia-de-la-provincia>. Acesso em 05/11/2023.

Trineto do Conde d'Eu vê mortes no Paraguai como baixas colaterais

Foi em uma tarde cinzenta de junho de 2023, em Ponta Grossa, cidade em que resido, que conheci o deputado federal por São Paulo, Luiz Philippe de Orléans e Bragança. Para quem não é deslocado em História, o sobrenome denuncia a linhagem real do extinto trono do Brasil, do qual o deputado descende. Ele é trineto de Gastão de Orléans (Conde d'Eu) e tetraneto de Dom Pedro II. É o primeiro membro da autodenominada Casa Imperial brasileira, desde a Proclamação da República, a assumir um cargo público.

O nome verdadeiro dele é bem maior: Luiz Philippe Maria José Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orléans e Bragança. Empresário, atua nos bastidores da política brasileira há algumas décadas, sendo que passou para o primeiro plano em 2018, na onda que elegeu o então candidato a presidente, Jair Bolsonaro. Os dois eram do Partido Social Liberal (PSL) e depois mudaram para o Partido Liberal (PL), Orléans foi reeleito em 2022, Bolsonaro não.

Luiz Philippe também já esteve envolvido em polêmicas. Em 2020, foi apontado, junto com um grupo de outros deputados, como emissor de notícias falsas e desinformação. Conforme a agência de checagem “Aos fatos”, ele publicava conteúdos não só com desinformação, mas também contra o Supremo Tribunal Federal²³². Independente da sua atuação política, tanto para o bem quanto para o mal, o procurei, não como deputado, e sim como trineto de um dos homens mais odiados pelos paraguaios até os dias atuais: seu trisavô, Conde d'Eu.

Combinei com a assessoria dele de nos falarmos um pouco antes de uma palestra que ele proferiria na minha cidade, dentro de uma série de falas que ele faz pelo Brasil afora, com um cunho mais à direita, em que se pronuncia por reformas políticas e tributárias que beneficiam o que se convencionou chamar no país de “setores produtivos” - que são, na verdade, aqueles mais ricos da sociedade.

Abordei-o logo na chegada do local do evento. A primeira pergunta foi ele que fez: “aonde fica o banheiro, por favor?”. Eu indiquei, e, alguns minutos depois, ele retornou sorrindo. Entretanto, antes que pudéssemos conversar, um grupo de mais ou menos cinco pessoas se aproximou dele para pedir autógrafa e tirar fotos. Traziam consigo uma bandeira imperial e ao perceberem que eu era jornalista, ficaram bastante desconfortáveis. Afinal de contas, não pegava bem defender a volta da monarquia no meio de uma República e em público.

Percebendo que estavam desconfortáveis, me aproximei e perguntei se alguém gostaria de

²³²FÁVERO, Bruno; RIBEIRO, Amanda. *Deputados investigados por 'fake news' publicam dois tweets críticos ao STF por dia em três meses*. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/deputados-investigados-por-fake-news-publicam-dois-tweets-criticos-ao-stf-por-dia-em-tres-meses/>. Acesso em: 5 out. 2023.

falar a respeito da bandeira. Ninguém se encorajou. Apenas disseram que eram admiradores do Império e de Dom Pedro II, mas que não defendiam sua volta. Eles pediram para que eu deixasse bem claro, quando fosse escrever, que eles apenas admiravam, entretanto não defendiam que voltassem os reis e imperadores. “Bueno”, então fica aqui registrado que eles eram apenas fãs, conforme juraram na minha frente.

Até fotografei um deles junto ao deputado, no momento que este autografava a bandeira. Contudo, eu preferi preservar o tiete e coloquei só o parlamentar assinando. Passado o frenesi inicial do grupo, me aproximei, me apresentei e fui logo perguntando como a memória do conflito era tratada na família, a quem eles responsabilizavam pelo início do conflito e se achavam que ele poderia ter sido evitado:

O conflito foi causado pelo Solano López. Foi ele quem fez a agressão e foi ele que invadiu o território nacional, então, para nós foi um momento de glória para o Brasil poder ter se defendido tão bem e ter constituído uma força patriótica de defesa nacional. Isso não existia antes, e foi um movimento muito importante socialmente com a criação de uma sociedade que vem para defender seu país. Essa que foi a missão, é um grande orgulho. Além do que, a gente vê que todos eram militares até por tradição familiar. O Conde era militar, o Pedro I era militar, o Pedro II foi Voluntário da Pátria. Todos eles tinham uma missão muito simbiótica na questão de defesa da segurança nacional. Então, [o Brasil] estava no seu momento áureo ali.²³³

Em seguida, perguntei especificamente sobre Peribebeu e Acosta Ñu, pedindo para que ele explicasse aqueles dois momentos e como percebia as críticas paraguaias ao trisavô famoso:

Eu não sei os detalhes desse conflito. Mas eu sei que em situação de guerra é difícil você não ter danos colaterais, é difícil você não ter civis, crianças, idosos e mulheres, que não fazem parte do conflito, perdendo a vida. Isso é parte em qualquer guerra. Isso é horrível! Mas, lembrando: não fomos nós que causamos a guerra. Nós tivemos a provocação e reagimos à provocação. Então, essa questão dos danos colaterais dessa guerra, isso aí não podemos desviar. Por causa dos danos colaterais, teríamos evitado a guerra? De jeito nenhum!²³⁴

Quase por último, pois a esposa dele já o puxava para o evento, talvez percebendo que a situação estava ficando um pouco fora de controle com as perguntas, ou talvez porque já estivessem a 10 minutos de começar, fiz questão de perguntar sobre a devolução de troféus de guerra e um eventual pedido de desculpas:

Troféu de guerra é troféu de guerra. A não ser que queiram estender uma mão amiga aos paraguaios e dizer que agora somos irmãos mais uma vez. Agora, a agressão é nítida. Quem

²³³BRAGANÇA, Luiz Philippe de Orléans e. Entrevista concedida ao autor em 17 de junho de 2023, no auditório da Associação Comercial e Empresarial de Ponta Grossa/PR.

²³⁴BRAGANÇA, Luiz Philippe de Orléans e. Entrevista concedida ao autor em 17 de junho de 2023, no auditório da Associação Comercial e Empresarial de Ponta Grossa/PR.

iniciou esta guerra foi um ditador: Solano López, e não podemos nunca esquecer disso.²³⁵

Já de relance, perguntei como ele se posicionaria caso entrasse em votação um projeto para devolução dos troféus. “Depende da troca, porque depende do que a gente está reconhecendo em troca. Estamos reconhecendo que nós somos agressores? Não podemos. Os agressores foram eles.”, explicou antes de entrar no auditório.

Resposta oficial de quem sustenta a bandeira imperial

O deputado Luiz Philippe é um dos trinetos de Dom Pedro II, porém, caso existisse de direito e fato uma Casa Imperial no poder, não seria ele quem sustentaria o trono. Isso porque, pela organização dos descendentes do antigo monarca, quem é seu herdeiro atual é Bertrand de Orléans e Bragança, tio de Luiz Philippe.

Dom Bertrand participa de eventos para os saudosistas defensores da monarquia (esta que hoje, defendem eles, deveria ser constitucional), tem contas em redes sociais e assessores. Para realizar as mesmas perguntas feitas ao deputado federal por São Paulo, entrei em contato com a Casa Imperial por e-mail. Eles não responderam. Como demoravam para enviar as respostas, liguei na sede da entidade. Pediram para eu mandar novamente as perguntas. Dessa vez, o e-mail voltou porque a caixa deles estava lotada (acho que precisam contratar um plano com mais espaço). Liguei e informei o fato. Disseram-me que era assim mesmo, que recebiam muitos e-mails todos os dias. E ficou por isso mesmo.

Então, resolvi pedir informações na página de rede social da Casa Imperial. Os assessores pediram desculpas e disseram que não são as mesmas equipes aquelas que cuidam das redes sociais e do e-mail. Solicitaram para que eu enviasse por ali, pelo chat, as perguntas. Depois disso, pediram para eu enviar outro e-mail. O fiz e os informei de ter feito. Nunca mais deram notícias.

Coincidência ou não, depois que enviei o primeiro e-mail, em 16 de junho de 2023, em 28 do mesmo mês, a equipe das redes sociais postou uma foto do Conde d’Eu e um trecho de carta trocada entre ele e a Baronesa de Loreto, datada de 1917, em que ele se defendia das acusações de crueldades contra paraguaios durante a guerra.

Tal carta faz parte dos estudos compilados em 2015 por Armando Alexandre dos Santos²³⁶,

²³⁵Ibid.

²³⁶Segundo a publicação da página, Santos é “historiador, filósofo, escritor e jornalista, Associado Efetivo do Conselho de Administração Pró Monarquia, membro do Círculo Monárquico de Piracicaba Barão de Rezende, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Portuguesa de História e de outras Instituições semelhantes”. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=298714015883211&set=a.163393602748587>. Acesso em: 5 out. 2023.

que é simpatizante da causa monarquista. Tanto é simpatizante, que atribuiu as acusações do que os paraguaios hoje definem como crimes de guerra, como “propaganda republicana” para “diabolizar” a figura do Conde d’Eu” no Brasil. Depois disso, Armando protegeu o Conde e publicou a carta. Nela, Gastão de Orléans justifica a guerra tendo como motivo os ataques paraguaios e a invasão ao território do Império, e se defendeu dos desmandos que lhe foram atribuídos no pós-guerra:

- Bem longe de não dar-se quartel a prisioneiros, eram estes recebidos com a maior humanidade e geralmente logo postos em liberdade. Tão raros eram os abusos porventura praticados por nossos soldados mesmo incultos, para com os inimigos inermes, que estando em Caraguataí em fins de agosto de 1869, mandei castigar rigorosamente um soldado que ferira a uma velha paraguaia para roubar-lhe um carneiro. Infelizmente quase já fico só eu para recordar esses fatos. — Quais as cidades que se diz terem sido destruídas? Não se pode apontar uma só nem saque, salvo talvez o que não se pôde impedir nos momentos imediatos ao cruento assalto de Peribebuí. Nem tenho ideia qual seja o lugar de ‘Sete Cerros’ onde se alega sem verdade terem sido degolados prisioneiros. Se o território do Paraguai ficou em grande parte talado ou inculto foi isso devido a ter o ditador López obrigado a população a abandonar seus lares para seguir seu exército em retirada e assim pereceram de fome as famílias que não conseguiram em tempo subtrair-se a essa tirania, e apresentar-se, como inúmeras vi, ao nosso exército e assim voltar a suas posses. — Se a população dessa infeliz República ficou com efeito reduzida de 800.000 almas a 14.000 de sexo masculino, a culpa não foi dos aliados e sim do Ditador que, para prolongar no seu único interesse pessoal resistência obstinada e cega, chegou a alistar pela força e levar à morte até menores de 14 anos.²³⁷

Como não houve outro retorno a não ser a publicação em uma página de rede social, as declarações dos herdeiros do Conde d’Eu terminam aqui.

Os López

Por curiosidade jornalística, tentei contato com um trineto e um tetraneto de Solano López. Queria verdadeiramente ouvir deles as versões que traziam consigo sobre a guerra. Todos os descendentes do ex-presidente paraguaio descendem de Enrique Solano López. Há outros parentes de López, descendentes de outros filhos de Solano López fora do casamento com Elisa Alicia Lynch, mas não os encontrei. Enrique era filho de Elisa, e seus descendentes vivem no Paraguai.

Francisco Solano López Ortiz é palestrante e trineto do ex-presidente paraguaio. Não quis falar sobre o tema, dizendo que seu filho era o porta-voz oficial da família. Tentei contato com Francisco Solano López, que tem o nome idêntico ao do parente famoso. No Paraguai, o segundo nome do comandante paraguaio naquela guerra, “Solano”, virou sobrenome de família junto ao outro sobrenome, López. É assim que eles se identificam entre si.

O Solano López, tetraneto, demonstrou simpatia e parecia disposto a contar a versão da

²³⁷SANTOS, Armando Alexandre dos. Cartas do Conde d’Eu à Baronesa de Loreto. *IHGB*, Rio de Janeiro, a.176(467): 219-248, abr./jun. 2015.

família. Marcamos de nos encontrar em Assunção. Porém, de última hora, ele desistiu de conceder entrevista. Pareceu não acreditar que eu estava fazendo o trabalho com o Rafael por conta própria. Queria saber quem estava nos financiando, se éramos de algum partido político paraguaio e a quais interesses estávamos servindo. Respondi que éramos jornalistas independentes e nada mais, que estávamos com nossos poucos e quase escassos recursos. Ele pareceu que não acreditou muito e desapareceu. Nunca mais respondeu nossas mensagens. Se este livro chegar até ele um dia, que saiba que ainda gostaríamos das respostas às perguntas que fizemos.

Tentei ainda com um primo dele, o advogado Pablo Fernández Solano López, que, em 2014, chegou a ameaçar uma ação contra o Estado paraguaio para que devolvessem a sede do Governo, o Palácio *de los López*, para a família dele. Não consegui contato com o Pablo. Soube que a ação dele não passou de especulação noticiada pela imprensa do país vizinho²³⁸.

Por conta de tudo isso, os López tiveram espaço, no entanto, não se pronunciaram.

Mitre e Flores

Busquei ainda pentanetos e hexanetos de Bartolomé Mitre que, da mesma forma que os López do Paraguai, ainda mantêm o sobrenome famoso de geração em geração. Encontrei-os na Internet, tentei contato, mandei as perguntas e não obtive resposta.

O mesmo se deu com parentes, tetranetos do Duque de Caxias e do general Osório. Dos parentes de Venâncio Flores, não consegui contatos, pois, após seu assassinato em 1868, no Uruguai, com a guerra ainda em andamento, sua descendência começou a se misturar com outras famílias e se perdeu no tempo. Se algum antepassado dele chegar a ler este livro, basta me procurar.

²³⁸ULTIMA HORA. “El palacio es propiedad de los herederos”, sostiene tataranieto de López. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/el-palacio-es-propiedad-los-herederos-sostiene-tataranieto-lopez-n814277>. Acesso em: 5 out. 2023.

Associação defende que detectoristas não são vilões

Depois de tanto ouvir sobre os problemas pela busca por tesouros de guerra enterrados em solo paraguaio, procurei a Associação de Detectoristas de Metais do Paraguai, entidade muito solícita que não se recusou a responder perguntas sobre a atuação deles e que buscou afastar quaisquer de seus membros de participação em escavações ilegais no país.

Perguntados se a Associação estava ciente das reclamações dos gestores e moradores de Humaitá e Paso de Patria sobre as escavações clandestinas em locais de guerra, eles responderam, antes de mais nada, que não há consentimento da instituição para buscas em locais demarcados pelo Estado paraguaio, o que os afasta dos grupos que agem nos antigos campos de batalha. Inclusive, nunca fizeram atividades nos campos já demarcados naquelas áreas.

Também explicaram que, por mais de uma vez, já ofereceram ajuda ao Governo para trabalhos conjuntos com as entidades estatais, com o intuito de laborarem nos campos de luta. Contudo, não tiveram resposta alguma. Disseram ainda que “a Associação dos detectoristas associados está a trabalhar para ter a sua sede”, onde futuramente haverá um museu com “todos os achados recuperados pelos detectoristas associados, devidamente catalogados e abertos ao público em geral”:

Os locais classificados como zonas de guerra, que possuem sinalização e identificados pelo Estado, são áreas onde não podemos entrar. Mas em cidades como Villeta, Ypané, Pirayu, Paso de Patria, Humaitá, embora existam locais bem identificados, há muitos mais locais onde nem se imaginaria que pequenos objetos metálicos pudessem surgir como resultado da passagem de tropas ou de pequenas escaramuças que abundam em grande parte do território paraguaio.

Sobre seus membros, a orientação, segundo a diretoria da instituição, é para que os detectoristas sejam os responsáveis pelas próprias descobertas, e que as protejam “sem modificá-la e muito menos colocá-la à venda”. Sobre o perfil dos membros, a informação é a seguinte:

A detecção de metais no Paraguai é um hobby, um momento de libertação, de desvinculação da rotina de trabalho. Não fazemos isso com malícia e muito menos com pretensões monetárias. Existem muitos detectoristas que passam dias inteiros em balneários, rios, riachos e lagos ou em qualquer campo familiar ou conhecido onde cada descoberta conta a sua história, e não apenas em áreas que conhecemos como zonas de guerra. Na Associação somos simples trabalhadores, médicos, aposentados, jovens estudantes, enfim, pais que partilham dias com os filhos e outros detectoristas. Somos 72 pessoas associadas a diferentes profissões.

Em relação às críticas e às discordâncias por parte da Academia quanto ao hobby do detectorismo, que eventualmente pode prejudicar a preservação de locais de interesse arqueológico, a

Associação tem um posicionamento bem demarcado:

Claro que nesta história, onde quem pode contá-la sem medo tem uma verdade que acomoda o seu privilégio, é mais do que óbvio que nós detectoristas somos os maus e eles os bons. Ninguém quer nos ouvir, ninguém quer trabalhar conosco, ninguém quer nos dar espaço. Insistimos: não fazemos isso com fins lucrativos ou, como muitos dizem, procuramos ouro para nos tornarmos milionários. Nada poderia estar mais longe da verdade. Realmente não queremos essa divisão absurda de que os detectoristas são os que fazem a coisa errada e os arqueólogos são os que fazem a coisa certa. Esperamos trabalhar lado a lado com o Estado. O desconhecimento relativo a este esporte-passatempo leva a crer que sempre encontramos objetos de guerra e metais preciosos, como o ouro e a prata, e a triste realidade é que na maioria das vezes só encontramos peças de metais oxidados. Queremos contribuir para a redescoberta da nossa história, afinal somos paraguaios, descendentes de heróis que foram proteger a nossa soberania.

Todas essas informações foram prestadas pelo secretário da Associação, Ruben Achucarro, que, ao final, também emitiu sua opinião enquanto cidadão:

Como nota pessoal: Embora não haja perseguição do tipo caça aos detectoristas aqui no Paraguai, sabemos que não temos o apoio do Estado, mas como crítica: nas cidades citadas [Humaitá e Paso de Patria] o Estado nada fez em relação às vendas indiscriminadas de terras onde é sabido que ocorreram batalhas.

Várias empresas privadas e com autorização do Estado adquiriram zonas de guerra onde hoje existem grandes armazéns e fábricas, onde as terras foram retiradas criminosamente sem a presença do Estado, fazendo com que qualquer vestígio de guerra fosse perdido. Mas, é claro que nós, os detectoristas, somos os bandidos do filme. Grandes extensões de terra ainda hoje são divididas e colocadas à venda.

A sede da Associação é em Villeta, local que, além da Guerra Guasu, também teve importante papel na história nacional desde os tempos coloniais.

Pesquisador comenta sobre o *El Cristiano*, o canhão da discórdia

Adler Homero Fonseca de Castro* é nome obrigatório quando o assunto é patrimônio nacional, é um pesquisador de longa data. Eu havia tentado contato com ele por e-mail para que participasse do livro. Por algum motivo nos desencontramos. No entanto, como o jornalismo também é feito com um pouco de sorte, o historiador foi convidado para o VI Simpósio Nacional de História Militar, no ano de 2023 e um dos pronunciamentos dele foi justamente sobre os pedidos paraguaios de devolução de troféus de guerra brasileiros.

Falando sobre o tema do evento, que era “Memória, patrimônio e esquecimento”, ele já começou discutindo a questão do relatório Canese.

Em 2022 um político no Paraguai apresentou perante a Comissão de Cidadania e Direitos Humanos do Parlamento do Mercosul, o Parlasul, um pedido para analisar os eventuais crimes de lesa humanidade e genocídio durante a Guerra da Tríplice Aliança. E este é um processo que está correndo (...) Isso porque no Paraguai, a Guerra do Paraguai é extremamente importante e lá é a epopeia nacional. Solano Lopez que foi o presidente do Paraguai, o ditador, ele tem um imenso de um *pantheon* bem no centro de Assunção.

Esse pedido do Paraguai está associado, seus motivadores reais estão associados a um pedido de perdão da dívida da construção da Itaipu, a um pedido de revisão da energia que é vendida pelo Paraguai ao Brasil²³⁹. O Paraguai consome uma quantidade pequena da energia que é produzida, e metade da energia produzida na Itaipu é deles. Eles vendem o excesso para o Brasil, só que eles querem que esse que nesta energia que é vendida a um valor fixo, definida por um acordo, eles querem fazer uma revisão para ganhar mais dinheiro. Junto também veio um pedido de reparação de 150 bilhões de dólares pelos danos causados pela guerra do Paraguai²⁴⁰. E junto deste pedido que o Paraguai está fazendo, de considerar a Guerra do Paraguai como um genocídio, se pediu a devolução de troféus de guerra que estão no Brasil e de um arquivo secreto dos documentos sobre a guerra do Paraguai.

É um pedido meio estranho porque a base é que existem suspeitas, no Paraguai, de que o governo brasileiro ficou com documentos comprometedores sob sua atuação na guerra que matou quase metade da população paraguaia. Esse é um argumento do Paraguai, mas, se o arquivo está no Brasil e os documentos são brasileiros, não têm que ser devolvidos. Poderiam ser abertos e pela lei de arquivos eles já foram abertos. Não existe mais nenhum arquivo considerado secreto sobre a guerra do Paraguai nesse conjunto de pedidos do Paraguai.

Existe uma peça que é simbólica, que já teve pedidos anteriores em 2002, que é o motivo pelo qual estou fazendo essa palestra, que foi a devolução do canhão *El Cristiano*. O canhão *El Cristiano* é um canhão que pesa 12 toneladas e que está no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, que foi um troféu de guerra capturada em Curuzu em 1868 e trazido para o Brasil. E ele foi tombado pelo IPHAN²⁴¹, pelo Patrimônio Histórico Nacional, onde eu trabalho, em 1998. E uma peça tombada não pode ser devolvida. Ela precisa ser destombada

²³⁹ O famoso “Anexo C”, que entre muitos outros pontos, regula a venda de energia excedente, que pelo Estatuto da Itaipu, só pode ser comercializada entre as duas nações, Brasil e Paraguai. Sobre o tema, ver <https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/positionpapers/faq-perguntas-frequentes-sobre-o-anexo-c-do-tratado-de-itaipu>. De fato há vozes divergentes no Paraguai sobre o tema.

²⁴⁰ Não é bem isso. O pedido de US\$ 150 bilhões foi posto em uma corte argentina e por outro grupo de paraguaios, não pelo relatório de Canese. Falamos sobre o assunto em páginas anteriores.

²⁴¹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

por ordem do presidente da República para poder ser devolvida. Isso está gerando uma grande polêmica e movimentação no meu trabalho, que é o IPHAN. (CASTRO, 2023)²⁴²

Depois, Adler explicou que a palestra dele não seria especificamente sobre os prêmios trazidos do Paraguai, mas sobre os bens que são os patrimônios sensíveis, “que devem receber tratamento especial, que são bens que remetem a acontecimentos traumáticos ou dolorosos, violadores de direitos humanos”, categoria em que estariam inseridos os troféus de guerra. Depois de dar alguns exemplos sobre patrimônios sensíveis diversos, ele retomou a falar sobre o caso paraguaio.

O canhão Cristiano, que é o centro dessa discussão toda, foi capturado como parte da Fortaleza de Humaitá e na qual houve uma batalha muito importante que foi a batalha de Curupaiti, que foi logo em seguida da batalha de Curuzu, onde estava o canhão e em que morreram quatro mil Aliados, brasileiros e argentinos. Então, o canhão tem um papel de lembrar para os paraguaios a vitória, e para os brasileiros, aquele momento que foi muito difícil. A campanha de Humaitá, a primeira fase da campanha do Paraguai, foi toda até a conquista de Humaitá. O canhão foi feito com sinos de igreja derretidos e supõe-se que dois sinos brasileiros que tinham sido capturados em Corumbá, tenham sido usados também. Por isso os paraguaios dizem que é um objeto cultural, porque foi feito com os sinos da igreja.

Na prática, em 1868, quando ele foi usado, ele não era um objeto cultural. Ele era uma arma cujo objetivo era matar brasileiros. Ele se transformou em objeto cultural quando foi incorporado ao museu e deixou de ser uma arma, deixou de ser uma representação da guerra. Está aqui no Brasil desde 1868, exposto, primeiro no Museu do Exército e atualmente no Museu Histórico Nacional. Ele se tornou um símbolo no Paraguai e o desejo de ter uma reparação.

O Brasil já devolveu vários troféus para Paraguai. A Argentina devolveu troféus, o Uruguai devolveu também (foi o primeiro a devolver ainda no século XIX), mas ainda ficaram vários aqui no Brasil, inclusive 17 bandeiras. Uma delas é até complicada, porque a gente não sabe como seria feito com ela, que também está no Museu Histórico Nacional tombada. É uma bandeira que foi tomada no escritório pessoal de Lopez, que é um herói no Paraguai. Só que é uma bandeira brasileira que foi capturada no Marquês de Olinda e o Lopez usava como tapete na sala dele. É um troféu de guerra brasileiro. Vão devolver uma bandeira brasileira para o Paraguai? É uma questão que se coloca. A devolução dos troféus é uma tentativa de apagar uma versão da guerra para se reforçar outra versão.

(...)

A questão que se levanta nessa questão do troféu de guerra, é se nós devemos devolver ou não, se o presidente deve destombar ou não, para reforçar o discurso de outro país. Ou seja, é um patrimônio de um lado só? É um patrimônio do Brasil, pois, ele representa os três mil que morreram para tomada por de Humaitá?

Eu trabalho estudo ao Instituto Patrimônio e Histórico Nacional, não trabalho no Instituto Histórico e Artístico do Paraguai, então, do meu ponto de vista, tem que ser contra o destombamento, pois é uma tentativa de apagar uma parte da história.

O canhão ficando aqui no Brasil, nós podemos discutir o que aconteceu no Paraguai, se foi o genocídio ou não foi o genocídio. Ele voltando para o Paraguai a gente fica uma coisa meio estranha, meio resumida, porque nós vamos discutir se o Brasil é um país cordial que não faz guerra. Porque a gente não tem memória da guerra. A gente não tem memória da repressão. Mesmo quem acredita que houve um genocídio, a gente tem que discutir isso com base em alguma coisa, com base em representações.

²⁴² CASTRO, Adler Homero Fonseca de. VISNHM - Mesa Patrimônio e Memória. Youtube, 25 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=woCgpqUehPc>. Acesso em 25/10/2023.

E se torna muito complicado para quem trabalha com patrimônio fazer uma decisão se devolve ou não devolve, apesar de haver um forte movimento aqui, favorável à devolução do objeto, como já foram devolvidos outros. (CASTRO, 2023)²⁴³

Adler encerrou a parte da palestra e pediu desculpas por falhas técnicas durante sua transmissão. O mediador, o historiador Ianko Bett perguntou se Adler sabia se existia alguma corrente política ou historiográfica que fosse contrária a essa repatriação do canhão e ele respondeu o seguinte:

Em relação à pergunta eu não conheço ninguém no Paraguai que seja contrário à devolução, porque no Paraguai houve uma construção (...) Até a década de 1900 o Lopez era visto como bandido porque ele prolongou a guerra desnecessariamente. Ele poderia ter acabado a guerra antes. Ele causou a morte de muita gente executando prisioneiros políticos e mandou por torturar a própria mãe. Então, ele era visto de forma negativa. A partir de 1900 houve um movimento de revalorização da figura do Lopez, que teve uma ênfase maior na década de 40, como maneira de reforçar o partido dominante. O Stroessner, por exemplo, era uma figura forte que queria fazer uma ligação entre o Lopez e o general Estigarribia, que comandou a Guerra do Chaco. Então, isso funcionou muito bem no Paraguai. Eu não vejo no Paraguai um movimento que questione a guerra. A guerra é uma coisa positiva. O que eu vejo muito mais é questionar a visão ufanista da guerra. Isso já tem uma discussão.

Por exemplo: eu estive lá há quatro anos e fiz uma palestra sobre as mortes paraguaias durante o conflito, porque morreu muita gente. A associação imediata que se faz é que morreu muita gente porque os brasileiros mataram, mas, na verdade os próprios agentes paraguaios registram que morreram cem mil paraguaios em hospitais paraguaios, porque o que matava mais naquela guerra não eram as batalhas, eram as doenças. E o Paraguai tinha um problema grave que eles não tinham um corpo médico. Eles tinham sete médicos no Paraguai. Então, as mortes por doenças foram muito graves, por doença e inanição, cólera e assim por diante. Quando eu apresentei este dado, teve um general que se levantou e protestou dizendo as atrocidades brasileiras e assim por diante. Quem estava organizando o evento era de uma associação paraguaia, que um atualmente é senador no Paraguai, que se levantou para dizer que não foi bem assim. Ou seja, já tem uma visão mais crítica do que aconteceu no conflito, mas, ao contrário, da devolução [dos troféus], eu não tenho conhecimento de ninguém. Todo mundo é favorável.

(...) Foram capturados três grandes canhões em Curuzu: o *El Criollo*, o *Acaverá* e o *El Cristiano*. O Criollo e o Acaverá foram para a Argentina, e a Argentina devolveu esses canhões. Hoje em dia estão em uma praça que fica ocupada por uma comunidade carente de Assunção. Ou seja, os próprios paraguaios dizem que os canhões são maltratados e eles reclamam disso. (CASTRO, 2023)²⁴⁴

Depois Adler continuou respondendo perguntas do público sobre patrimônio e sobre como tratar a memória em casos clássicos, como os das estátuas de colonizadores nos países do continente americano. Na opinião do pesquisador, os objetos que são temas de debates devem ser pensados também de forma pedagógica, de forma que a partir deles ocorra uma discussão sobre seu contexto e os seus benefícios ou malefícios para um povo ou comunidade. Por exemplo, no caso dos

²⁴³ CASTRO, Adler Homero Fonseca de. VISNHM - Mesa Patrimônio e Memória. Youtube, 25 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=woCgpgUehPc>. Acesso em 25/10/2023.

²⁴⁴ CASTRO, Adler Homero Fonseca de. VISNHM - Mesa Patrimônio e Memória. Youtube, 25 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=woCgpgUehPc>. Acesso em 25/10/2023.

bandeirantes brasileiros, em que ele defendeu que as estátuas não devem ser retiradas, que devem estar ali exatamente para provocar contestações sobre como os bandeirantes eram perversos em seu trato com os povos oprimidos. Em seguida o assunto voltou para o canhão de Curuzu. Desta vez o foco foi a conservação do mesmo. Ele admitiu que “o canhão está exposto ao tempo e que não é a situação ideal”, porém explicou-se:

Ele é de bronze, é resistente às intempéries e recebe um tratamento semestral. É mantido limpo e é melhor tratado do que se estivesse no Paraguai. Isso do ponto de vista de preservação do objeto. Por exemplo, uma coisa das coisas que o público adora fazer é jogar coisas na boca de um canhão. No Museu Histórico Nacional ele tem uma tampa que impede isso, e no Paraguai não tem. Então, o canhão está cheio de lixo lá no Paraguai.

O mais importante em termos de uso do objeto e em termos de propostas museográfica, eu vejo vantagens e desvantagens na maneira como o museu trabalha. O museu atualmente identifica o canhão e não faz uma proposta crítica, ou seja, permite que o visitante faça sua própria leitura do objeto.

Eu, pessoalmente, preferia que existisse uma discussão mais crítica do objeto, mas, aí é um problema em relação ao espaço em que ele está. Na proposta museográfica ele está em um espaço chamado pátio dos canhões, que tem 66 outros canhões. O padrão de etiqueta dos outros 65 canhões é só identificar o objeto, não tem uma proposta de contextualizar cada um deles. Mesmo porque nem todos têm um histórico tão rico quanto tem o Cristiano. Então, ele manteve uma unidade conceitual do resto dos outros canhões do pátio. Não é o ideal, mas permite que o visitante conheça a história, faça a leitura dele. Mas, tem que partir do princípio de que a pessoa já conhece essa história, o que é difícil, apesar que eu digo que é o canhão mais falado que tem na internet.

Sobre o processo de tombamento do Museu Histórico fui eu que fiz em 98. Ele surgiu de um contexto específico do governo Fernando Henrique²⁴⁵, que na época, o Ministro da Economia, o Bresser²⁴⁶ veio com a proposta de transformar os museus em organizações sociais que teriam que se sustentar com recursos próprios. O governo só daria o recurso de manutenção. E o Bresser fez essa palestra no Museu Naval, sobre a proposta dele. E falou que o museu teria que conseguir dinheiro de onde pudesse, se quisesse vender acervo que vendesse.

Aí, uma colega nossa levantou e perguntou: e se não conseguir o dinheiro para sustentar? Então, o Bresser falou que o museu fechava. Foi a proposta dele. Era uma proposta privatista, de livre mercado, que teria que se virar como uma empresa privada, o que a gente sabe que não funciona, que nenhum Museu consegue se sustentar com o ingresso.

Neste contexto, foram abertos quatro processos de tombamentos dos grandes museus nacionais cujos prédios já eram tombados: o Museu Imperial, o Museu da Inconfidência, o Museu de Belas Artes e o Museu Histórico, que era o único que não era tombado. A proposta era tomba o acervo desses museus para que eles não pudessem ser dispersados, para que se faltasse dinheiro para o museu, ele não precisasse vender o acervo.

No Museu Histórico a turma vestiu a camisa e colaborou para levar o processo até o final, que é um processo muito complicado porque o museu tem 300 mil objetos, e foram tombados os 300 mil objetos. Foi preciso fazer inventário de 300.000 objetos. (...) O canhão [Cristiano] não foi tombado individualmente, ele é tombado como parte da coleção, mas como é parte da coleção, ele não pode ser retirado dela. No processo de destombamento, ele é mencionado justamente na condição da devolução dos troféus, como a possibilidade de haver desmembramento do acervo, mas não foi o argumento central do processo.

O argumento central era mesmo tomba a coleção para evitar qualquer tipo de desmembramento, pensando na hipótese da organização social. Sobre o destombamento, que eu falei que essa questão é central para o patrimônio, o Ministro da Cultura do primeiro governo Lula²⁴⁷ era favorável à devolução e inclusive liberou R\$ 6 milhões para devolver o

²⁴⁵ 1995-2003.

²⁴⁶ Luiz Carlos Bresser-Pereira

²⁴⁷ Gilberto Gil.

canhão. Já tinha uma verba para fazer devolução. Aí, o pessoal falou que não podia devolver sem destombar a peça, e foi feito um processo em âmbito interno do IPHAN.

O assunto foi levado ao conselho consultivo do IPHAN e o presidente do IPHAN, na época subordinado ao Ministro que queria devolver, era contrário à devolução, mas não queria tomar uma decisão contra o ministro. Então, não houve uma decisão. O que foi decidido é que o presidente da República iria decidir o que ia ser feito, e na época o Lula não decidiu nada.

A questão voltou agora que eles pediram de novo o canhão, que foi aberto outro processo. E tem uma complicação também porque o canhão é muito grande, muito pesado, pesa 12 toneladas, isso dentro do Museu. Para tirar o canhão de dentro do Museu vai ser necessário demolir parte do museu, vai ter que entrar uma máquina que possa pegar o canhão, em guindaste, o que também não pode. É uma complicação que vai ter que ser resolvida ainda pelo IPHAN, e é uma coisa muito complexa de se fazer. Se vier uma ordem de cima, vai ter que devolver o canhão... Como é que a gente vai tirar o canhão do Museu? (CASTRO, 2023)²⁴⁸

Da mesma forma como as falas dos paraguaios tem lados bem demarcados, a fala de Adler também tem bandeira, e pelas palavras dele, é a bandeira brasileira pela não devolução, até por conta dos cargos que ocupa profissionalmente e dentro do universo acadêmico, como pode ser visto em seu currículo. Enquanto não há ordem contrária, o *El Cristiano* permanece no Rio de Janeiro.

***Sobre Adler:** possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1994) e doutorado em história pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Atualmente é pesquisador da Fundação Cultural Exército Brasileiro, pesquisador associado ao Centro de Pesquisa em História do Exército, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e assistente técnico em pesquisa do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde também atua como professor do mestrado profissional do IPHAN, já tendo trabalhado com processos de tombamento, tratamento de coleções arqueológicas, fiscalização de atividades arqueológicas, inclusive subaquáticas e outras tarefas do Instituto. Atualmente é o Coordenador Geral de Identificação e Reconhecimento do Departamento de Patrimônio Material do Iphan (texto informado pelo autor na Plataforma Lattes).

²⁴⁸ CASTRO, Adler Homero Fonseca de. VISNHM - Mesa Patrimônio e Memória. Youtube, 25 de outubro de 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=woCgpqUehPc>. Acesso em 25/10/2023.

Presidente descarta revisionismo, mas, quer entender o que aconteceu no Paraguai

Santiago Peña, eleito presidente do Paraguai em setembro de 2023, foi procurado para falar sobre declarações que havia dado nas primeiras semanas de governo, de que procuraria o Brasil para possíveis ressarcimentos históricos, quando afirmou que “há equipamentos que foram tomados pelas forças brasileiras e que agora estão nos museus brasileiros, e isso pertenceu ao governo paraguaio”²⁴⁹.

A assessoria da presidência não respondeu aos questionamentos, porém, uma entrevista do líder conservador da direita paraguaia ao Canal Livre, da Rede Bandeirantes, em 31 de julho de 2023, revelou bastante do pensamento político dele.

Segundo Peña, o contexto da declaração dada na campanha foi a resposta a um jornalista.

O questionamento não veio de mim. Um jornalista perguntou minha visão disso e eu falei que eu gosto muito da história. Eu falo que nós paraguaios não compreendemos ainda hoje o que aconteceu para o desenvolvimento do Paraguai. Cento e cinquenta anos atrás terminou a guerra, mas o que aconteceu com o fim da guerra? O Paraguai perdeu 60% do território, perdeu 90% da população de homens²⁵⁰, mas o maior impedimento para o desenvolvimento do Paraguai, foi uma perda de oportunidade. O que aconteceu na América Latina entre 1880 e 1920, em 40 anos, no maior fluxo migratório da história da humanidade? Oitenta milhões de europeus vieram para o continente, para desenvolver o continente, mas não vieram para o Paraguai. O Paraguai foi um país destruído pela guerra²⁵¹. Então, o Paraguai hoje não compreende o que aconteceu. (Peña, 2023)²⁵²

O jornalista interrompeu. “O Paraguai, antes da guerra, era o país mais preparado para o desenvolvimento”, disse. O presidente concordou²⁵³ e o jornalista afirmou que os ingleses haviam investido muito no Paraguai²⁵⁴. O presidente continuou:

²⁴⁹ Deutsche Welle. Os troféus de guerra que o Paraguai quer de volta. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/08/15/os-trofeus-de-guerra-que-o-paraguai-quer-de-volta.ghtml>. Acesso em 27 de out. de 2023.

²⁵⁰ Percentual muito comum citado por Júlio José Chiavenato e autores que buscam responsabilizar somente a Tríplice Aliança pelo conflito. Estudos mais recentes que compararam censos pré e pós-guerra, colocam as perdas paraguaias em torno de 42% para uma população de 450 mil pessoas, número que ainda assim é muito elevado. Sobre o tema, ver PRADO, Mário Lemos Flores do. Revisão, e algumas contribuições, ao debate da demografia paraguaia da segunda metade do século XIX. Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anaais-semana-demografia/arquivos/demografia-historica/revisao-e-algumas-contribuicoes.pdf>. Acesso em 13/11/2023. Peña já havia dado declaração semelhante ao El Mundo, da Espanha (ver FEST, Sebastián. Santiago Peña, nuevo presidente de Paraguay, promete que el mundo verá "el resurgir de un gigante". Disponível em <https://www.elmundo.es/internacional/2023/08/15/64dbbb5621efa0ee6b8b45a2.html>. Acesso em 14 de nov. de 2023.

²⁵¹ Estaria o presidente associando a presença de europeus nas Américas com a ideia de desenvolvimento social e econômico em detrimento dos habitantes locais?

²⁵² PEÑA, Santiago. Santiago Peña defende a abertura dos arquivos da Guerra do Paraguai. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3-grBhnx2I>. Acesso em 13 de nov. de 2023.

²⁵³ Na Cumbre Anual Concordia 2023, realizada em Nova Ioque, em setembro de 2023, Peña havia defendido ideia semelhante, de um grande Paraguai que só não foi maior por conta da guerra. Ver PRESIDENCIA DE LA REPUBLICA DEL PARAGUAI. Presidente destaca potencialidades de Paraguay en Cumbre. Disponível em <https://edicion.presidencia.gov.py/sala-de-prensa/noticias/historial/presidente-destaca-potencialidades-de-paraguay-en-cumbre>. Acesso em 13 de nov. de 2023.

Não vamos revisar a história. Não! Nós temos que compreender a história, o que foi que aconteceu e qual foi a oportunidade que teve o Paraguai, e trabalhar junto com o Brasil, junto com o Uruguai e junto com a Argentina. O Paraguai não tem um lugar no mundo, fora do Mercosul, fora dos parceiros mais próximos. Então, para nós é muito importante e se para nós é importante, também é para o Brasil.

O Brasil não compreende ainda a história do Paraguai. Porque nós temos que sair a contar a história do Paraguai. Por muito tempo o Paraguai foi uma ilha rodeada de terra. O país se isolou da região, se isolou do mundo. E hoje, a geração jovem, a geração que quer fazer um futuro diferente, compreendendo o passado, entendendo o hoje, mas projetando o futuro. (Peña, 2023)²⁵⁵

O jornalista perguntou se na compreensão do passado estaria a abertura dos arquivos da Guerra. Peña completou:

Eu acho que sim, que é muito importante revisar o que aconteceu. Não com uma visão de que o Paraguai quer recuperar territórios. Não! Temos que compreender e olhar que isso que aconteceu no Paraguai 150 anos atrás é o que acontece hoje entre Rússia e Ucrânia. É um problema.

O Paraguai é parceiro da Rússia. O Paraguai exporta carne para a Rússia mas o Paraguai não pode ficar em silêncio como o que acontece com a Ucrânia. (Peña, 2023)²⁵⁶

A comparação da Guerra Guasu com o conflito entre russos e ucranianos já havia sido feita anteriormente por mais de uma vez²⁵⁷. E como se nota, na fala do presidente, suas posições confirmam o que já foi dito neste livro: quando o assunto é Guerra do Paraguai/Triple Alianza, mesmo os lados oponentes têm visões semelhantes no país vizinho, afinal, o que disse Peña não é muito diferente do que seus opositores de esquerda defendem, inclusive daquilo publicado no Relatório Canese.

²⁵⁴ Também é uma visão muito em voga no Brasil desde de os anos 80, quando o revisionismo em algumas correntes historiográficas quiseram atribuir culpa também ao imperialismo inglês pela guerra, como fonte propulsora da Tríplice Aliança. Sobre o tema, ver MENEZES, Alfredo da Mota. A Guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai. São Paulo: Contexto, 2012.

²⁵⁵ PEÑA, Santiago. Santiago Peña defende a abertura dos arquivos da Guerra do Paraguai. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3-grBhnx2I>. Acesso em 13 de nov. de 2023.

²⁵⁶ PEÑA, Santiago. Santiago Peña defende a abertura dos arquivos da Guerra do Paraguai. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3-grBhnx2I>. Acesso em 13 de nov. de 2023.

²⁵⁷ Diario del Norte. Santiago Peña comparó la guerra de la Triple Alianza con la de Ucrania. Disponível em <https://www.diarionorte.com/235550-santiago-pena-comparo-la-guerra-de-la-triple-alianza-con-la-de-ucrania>. Acesso em 13/11/2023; EFE. Peña recuerda la situación de Ucrania y pide que se detengan las acciones militares. Disponível em <https://efs.efeservicios.com/texto/pena-recuerda-situacion-ucrania-pide-detengan-acciones-militares/18011098999>. Acesso em 14/11/2023.

Parte 4

Entrevistas

Mário Maestri: um apaixonado pela história da guerra

Conheci o trabalho do professor Mário Maestri lendo sobre a Guerra Guasu. Ele é um docente com extensa produção bibliográfica sobre o assunto. Além disso, ele tem uma história muito forte de resistência política no Brasil, tendo sido perseguido durante a ditadura civil militar, por ter uma postura mais à esquerda, tendo inclusive militado em partidos políticos. São mais de 30 livros seus publicados sobre a história do Brasil, com destaque para textos e artigos do Paraguai/Triple Alianza.

Para este livro, fiz contato com ele, primeiro pelas redes sociais e depois mandei um e-mail despretensioso, porque sei que a vida acadêmica dele é bastante movimentada e que possivelmente correria o risco de não receber uma resposta, como aconteceu com outros pesquisadores a quem pedi entrevista.

Para minha surpresa e felicidade, o professor prontamente respondeu às perguntas que enviei por e-mail e me desejou votos de sucesso com a obra. Além disso, pediu para que, assim que o livro ficasse pronto, enviasse uma cópia para ele. Uma responsabilidade e tanto! No caso do professor Mário, devido à riqueza das respostas, optei por deixá-las na íntegra, junto com as minhas perguntas. O resultado segue abaixo:

Helton Costa (HC): Como começou seu interesse sobre os temas referentes à região do Rio da Prata e, consequentemente, Guerra do Paraguai/Triple Alianza?

Mário Maestri (MM): Nos anos 1980, quando trabalhava na UFRJ, pensei em escrever ensaio documentado sobre o conflito, após o lançamento do *O Genocídio Americano*, do J.J. Chiavenato. Desisti por falta de tempo, pois previ necessitar de uns três anos de investigação. Em 2002, colega me presenteou com o livro do Doratioto, *Maldita guerra*, sobre o qual escrevi, creio, a única resenha crítica, definindo-o com restauração acadêmica da velha historiografia patriótica. Ou seja, vinho velho em pipa nova. Algum tempo depois, convidaram-me da Argentina para participar de um encontro sobre a guerra. Respondi que a única produção que tinha era a resenha. Disseram-me que era isso que queriam. Soube, a seguir, que abriria o encontro debatendo com o Doratioto! Passei meses me preparando e me apaixonei pelo tema. Iniciei investigação que me exigiu dez anos, na qual envolvi meus mestrandos e doutorandos, que publicaram excelentes trabalhos, muitos traduzidos ao espanhol. Visitei o Uruguai, a Argentina, o Paraguai de cabo a rabo, onde fiz grandes amigos. Comecei minha investigação pelo estudo sistemático da formação social paraguaia, sobre a qual escrevi o livro *Paraguai: a república camponesa (1810-1865)*. Algo inovador. Terminei publicando uma história geral da guerra, em quatro volumes, publicada no Brasil e no Paraguai.

HC: De todos os acontecimentos da guerra, qual você acha que foi ou é o mais marcante para a história dos envolvidos? Por quê?

MM: É já difícil definir as raízes da guerra do Império do Brasil e da República Argentina contra a República do Uruguai e, a seguir, a República do Paraguai. Desde havia muito o Império do Brasil se preparava para tal. O mesmo podemos dizer do partido unitário argentino, dirigido então por Bartolomé Mitre. O conflito teve alguns momentos de destaque: a dita Batalha do Riachuelo, do Tuyuty, de Curupayty, etc. Creio que o momento mais marcante, para vencedores e derrotados, foi o massacre de Cerro Corá, em 1º de março de 1870, com a extinção dos fiapos que restavam do exército paraguaio e o assassinato de Solano López.

HC: No Paraguai, há uma disputa bastante grande entre lopistas e antilopistas, inclusive dentro da academia. Como você vê esta disputa pela memória e pela narrativa do conflito e da figura de López, para os dois lados?

MM: A interpretação que construí visou superar esse impasse que é mais de origem político-ideológica do que historiográfica. A impressionante belicosidade paraguaia, de fins de 1866 a 1870, que analiso em meu terceiro livro sobre aqueles sucessos, ***Guerra sem fim: a Tríplice Aliança contra o Paraguai. A Campanha defensiva. 1866-1870***, se deveu essencialmente à defesa pela classe camponesa paraguaia de tudo que conquistara, sobretudo quando da Revolução Francista [1814-1840]. Os camponeses sabiam que perderiam suas terras e autonomia relativa com a derrota, como efetivamente perderam. Hoje, eles vivem na miséria, sem que sequer se reconheça o protagonista de seus ancestrais no conflito, discutindo-se obsessivamente o papel de López no conflito.

A guerra, à qual o Paraguai foi forçado pela intervenção unitária e imperial na República do Uruguai, sequer foi uma decisão monocrática de Solano López, apesar de sua pressão em favor dela. Ela foi aceita e decidida, em congresso, pela classe dominante paraguaia. Solano López foi um membro das elites sul-americanas da época, criado para *herdar* a presidência do Paraguai. Foi um bom organizador e um péssimo general. A população paraguaia seguiu-o porque não abandonou a luta até o fim do conflito, como sua família e as classes dominantes paraguaias. Se os paraguaios tivessem tido comandante melhor, que optasse pela defesa ativa, e não por ofensivas tresloucadas, podemos levantar como hipótese que a guerra teria terminado em um empate, ou coisa semelhante. O que é sugerido pelo sucesso paraguaio em Curupayty. Em todo caso, se Solano López tivesse morrido, o conflito possivelmente seguiria, talvez sob a direção do general Caballero. Temos que explicar Solano devido à guerra, e não a guerra devido a Solano López.

HC: Falando da guerra em si, você acredita que em algum momento ela poderia ter sido evitada, e depois de iniciada, poderia ter cessado com algum tipo de acordo entre as partes? Por quê?

MM: O que *poderia* ter ocorrido, não faz parte da historiografia. Entretanto, no mundo das conjunturas, me surpreendeu muito as consequências da pusilanimidade da oficialidade imperial na defesa do ataque à província do Mato Grosso. Com destaque para o abandono do forte de Coimbra e de Corumbá, uma literal debandada, no estilo “é tempo de Murici, cada um por si”. Se tivesse havido uma defesa firme imperial, os paraguaios teriam retornado a Asunción derrotados e não vitoriosos. E não teria prosperado entre as classes proprietárias do país a visão de uma vitória fácil sobre o Exército Imperial, que fortaleceu o partido que votou pela guerra contra o Império. Entretanto, teria se mantido o impasse pré-bélico, pois, com o controle de Buenos Aires, pelos unitários mitristas, e de Montevideu, pelo Império, a *exteriorização* da economia paraguaia teria naufragado. O que levaria o Paraguai a uma grave crise interna, com até mesmo uma eventual deposição de Solano López, ou coisa semelhante, pelo *partido portenho* paraguaio. Ou seja, os que pregavam uma submissão a Buenos Aires, para facilitar o comércio internacional.

HC: Em minha estadia no Paraguai, escutei muito duas coisas: o Brasil massacrou o Paraguai ao não ter encerrado a guerra com a queda de Assunção e que os brasileiros devem devolver os troféus de guerra e objetos de valor levados daquela capital. O que você pensa sobre a continuidade da guerra após Assunção? Era necessária? E quanto aos troféus de guerra, principalmente o canhão Cristiano, devem ser devolvidos?

MM: Todos e quaisquer troféus de guerra devem ser devolvidos. No caso do Brasil, com destaque para os troféus paraguaios. O canhão Cristiano está abandonado no pátio do Museu Histórico Nacional que qualquer dia deste prende fogo, por falta de cuidados. Não houve e não há no Brasil presidente ou Congresso que desafie o veto do alto comando militar! Temos que ter como objetivo a unificação fraternal da América do Sul e, portanto, construir uma visão unitária de mundo. Entretanto, a petulância do Estado brasileiro é enorme. O arquivo público e histórico paraguaio foi confiscado pelo Estado imperial e republicano brasileiro por em torno de um século!

A guerra empreendida pela Argentina unitária e o Brasil imperial se propunha reduzir a República do Paraguai a um estado satélite. O que realmente ocorreu. Mas, para que isso se materializasse, era necessário matar Solano López. Se ele escapasse ou fosse preso, haveria sempre um partido lopista e, mais ainda, a possibilidade de ele repetir os cem dias de Napoleão.

Solano López seguiu em sua fuga na Cordillera, pois, lhe foi negada, por ordem direta do

Imperador, condições aceitáveis de rendição. O que Caxias propusera. Caxias era um general aristocrata que respeitava certamente o comandante em chefe paraguaio, igualmente aristocrata. E não simpatizava muito com Dom Pedro, respeitando entretanto nele o imperador. Creio que jamais compartilhou da visão do assassinato do general inimigo por ele vencido em combate limpo.

O que não era o caso do general Câmara. Antes do ataque a Cerro Corá, o coronel sul-rio-grandense João Nunes da Silva Tavares [Joca Tavares], propusera, diante do general Câmara, seu superior, dar cem libras a quem matasse López. Jamais se vira algo semelhante! Prêmio recebido pelo cabo José Francisco Lacerda, de 22 anos, de alcunha Chico Diabo, também rio-grandense, ordenança do coronel João Nunes da Silva Tavares. Isso, apesar do *Mariscal* ter sido ultimado com um tiro nas costas, sob os olhos de general Câmara, já agonizante, segundo revelou a autópsia do cadáver.

HC: Aqui no Brasil, entrevistei um trineto do Conde d’Eu e ele se referiu a Peribebuy e Acosta Ñu, como “baixas colaterais” do conflito. Ele culpou López por ter deixado crianças lutarem. Por outro lado, no Paraguai, ouvi de populares e em “off”, de gente do governo, que os brasileiros foram covardes porque poderiam ter evitado o embate rodeando aqueles espaços, já que López sabidamente estava em Azcurra e não naqueles locais. Como você vê a questão dessas duas batalhas que ainda são feridas abertas para os paraguaios? O Exército Imperial cometeu crimes e errou ou López também tem culpa?

MM: Desde a batalha de Lomas Valentinas, as tropas paraguaias reconstituídas eram fantasmagóricas, formadas por alguns poucos veteranos em geral lesionados, por velhos, por jovens e por quase crianças. Solano López seguia em sua fuga pois, como proposto, o Imperador lhe negava condições aceitáveis de rendição, buscando sua morte, preferivelmente em combate. Se era para morrer, Solano López preferiria morrer lutando, como morreu.

Solano López enviou ao general Caballero a livrar os combates finais para retardar as tropas imperiais que mordiam os calcanhares de sua coluna.

O conde d’Eu era um quase guri, sem experiência militar, surdo, falando mal o português. Sua nomeação foi um enorme desastre. Os massacres de Piribebuy e Acosta Ñu destinaram-se a conquistar, para o genro trapalhão do imperador, os galardões como comandante militar, que facilitariam a entronização do Terceiro Reinado. Foram fogos de artifício macabros.

Entretanto, paradoxalmente, nos momento finais da guerra, o conde d’Eu já estava mergulhado na depressão, descreditando na possível vitória imperial, pedindo inutilmente ao sogro para voltar para o Rio de Janeiro, à frente de um desfile triunfal de Batalhões de Voluntários da Pátria, cercado por seus amigos do Partido Liberal.

O enorme fiasco do conde d'Eu no Paraguai desqualificou-o indelevelmente diante das classes dominantes imperiais e do Imperador, a quem escreveu uma carta infantil, apresentando suas desculpas pelas sandices que escrevera, nos dias e semanas anteriores.

A responsabilidade total pelos massacres da Cordillera é do Império do Brasil, que invadira o Uruguai, sabendo que isso iniciaria a guerra com o Paraguai, e jamais aceitou pactuar com aquela nação.

HC: Nos últimos 10 anos, acompanhei os principais jornais de Internet dos quatro países envolvidos, sobre o enquadramento que deram ao conflito. Os paraguaios sempre lembravam mais do conflito, direta ou indiretamente. Minha pergunta é: por que no Brasil a memória da guerra é tão dispersa e quase invisível, mesmo o país tendo sido o lado vencedor, enquanto no Paraguai há um grande sentimento de injustiça em relação ao Brasil?

MM: As posições da mídia formam a visão da população, não a expressam.

A guerra contra o Paraguai foi uma guerra imperial e imperialista. Jamais teve qualquer apoio da população, em grande parte escravizada, que sequer sabia onde se encontrava aquele país. As tropas imperiais lutaram mal porque os soldados, em geral arrastados para o conflito, se preocupavam sobretudo em não morrer. No Brasil, a cultura histórica é extremamente deficiente. A imensa maioria da população brasileira tem, no máximo, informação rudimentar sobre aquele conflito fornecida por alguma novela, sem saber situá-lo na linha de tempo de nossa história.

A Argentina enfrentou sempre dividida aquele conflito. A população do interior e nacionalista era federalista, queria ir lutar ao lado do Paraguai e não contra o Paraguai. Durante a guerra, as tropas mitristas mataram mais argentinos federalistas [*montoneras*] do que os paraguaios mataram argentino durante os combates. Em geral, os peronistas são anti-unitários e, portanto, favoráveis ao Paraguai. Os liberais, conservadores, etc. são mitristas.

O Uruguai foi invadido pelas tropas do Império e da Argentina mitrista, que realizaram o massacre de Paisandú, em fins de 1864 e inícios de 1865. Os dois partidos, o colorado, de Venâncio Flores, pró-argentino e pró-brasileiro, e o *blanco*, autonomista e nacionalista, existem até hoje. E seguem divididos sobre a guerra.

O Paraguai é um caso diverso. A informação da população sobre a guerra é enorme. O lopismo foi contra-ideologia e narrativa assumidas pelas classes populares contra a nova ordem imposta pelos vencedores, após a derrota, e assumida pela classe dominante paraguaia colaboracionista. Na memória da população, López representa e se confunde com a enorme resistência popular contra uma guerra livrada, no seu final, quase totalmente pelas tropas imperiais, com destaque rio-grandenses. A historiografia populista e autoritária paraguaia prefere celebrar um

López heroico do que a resistência camponesa.

O lopismo é a ideologia do Partido Colorado, cor do uniforme das tropas paraguaias, formado por ex-oficiais lopistas, entre eles o general Caballero. Entretanto, paradoxalmente, foi o Partido Colorado e Caballero que privatizaram as terras públicas do país após a guerra, lançando a população rural na miséria. E os colorados passaram a representar os interesses do Brasil! A grosso modo, o Partido Liberal foi fundado pelos chamados legionários, ou seja, paraguaios que lutaram nas tropas argentinas mitristas. É um partido liberal elitista, igualmente afundado na corrupção, como os colorados.

HC: Você deve estar acompanhando a tentativa de um deputado paraguaio, via Parlasul, em buscar uma condenação para que os países da Tríplice Aliança paguem supostos danos materiais e imateriais aos paraguaios por conta da guerra²⁵⁸. Além disso, ele pede que haja uma condenação internacional por crimes de guerra contra o Paraguai. Como você analisa esta questão? Os pedidos fazem sentido ou não? Por quê?

MM: Os pedidos de indenização sobre o passado são demagógicos e, no frigidar dos ovos, conservadores. Primeiro, de um ponto de vista histórico, o Império devia indenizar o Uruguai. A seguir, o Paraguai indenizar a invasão de Corumbá e de Corrientes. Para, finalmente, o Império indenizar a invasão do Paraguai.

Se esse pedido procedesse, os paraguaios, argentinos, uruguaios e brasileiros descendentes de europeus deveriam pagar indenização para os descendentes dos nativos americanos. E o Paraguai deveria pagar indenização, primeiro contra os guaranis e, a seguir, contra a Bolívia, pela Guerra do Chaco.

A grande reivindicação atual da população paraguaia exequível é a devolução das terras nacionais para as populações camponesas, em geral de origem guarani. Mas sobre isso, ninguém quer falar! É melhor levantar esses fogos de artifício!

HC: Passados 160 anos, como você projeta que a memória do conflito será tratada nas próximas décadas? Cairá no esquecimento como outros conflitos mais antigos do século XIX e XVIII ou há uma esperança de uma popularização na Academia e na sociedade?

MM: Os povos latino-americanos marchassem para um destino e organização unitária e fraternal. Vivemos hoje, entretanto, em todo mundo, tempos sombrios. Se o conflito no Uruguai e no

²⁵⁸Em um futuro distante, pois, no momento atual a ideia é, primeiro caracterizar que houve o crime, para depois pensar em formas de compensação, como fica explícito em certo trecho do Relatório apresentado em fins de 2022 no Parlasul.

Paraguai for esquecido, será soterrado pela alienação de nossas raízes históricas, não pela fraternidade entre os povos.

E a Academia é uma expressão das visões e segmentos sociais dominantes. Certamente não será a vanguarda de qualquer movimento de emancipação, mesmo cultural. Ela praticamente desconheceu a guerra contra o Paraguai e mais comumente afiançou as interpretações nacional-patrióticas sobre ela, como referido.

Sobre o entrevistado: possui graduação em Ciências Históricas - Université Catholique de Louvain (1977), mestrado em Ciências Históricas - Université Catholique de Louvain (1977) e doutorado em Ciências Históricas - Université Catholique de Louvain (1980). Atualmente é professor titular da Universidade de Passo Fundo. Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: história do Brasil, história do Rio Grande do Sul, História da Escravidão, história das nações da Bacia do rio da Prata; história do Paraguai.

Rubiani: um pesquisador paraguaio de longa data

Jorge Rubiani não é historiador e ele mesmo deixa isso bem claro sempre que perguntado sobre questões históricas. Porém, é um destes autodidatas que de tanto ler, vivenciar e conviver com bibliografias e pessoas ligadas à história do Paraguai, acabou por fazer parte dela.

Por conta disso, o arquiteto por formação coleciona admiradores e também alguns críticos. Aos 79 anos de idade, ele é voz ativa no país vizinho quando o assunto é a Guerra Guasu, tendo passado por várias gestões como conselheiro municipal e vereador de Assunção. Jorge foi consultor de estados e prefeituras paraguaias, tendo sido, inclusive, diretor executivo do Fundo Nacional para a Cultura e a Artes, em 2001.

Além de livros sobre pontos da história paraguaia e arquitetura, foi o autor de *História do Paraguai*, de 2000, e *Verdades e Mentiras sobre a Guerra Contra a Tríplice Aliança*, de 2001. Rubiani ainda foi o autor da ideia original e do roteiro do programa de TV *Historias del Camino*, que também apresentou em 2005. Isso sem contar as palestras e artigos de imprensa em geral, incluídas as entrevistas que dificilmente nega, mas que ultimamente têm diminuído, por conta da idade e por conta de alguns jornalistas que, na opinião dele, “fazem festa com as falas” que ele profere, fazendo sensacionalismo.

Foi exatamente essa desconfiança que fez com que, antes de conversarmos por videoconferência, trocássemos alguns e-mails, sendo que Rubiani só aceitou conversar quando percebeu que eu era descendente de ex-combatente paraguaio. O fato de eu ter nascido no Mato Grosso do Sul também ajudou, afinal, a proximidade com a cultura paraguaia lá é bem maior do que em outros estados, o que tornaria o diálogo mais comum. Marcamos para uma tarde durante a semana e fizemos via WhatsApp.

Muito educado, ele falou abertamente de questões que eu havia manifestado interesse. Primeiro, Jorge se justificou por estar estudando a história do próprio país e demonstrou certo desgosto pelo fato da classe política, da imprensa, de parte da academia e da sociedade de modo geral criticarem a pessoa dele e seus trabalhos, muitas vezes, por, segundo ele, não concordarem com seus pontos de vista e desmentidos, com as quebras de narrativas que ele julga promover.

Isso tem feito com que Rubiani se torne cada vez mais reservado e que nem possua redes sociais, por, segundo ele, “uma questão de sanidade mental”. Ele vê a si próprio como alguém fora do sistema, um indivíduo que, às vezes, é excluído de alguns meios sociais por não compactuar com versões oficiais e acomodações culturais que fazem do Paraguai um país refém do que quem está no poder impõe.

Em 2022, por exemplo, Rubiani esteve envolvido em uma desavença intelectual com a Academia Paraguaya de la Historia. Tudo porque ele e outro colega, Jorge Jarolin, que é médico, apresentaram ao então presidente paraguaio, Abdo Benitez, uma coleção de documentos que seriam inéditos sobre a guerra. A Academia se apurou em desmentir, dizendo que eram apócrifos, e o que se sucedeu foi uma série de acusações de ambos os lados, com Jarolin e Rubiani dizendo que não há como provar que eram falsos, e com a Academia levantando uma série de pontos que baseavam seus pontos de vista. Rubiani comentou essa situação:

É muito simples. Quando me pedem para fazer uma certificação notarial de que meus documentos ou os documentos que o acervo que Jarolin possui são autênticos... No Arquivo Nacional, não há nenhum documento que tenha certificado notarial dos milhares de depoimentos tomados por aqueles que tiveram a sorte, o infortúnio ou o privilégio de ter dialogado com os combatentes da guerra de 1870. Quem contou algo a O'Leary, Ignacio Pane a Manuel Domínguez, quem lhes disse que tinham que trazer um escrivão, quando um velho ex-combatente dizia o que havia passado na guerra? Essa é a base da história nacional da guerra, porque os arquivos foram levados por seus compatriotas. Então, nós no Paraguai somos muito sensíveis aos sons de diferentes fontes porque não temos nenhuma fonte real. Recomendo a eles [a Academia] que entrem em contato com quem por acaso encontrou o arquivo Montenegro na cidade de Pelotas, o arquivo Arthur Montenegro, que foi um senhor brasileiro que fez o que muitos colecionadores fizeram aqui: falar com os combatentes que vieram prostrados com miséria e diziam a ele 'que eu tenho isso que trouxe da guerra'. E comprava e comprava. O arquivo Arthur Montenegro tem informações impressionantes sem certificação notarial. Mas como diz o historiador inglês Peter Brown, "fazer história é juntar as peças". E colocar as peças juntas tem que ter conhecimento suficiente para poder ver que peças são seriamente admissíveis para entender. Porque aqui os nossos historiadores recebem a única lição, de ir ao Arquivo Nacional. O historiador tem que ser como um jornalista diligente que, onde ele pode encontrar uma história, ir investigar e então confrontar o que chamo de leitura de contexto, que me permita discernir adequadamente o que pode ser verdadeiro do que pode ser falso. E com o que pode ser verdadeiro, mas ainda não é verdadeiro, tenho que arriscar a expor para que isso seja visto e analisado por outras pessoas do meu mesmo interesse, para irmos juntos desbravando o caminho para a verdade. Esta é a minha ideia do que deve ser feito. Eu tenho um programa de rádio de duas horas, todas as noites e chama-se "Silbando la Obscuridad" e todas as noites, pessoas me ligam de diferentes partes do país. Ontem à noite me ligou alguém que me contou sobre a guerra, que faz parte da tradição oral da sua cidade e que ninguém nunca escreveu nada.²⁵⁹

Em outro ponto, conversamos sobre a disputa dos lopistas e antilopistas, ou seja, daqueles que têm o presidente paraguaio como um bom exemplo para o nacionalismo, e daqueles que o enxergam muito mais como um homem de seu tempo do que como um herói ou chefe de grande capacidade militar:

Não tem porque ser assim, porque já no livro de Arturo Bray, que se chama "López: soldado de la gloria y del infortúnio", ele diz que essa disputa não tem porque existir, porque em primeiro lugar, como acontece com todos os homens da história, não é que nos lembremos deles ou os reconheçamos porque foram perfeitos, mas porque podem ter estado no lugar, talvez não indicado, mas com uma atitude de dignidade, força, patriotismo, responsabilidade

²⁵⁹RUBIANI, Jorge. Entrevista concedida a Helton Costa, em 29/06/2023, via WhatsApp.

e compromisso com seu país. López, como outros personagens da história universal, não foi perfeito. Ele era uma pessoa doente, uma pessoa ora desequilibrada ora com grandes exigências morais, com atitudes mais dignas que às vezes tiveram seus adversários em alguns momentos.

Porque Venâncio Flores, ainda que reconhecendo que estava entrando na guerra pelo apoio que lhe deu Pedro II, para se justificar entrou com uma força quase insignificante, mas, para dizer que estava ali. Bem, ele não foi melhor que López, definitivamente. Bartolomé Mitre, denotado por seus próprios compatriotas até ontem, não foi melhor do que López, definitivamente.

E comparativamente, apenas chamo a atenção para a tremenda ironia de que esta é uma guerra onde todos falam dos derrotados, onde todos falam de López. Ninguém lembra a Mitre, Venâncio Flores ou Pedro II. Eles o lembram de López. E quando alguém lembra de um personagem ou para denotarem contra ele, já começa a ser importante porque se não fosse importante, nem precisaríamos criticá-lo.

Para completar o raciocínio, Rubiani deu um exemplo que vivenciou há algum tempo. Ele estava em uma festa com amigos, quando presenciou um jovem ofendendo a memória de López com palavrões. Ele se aproximou e puxou conversa para saber o motivo, ao que o homem, que era casado, disse que López tinha agido errado ao declarar guerra contra três países maiores e que até o hoje o Paraguai pagava por isso.

Rubiani, então, fez uma analogia. Nela, um homem passeava com a esposa e um elemento mais forte e treinado em artes marciais, chega perto do casal e não importa o que o marido fizer, ele vai apanhar muito do sujeito desconhecido, que não satisfeito em intimidar, começa a avançar e apalpar a esposa de sua vítima no traseiro e nos seios. O marido sabe que vai apanhar, mas o que ele deveria fazer? O marido sem pestanejar sai em defesa de sua esposa, acontece o que acontecer.

López fez isso quando a dignidade de nosso país estava em jogo. Dignidade é um conceito que você pode não conhecer ou saber hoje, talvez ninguém conheça, mas naquele momento era muito importante. López não foi perfeito, mas tinha muito claro sobre o que era a dignidade do país dele. E lá [na festa] ninguém mais disse nada. É o exemplo que costumo dar quando analisamos a atitude dos homens em situações. Porque é verdade, provavelmente uma pessoa de bom coração, bondosa, generosa, altruísta, vivendo intelectualmente talvez não faça sentido alguém ter a coragem ou a imprudência. Ninguém é completo! Vivemos com uma visão hollywoodesca da história. O herói tem que ser alto, bonito, de olhos azuis e dominar todas as artes marciais. Essa não é a visão de Hollywood, porque a história de Hollywood tem que ser assim, mas a história real não é assim, e por trás dessa história real tem muita gente, muita gente que teve suas razões.

Não condeno os paraguaios que desertaram em tempos de guerra, nunca os condeno, aliás, dediquei-os a alguns parágrafos àqueles que em Cerro Corá, mortos de fome e depois de cinco anos de luta, eles disseram: A la pucha! Eu já dei cinco anos da minha vida. Estou aqui sem nada para comer, não tenho armas, o inimigo vai nos atacar. Eu não quero morrer. Eu quero voltar para minha família, quero encontrar minha família. As pessoas podem ter tido esse sentimento e dizer: já lutei, ninguém pode duvidar do meu empenho. E ia se entregar. E tem quem diga: não, seu traidor, que puto traidor! Eles deram tudo de si mesmos, arruinaram a vida deles. O país estava arruinado e o que mais poderiam fazer?²⁶⁰

Depois conversamos sobre as acusações de crimes de guerra de Acosta Ñu e Peribebuí. Eu contei para ele que tinha conversado com um tetraneto de Dom Pedro II e trineto do Conde d'Eu, que

²⁶⁰RUBIANI, Jorge. Entrevista concedida a Helton Costa, em 29/06/2023, via WhatsApp.

encarava os feitos naquelas batalhas como baixas colaterais da luta. Rubiani lembrou que há cartas do próprio Conde d'Eu que confirmam o incêndio, mas que, mesmo assim, há historiadores que negam o ocorrido. “Aí sim, Juan de O’Leary levou escrivães e lhes perguntou: você esteve ali? Estive. E não somente queimou o hospital de sangue de Peribebuí, como também o Caacupé. Quarenta e dois corpos carbonizados foram retirados de Caacupé. E isto está registrado com escrivães e publicado por Juan O’Leary²⁶¹”.

Parlasul

Por último, Rubiani me explicou porque abandonou a participação em audiências públicas promovidas pelo deputado Ricardo Canese, como parte do trabalho da Subcomissão de Cidadania e Direitos Humanos do Parlamento do Mercosul, que investigam eventuais crimes praticados pelos países Aliados contra o Paraguai durante a Guerra Guasu²⁶²:

Isso se chama oportunismo político. Você tem um currículo bastante completo para entender isso. A tarefa de governar não é uma tarefa fácil. Você não pode ganhar nada enquanto está concorrendo à eleição, mas quando você está eleito, tem que ser apenas correto, fazer simplesmente o possível, o que é legal e o que é legítimo. Não se pode ganhar popularidade fazendo qualquer bobagem estando no poder, porque é mais provável que estando no governo a pessoa tenha mais chance de perder popularidade, isso se não acabar na cadeia, como aconteceu com alguns. Então, acredito que o Parlasul é uma invenção dos burocratas para continuar chupando a mamadeira do Estado.

Felizmente alguns países, não sei se no Brasil, Argentina, Uruguai, Chile também, levam diretamente seus parlamentares eleitos e quando tem sessão no Parlasul, mandam eles irem para a sessão. Aqui por oito sessões anuais, os não parlamentares ganham uma cifra assombrosa, que além do seguro médico VIP e além do combustível, são cerca de 40 milhões de guaranis por mês, ou seja, é para empregar a burocracia partidária, não política, para continuarem sugando. Já elegemos deputados, já elegemos senadores, já temos gabinete de ministro, já temos diretores de agência, já temos governadores e temos prefeitos... Aí vai a ralé partidária, pessoas absolutamente sem estudo, absolutamente subfinanciadas, e vão para Parlasul, não têm coisa nenhuma para fazer lá. Por isso se encontram apenas oito vezes ao ano para discutir o último jogo do Boca x River ou Fluminense com o São Paulo, ou o que seja e nada mais.

E ontem foi publicado um relatório aqui no Paraguai, que há 400 escolas que ainda têm uma latrina como banheiro, que não têm nada. Nos tempos romanos (...) os banhos públicos de Roma eram maravilhosos perto das latrinas que ainda usamos.

Existem 240 escolas, segundo um relatório do Ministério da Educação, que correm o risco de ruir. Por isso temos a obrigação de nos perguntar como esses putos ignorantes, inúteis, ganham 40 milhões de guaranis e um menino vai para a escola com o risco de o telhado desabar sobre ele. Não faz sentido, não faz sentido.

É justamente o que o deputado fez. Oportunista, demagogo, lhe importa um pepino [a questão dos troféus e crimes]. Canese, o engenheiro Canese, era presidente da junta [de Assunção], quando eu fui conselheiro. Na época de Stroessner, veio o presidente do Colegiado, Eduardo Victor Haedo a elogiar a Stroessner. E então este decidiu mudar o nome da rua Francisco Martínez, que capitulou em Humaitá, em 5 de agosto de 1868, e mudou o nome para Eduardo Victor Haedo no Centro Histórico da cidade.

²⁶¹Ibid.

²⁶²O resumo completo da história está no texto sobre o relatório, que também faz parte deste livro.

Então, quando eu assumi como conselheiro e presidente da junta da Comissão de Obras, propus aos meus companheiros, voltar o nome de Francisco Martínez ao lugar. Quando tivemos autorização unânime de toda a comissão, levamos à comissão da junta municipal e Canese retirou a indicação e quando eu pedi explicações, me disse: o embaixador uruguaio me ligou e me pediu para não trocar o nome da rua. E eu disse: o embaixador uruguaio te ligou? Tinha que tê-lo mandado à merda, não havia porque chamar-te. Esse mesmo Canese, que nos impediu de fazer um ato de justiça com um herói de guerra, agora você quer fazer uma audiência pública sobre o “genocídio”? Do ponto de vista legal, também é um procedimento errado. Você não pode pedir uma declaração de genocídio dizendo: queremos que genocídio seja genocídio. Não pode ser. Em primeiro lugar, que proponha um estudo, o que não cabe ao Parlasul, uma revisão dos fatos da guerra, e se resultar, com os dados, dadas as estatísticas, dadas as ações, declarar genocídio, bem, que se declare genocídio. Mas, primeiro que se estudem todos os dados, ninguém pode pedir qualquer coisa, sentenciando previamente o ato. É impossível. (RUBIANI, 2023, on-line)

Outro lado: versão Canese

Eu quis saber do ex-parlamentar Ricardo Canese sobre a história da rua. Primeiro, ele corretamente corrigiu minha pergunta quando confundi o tempo cronológico dos eventos, pensando que tinham se passado nos tempos em que o ditador Stroessner ainda estava no poder.

Feita a correção, ele deu o argumento de que o fato de não ter atendido aos pedidos da Comissão, na época, não foi para desmerecer o combatente paraguaio da Guerra Guasu, e sim porque não havia legalidade do ponto de vista jurídico:

Após o retorno à democracia (1989), o Município de Assunção nomeou uma rua do bairro residencial Santa María de Asunción com a do Coronel Francisco Martínez, restaurando assim uma homenagem que havia sido retirada durante a ditadura stronista em favor de Eduardo Víctor Haedo.

A rua de Assunção que antes se chamava Coronel Francisco Martínez e durante a ditadura stronista foi rebatizada de Eduardo Víctor Haedo (Montevideu, Uruguai, 1901-1970), homenageia uma personalidade não só democrática, mas progressista do Partido Nacional (Branco) do Uruguai, por defender o Paraguai em todos os debates da Guerra da Tríplice Aliança e também durante a Guerra do Chaco (1932-1935). Esta nomeação foi feita pela Câmara Municipal de Assunção, com a concordância do Congresso, na era Stronista, que lhe deu o nome daquela rua, como disse. O fato de ser uma personalidade discutível, como sempre, com luzes e sombras, embora de fato progressiva e ampla, pode ser facilmente lido até na Wikipedia (...) Como muitos políticos uruguaios do Partido Branco, ele tinha um apreço especial pelo Paraguai e por toda a causa paraguaia, independentemente das facções. Assim, foi defensor da causa paraguaia na Guerra da Tríplice Aliança (1864- 1870), bem como na Guerra do Chaco (1932-1935). Seu apoio à causa paraguaia levou o ditador Stroessner (anos 1960) a visitá-lo, ainda que suas ideias fossem sempre democráticas e ainda mais abertas à esquerda, como se pode ler acima, do que à ultradireita ditatorial que Stroessner representava.

Com Rubiani, fomos eleitos vereadores de Assunção muito mais tarde, em 1991, nas primeiras eleições democráticas no Paraguai pós-Stroessner.

Rubiani provavelmente está se referindo - o que NÃO está bem expresso em sua pergunta - a uma proposta que ele, como vereador, apresentou à Câmara Municipal de Assunção durante nosso período (1991- 1996) para restaurar o nome da rua, que até agora é Eduardo Víctor Haedo, de nome Coronel Francisco Martínez, em vez de optar por sua nomeação no bairro de Santa María, como foi finalmente decidido (restituindo tal homenagem ao Coronel Martínez).

A Câmara Municipal DEMOCRÁTICA da época (1991-1996) rejeitou integralmente o

pedido de Rubiani (sua moção teve 1 voto, o dele), não porque os demais membros da Câmara Municipal não simpatizassem com o Coronel Martínez, mas porque se tratava de uma proposta ilegal. Com efeito, a Lei Orgânica Municipal nº 1.294/1987, então vigente, estabeleceu em seu artigo 250 que “os municípios necessitarão de autorização legislativa (...) para (...) nomear personalidades estrangeiras...”. No caso de Eduardo Víctor Haedo (personalidade estrangeira), como em todos os casos de nomes de ruas de Assunção com personalidades estrangeiras, como a avenida Juscelino Kubitschek, existe uma Lei da Nação que permite que sejam designados desta forma e que só outra lei pode revogar tal indicação, e não uma mera portaria ou resolução da Câmara Municipal, como Rubiani alegou ilegalmente e não contou com o apoio de nenhum vereador. Na minha gestão como vereador sempre busquei medidas democráticas e favoráveis ao povo, mas dentro dos limites da lei; Se outra pessoa tiver outras ideias, para VIOLAR A LEI, eu não as compartilho. No mesmo período da Câmara Municipal de Assunção (1991-1996), o nome do Av. Francisco Franco Bahamonde, o ditador espanhol amigo íntimo do ditador Stroessner, foi alterado graças ao fato de que a revogação da respectiva lei foi alcançada no Congresso. Todos apoiamos esta mudança. De qualquer forma, Assunção homenageia o coronel Francisco Martínez com o nome de uma rua da residencial bairro Santa María de Assunção, que tem sido nossa homenagem, e também mantém o nome da rua Eduardo Víctor Haedo, político uruguaio, com seu jogo de luzes e sombras, mas que sempre defendeu a causa paraguaia, por isso também merece que uma rua de Assunção tenha o seu nome, embora haja quem se aborreça por haver personalidades de outros países que tenham defendido a causa paraguaia.²⁶³

Doratioto

Em uma das várias entrevistas que concedeu à mídia paraguaia, Rubiani criticou a metodologia de trabalho do historiador brasileiro, referência internacional sobre a Guerra Guasu, Francisco Doratioto²⁶⁴, dizendo que os resultados de suas pesquisas eram tendenciosos porque pesquisava somente em fontes oficiais brasileiras, especificamente naquelas do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty). Perguntei a Rubiani se ele se arrependia das declarações e aparentemente ele não mudou de opinião:

Isso está em seu livro, o *Maldita guerra*, e em seu currículo, onde diz: professor de História na Escola Diplomática do Itamaraty. Isso é ser funcionário do Itamaraty. (...) Não poderia ser objetivo em algo que pudesse danificar os interesses do Itamaraty e modificar tudo o que havia feito. E eu tenho que dizer, que não importa quem governe o Brasil, se um governo socialista, um governo militar ou um governo de centro-direita: a política internacional quem dita é o Itamaraty. E a dita em base de critérios imperiais. Te dou um exemplo: quando Lugo aqui havia prometido renegociar o tratado de Itaipu e assumiu, a campanha eleitoral permitia dizer qualquer coisa. E Lugo disse muito mais do que qualquer coisa. O rei das bobagens, o Lugo. Então, quando assumiu, as pessoas lembraram-lhe: Che, tu dissesse que iam renegociar o tratado. E depois ele forçou-se a dizer: vamos negociar.

E depois Lula mandou uma mensagem (...) e pediu para que um avião da Aeronáutica viesse. Isso, em termos diplomáticos ou transferidos para termos imperiais não é dizer-lhe “vou mandar a carruagem do imperador para que venha”. É dizer que “vou mandar a carruagem dos meus súditos”. Ou seja, ele não disse “vou mandar o avião presidencial do Brasil para ele vir”. Isso em primeiro lugar.

Em segundo, depois Lugo ficou doente, ele ficou doente. “Ai, Lugo, pobrezinho, vai

²⁶³ CANESE, Ricardo. Perguntas periodista brasileiro dourados. Entrevista concedida a Helton Costa por WhatsApp em 05/08/2023; 1 mensagem com documento em Word.

²⁶⁴ Tentei contato com o historiador pelo seu e-mail oficial junto ao Departamento de História da Universidade Federal de Brasília, mas não houve retorno.

morrer”. Então, ele vai para o [hospital] Sírío Libanês de São Paulo. Isso é o que te dizia antes: quando alguém é presidente da República, ele fica em seu país para morrer no que o país tem para curá-lo, ele não vai lá, e menos ainda se tem coisas para negociar com o Brasil. Você não vai se despir na frente dos brasileiros, de modo que sozinho e solitário no meio de uma sala asséptica, te dispam enquanto você é presidente do Paraguai. Não é possível. Isso é jogar fora toda a dignidade, a majestade da representação política de um país.

Então, o Lula não seria capaz de tamanha sutileza, de dizer-lhe que mandar o avião da Aeronáutica. Mas, aqui ninguém entende destas simbologias. Ninguém entendeu, ninguém disse a Lugo: você tem que rejeitar essa oferta como indigna. Ninguém lhe disse isso. O Lugo foi, saiu com o avião da Aeronáutica.

Argumentei que naqueles dias os governos mais ao sul do continente tinham uma espécie de união ou suposta união ideológica e que talvez isso tivesse motivado os atos descritos por ele, entre Lula e Lugo.

Escute bem: para Lugo, o mais exigente que pôde ler em matéria intelectual, dialética ou acadêmica foi a bíblia (...) Mas, jamais leu um livro de Marx ou de nenhum ideólogo de esquerda. Aqui temos pessoas da Frente do Guasu, que falam uma língua muito parecida com o castelhano, porque não a conhecem, e as pessoas os chamam de marxistas. Mas, como assim? Se isso é um marxista, eu sou Napoleão, não sei.²⁶⁵

Os restos mortais de López

Passamos a falar sobre a polêmica se os restos mortais que estão identificados como sendo de Solano López no Panteão dos Heróis, em Assunção, são de fato do ex-presidente. Correntes revisionistas argumentam que não são, já que os restos transladados para a capital na década de 30 foram retirados de um local completamente equivocado em Cerro Corá:

Tem um artigo meu que está no meu livro “História Secreta do Paraguai”: não são de López os restos que estão no Panteão dos Heróis. Não porque eu estou dizendo. Estão nos testemunhos de grandes personalidades paraguaias da época e inclusive de pessoas, ex-combatentes, que dizem que López não estava lá, que López estava não de onde eles o trouxeram. Entendeu?

E isso também foi escrito, na luta de gente lopista e anti-lopistia, porque o partido febrerista acabava de derrubar o liberalismo que sempre negou a importância de López. Eles não eram de esquerda, mas tinha um governo de coalizão onde tinha gente de direita, fascistas e até comunistas, e assim quiseram reivindicar a memória de López e foram procurar algo para trazer e dizer: aqui vem o López. Porque todo mundo sabia (...) Tem depoimentos demais, até do bispo do Paraguai.²⁶⁶

Comentei que conversei rapidamente com um admirador de López e que ele apenas tinha me dito que o importante era a memória, não se era ou não era o parente famoso. “Bem, isso diz um dos historiadores, Efraím Cardozo, que não seja López está bem, mas é um bom e bom símbolo e blábláblá... [Quem te falou] deve ter aprendido de memória²⁶⁷”, completou.

O futuro

²⁶⁵RUBIANI, Jorge. Entrevista concedida a Helton Costa, em 29/06/2023, via WhatsApp.

²⁶⁶Ibid.

²⁶⁷Ibid.

Perguntei como Rubiani imaginava o tratamento social da memória da guerra nas próximas décadas:

Nas próximas décadas já não estarei. Mas, não posso saber. No mais, o mundo é maior, muitas coisas já não terão importância, não porque deixarão de ser importantes, mas porque haverá outras coisas muito mais importantes e mais terríveis para a humanidade do que recordar o passado. É isso que vai acontecer, o que eu acredito que vai ocorrer. Escute bem: muitas coisas não vamos recordar, não porque deixaram de ter importância, senão porque ocorrerão outras coisas mais importantes que vão colocar em risco o próprio futuro da humanidade.²⁶⁸

Uma declaração forte, disse eu. No que ele respondeu:

Já temos uma prova. A União Europeia declarou recentemente, que em 2035 já não venderão combustíveis de origem do petróleo, de energia não renovável. As fábricas mais importantes da Europa não venderão mais veículos movidos a combustível de petróleo. Mas ainda assim, aqui no Paraguai todos os dias abre um novo posto de gasolina, um maior que o anterior, como se nada tivesse acontecido. Não somos um país petrolífero, importamos petróleo e continuamos pavimentando as ruas, mesmo tendo matéria-prima como cimento para fazer pavimentos rígidos, materiais cerâmicos para fazer pavimentos cerâmicos... Continuamos pavimentando com asfalto como se fôssemos da Opep (Organização dos Países Produtores de Petróleo). É terrível, é terrível. Então, significa que a trombeta, que soou o alarme e ninguém presta atenção nisso. Ninguém presta atenção.²⁶⁹

²⁶⁸RUBIANI, Jorge. Entrevista concedida a Helton Costa, em 29/06/2023, via WhatsApp.

²⁶⁹Ibid.

Percepções sobre a Marinha brasileira no conflito

Aldeir Isael Faxina Barros, ou simplesmente Aldeir Faxina, é um colega pesquisador que conheço há alguns anos. Agrônomo por formação, se interessa por questões históricas, “mais especificamente nos combates fluviais da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai”, como descreve em seu perfil acadêmico. E de tanto estudar e publicar artigos sobre a temática em congressos, voltou para os bancos universitários para se formar também em História, sendo, na época de escrita deste livro, aluno na Universidade Estadual de Maringá – UEM, no Paraná. Creio que se continuar pesquisando, terá um futuro brilhante na área que escolheu como segunda graduação.

Eu quis saber algumas questões sobre a Marinha Imperial na Guerra Guasu. Não hesitei e fui perguntar ao Aldeir, afinal ele tinha pelo menos uma dezena e meia de trabalhos publicados sobre a temática. As respostas você confere abaixo.

Helton Costa (HC): Qual era o contexto da Marinha Brasileira quando o conflito se iniciou? Estava bem estruturada, representava um poder beligerante forte?

Aldeir Faxina (AF): A Marinha Imperial contava com uma série de unidades de combate já no início do conflito. Importante mencionar a Expedição Pedro Ferreira, tratada por Teixeira (2012). Esse evento foi uma investida contra o Paraguai, ocorrida entre 1854 e 1855, com a finalidade de forçar a assinatura de tratados sobre limites e livre navegação. As peripécias dessa operação muito provavelmente haviam fornecido experiências à Armada sobre as dificuldades a serem superadas para se combater naquela região.

Ao eclodir da guerra com o Paraguai, a Marinha se encontrava empenhada na intervenção militar do Império no Uruguai, com as forças sob o comando de Joaquim Marquês Lisboa (futuro Marquês de Tamandaré) auxiliando o general uruguaio Venâncio Flores a ser alçado ao poder.

Para responder à questão a contento é necessário compreender as modificações tecnológicas em curso no campo bélico naval ao longo do século XIX. Durante esse século, a navegação passou da era vela à era do vapor, da propulsão por rodas de pás para a hélice. Além disso, a partir da Guerra da Criméia (1853-1856) um importante elemento foi inserido, o couraçamento- a aplicação de chapas de ferro sobre navios de madeira. Fato que invariavelmente reverberou no armamento, criando a necessidade do aumento dos calibres, a criação de novos propelentes e desenvolvimento de projéteis e sistemas de raiamentos dos canhões, em conjunto com modificações nas táticas de combate.

Logo no início do conflito com o Paraguai, a Marinha Imperial não possuía nenhuma embarcação encouraçada sendo empregada. Em Riachuelo (11 de junho de 1865) apenas navios de madeira foram utilizados. Todavia, devido às características geográficas onde a esquadra deveria

operar, subindo o rio de maneira a proporcionar auxílio logístico e apoio de fogo às forças terrestres, combatendo neste percurso diversas fortificações, os navios encouraçados se tornaram elementos essenciais.

No princípio da guerra, a Marinha Imperial já possuía um poderio muito superior, com relação às embarcações e aos armamentos, quando comparada com a Esquadra Paraguaia. Entretanto, cabe ressaltar que o emprego dos meios fluviais disponíveis e as especificidades dos combates poderiam, dependendo do ambiente, tornar esse poderio relativo. A Armada Paraguaia estava formada, com a exceção de uma embarcação (o *Tacuari*), por navios mercantes que foram armados.

Por um breve momento, a Armada Imperial foi sendo acrescida por várias unidades de combate, incluindo muitos encouraçados, construídos no Rio de Janeiro ou mesmo comprados de estaleiros europeus, chegando ao final do ano de 1868 com uma força de dezesseis navios encouraçados em operação. Nove destas belonaves eram monitores encouraçados - embarcações mais apropriadas ao ambiente de combate fluvial.

HC: Sobre a Batalha do Riachuelo, em algum momento os paraguaios tiveram chance de vencê-la? A Batalha é mesmo digna das honras que lhe são outorgadas pela Marinha Nacional brasileira? Por quê?

AF: Riachuelo foi uma batalha com várias especificidades, travada desde o início da manhã até ao final da tarde, em um trecho do Rio Paraná, próximo da cidade de Corrientes. Devido às características geográficas e do próprio combate, os navios tinham que constantemente realizar manobras para evitar as posições sob fogo inimigo, as várias ilhas, bancos de areia e canais impróprios à navegação. Desse modo, a Batalha do Riachuelo pode ser descrita como uma série de combates, em posições e momentos distintos, em que as belonaves subiam e desciam o rio constantemente.

O ataque foi levado a cabo pelas forças paraguaias em uma região previamente escolhida e preparada para o combate (uma bateria de artilharia fora montada na barranca de Santa Catalina pelos paraguaios, junto à infantaria ali presente). No decorrer do dia, a situação da Marinha Imperial se tornou complexa, visto o encalhe da corveta *Jequitinhonha* sob a bateria paraguaia logo no início do combate. Adiante, a corveta *Belmonte* teve que encalhar propositalmente para não soçobrar, visto os rombos recebidos no costado abaixo da linha de flutuação. Ademais, houve a abordagem da corveta *Parnaíba* por três naves paraguaias. Diante dessas situações, a fragata *Amazonas*, devido à sua sólida construção (visto ser uma belonave) e ao seu maior deslocamento, abalroou propositalmente diversos navios paraguaios, destruindo-os ou os pondo fora de ação, definindo a

batalha em um momento do combate que reinava a indecisão.

Com relação à segunda parte da questão, creio que, ao invés de emitir um julgamento, é necessário compreender o processo histórico que levou e elevou Riachuelo à Data Magna da Marinha. Neste sentido, o trabalho do Historiador José Miguel Arias Neto, publicado na *Revista Navigator* (n. 21, de 2015), proporciona um rico debate historiográfico sobre a Batalha do Riachuelo na História e na Memória, além de trabalhar diversos elementos que influíram para o reconhecimento e apropriação desta batalha pela Armada. Motivos pelos quais recomendo a leitura deste trabalho.

HC: Os paraguaios utilizam muito os combates em torno de Itapiru como forma de engrandecer a honra de seus soldados e marinheiros, dizendo que os brasileiros estavam muito mais equipados e que eles, com condições bem piores, impuseram algumas situações complicadas à Marinha Imperial. Isso é verdade ou é mais propaganda do que o que realmente aconteceu?

AF: Antes de responder à pergunta, creio ser necessário realizar duas pontuações: os soldados e marinheiros paraguaios combateram com denodo e tenacidade. Sem dúvidas, esse é um dos fatores responsáveis pelo longo período da contenda. O segundo ponto reside nos usos do passado: independentemente do espectro político, o tema da Guerra Guasu (Guerra Grande) foi, e é, frequentemente mobilizado e apropriado para finalidades do presente.

Adentrando a questão, os combates em torno do forte de Itapiru ocorreram em um momento posterior à Batalha Naval do Riachuelo e anteriormente à invasão do território paraguaio. Ao redor deste pequeno forte, situado próximo da foz do Rio Paraguai, uma série de combates singulares foram travados entre a Esquadra Imperial Brasileira, neste momento já acrescida com navios encouraçados, e as Chatas Paraguaias.

As Chatas eram embarcações construídas em madeira, de fundo raso, sem meios de propulsão e que portavam um canhão de grosso calibre (Thompson, 1968; Hoonholtz). Possuíam uma diminuta borda livre e praticamente somente o cano da peça de artilharia passava da linha do convés. Essas embarcações foram empregadas em outros locais, como no combate do Riachuelo, sendo inclusive representadas na famosa pintura homônima de Victor Meirelles de Lima. Nas proximidades de Itapiru o emprego constante dessas embarcações contra a Armada Imperial gerou diversas narrativas, que em uma analogia bíblica, representava um combate entre Davi e Golias.

Neste sentido, o periódico francês *Le Monde Illustré* (2 jun. 1866) apresenta uma estampa em que duas chatas paraguaias aparecem em combate nas cercanias de Itapiru com a frota brasileira. A Esquadra Imperial foi representada por embarcações de grande porte, diferentemente dos navios fluviais ali em operação. Em outra publicação francesa, *Revue Maritime et Coloniale* (set. 1866), um

esboço de uma chata foi inserido com um texto explicativo. Em conjunto com tais narrativas iconográficas, os elementos textuais que as acompanhavam nomearam as chatas como “monitores de madeira”, em alusão ao então moderno tipo de navio encouraçado em uso. Observa-se já nesse período as intencionalidades presentes nas representações e citações das chatas ao redor de Itapiru.

Os combates em Itapiru realmente provocaram danos e perdas à Marinha Imperial. Diversos navios encouraçados foram danificados pelas Chatas, visto que, devido ao diminuto alvo, os encouraçados tinham que se aproximar muito dessas embarcações para destruí-las, recebendo neste percurso impactos diretos que, apesar de não afundarem os navios, causavam diversos estragos.

Dentre as perdas humanas da Armada nesses combates, o episódio do “desastre do encouraçado *Tamandaré*” pode ser citado. Após um projétil, ou mesmo um estilhaço de projétil, adentrar a casamata desse navio, 34 homens foram postos fora de combate, incluindo o capitão, Antônio Carlos de Mariz e Barros – filho de Joaquim José Ignácio (futuro comandante da Armada em operações no Paraguai)-, que posteriormente morreu após sofrer um processo de amputação devido às lesões recebidas no episódio.

Em realidade, esses combates ocorreram em um momento em que se preparava a invasão do território paraguaio, onde os Aliados estavam avaliando por qual caminho seguir. Neste interregno, as embarcações realizavam diversos reconhecimento, além de bombardearem Itapiru, que fora reduzido a um monte de escombros, como pode ser observado em fotografias disponíveis no site da Biblioteca Nacional - RJ. Os reconhecimento posteriormente resultaram na operação bem-sucedida de desembarque em Passo da Pátria.

Como em outros momentos, a artilharia paraguaia produziu diversos danos no material flutuante aliado e baixas no pessoal, mas era impotente de maneira a danificar seriamente ou mesmo destruir os navios encouraçados. Voltando à alusão bíblica, apesar da tenacidade dos combatentes paraguaios, nesses embates em torno de Itapiru, Golias derrotou Davi, devido, já neste momento, a imensa assimetria bélica no campo fluvial.

HC: Autores militares do Exército, de certa forma, culpam a Marinha pelo fracasso em Curupaiti. As acusações procedem ou são exageradas?

AF: Curupaiti representa a maior derrota dos Aliados no conflito. Esse revés provocou o acirramento das tensões já existentes entre os oficiais Aliados, a tal ponto que o Império substituiu o comando geral da Armada e do Exército. Uma derrota acachapante deste nível não possui uma causa única, mas é resultante de um somatório de fatores. Ao que cabe às forças fluviais empregadas, Tamandaré havia prometido “descangalhar” a fortificação paraguaia com a artilharia da esquadra. O que de fato não conseguiu, e não conseguiria com os meios que dispunha.

Dentre os elementos que contribuíram para a ineficácia do canhoneio da marinha contra Curupaití, podem ser citados: a diferença altimétrica entre o nível do rio e o nível do terreno, que fazia com que os disparos dos navios fossem efetuados em ângulo, com os projéteis caindo muito além dos alvos; as condições do solo onde estava montada Curupaití, formado por material argiloso e tremendamente encharcado por intensas chuvas, que absorvia o choque dos projéteis, mesmo os disparados por morteiros, interferindo no resultado da detonação ou até mesmo impedindo a explosão; e também o tipo de construções defensivas, formadas por um longo sistema de trincheiras, abatases e outros elementos de fácil construção e manutenção - os pontos danificados em um bombardeio prévio poderiam ser facilmente reparados.

As características do Rio Paraguai na região de Curupaití obrigavam uma disposição dos navios que em muitos casos dificultava o bombardeio. Três encouraçados passaram algumas barreiras fluviais e canhonearam de frente e em curta distância a bateria fluvial disposta em Curupaití. Apesar de conseguirem danificar alguns canhões da bateria, isso custou diversos danos nos navios e baixas entre as suas guarnições.

Doratioto (2002) realiza uma interessante síntese sobre Curupaití, empregando autores que foram testemunhas oculares do evento, como o oficial de marinha Arthur Silveira da Mota, por exemplo. Uma derrota do porte de Curupaití necessita de uma abordagem ao tamanho de sua complexidade, culpabilizar unicamente a ação da Marinha pela derrota é inexato. Isso pode demonstrar determinadas intencionalidades dos autores destes discursos, ao eximir determinadas personalidades, instituições ou mesmo governos sobre o fracasso.

No período de escrita deste texto, foi publicizada a recente tese defendida pela historiadora Jéssica de Freitas e Gonzaga da Silva sobre a atuação da Marinha Imperial na guerra contra o Paraguai sob o comando de Tamandaré. Da leitura da análise promovida por essa historiadora sobre o evento e os seus desdobramentos, é patente que a tese da culpabilidade única da Armada pela derrota em Curupaití não possui respaldo historiográfico.

HC: Na bibliografia sobre a guerra, fica claro que existia um conflito entre o comando geral dos Aliados e a Marinha Imperial, principalmente durante a Campanha de Humaitá. Por que se davam esses conflitos de ordens? Havia razão nas reclamações do comando Aliado de que a Marinha não o obedecia? E havia razão da Marinha brasileira, em alguns momentos, demorar a cumprir com as ordens demandadas?

AF: O conflito existente entre Bartolomé Mitre e os dirigentes da Armada Imperial Brasileira ocorreu quando este oficial ocupava o cargo de general em Chefe das forças aliadas. No entanto, apesar da função, Mitre não detinha poder direto sobre a Marinha Imperial. A Armada,

historicamente foi um fator de equilíbrio, ou desequilíbrio, dependendo do ponto de vista, na região do Prata. Desta maneira, as forças imperiais duvidavam das aspirações argentinas quanto às intenções referentes à esquadra. Acreditavam que por meio da guerra contra o Paraguai, a Armada sairia enfraquecida devido aos combates a serem travados.

Os conflitos se acirraram durante a Campanha de Humaitá (1866-1868), envolvendo atritos entre Mitre e Tamandaré, e quando este oficial foi substituído, entre Mitre e Joaquim José Ignácio (futuro Visconde de Inhaúma). Fragoso (1934) realiza uma síntese de maneira cronológica desses atritos, inserindo excertos de uma Memória (um documento) apresentada por Mitre defendendo seus direitos sobre a Armada e a necessidade do forçamento imediato do passo de Humaitá.

A posição que Mitre se encontrava era complexa, no sentido que seus planos de ação envolvendo os meios fluviais careciam de aprovação da Armada para serem realizados. Os conflitos criavam tensões que impactavam nas operações bélicas. Todavia, em determinados momentos as reticências da Marinha se justificam, como no caso de evitar o forçamento de Humaitá enquanto não houvesse uma base de apoio aos navios expedicionários montada pelo Exército acima dessa fortaleza.

No entanto, o comando da Armada sob a gestão de Inhaúma recebeu inúmeras críticas com relação à morosidade das operações em torno de Humaitá. Ao ponto em que Doratioto (2002), sobre a Passagem de Humaitá, menciona que esse oficial já não dispunha de nenhuma desculpa para não ordenar o forçamento. Esse autor descreveu com detalhes esses atritos, demonstrando as impressões dos militares brasileiros sobre os argentinos. Ainda para Doratioto, a tese da intencionalidade por parte das forças argentinas em propositalmente diminuir o poderio da Armada Imperial com a Passagem de Humaitá não se sustenta.

HC: Que efeito teve o bombardeio da Marinha Imperial a Assunção?

AF: Assunção fora bombardeada em duas ocasiões distintas. Em fevereiro de 1868, logo após a Passagem de Humaitá, e em novembro de 1868, durante uma operação diversionária e de reconhecimento no âmbito das operações em torno do forte de Angostura (Frota; Lima, 2008).

A respeito ao primeiro bombardeio, o que muito provavelmente diz respeito ao questionamento, logo após a Passagem de Humaitá, enquanto três navios ficaram em fabrico em Tagí, outros três encouraçados foram enviados pelo Marquês de Caxias (Luís Alves de Lima e Silva) a Assunção, com a finalidade de reconhecer o ponto e de praticar uma demonstração de força. Essa incursão, segundo a versão contida nas Partes Oficiais e memorialísticas dos partícipes, tinha por objetivo demonstrar à população paraguaia que a fortaleza de Humaitá, o principal bastião defensivo, havia sido superada.

Das fontes e dos documentos disponíveis sobre esse evento, as Partes Oficiais redigidas pelos militares brasileiros (ver: Costa (1870)) envolvidos na operação podem ser confrontadas com os testemunhos oculares do evento, descritos pelo cônsul italiano Lorenzo Chapperon (Fano, 2021) e pelo farmacêutico George Frederick Masterman (Masterman, 1870). Outro documento de interesse são as memórias e registros de Arthur Silveira da Motta (futuro Barão de Jaceguay), que comandava um dos encouraçados envolvidos neste evento (Motta, 1984; 1985).

Do cotejo destes documentos pode ser observado que o bombardeio efetuado contra a cidade de Assunção, que naquele momento já havia sido evacuada como todas as outras diversas localidades ao longo do curso do Rio Paraguai, não possuiu vantagens estratégicas, tendo por enfoque o moral paraguaio.

Resultante desta manobra, os estoques de carvão dos navios se achavam muito reduzidos. Combustível que, com muito custo, poderia ser suprido em Tagí, oriundo de Passo da Pátria via terrestre (uma distância, segundo citado em Doratioto (2002), de aproximadamente 70 quilômetros). Os suprimentos da divisão eram levados por extensas comitivas formadas por carros de boi, escoltadas por tropas, que mesmo assim, por diversas vezes, eram atacadas pelas forças de Francisco Solano López.

Conforme relatado por Silveira da Motta, a esquadrilha imperial que havia ultrapassado Humaitá poderia ter sido melhor empregada se disposta entre essa fortaleza e o forte de Timbó. Essa disposição teria a finalidade de, no mínimo, dificultar a retirada das forças militares, equipamentos e armamentos de Humaitá para a região do Chaco. Processo que era auxiliado pelos vapores paraguaios *Tacuarí* e *Igureí*, que só foram destruídos quase no final do mês de março de 1868, quando os encouraçados passaram a operar naquela zona (Frota; Lima, 2008).

Dessa maneira, o efeito do bombardeio a Assunção ficou praticamente no plano moral, visto que, logo após a Passagem de Humaitá, López havia ordenado a retirada dos civis e das estruturas de governo de Assunção para Luque, além do abandono e da destruição das localidades e instalações ao longo do Rio Paraguai.

HC: Ao final da guerra, qual a situação da Marinha brasileira? O que ficou de aprendizado da Guerra do Paraguai que foi aplicado na força no pós-guerra?

AF: Como mencionado na primeira questão, o conflito com o Paraguai se insere em um período de profundas e constantes modificações tecnológicas no campo da guerra naval. Deste modo, ao findar do conflito a esquadra estava composta por navios praticamente defasados. Como exemplo, pode ser citado o caso da fragata encouraçada *Sete de Setembro*, com seu batimento de quilha ocorrido em 1868, sua construção fora interrompida neste mesmo ano por não ser mais uma

prioridade no momento, sendo lançada apenas em 1874, quando já era uma embarcação obsoleta. Ademais, a esquadra em operações no Paraguai era formada por navios para o combate fluvial, quando muito, como no caso de algumas unidades, algumas embarcações poderiam ser empregadas para a ação costeira.

Dentre as lições que podem ser observadas ao final do conflito, a necessidade da manutenção de uma marinha formada por unidades tecnologicamente modernas pode ser colocada em destaque. E essa foi a maior dificuldade após o conflito, devido a uma série de motivos, que envolvem principalmente os extensos gastos despendidos durante a guerra e a política. Nesse sentido, os trabalhos de Martini (2014) e Martins Filho (2010) fornecem importantes elementos sobre a construção e a aquisição de meios navais no pré-guerra e pós-guerra contra o Paraguai, destacando, além dos aspectos tecnológicos, os aspectos políticos envolvidos na construção e na aquisição naval.

Um ponto interessante sobre o aprendizado gerado sobre o conflito para a Armada é que alguns ensinamentos foram aplicados ainda em meio à contenda, como disposto no artigo de Silva (2018). O autor, trabalhando com fontes primárias, analisa diversos relatórios remetidos por militares da Marinha que estavam no *front* sobre questionamentos diversos que envolviam as vantagens e as desvantagens dos tipos de navios encouraçados (monitores e casamatados) ali empregados. A finalidade destes relatórios consistia em “converter a experiência do combate acumulada em requisitos básicos do projeto de navios que seriam empregados justamente naquele tipo de guerra experimentada pelo heterogêneo grupo de couraçados” (Silva, 2018). As melhorias inseridas nos seis monitores encouraçados da classe Pará, lançados a partir de 1867, decorrem ao menos em parte do aprendizado observado nestes relatórios.

Referências que o Aldeir usou para responder:

ARIAS NETO, José Miguel. Uma batalha naval concentra por si só um século de glórias: Riachuelo na história e na memória. *Revista Navigator*: subsídios para a história marítima brasileira. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha - DPHDM. n. 21. v. 11, 2015.

CHATA Paraguayenne. *Revue Maritime et Coloniale*. Ministère de la Marine et des Colonies. Tome Dix-Huitième, Paris, set. 1866, p. 480. In: Gallica (Biblioteca Nacional da França). Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k34728v/f502.item.r=chata%20paraguayenne>. Acesso em: 25 ago. 2023.

COMBAT entre une chata paraguayenne et la flotte du Brésil. *Le Monde Illustré*. 10º ano. n. 477, 2 jun. 1866., p. 341. In: Gallica (Biblioteca Nacional da França). Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6222719c/f5.item.r=chata%20paraguayenne>. Acesso em: 26 ago. 2023.

COSTA, Francisco Felix Pereira da. *História da Guerra do Brasil Contra as Repúblicas da Uruguay e Paraguay*. v. III. Rio de Janeiro: Livraria de A. G. Guimarães e Cia., 1870.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FANO, Marco. *El cónsul, la guerra y la muerte*. Tapiti books LTD, 2021.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. v. III. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934.

FROTA, Guilherme de Andrea; LIMA, Marcos Vinícius Ribeiro de. *Diário Pessoal do Almirante Visconde de Inhaúma durante a Guerra da Tríplice Aliança (dezembro de 1866 a janeiro de 1869)*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2008.

HOONHOLTZ, Antonio Luiz Von. *Memórias do Almirante Barão de Teffé: a Batalha Naval do Riachuelo*. Rio de Janeiro: Editora Livraria Garnier Irmãos, [s/d].

MARTINI, Fernando Ribas de. *Construir Navios é Preciso, Persistir não é Preciso: a construção naval militar no Brasil entre 1850 e 1910, na esteira da Revolução Industrial*. (Dissertação de Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo - USP. São Paulo - SP, 2014.

MARTINS FILHO, João Roberto. *A Marinha Brasileira na era dos encouraçados, 1885-1910: tecnologia, Forças Armadas e política*. FGV Editora, 2010.

MASTERMAN, Jorge Federico. *Siete años de aventuras en el Paraguay*. Traducido al español por David Lewis. Buenos Aires, 1870.

MOTTA, Arthur Silveira da. (Barão de Jaceguay). *De Aspirante a Almirante— Minha fé de Ofício Documentada*. v. II. 2 ed. Rio de Janeiro: SDGM, 1985.

MOTTA, Arthur Silveira da. (Barão de Jaceguay). *De Aspirante a Almirante: Minha fé de Ofício Documentada*. Tomo I, 2 ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1984.

SILVA, Carlos André Lopes da. *Aspectos do desenvolvimento dos monitores na Guerra da Tríplice Aliança: um diálogo entre a História Naval e a História da Tecnologia*. *Revista Navigator: subsídios para a história marítima brasileira*. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM. n. 27. v. 14, 2018.

SILVA, Jéssica de Freitas e Gonzaga da. *“Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele”*: a atuação da Marinha Imperial na Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai sob o comando do Vice-almirante Tamandaré. (Tese de Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – FGV/CPDOC, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/34151>. Acesso em: 31 ago. 2023.

TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. *A Primeira Guerra do Paraguai: a expedição naval do império do Brasil a Assunção [1854-5]*. (Dissertação de Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo – UPF. 2012. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/150>. Acesso em: 27 ago. 2023.

THOMPSON, George. *A Guerra do Paraguai, com um esboço histórico do país e do povo paraguaio, e notas sobre a engenharia militar durante a guerra*. Tradução: Homero de Castro Jobim. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1968.

Sobre a Infantaria brasileira em combate no Paraguai

O major Elonir José Savian é um historiador militar daqueles apegados aos estudos e com muita produção bibliográfica de relevância. Eu conhecia seus escritos, artigos e livros das minhas leituras sobre temáticas da Força Expedicionária Brasileira – FEB (que lutou na Segunda Guerra Mundial) e também publicações sobre a Guerra Guasu. Entretanto, nunca tinha tido contato com o oficial do Exército Brasileiro.

Quando contei a um conhecido comum nosso, o major de Infantaria, Wellington Corlet dos Santos, que eu estava escrevendo um livro sobre a Guerra, o nome de Elonir apareceu na hora. Wellington intermediou o contato e Elonir foi solícito e prestativo. As suas respostas você confere abaixo. O currículo dele está no final da entrevista.

Helton Costa (HC): As táticas de Infantaria na Guerra do Paraguai eram bem diferentes das que hoje vemos nos exércitos e das que vimos em outras guerras em que o Brasil participou. Você poderia contar um pouco sobre como eram organizados e dispostos os exércitos brasileiros no campo de batalha paraguaio?

Elonir José Savian (EJS): Quanto à organização, o Exército Brasileiro foi dividido em corpos de exércitos, que por sua vez eram constituídos por divisões de infantaria e de cavalaria (formadas por brigadas, e estas por batalhões, regimentos, corpos de voluntários, etc.). Também havia unidades de artilharia, um batalhão de engenheiros, além de diversos órgãos auxiliares, a exemplo do Corpo de Engenheiros, Estado-Maior de Artilharia, Estado-Maior de 1ª e 2ª Classe, Corpo de Saúde, Repartição Eclesiástica e Esquadrão de Transportes.

No que toca à disposição, as tropas geralmente marchavam em formação profunda (em coluna) para o campo de batalha. A cavalaria seguia na frente, na retaguarda e nos flancos, protegendo a infantaria e a artilharia que se deslocavam no centro. No local do embate, a infantaria era posicionada em ordem linear, no centro do dispositivo; a cavalaria, nos flancos; e a artilharia, na frente da primeira linha da infantaria ou em outros locais de onde pudesse apoiar a manobra geral. Em caso de se optar pela defensiva, o dispositivo linear também era adotado pela infantaria, pois possibilitava a defesa de frentes extensas (se fosse o caso e houvesse tempo, a tropa poderia realizar trabalho de fortificação, para melhor de defender).

HC: Vemos muito em filmes de combates da época do século XIX, as famosas formações de quadrados e linhas. Na Guerra do Paraguai, a bibliografia fala que elas também foram utilizadas. Como funcionava esse tipo de organização de homens em quadrados?

EJS: Ambas foram utilizadas, para diferentes fins, o que dependia dos objetivos dos comandantes e de fatores circunstanciais.

As tropas de infantaria atacavam em linha para conquistar uma posição. Normalmente partiam para o assalto a passo de marcha, para evitar desalinhamentos. Enquanto avançavam, disparavam salvas, a comando, visando atingir com volumes densos de fogos as formações inimigas, quer estas estivessem em campo aberto ou sob a proteção de fortificações. Não havia grande preocupação em se fazer a pontaria, devido à imprecisão do armamento. Nas proximidades do objetivo, os infantes disparavam a última salva, para depois abordarem o inimigo à baioneta, o que se podia dar em marcha acelerada. Seguia-se o combate corpo a corpo. Ademais, faz-se importante ressaltar que, durante o ataque, os soldados eram obrigados a manter a coesão das fileiras, mesmo sendo alvos de intensos fogos, o que só era conseguido por tropas rigorosamente disciplinadas e treinadas. O aproveitamento do terreno para abrigar-se não era permitido, pois levaria à desorganização da formação. Os combatentes deveriam permanecer sempre em pé (exceto parte deles, nas salvas), pois somente nessa posição poderiam com presteza municiar a arma para o disparo.

Os infantes faziam uso do quadrado se atacados por tropas de cavalaria, pois tal formação possibilitava a defesa em todas as direções, e se constituía em um aglomerado de soldados que os cavalarianos tinham dificuldade de penetrar e conseqüentemente desarticular. Normalmente os cavalos paravam ao se defrontar com as baionetas em riste caladas nos fuzis manejados pelos defensores, os quais também, dentro das possibilidades, disparavam contra os inimigos. Todavia, a formação em quadrado era muito vulnerável a disparos de artilharia, que causavam muitos danos em tropas que adotavam formações cerradas.

HC: Como você avalia a participação da Infantaria brasileira na Guerra do Paraguai? Qual a principal ou as principais batalhas em que você destacaria a atuação da infantaria?

EJS: A participação da Infantaria brasileira foi decisiva e fundamental para o resultado da guerra, pois os comandantes e soldados que dela faziam parte tiveram desempenho louvável nas batalhas mais importantes. Dentre essas, cabe-se destacar as de Tuiuti, de Itororó, do Avaí, entre tantas outras. Mesmo nos confrontos em que os aliados não foram bem-sucedidos, como o de Curupaiti, não faltou bravura aos infantes.

Para exemplificar, transcrevo relato de Dionísio Cerqueira, que integrava o 16º Batalhão de Infantaria, sobre ação ocorrida na Batalha Ita-Ivaté, em 21 de dezembro de 1868:

O “Dezesseis” ia garboso por lhe ter cabido a honra de iniciar o assalto. Logo adiante,

passamos pelo Marquês [de Caxias], olhou-nos sorrindo e exclamou: Não... Ali está López. Havemos de agarrá-lo, disseram os soldados. Quem prendê-lo, terá um conto de réis, gritou um oficial de seu estado-maior. Brasileiro não briga por dinheiro, morre por gosto pela Pátria; e ouviu-se das mesmas vozes meio roucas: - Viva o Marquês de Caxias. Logo após estendemos linhas de atiradores. A linha era extensa. Descemos a colina, chegamos ao vale, e subimos a encosta oposta, a “marche-marche”, de armas suspensas e dando vivas. O entusiasmo era indescritível. O inimigo esperava-nos nas suas trincheiras. Acendeu-se a crista dos parapeitos. A metralha chocalhando varria-nos impiedosa. A fuzilada chovendo a barrisco sobre os bravos do “Dezesseis” ia dizimando rapidamente suas fileiras. Avançavam sempre. Foi-me preciso pôr o cavalo a galope para não ficar atrás. Tinham pressa de chegar e não pensavam em abdicar a honra de servir de alvo. Um corneta, o Domingos, caiu ferido e erguendo-se a meio ainda deu o toque de avançar; foi o último. Quando alcançamos a contraescarpa do fosso, já éramos poucos. O terreno estava juncado de soldados do “Dezesseis”, mas os artilheiros que chegavam às peças iam caindo: os nossos atiradores não lhes davam trégua. Somente separavam os combatentes, o parapeito e o fosso, donde nos fuzilavam à queima roupa muitos paraguaios, que foram mortos à baioneta, em grande parte. [...]. Ainda não havia apeado. O meu tordilho dançava de um ponto para outro. Não sabia onde se achavam o comandante e o major. É que já estavam fora de combate. De repente, senti à esquerda um grande clarão na cabeça, um golpe pesado, que pareceu a pancada de um martelo e me produziu no cérebro uma zuniada, que bem se podia comparar ao tinido de um malho contundindo bigorna de aço. Tonteei e agarrei-me ao arção da sela com as duas mãos. O cavalo empinou-se. Cai sem sentidos. Tudo isso passou rápido [...]. Depois... não posso dizer quanto tempo durou essa vertigem; tornei a mim e sentei-me no chão. [...]. Avistei perto o Castelo Branco, que animava os seus soldados. Acheguei-me dele. O “Dezesseis” pelejava em grupos, desordenado. Apertou-me a mão e com carinho fraternal disse-me: - É inútil continuardes; não podes mais prestar serviços; vai-te curar no hospital de sangue. [...]. Cheguei ao hospital de sangue, pobre rancho paraguaio, coberto de palha, junto de um laranjal. Estava cheio, atopejado de feridos. Sentei-me fora, sobre uma pedra. [...]. Chegaram dois soldados [...]. Pedi-lhes notícias do Castelo Branco. - Seu capitão morreu... - Como? Vocês viram? - Sim, seu Ajudante, ele ficou despedaçado por um “cacho de uvas” [granada de artilharia]; morreu sem dar um ai...²⁷⁰

HC: Qual era o perfil do infante brasileiro médio na Guerra do Paraguai? Ele tinha um treinamento adequado? Como era esse treinamento?

EJS: Os infantes, em sua grande maioria, eram gente humilde, pobre e analfabeta, procedente de todas as partes do país, por vezes incorporada aos corpos de tropa de maneira arbitrária. Antônio de Sampaio, patrono da Infantaria, por exemplo, nasceu em Tamboril, no Ceará. De família modesta, incorporou como praça e, por seus méritos, chegou a brigadeiro. Morreu em 1866, em decorrência de ferimentos sofridos na 1ª Batalha de Tuiuti.

Em 1864, havia 13 batalhões de infantaria de linha (móveis e permanentes); com o início do conflito foram criados mais nove. A esses, durante o desenrolar da guerra, vieram a se juntar muitos outros provisórios, ditos “batalhões de voluntários da pátria”.

Por ocasião do início da luta contra os paraguaios, o adestramento dos citados 13 batalhões de linha era bom, pois eles haviam acabado de participar de lutas no Uruguai. Nessa campanha, receberam treinamento e adquiriram experiência em combate. Os outros batalhões saíam do Brasil

²⁷⁰ CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai: 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980, pp. 282-284.

com pouca ou nenhuma instrução. Eram aprestados para o combate, portanto, em áreas próximas da linha de frente.

Para o então Marquês Caxias, a instrução deveria se pautar pela conformidade com as armas em uso, presteza nos movimentos individuais e coletivos, e perfeito conhecimento da tática elementar, pequena tática ou sistema de manobras. Considerava que o adestramento das tropas não deveria ficar estacionário, mas sim evoluir para acompanhar os aperfeiçoamentos que nos armamentos aconteciam.

Evidentemente que entre o que se preconizava e o que realmente acontecia havia enormes discrepâncias, devido à escassez de recursos do país. Assim, em tempo de paz, faltavam armamentos, munições, fardamentos e muitos outros meios necessários para se bem treinar uma tropa. Ademais, soldados do Exército realizavam atividades policiais, o que trazia inconvenientes à disciplina.

De todo modo, exigia-se que o infante, com presteza e disciplina, executasse adequadamente os movimentos básicos para bem usar o seu armamento (disparar e combater à baioneta); além de, com desenvoltura, entrar e bem se portar nas formações de combate (em linha, coluna e quadrado). Acima de tudo buscava-se instilar a coragem no soldados, algo sempre essencial nas batalhas, o que, dependendo do caso, se podia fazer com medidas mais ou menos rigorosas.

HC: O que podemos dizer da infantaria Paraguaia? Eles eram assim tão aguerridos quanto aparecem nas bibliografias deles e em algumas nossas?

EJS: De modo geral, os infantes paraguaios mostraram-se aguerridos, principalmente nos combates que ocorreram em solo de sua pátria, que por anos defenderam com muito denodo. Cabe-se destacar, no entanto, que eles, assim como os brasileiros, estavam submetidos a um sistema disciplinar que punia rigorosamente os que não se portassem a contento nos campos de batalha. López, por exemplo, mandou fuzilar o general Wenceslao Robles, que teria se insubordinado.

Fora de seu país, entretanto, o desempenho dos combatentes paraguaios deixou a desejar. Como exemplos, na Batalha de Jataí, travada em Paso de los Libres, em 17 de agosto de 1865, debandaram quase sem oferecer resistência; em Uruguaiana, em 18 de setembro de 1865, renderam-se sem lutar. A razão desses procedimentos, comuns na história das guerras, está relacionada normalmente à falta de liderança, desânimo, fadiga, incertezas ante situações inesperadas, desesperança na vitória, além de diversos outros fatores que influem no moral de uma tropa.

HC: Das técnicas e táticas aprendidas na Guerra do Paraguai, o que ficou ou ainda permaneceu na organização do Exército Brasileiro do pós-guerra?

EJS: Durante a guerra, a Infantaria brasileira, pelo menos na teoria, em relação às técnicas e

às táticas, adotava o “Regulamento Zagalo”, elaborado pelo oficial português Bernardo Antônio Zagalo, que compreendia dois livros: “Systema de Instrucção para a Infantaria, oferecido aos novos officiaes do Exercito” e “Systema de Instrucção para a Infantaria Ligeira, oferecido aos novos officiaes do Exercito”.

Tal regulamento, idealizado na década de 1820, já estava ultrapassado, devido, principalmente, à modernização do armamento, no caso, a substituição dos fuzis de pederneira pelos Minié. Um pouco antes da guerra, Caxias pensou em substituí-lo pelas “Ordenanças de Tática Elementar”, adotadas pelo Exército português, o que acabou não acontecendo. De sorte que durante os combates no Paraguai, terminou-se por adaptar o que preconizava Zagallo com o que efetivamente se vivenciava nos campos de batalha.

Com o término da guerra, visando à contenção de gastos, o Exército voltou a ter a estrutura e a rotina que tinha antes dela. Boa parte dos ensinamentos colhidos no conflito foi esquecida. Mesmo na Escola Militar, que formava oficiais, pouca atenção se deu ao assunto. Não obstante, houve tentativa do governo em colher os aprendizados dos generais, aos quais foi solicitado que enviassem respostas a determinadas questões, como, por exemplo, se “As instruções que regulam manobras e evoluções militares das três Armas devem ser alteradas?”. Alguns dos dados colhidos serviram para que fossem realizadas algumas reformas. Não obstante, o “Regulamento Zagalo” permaneceu em uso até 1892, quando foi substituído pelo manual “Instruções para a infantaria do Exército Brasileiro, tomando-se por base a instrução portuguesa”, mais conhecido como “Regulamento Moreira César”.

A influência dos ensinamentos da Guerra do Paraguai na elaboração do “Regulamento Moreira César” não deve ter tido prioridade, pois este, conforme o seu título registra, foi baseado em instrução portuguesa.

HC: As armas que a Infantaria brasileira dispunha eram adequadas e bem utilizadas pelos infantess?

EJS: A arma principal utilizada pela Infantaria brasileira foi o fuzil tipo Minié, de cano raiado, antecarga, que disparava projéteis cilíndrico/ogivais até uma distância de cerca de mil metros. Para nele efetuar o tiro, inicialmente era feito o carregamento, ou seja, introduzia-se no cano, pela “boca”, a pólvora, o projétil e a bucha, que vinham juntos em um “cartucho”. Em seguida, esses eram socados usando-se uma vareta. Depois, colocava-se uma espoleta no “ouvido” da arma, a qual passava a ter comunicação com a pólvora. Acionado o gatilho, uma peça (cão) chocava-se com a espoleta, provocando uma pequena explosão que, por sua vez, detonava a pólvora, fazendo com que o projétil fosse expelido do cano. Soldados bens adestrados realizavam de dois a três disparos por minuto.

Em pequena escala foi utilizado o fuzil Dreyse, conhecido como “fuzil de agulha”. Era raiado, retrocarga, também disparava projéteis cilíndrico/ogivais, e tinha um alcance útil de aproximadamente 400 metros. Para prepará-lo para o disparo, por meio de uma alavanca, puxava-se o ferrolho para a retaguarda, o que abria a culatra. Era, então, introduzido na arma um cartucho de papel, em cujo interior se encontravam a carga de pólvora, a espoleta e o projétil. Acionando-se o gatilho, era liberado um percussor (na forma de uma agulha), que perfurava o cartucho de papel, atravessava a carga de pólvora e atingia a espoleta. Isso provocava a detonação, que expelia o projétil (esperava-se que o papel do cartucho se desintegrasse por ocasião do disparo). As vantagens desse armamento eram sua cadência de tiro (seis a doze por minuto), superior à dos fuzis antecarga (dois a três por minuto), e a possibilidade do atirador poder facilmente preparar o tiro estando deitado, não ficando, dessa forma, totalmente exposto aos fogos do inimigo. O Dreyse, porém, tinha sérias limitações: seu alcance útil era inferior ao das armas Minié; resíduos do papel do cartucho causavam frequentes falhas no mecanismo de disparo; o percussor frequentemente quebrava; e o escape de gases resultante da deflagração do tiro, por vezes, feria o atirador.

Os soldados brasileiros preferiam o tipo Minié, tido com mais “confiável”, ou seja, menos propenso a falhas por ocasião do disparo. Uma das razões das falhas era que o Dreyse exigia manutenção (limpeza) frequente, dado seu mecanismo ser complexo, o que por vezes os combatentes não realizam, por fatores circunstanciais ou por falta de hábito.

Os infantess utilizavam bem seus armamentos, que eram de fácil manejo e operação, principalmente os do tipo Minié.

HC: Do ponto de vista de experiências e aprendizados, qual a principal diferença que você vê entre os exércitos que começaram a campanha no sul do Paraguai e aqueles que chegaram vitoriosos a Assunção?

EJS: O Exército Brasileiro, quando adentrou no Paraguai, em abril de 1866, era uma força improvisada, arregimentada às pressas, à qual faltavam muitos elementos imprescindíveis, como cavalos para a arma de Cavalaria e um sistema de abastecimento regular e eficiente. A maioria dos comandantes e soldados tinha pouca ou nenhuma experiência em combate.

Quando entrou em Assunção, em janeiro de 1869, tal força estava em seu auge. Encontrava-se bem equipada, armada, suprida e adestrada, graças, em grande parte, aos esforços de seu comandante geral, o Marquês de Caxias. Os comandantes e soldados, evidentemente, depois de muitas batalhas e operações, já sabiam muito bem como proceder em campanha.

As experiências colhidas foram muitas. Uma delas era a ideia de que se devia evitar ataques frontais contra um inimigo que ocupasse fortificações, como o que ocorrera na Batalha de Curupaiti,

causando enorme número de baixas aos aliados, sem trazer ganhos. Sendo assim, taticamente (por ocasião das batalhas), passou-se a priorizar ataques sobre os flancos e a retaguarda do inimigo (desbordamentos e envoltimentos). No campo operacional (movimentações de maior envergadura), os procedimentos deveriam ser semelhantes. Ciente disso, Caxias realizou as célebres manobras de flanco (ou ala) de Humaitá e do Piquissiri, que acabariam por decidir a guerra.

Um resumo da trajetória de Elonir José Savian

Major R/1 do Exército. Formou-se oficial do Quadro Complementar na ESFCEEx(2001) e realizou curso de aperfeiçoamento militar na EsAO (2010). Foi professor de História da AMAN (dezembro de 2001 a fevereiro de 2018). Possui graduação em História (UNIVILLE, 1993-1997), pós-graduação em História Militar (UNISUL, 2010), pós-graduação em Conhecimentos Militares (EsAO, 2010), pós-graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares (ESFCEEx, 2015) e mestrado em História Social (Universidade de Vassouras, 2012-2013). É autor dos livros: *Dos Apeninos aos Alpes: a Força Expedicionária Brasileira e o XV Grupo de Exércitos na Campanha da Itália*; *Haverá sempre uma Cavalaria: tradição e modernização no processo de evolução tecnológica do Exército Brasileiro (1937-1973)*; *Legalidade e Revolução: Rondon combate tenentistas nos sertões do Paraná - 1924/1925*; *Os melhores são apenas bons para a Infantaria: história da arma do combate aproximado do Exército Brasileiro - 1822/2021* e *Mais uma carga camaradas: história da arma de Cavalaria do Exército Brasileiro – 1822/2022*). Além disso, é coautor dos livros: *Introdução ao Estudo de História Militar Geral* e *Introdução à História Militar Brasileira*. (www.ejsavian.com.br - ejsavian@hotmail.com - ID Lattes: 4922312331781574)

Como eram recrutados os soldados para a guerra?

Conheci o Johny Santana de Araújo em conversas sobre a Força Expedicionária Brasileira, um contingente brasileiro que lutou na Segunda Guerra Mundial, na Itália. Porém, com o tempo, fomos ampliando para a Guerra Guasu, visto que ele mora no Piauí, de onde um dos meus trisavós, o David Ferreira, saiu para lutar naquele conflito.

Foi o Johny quem fez uma busca por registros militares naquele estado, para ver se encontrava alguma coisa do meu parente. No entanto, como era de se esperar no caso dos soldados, sem sucesso. Dali em diante, continuamos camaradas de pesquisa e sempre trocando informações sobre assuntos que envolvessem as forças do Piauí em grandes eventos militares. Participamos de eventos juntos, e tenho grande admiração pelas pesquisas que ele conduz. Com os trabalhos dele sobre recrutamento da guerra de 1864-1870, não tive dúvida em convidá-lo para responder algumas questões, e ele prontamente aceitou, para minha felicidade. Nossa conversa segue abaixo:

Helton Costa (HC): Logo que os paraguaios invadiram o Brasil, qual era a situação do Exército Imperial no que diz respeito ao quantitativo e qualitativo de soldados?

Johny Santana de Araújo (JSA): O Exército Imperial era relativamente pequeno, levando-se em consideração o fato de que o país era e é muito grande. Tinha um contingente de sobremaneira espalhado pelas províncias em pequenas guarnições, mas possuía um quantitativo maior nas províncias limítrofes do sul do país. O seu efetivo todo girava em torno de 14.000 homens.

HC: Como o Brasil fez para reverter a baixa quantidade de homens em suas fileiras no começo do conflito?

JSA: Inicialmente para a campanha contra o Uruguai, houve um súbito aumento de combatentes, fato atestado pelos relatórios do Ministro dos Negócios da Guerra na época, o Visconde de Camamu. Houve uma vitória rápida, graças à prontidão do contingente no Rio Grande do Sul e à ação da Marinha. Essa rápida expansão se deu em decorrência exatamente da expectativa de vitória. Quando o Exército paraguaio invadiu o Mato Grosso e o Rio Grande do Sul, esse quantitativo ainda era grande, mas com a dimensão do conflito que havia começado, envolvendo o Paraguai, uma convocação foi lançada em janeiro de 1865, pelo Decreto nº 3.371, de 7 de Janeiro de 1865, que era o decreto dos Voluntários da Pátria, que surtiu efeito, e houve de fato uma rápida expansão das forças.

HD: A criação dos Corpos de Voluntários da Pátria pode ser descrita como um sucesso ou um fracasso? Por quê?

JSA: Inicialmente foi um sucesso, pois havia uma série de garantias, prêmios, pensões, promessas de terras em colônias agrícolas, mas, sobretudo havia uma forte componente de propaganda que fortalecia um ideal de patriotismo e nacionalismo.

Em fins de 1865 e começo de 1866 ele se tornou fracasso, mesmo com a vitória em Tuiuti, em maio de 1866, pois o conflito se tornou demorado, custoso e lento, levando ao desinteresse por parte da população, a quem era interessado, e que historicamente havia feito o serviço militar de forma draconiana no passado. O ritmo da campanha, muito diferente do Uruguai, e o endurecimento das campanhas de alistamento, reviveram uma ideia de recrutamento forçado, ou voluntariado forçado, e outras formas duras de convocação, típicas da primeira metade do século XIX.

HC: Qual era o perfil dos soldados que compunham os exércitos regulares e o de Voluntários da Pátria? No que um se diferenciava do outro e no que se assemelhavam?

JSA: Veja, o soldado típico que até então havia feito o serviço militar, provinha de uma composição muito empobrecida da sociedade. Anualmente se lançavam os editais de voluntariado para o exército, não era atrativo, nem pelo soldo, nem pelo tempo de serviço, nove anos em média, e nem pelos regulamentos disciplinares, que tinham por base o código de Lippe, que havia sido o reformador do exército português na época do Marquês de Pombal. Quando os editais eram lançados e supondo que uma vila ou cidade qualquer teria que fornecer uma quantidade de 50 homens para servir na guarnição, o corpo de polícia ficava encarregado de proceder o alistamento. Ao fim do prazo, se esse número não fosse completado, o corpo de polícia saía à caça de pessoas que teoricamente se encontravam às margens do sistema produtivo: pobres, miseráveis, em muitos casos, desordeiros, filhos, maridos problemáticos, embriagados, alguns marginais e todos aqueles que não pudessem fazer um requerimento que os libertasse dessa obrigação.

O diferencial do decreto [dos Voluntários da Pátria] era que teoricamente esse serviço militar seria uma realização e não mais um suplício, havia algumas coisas que fortaleciam essa ideia, pois o Brasil em 1863 quase entrou em guerra contra a Inglaterra por causa da Questão Christie, havia um sentimento acelerado, por causa da capacidade bélica da Marinha, por exemplo, que comumente intervinha no Prata, como em 1852 contra Juan Manuel Rosas junto com o exército em Buenos Aires, e em 1864 também com o exército contra o Uruguai.

Inicialmente para o conflito com o Paraguai parecia um exército realmente voluntário, misturado com elementos mais antigos que haviam passado pela experiência anterior do recrutamento forçado. Infelizmente com a demora das operações, as dificuldades de manter o

exército pleno voltaram a aparecer e o recrutamento forçado acabou voltando já em fins de 1865.

HC: Quando um soldado ia para a guerra, qual o treinamento que ele recebia? Quanto tempo geralmente durava esse treinamento?

JSA: Ele recebia todas as instruções da arma que ele ia servir. Se fosse para a infantaria: combate em linha, uso da mosquete padrão, tipo Minié, uso da baioneta... A cavalaria era praticamente a força padrão do Exército Imperial no Rio Grande do Sul, então, o grosso da cavalaria era daquela província. As forças de artilharia tinham um rigoroso treinamento que envolvia balística e cálculos. Havia dois tipos de artilharia: a de posição, com canhões super pesados e a cavalo, que era mais móvel e a de campanha, que era dotada de canhões La Hitie. Havia uma bateria alemã que foi comandada por um oficial do Piauí. Os principais centros de adestramento no Brasil eram o Rio de Janeiro e o maior deles talvez tenha sido na ilha do Desterro, atual Florianópolis. E na retaguarda, da linha de frente, em Paso de Patria.

HC: Na Primeira Guerra Mundial, a expectativa de sobrevivência de um soldado nas linhas de frente era de algumas semanas. Na Guerra do Paraguai, existia uma expectativa de vida na linha de frente? De quanto tempo era e a que se devia, em caso de existir?

JSA: Havia sim e havia coisas muito peculiares. Se morreu em deslocamentos, sem se disparar um tiro sequer, quanto mais longe a província, e maior dificuldade de deslocamentos, mais perdas se tinha. Houve muitas mortes por dois tipos de doença, varíola, cólera. Havia muitas doenças venéreas. Muitos sobreviveram o conflito todo e voltaram. Havia uma rotatividade prevista de serviço de nove meses a um ano, dois semestres. Obviamente que as perdas poderiam acontecer na primeira semana, ou no primeiro dia, poderia ficar-se ferido e afastado de acordo com o tempo de recuperação.

Para o exército paraguaio, foi uma guerra total, pois essa rotatividade praticamente não existia, então se combatia até o esgotamento total.

HC: Ao final do conflito, os paraguaios descreviam os soldados brasileiros como homens sanguinários e sem ética, que promoviam abusos contra civis e prisioneiros. Existe uma justificativa para tais afirmações ou é realmente uma desqualificação dos soldados que lutaram?

JSA: Parte sim e parte não. Veja, havia uma campanha deliberada pelo Paraguai contra o Brasil, o que é normal, pois havia também uma campanha de desqualificação contra o Paraguai feita pelos brasileiro, tudo via mídia. Os campos de batalha do século XIX e especialmente os campos dos

conflitos da segunda metade do século XIX, as guerras de unificação italiana, alemã, a Guerra da Criméia, a Secessão e o Paraguai, [eram] conflitos em que o nível de industrialização já estava em curso. E a violência herdada dos campos de batalha dos anos anteriores havia aumentado exponencialmente. Os campos de batalha eram lugares violentos e sanguinários, tropas de ocupação procederam atitudes violentas muito por conta do descontrole em nível de interno de pelotões, companhias e talvez batalhões, mas não deliberadas pelo estado imperial.

Há a polêmica da batalha de Campo Grande ou Acosta Ñu, em que os soldados paraguaios eram crianças. O comportamento do Exército Brasileiro pode ser avaliado na conduta particular de cada soldado que dela participou. Um dos relatos mais objetivos e sinceros, talvez, seja o de Dionísio Cerqueira que se recusou em determinado momento a matar os jovens soldados.

Por parte do exército paraguaio havia igualmente violência, atestado por uma política de estado, e muito por causa do fato da invasão de seu próprio território.

HC: Terminada a guerra, o que foi feito do contingente de homens que lutou naquele conflito? Houve uma reintegração social ou algum tipo de benefício para eles?

JSA: Sim, e novamente há especificidades de caso. Houve quem recebeu integralmente o que previa o decreto. Tem os que não receberam, por razões diversas. Houve caminhos diferentes. Os que ficaram no exército, os que voltaram e tiveram problemas diversos de reintegração por questões políticas. Havia muitos oficiais comissionados da Guarda Nacional, que não eram de carreira e que quando retornaram a suas províncias se depararam com mudanças por causa da alternância de poder entre liberais que caíram e conservadores que estavam no poder desde 1868.

De um modo geral houve uma grande desmobilização, levando ao exército a uma rápida diminuição de forças, permanecendo no Paraguai somente as forças de ocupação por mais três anos, que na sequência de retorno também foi desmobilizada.

HC: Pode-se dizer que o soldado brasileiro da Guerra do Paraguai cumpriu bem sua missão? Por quê?

JSA: Sim, e comparativamente aos soldados de exércitos que estiveram em combate naquela época os soldados brasileiros atuaram dentro do que se esperava de um soldado típico daquela época. As atitudes de agressividade, coragem, declínio ao combate, deserção em linhas gerais se encontram dentro de um padrão típico. Até os padrões de resistência de ir para guerra estão em consenso com qualquer conflito na época.

O exército foi muito bem estruturado depois que o marechal Luís Alves de Lima e Silva assumiu. Apesar da demora para organizar o exército, após a organização qualitativamente houve

uma melhora nos padrões de serviço médico, abastecimento, logística, alimentação, rotatividade de forças, prontidão e disponibilidade.

HC: Do que foi aprendido nos campos de batalha do Paraguai, quais experiências sobre recrutamento e manejo de soldados foram aplicadas ou permaneceram no exército pós-guerra?

JSA: Houve modificações nos padrões do serviço militar, muito embora a solução paliativa para o serviço militar resultasse em uma espécie de regulamentação de um recrutamento deficiente, pois, foi feita uma reforma em 1874 que tinha como modelo, pelo menos três formas diferentes de recrutamento: o inglês, que ainda tinha como base o voluntariado; o francês, com o sorteio de alguns homens para sete anos de serviço militar e o alemão, com uma conscrição de todos os homens elegíveis por tempo curto, complementado por uma reserva. Mas de qualquer forma desarticulava a vida das pessoas.

Foi adotada uma lei que deveria distribuir o encargo militar de forma mais racional e igualitária através de um sorteio cego. Nesse esquema, ricos e pobres deveriam entrar. Houve modificação da legislação militar para torná-la mais amena, e menos draconiana, mas mesmo assim houve revolta contra esse modelo, que continuou até a introdução da lei de recrutamento que conhecemos hoje, a partir de ampla campanha desenvolvida por Olavo Bilac no início do século XX.

Em 1882, o Brasil novamente estava em estado de tensão no Sul, com uma quase provável guerra com a Argentina, por questões diversas, inclusive por indefinições com o resultado da guerra contra o Paraguai, do qual os dois países eram signatários. Podemos intuir que o medo de uma nova guerra tenha criado uma expectativa negativa quanto ao serviço militar.

Sobre o autor: Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Realizou Estágio Pós-Doutoral em História junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É Professor Associado III do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI), membro permanente do Programa de Pós-graduação em História do Brasil (PPGHB/UFPI) e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política (PPGCP/UFPI). É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). É Miembro Correspondiente del Instituto de Investigaciones Históricas y Culturales de Corrientes (IIHCC), Argentina. É membro do Conselho Científico da Sociedade de Estudos dos Oitocentos (SEO). Faz parte da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Coordena o GT de História Militar da ANPUH-PI e faz parte do GT História Militar ANPUH/Nacional sendo o atual vice-coordenador da área.

Um fechamento necessário

Dizem que uma guerra só acaba quando morre o seu último combatente. Vou mais longe: acredito que uma guerra dificilmente acaba. No máximo é arquivada na memória coletiva, pois os seus resultados e consequências permanecem por gerações, tanto no DNA dos descendentes dos combatentes, com seus traumas e ódios, quanto nos aspectos políticos, econômicos e sociais. A Guerra Guasu, como preferi chamar (e foi realmente fruto da minha preferência) é um retrato disso.

A mágoa paraguaia ainda existe e resiste em boa parte da população do outro lado da fronteira, ainda que haja uma política de boa vizinhança que beire a uma fraternidade indiscutível. Porém, irmãos também discordam e podem mesmo entrar em atritos mais sérios. No caso da guerra, é como se para os paraguaios derrotados naquele conflito, ela continuasse dia após dia, com lembranças que voltam à tona sempre que são ligados gatilhos históricos. Seja pela condição de pobreza, que atingia cerca de 30% da população em 2022²⁷¹, seja pela nostalgia do noticiário, que ainda lembra daquele grande Paraguai desenvolvido que tanto é apregoado nos discursos oficiais e em boa parte da imprensa guarani.

Por outro lado, os vencedores, a antiga Tríplice Aliança, pouco ousam recordar daquele conflito. Quando muito, fazem cerimônia em algum quartel que tem origem em unidades que fizeram a campanha do Paraguai. Não porque o conflito não tenha sido importante, mas, como bem lembrou o pesquisador Jorge Rubiani, porque apareceram outros fatos na história desses países que fizeram com que a guerra fosse amenizada, desassociada no cotidiano das suas populações, fazendo com que os enfrentamentos desde São Borja a Cerro Corá fossem diluídos no ensino das escolas e se fizessem pouco presentes na imprensa, traumatizada por governos militares do século XX, que não se lembra nem mesmo das efemérides. Sou pessimista: chegará o momento em que a Guerra Guasu ficará ainda mais invisibilizada na agenda de discussões sociais.

O objetivo deste livro foi trazer à tona algumas das dinâmicas que ainda se fazem presentes na sociedade, principalmente do lado do Paraguai, mostrando que mesmo por lá, a preservação da memória tende a enfraquecer se nada for feito.

Ao mesmo tempo em que o conflito faz parte da agenda dos cidadãos e cidadãs do país vizinho, políticos do lado de lá utilizam apenas acontecimentos cuidadosamente pincelados em nome de um nacionalismo com finalidade eleitoreira ou com o intuito de beneficiar algum grupo de interesse deles. Contudo, uma vez no poder, repetem os erros que vêm ocorrendo há décadas, que é o

²⁷¹ Agência France Press. Pobreza no Paraguai cresce escondida e contrasta com economia atraente para investidores. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/pobreza-no-paraguai-cresce-escondida-e-contrasta-com-economia-atraente-para-investidores.ghtml>. Acesso em: 9 out. 2023.

de não adotar medidas para preservação do patrimônio material e imaterial, com baixos investimentos em materiais e pessoal, entendendo que pintar madeiras com as cores da bandeira, erigir algum monumento de metal e, de vez em quando, levar as Forças Armadas para fazer algum discurso, já está de bom tamanho. Sem contar a falta de fiscalização de todos os entes envolvidos, inclusive dos donos das fazendas, que soltam bois para pisotear espaços históricos e defecar em cima da memória de quem deu a vida por aquele território, mesmo dos cemitérios paraguaios.

Ainda assim, com todas essas falhas, pelo menos ainda fazem alguma coisa do lado de lá do Rio Paraná. No Brasil nem isso é feito, mesmo sendo o país que mandou o maior contingente e que teve milhares de mortos nos esteiros e campos do sul da terra guarani. Os brasileiros fecham os olhos para aquela memória de certa forma traumática e, porque não, vergonhosa em certos momentos, como Peribebuí e Acosta Ñu. Por conta disso, não debatem a própria história. Quando fazem, costumam aceitar as versões que a direita paraguaia costuma vender, de um país vítima de imperialismo, sem o devido contexto ou com anacronismos, querendo comparar as visões de mundo daquele tempo com as dos dias atuais; ou, pelo contrário, quando não ainda pior, com acusações de que López e seus seguidores eram mesmo bárbaros, que precisavam de domesticação naquele momento. Em ambos os casos, há problemas de interpretação e um lado costuma repelir o outro.

Enquanto isso, as oportunidades de utilizar o conflito para fins pedagógicos, inclusive anti-guerra, vão se perdendo. Poderia ser uma chance para mostrar que países irmãos podem transformar-se em inimigos mortais quando políticas de Estado não são bem pensadas ou são pensadas para beneficiar apenas alguns grupos de poder e de domínio. Longe disso, o debate vai ficando cada vez mais raso nos países vencedores e assumindo traços nacionalistas no Paraguai, com tendência ao uso do conflito sempre que existir alguma questão com Brasil, desde o futebol até as questões energéticas na Itaipu Binacional, ocasiões em que aquele conflito servirá sempre para acusar o lado brasileiro de ter se aproveitado e, possivelmente, de ainda estar se aproveitando historicamente daquela nação.

A dor dos paraguaios sempre estará presente e, neste caso, um simples pedido de desculpas talvez não seja o bastante, pois teriam de ocorrer medidas de ressarcimento de alguma forma, como o próprio relatório de Canese já dava sinais. No entanto, ao Brasil não interessa desculpar-se; afinal, a legitimação das razões brasileiras, construídas nas décadas seguintes ao conflito, inclusive ao alçar figuras de destaque da Guerra Guasu como patronos das Forças Armadas, iria toda por terra. Para completar, não há pressão popular. Ouso dizer que o assunto nem mesmo entra na agenda do cidadão comum. Então, por que o Estado se importaria se ninguém liga?

Este material que escrevi não tem a intenção de esgotar a temática ou apresentar verdades absolutas. Pelo contrário, são impressões que talvez sirvam de início para um debate mais complexo, que precisa ser feito em todos os países participantes, sobre como eles se posicionam a respeito de

fatos da própria história, sobre como o patrimônio histórico é preservado ou não, sobre como os Estados tendem a tirar proveito de questões passadas quando lhes convêm ou de silenciar-se quando elas não lhes são favoráveis. E, se você chegou até aqui, espero que eu possa ter contribuído de alguma forma para a sua reflexão sobre o assunto.

No mais, que nunca nos esqueçamos daqueles homens e mulheres sacrificados por ideais que até hoje causam disputas e despertam paixões²⁷² em todos os países envolvidos naquela luta fratricida, que espero, nunca mais se repita. É a minha esperança.

Helton Costa

²⁷² Mesmo que em grupos muito específicos.

*Álbum
fotográfico
160 anos*

Lista de abreviações dos créditos das imagens

AG – Album de Guerra. Disponível em SOTO, José C. (director), Album de La Guerra del Paraguay, [Buenos Aires] : [s.n.], 1893-1896, Vol. I (<http://www.centroconocimiento.com.ar/libros/ITURRIETA-AlbumGuerraParaguayTomoII.pdf>). Acesso em 09/11/2023.

AL - Ange-Louis Janet. Disponível em https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/20/Guerre_du_Paraguay_-_Bataille_de_l%27Estero-Bellaco%2C_2_mai_1866._-_D%27apr%C3%A9s_un_croquis_de_notre_correspondant_sp%C3%A9cial.jpg. Acesso em 09/11/2023.

AM - de A. Methfessel, Lit. Pelvilain. Disponível em https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Viva_la_Legi%C3%B3n_Militar!_Toma_de_Loma_Valentina_por_los_Aliados.jpg. Acesso em 09/11/2023.

AN – Arquivo Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>. Acesso em 09/11/2023.

CF – Centro Cristoforo Colombo. Disponível em <https://www.cristoforocolombo.com/wp-content/uploads/2019/09/Recova-con-in-fondo-il-palazzo-della-dogana.jpg>. Acesso em 09/11/2023.

CL. Cândido Lopez. Disponível em LÓPEZ, Cândido; RICCI, Franco Maria; BASTOS, Roa. Imagens da Guerra do Paraguai com um texto de Augusto Roa Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

CM - Cementerio del Mangrullo. Disponível em <https://www.facebook.com/profile.php?id=100057269785719&sk=photos>. Acesso em 09/11/2023.

DH - Diógenes Hequet - Museo Histórico de Montevideo. Disponível em

EB – Exército Brasileiro

EM - Eduardo Martini. Disponível em Eduardo Martino

FF - Franciesco Fortuny. Disponível em [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ATAQUE_de_la_3%C2%AA_DIVISION_del_2%C2%BA_CUERPO_de_EJERCITO_%C3%A1_las_%C3%B3rdenes_del_Coronel_D._CES%C3%81REO_DOMINGUEZ_%C3%A0_la_TRINCHERA_PARAGUAYA_del_BOQUERON_DE_PIRIS_\(Batalla_del_22Sauce%22_de_los_Paraguayos\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ATAQUE_de_la_3%C2%AA_DIVISION_del_2%C2%BA_CUERPO_de_EJERCITO_%C3%A1_las_%C3%B3rdenes_del_Coronel_D._CES%C3%81REO_DOMINGUEZ_%C3%A0_la_TRINCHERA_PARAGUAYA_del_BOQUERON_DE_PIRIS_(Batalla_del_22Sauce%22_de_los_Paraguayos).jpg). Acesso em 09/11/2023.

GPY – Governo do Paraguay

HC – Helton Costa

<https://www.brasileiraiconografica.art.br/obras/18929/batalha-de-itororo>. Acesso em 09/11/2023.

<https://www.facebook.com/pydeantes/posts/490580405722476/>. Acesso em 09/11/2023.

https://www.portalguarani.com/1168_carlos_h_sosa_rabito/18384_de_arte_y_tragedia__ensayo_de_carlos_sosa_rabito.html. Acesso em 09/11/2023.

<https://www.wikimedia.org/>. Acesso em 09/11/2023.

LN – La nacion. Disponível em <https://www.lanacion.com.py/2016/11/27/neembucu-lechero-rescata-familia-argentina-cayo-zanja/>. Acesso em 09/11/2023.

MaG - Maju Gaes. Disponível em <https://encurtador.com.br/dkGM0>. Acesso em 09/11/2023.

MG – Modesto Gonzalez. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:BatalladeBoquerondelsauce.jpg>. Acesso em 09/11/2023.

MJ – MIRANDA JUNIOR - “Cena de batalha” desenho à nanquim sobre papel, 23 x 33 cm. Assinado e datado no canto superior, 1947. Moldura de madeira e gesso dourada, 42 x 52,5 cm. Proteção de vidro. Disponível em <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=222952>. Acesso em 09/11/2023.

MPP – Museo de Paso de Patria

PA – Paraguai de Ayer (Facebook). Disponível em Paraguay de Ayer

PG – Portal Guarani. Disponível em Portal Guarani

RK – Rafael Kondlatsch

RMC - R. M. C. - GUERRA do Paraguai: [álbum de litografias contemporâneas da Guerra do Paraguai, segundo os desenhos de diversos artistas e publicadas no “Suplemento da Semana Illustrada” outros jornais da época]. [S.l.: s.n.]. 38 f. de estampas, il. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon563050/icon563050.pdf. Acesso em: 30 jul. 2019.

RS - Rosa Lagonick. Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/48322235001746736/>. Acesso em 09/11/2023.

VM - Victor Meirelles - Salles, Ricardo. Guerra do Paraguai: memórias & imagens. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2003. ISBN 85-333-0264-9

VP – Visita Paraguay. Disponível em <https://visitaparaguay.com.py/lugar/555/iglesia-de-la-santisima-trinidad>

WM – Wikimedia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:ASUNCI%C3%93N_Asunci%C3%B3n_Paraguay.jpg. Acesso em 09/11/2023.

Cabildo



AN

Antigo Cabildo ao final
da guerra e nos dias
atuais.



RK

Atualmente o prédio
abriga o Centro Cultural
de la Republica.

Catedral Metropolitana Nuestra Señora de la Asunción



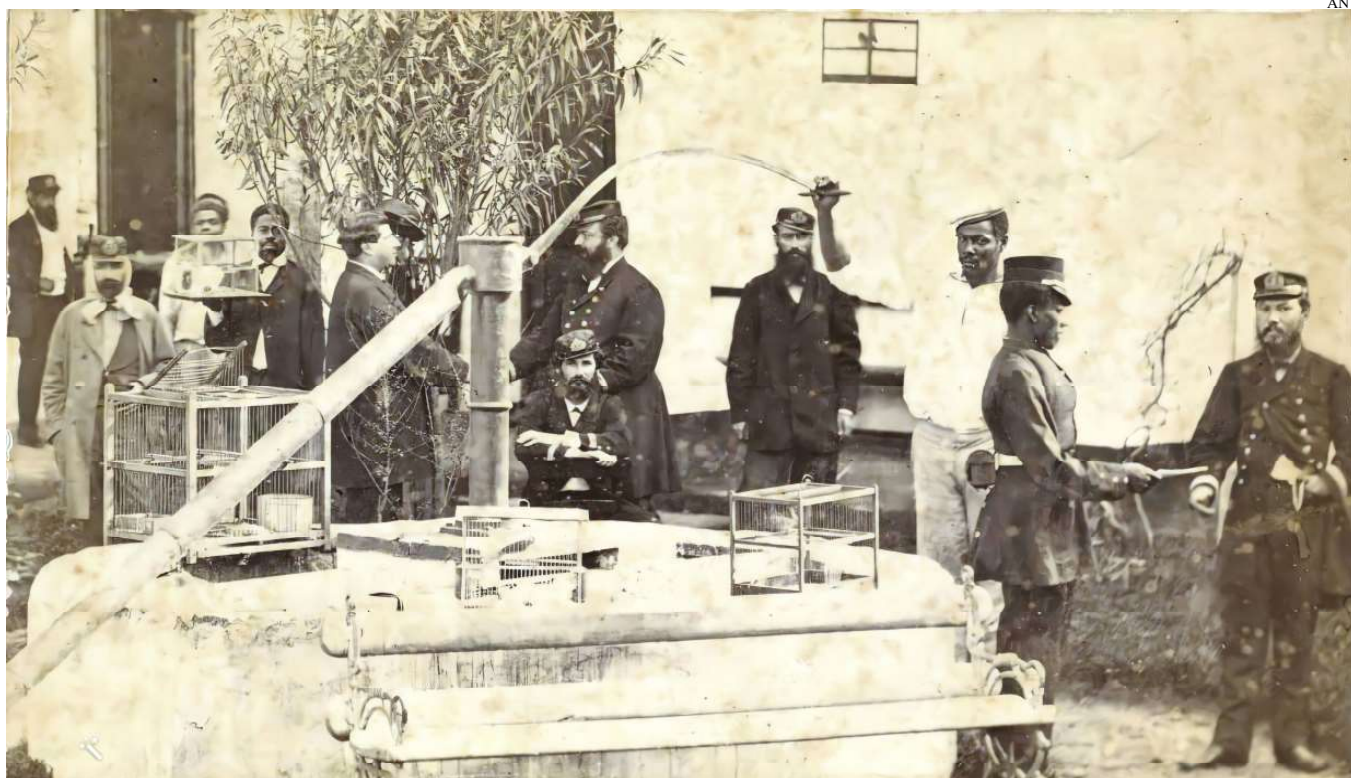
AN



Hospital de Assunção

No local em que foi o hospital, hoje funciona o Banco de la Nación Argentina.

Tentamos contato com o banco para fotografá-lo por dentro, porém, sem retorno.





Estrada de ferro - Ferrocarril





Palacio de los López

DH



AN



AN



AN



RK



Casa de Benigno López

PG



RK



Comandancia de la Policia Nacional

RK



RK



O prédio que hoje abriga o comando da Policia Nacional, foi presídio e quartel brasileiro durante a ocupação.

RK



Dois dos canhões que defenderam Assunção da chegada da Esquadra Brasileira.

Panteón de los Heróes

AN



AN



HC



RK



Parque Carlos Antonio Lopez

(Antigo Cemitério El Magrullo)

AN



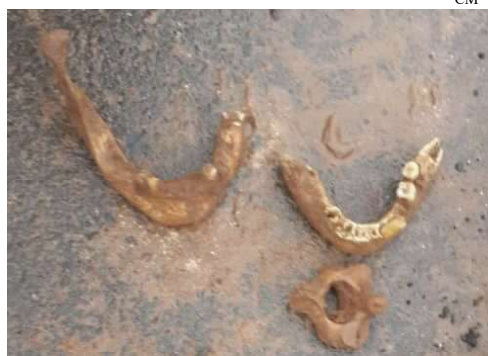
HC



CM



CM



CM

Restos mortais humanos que afloraram da terra em 2020.

Porto de Assunção

AN



HC



HC



HC



Alfândega - Recova



Igreja de São Roque



Santisima Trinidad



Vista geral de Assunção

AN



WM



Itororó

AN



EM



Representações do general Caxias liderando a carga decisiva, sempre ao centro.

MJ



HC



HC



HC

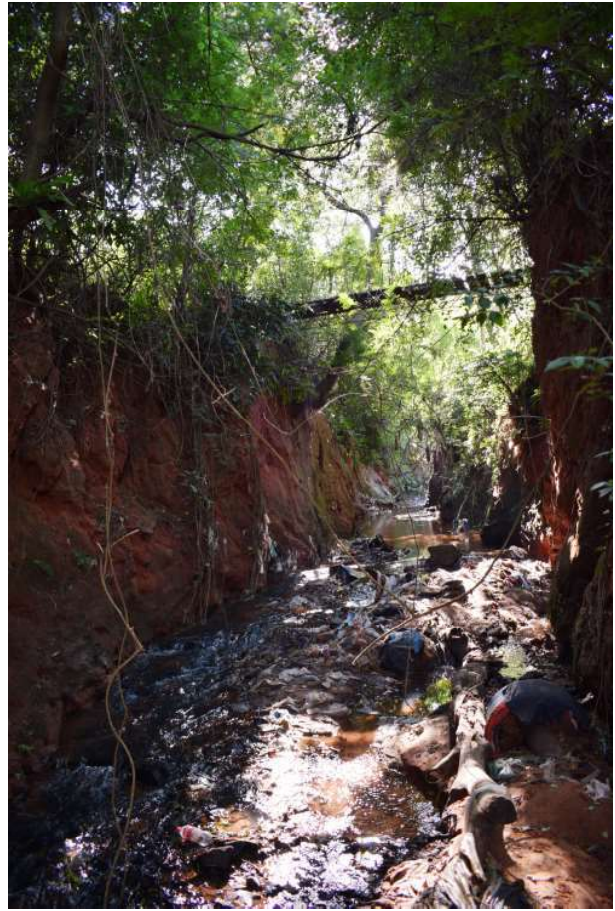


Sujeira e alguns pontos de assoreamento por dentro do córrego do Itororó.

HC



HC

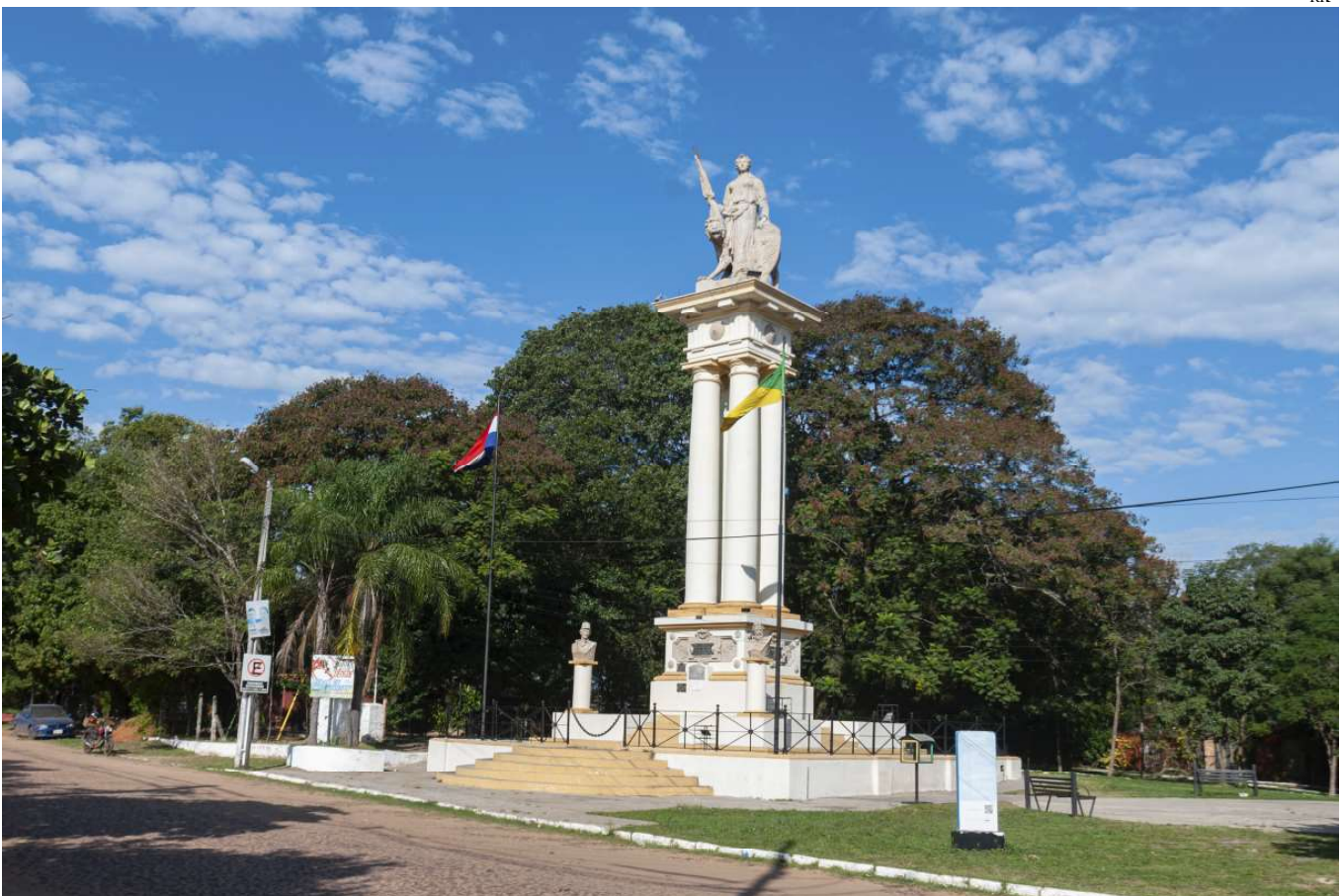


HC





Vista de um dos pontos mais altos da colina do Itororó. O final do declive é o próprio córrego.



O monumento da Batalha de Itororó foi construído em 1904 e mede mais de 20 metros de altura.

Avaí

EB



Quadro de Pedro Américo (10 metros de comprimento por 6 de largura), datado de 1877.

RK

HC



Monumento em forma de baioneta, próximo de onde a batalha teria acabado. Ao fundo o cemitério local.



Aspecto do córrego Avaí, que também mostra sinais de assoreamento.



HC

Aspecto da vegetação ao lado do córrego.



RK



RK

Angostura



HC



HC

O rio Paraguai nas proximidades da antiga Angostura. Na foto da esquerda, o prédio da Marinha paraguaia.

Lomas Valentinas



HC



HC



HC

Monumento em recordação do combate de Lomas Valentinas.



HC



HC

Vestígios das antigas trincheiras de Lomas Valentinas.



DH



AM



FF

Representações de uruguaios (primeira da esquerda) e argentinos (as outras duas), durante o ataque à Lomas Valentinas.

Curuzu 40



HC



HC



HC

Sanja em Tuiú Cuê



LN

Foto: Captura de Pantalla.

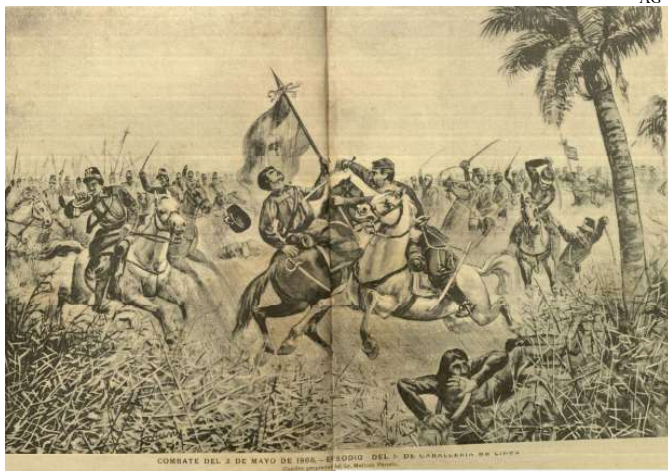
Acidente de 2016, na estrada de Tuiú Cuê, em que uma família quase morreu ao cair em uma “zanja”. Foram resgatados por um leiteiro que passava naquele momento.

Estero Bellaco

CL

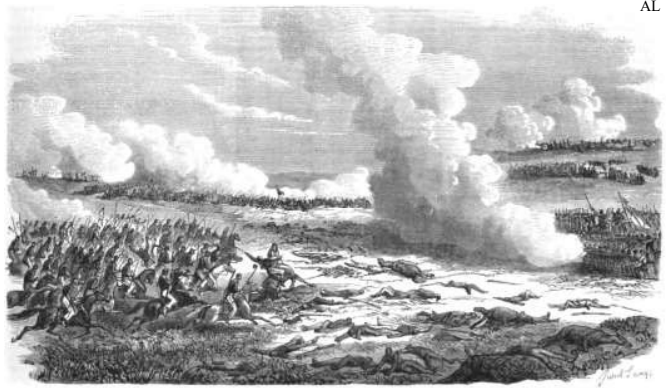


AG

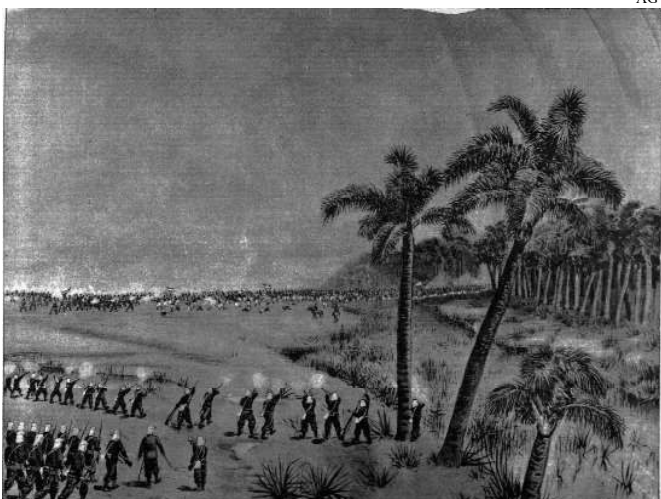


Visões distintas da batalha, de autores diferentes.

AL



AG



HC



Entrada do antigo campo de batalha.



HC

Ângulos de Estero Bellaco.



HC

O rastro do gado mostra a circulação recente.



HC

Valetas vão permeando o campo de pequenas poças.



HC

A guia Vicenta comandando o grupo.



HC

Uma das “zanjas”. Esta era bastante profunda.



RK

Detalhe do monumento de Bellaco.

HC



Ao longe, no centro, o local do epicentro da batalha.

HC

HC



Os pontos brancos são bois que tudo pisoteiam.

HC



Cemitério paraguaio com a cerca arrebitada.

HC



Vegetação de Bellaco.

RK



Equipe de pesquisa no cemitério paraguaio.

RK



Boqueirão

MG



FF



Duas visões argentinas da batalha de Boqueirão.

AN



Corpos de paraguaios, dias após a batalha.

HC



Monumento demarcatório.

HC



HC



Dois quadros para “senderos”, caminhos que levam para trilhas dentro das matas do Boqueirão.

AN



HC



Duas fotos do mesmo lugar, separadas por quase 16 décadas.

HC



Resquícios de trincheiras.

HC



Panorama do dito Boqueirão.
As pessoas ficam pequenas perto das árvores.

AN

Bateria uruguaia atirando durante o combate.



Tuiuti



HC

Cenário de Tuiuti com suas matas ao fundo, vistas do ponto de concentração argentino.



HC



RK

Monumento demarcatório.



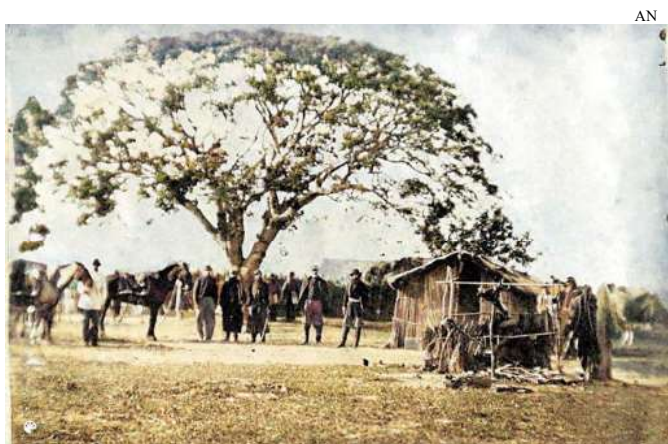
HC

Ponto de vista de onde vieram os paraguaios contra os argentinos.



HC

A equipe no local indicado por Ruth como um possível hospital.



AN

O general Mitre com seu Estado-Maior.

AN



AN

Acampamento argentino.

AN



Quartel do general Flores.

AN



Matas de Tuiuti.

AN



Soldados cearenses em adestramento com armas.



Acampamento brasileiro.

AN



Batalhão "24 de abril",
do Uruguai.

Curuzu



MaG

Monumento
demarcatório.

CL



A visão do local, segundo Cândido Lopez.

RMC



Interpretações da tomada, segundo dois pintores diferentes.



VM

Curupaiti

CL



CL



CL



Cândido Lopez mostrou o ataque aliado, a defesa paraguaia e o pós-ataque, com os paraguaios “limpando o campo”.

Curupaiti



Rio Paraguai, na entrada de parte das trincheiras.

HC



HC



HC



HC



HC

HC



As trincheiras e fossos eram bastante amplos, como se vê ao lado e na imagem acima.

RK



HC



HC



Acima, o barco Eponina e a equipe de pesquisa; ao lado, uma das lagoas próximas de Curuzu/ Cururupaiti.

Paso de Patria





MPP

O antigo quartel de López no começo do século XX.



HC

O antigo quartel que virou museu.

HC



Detalhe do monumento no fundo do museu.

HC



Vicente Garcia conversa com pessoal do Governo paraguaio e da equipe de pesquisa.



HC

Restos mortais humanos dentro da urna e ao fundo, um retrato de López.

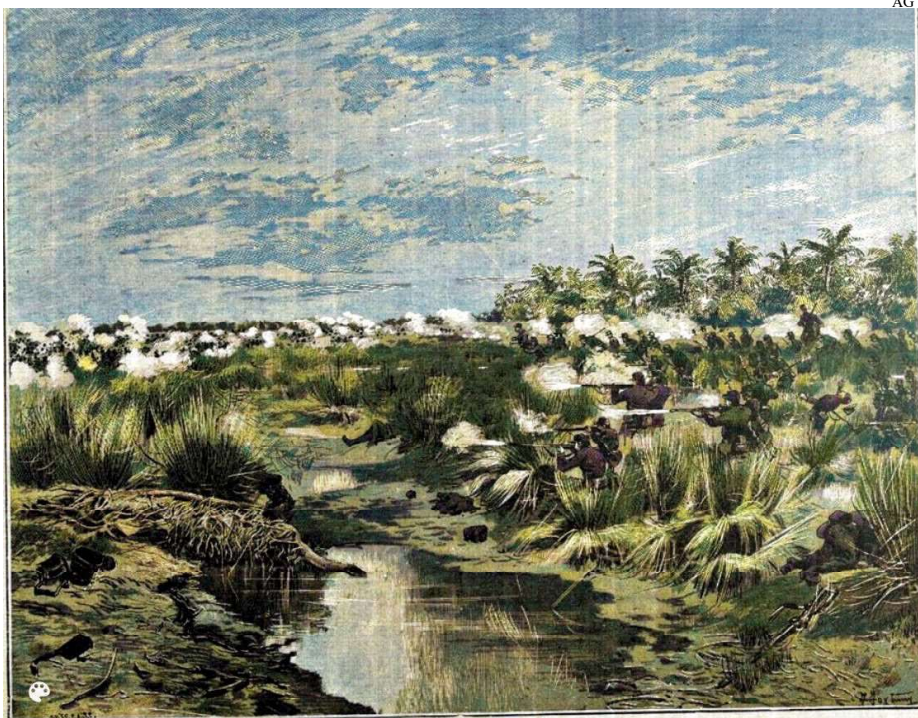
HC



Munições recolhidas nos campos de luta. São os artefatos mais comuns de serem encontrados.

Yataity Corá

AG



A vegetação atual ainda lembra aquela das pinturas do conflito.

HC



HC



HC



Mesmo em meio ao pasto, ainda restam traços das matas semelhantes às daquela época.

HC



O céu cinzento com a mata ao fundo.

GPY



Monumento do local do epicentro da batalha.

FF



RK



O encontro entre López e Mitre ficou eternizado em metal. Até hoje há uma polêmica se poderiam ter chegado a algum acordo naquele dia. Os fatos mostram que era praticamente impossível, tendo em vista o Tratado da Tríplice Aliança.

HC

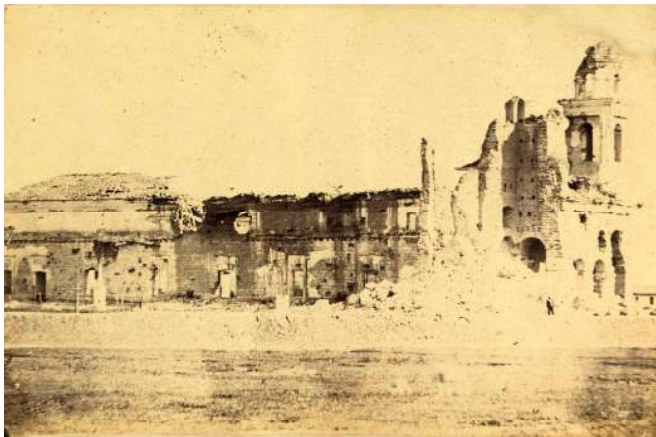


Humaitá

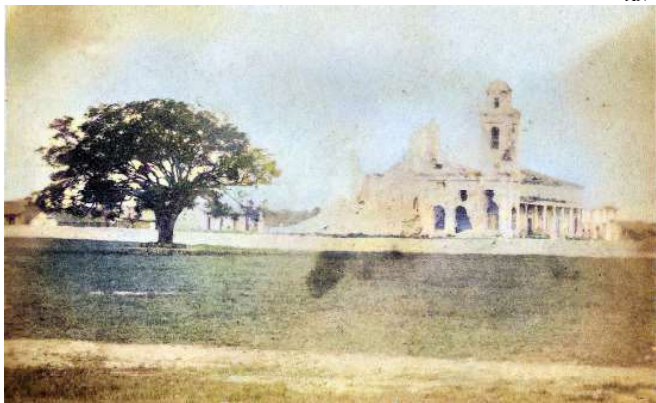
AN



AN



AN



AN



AN



A igreja destruída pareceu ser o ponto máximo de destruição que os fotógrafos registraram. Suas torres ofereciam um bom ponto de referência para os tiros da Esquadra brasileira. Ao final, aquele que havia sido um dos templos mais bonitos do Paraguai, estava em ruínas.

AN



AN



AN



AN



AN



Capitania brasileira.

A Bateria Londres das fortificações de Humaitá.

AN



Quartel general de López.

AN



Outra vista da capitania de Humaitá.

AN



Outra vista do quartel de López, agora com os canhões apreendidos e com as casas que existiam.

HC



O antigo quartel general de López (ou um dos prédios vizinhos ao quartel). Não se sabe ao certo qual das casas seria o prédio que hoje é o museu.

RK



As ruínas que permaneceram.

HC



Marcação do quadrilátero que protegia Humaitá.



HC



HC

Ruínas iluminadas nas primeiras horas da manhã.



HC



HC

A igreja erguida atrás das ruínas que restaram da guerra.



HC



HC

Vista da curva que o rio Paraguai faz em Humaitá.